



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

RAFAEL PAVANI DA SILVA

REVOLUÇÃO, ORDEM E PROGRESSO:
RUPTURA E PERMANÊNCIA NA CULTURA POLÍTICA DO
MÉXICO REVOLUCIONÁRIO
(1867 – 1940)

CAMPINAS

2020

RAFAEL PAVANI DA SILVA

**REVOLUÇÃO, ORDEM E PROGRESSO:
RUPTURA E PERMANÊNCIA NA CULTURA POLÍTICA DO
MÉXICO REVOLUCIONÁRIO
(1867 – 1940)**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título de
Doutor em História, na área de concentração
Política, Memória e Cidade.

Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA POR RAFAEL PAVANI
DA SILVA E ORIENTADA PELO PROF. DR. JOSÉ
ALVES DE FREITAS NETO

Campinas

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

Si38r Silva, Rafael Pavani da, 1985-
Revolução, Ordem e Progresso: : ruptura e permanência na cultura política do México revolucionário. (1867 - 1940) / Rafael Pavani da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: José Alves de Freitas Neto.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Cultura Política. 2. Positivismo. 3. México - Política e governo - 1867-1920. 4. México - História - Revolução - 1910-1920. I. Freitas Neto, José Alves de, 1971-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Revolution, Order and Progress: ruptures and continuities in the political culture in Revolutionary Mexico. (1867 - 1940)

Palavras-chave em inglês:

Political culture

Positivism

Mexico - Politics and government - 1867-1920

Mexico - History - Revolution, 1910-1920

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Doutor em História

Banca examinadora:

José Alves de Freitas Neto [Orientador]

Regina Aída Crespo

Gabriela Pellegrino Soares

Luis Estevam de Oliveira Fernandes

Ivia Minelli

Data de defesa: 28-02-2020

Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2041-6268>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2428550824791654>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 28/02/2020, considerou o candidato Rafael Pavani da Silva aprovado(a).

Profa. Dra. Regina Aida Crespo
Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares
Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes
Profa. Dra. Ivía Minelli
Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

À memória de André Pavani da Silva

Agradecimentos

José Clemente Orozco é o autor de uma litografia, triste e simples, que sempre me impactou. *La bandera* (1928) compõe uma cena da Revolução Mexicana, em que um grupo de soldados revolucionários retorna dos campos de batalha com pesadas bandeiras em seus ombros. Eles não demonstram as glórias da vitória tampouco parecem ter sido feridos pela derrota em combate. Cabisbaixos e sobrepujados pelo peso da bandeira nacional – que ocupa o centro da cena e divide as personagens – eles passam diante de uma mulher que, grávida, olha entre aqueles homens. Sozinha, seu olhar procura algo ou alguém. Ela está encostada em um dos símbolos do progresso do autoritário regime de Porfírio Díaz: uma locomotiva, que também se tornou a ferramenta essencial para as tropas da Revolução. O jogo de luz e sombras, com as últimas concentradas na bandeira e no destino daqueles homens, termina de narrar a cena de desesperança.



Bandera – Litografia, 1928. Parte do acervo do MoMA em Nova York.

A obra narra um passado recente para Orozco. Realizada no mesmo ano em que se criou o Partido Nacional Revolucionário, responsável por institucionalizar e centralizar o “governo emanado da Revolução”, *La bandera* faz parte de uma longa tradição de narrativas em que as lutas populares parecem ter sido realizadas em vão e nas quais a crença em possibilidades de mudança são ingênuas aspirações solapadas pela brutalidade daqueles que detêm o poder. “*Por que(m) lutamos?*” é a pergunta de fundo que encontraremos aqui ou nos clássicos de Mariano Azuela, Juan Rulfo ou Carlos Fuentes. Essa narrativa que constrói um histórico de energias desperdiçadas diante de um futuro destinado a repetir o passado é uma poderosa imagem da cultura política mexicana. Os caminhos da Revolução, que no México equivaleram aos da própria história, como os trilhos dos trens dos revolucionários, parecem ter um destino inevitável.

Narrativas semelhantes fizeram parte do olhar de intelectuais, cineastas e historiadores. Nelas, a história mexicana esteve fechada às possibilidades reais de mudança.

Acredito que esse sentimento de eterna continuidade seja resultado da vitória de uma determinada perspectiva, ou antes, de uma linguagem política hegemônica que se consolidou com a institucionalização da Revolução. A desesperança, sentimento que obviamente tomou populares e intelectuais em vários momentos, foi cristalizada por uma parcela dos últimos, como condição diante daquele cenário. Enquanto a versão oficial afirmava “a Revolução continua”, aqueles pensadores, críticos do partido que se fazia governo e Estado, escreveram e pintaram camponeses e trabalhadores ingênuos ou manipulados em uma luta sem esperanças.

Apesar disso, sobretudo no campo, trabalhadoras e trabalhadores seguiram lutando contra as opressões que identificaram cotidianamente, tentando articular antigas tradições de cooperação com os instrumentos que a cultura política da Revolução lhes

fornecia. Se a desesperança se tornou a tônica dessa história na segunda metade do século XX, certamente não era esse o sentimento dos revolucionários que transformaram o país nas primeiras décadas. Por acreditarem em uma história que se abria de possibilidades, entraram por uma brecha não planejada pela elite política que conclamou a Revolução.

Esta tese é, portanto, um trabalho otimista. Deve ser. Na era em que distopias parecem se tornar reais, dedicar-se ao estudo de um passado centenário e (geograficamente) distante, pode parecer escapismo. Não é. Apesar de minha preocupação em pensar nas permanências das lógicas do Antigo Regime no novo México revolucionário, interessa-me, sobretudo, abordar como diferentes grupos e atores sociais mobilizaram a linguagem política hegemônica, assim como aquela fornecida por suas tradições locais, em suas aspirações de uma sociedade nova.

Em uma outra sociedade que crê em um eterno, ordenado e lento progresso, o filósofo Slavoj Žižek abordou a luta política cotidiana em um discurso aos jovens manifestantes de *Occupy Wallstreet*. Segundo ele, todos nós enfrentaremos questões realmente difíceis nos próximos tempos: *questões não sobre aquilo que não queremos, mas sobre aquilo que **queremos***. Há aí uma preocupação com a esperança construtiva que move as transformações.

Gostaria de acreditar que essa tese representa um esforço no sentido de uma esperança construtiva, que crê na importância da função da reflexão histórica como lembrete inconveniente e poderoso de nossa condição. Reitero aqui o “pessimismo da realidade, otimismo do ideal” que Mariátegui adaptou de Gramsci.

Um dos grandes responsáveis por minha manutenção nessa crença é outro historiador. Comte disse em uma carta a Saint-Simon que “pela cooperação e amizade com um desses homens que veem longe nos domínios da filosofia política, aprendi uma

multidão de coisas, que em vão procuraria nos livros.” Meu amigo e orientador, Prof. Dr José Alves de Freitas Neto, a quem devo mais do que sei, perdoará a associação aos positivistas, estou seguro. Ela vem de uma descoberta recente: eu já não sou mais capaz de dizer o que emprestei dele em minha formação. Seu olhar crítico, sua preocupação com a reflexão e sua erudição – que humildemente nega possuir – sobre o campo do político permeiam essa tese e qualquer outro esboço que me sair das mãos. Mas hoje agradeço, sobretudo, à sua capacidade de ver o melhor no mundo e nas pessoas. Em seu olhar, a crítica jamais impediu a esperança que move projetos e ações: ele me permite estar aqui e me ajuda acreditar que outro mundo é possível.

Depois de tanto tempo entre idas e vindas pensando sobre um mesmo trabalho, ele passa a carregar o peso dos anos conosco. Os trechos escritos com alguns anos entre si lembram momentos diversos da vida. Em todos eles, este trabalho carrega também a rede que me amparou e permitiu seguir em frente.

Se minha família não fosse essa, eu tentaria fazer parte dela de alguma maneira. Sou agraciado de ter como pai e mãe as duas pessoas mais fortes que já conheci. À dona Terezinha Pavani da Silva e ao Sr. Belmiro da Silva, agradeço o afeto e as lições que seguem dando para todos os dispostos a aprender sobre amor, dedicação e carinho. Aos meus irmãos, Renato, André, Alessandro, Valéria e Fabiana, agradeço a paciência e o cuidado com o velho caçula. A base formada por vocês nos manteve de pé, apesar das tormentas. Meu irmão André não teve mais tempo para caçoar o mais novo que, como ele dizia jocosamente, passaria a encerrar nossas longas discussões com o argumento de autoridade do título. A ele eu agradeço, com atraso imperdoável, por ter me ajudado a despertar a curiosidade de entender esse mundo, pelo apreço ao debate e pelos meus sobrinhos maravilhosos, Felipe e Fernanda.

Etienne La Boetie disse que *amizade* “é uma palavra sagrada” que “só pode existir entre pessoas de bem, só se mantém quando há estima mútua; conserva-se não tanto pelos benefícios quanto por uma vida de bondade”. Como seguramente nenhum de vocês está em minha vida pelos benefícios, então agradeço muitíssimo à bondade de Jubela Couto, Jarbas Bernardino, Ricardo Dobner, Carolina Brito, Rodrigo Tomáz, Kelly Keiko Koti Dias e Andresa Martins.

À minha companheira, Maria Clara da Silveira Prado e Figueiredo, meu amor e gratidão pela paciência e também por me fazer rir mesmo nos piores dias. Que o toca-discos de casa siga tocando Beatles - *Take a good look and you're bound to see that you and me were meant to be for each other, silly girl* – até você conseguir me ensinar a dançar, o que, acredito, equivale a dizer “pra sempre”.

Adriana Hernández, pela hospitalidade, amizade e por me ensinar tanto sobre o México, minha gratidão e saudade. À Taís Machado, amiga e família que escolhi, agradeço não apenas pela longa parceria nessa jornada até *the end of all things*, mas também pelas sugestões e revisões do esboço desse e de todos os outros textos. Também agradeço às sugestões dos mexicanistas prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva, Me. Larissa Jorge, dos “peronistas” Prof. Dra. Alexandra Tedesco, Prof. Dr. Breno de Sousa Juz e Prof. Dra Luana Saturnino, amigos aos quais devo os *insights* sobre a importância da imaginação na política. Agradeço ainda aos colegas do Grupo de História da América Latina pela inspiração e trocas de ideias da última década.

No México, agradeço aos professores Israel Covarrubias, da UAM, Guillermo Palacios do Colmex e Ana Maria Serna, do Instituto Mora, pelas dicas e oportunidades durante minha estadia. Ao prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e ao prof. Dr. Leandro Karnal, pelas sugestões realizadas no exame de qualificação, meu muito obrigado. Espero ter sanado os problemas apontados e agradeço ao professor Luiz

Estavam pela presença na banca de defesa. Também agradeço às Profas. Dras. Regina Crespo, Gabriela Pellegrino Soares e Ivia Minelli por aceitarem o convite de compor essa banca. Ter parte da bibliografia do trabalho presente na banca de defesa desperta sentimentos ambivalentes no candidato, mas espero que minha admiração esteja implícita na referência e convite. Sobretudo em momentos sombrios como o que vivemos, o espaço aberto para a discussão acadêmica, franca e livre com professores que admiramos é um privilégio.

Como filho da educação pública, onde estive a vida toda, tenho clareza do quanto o acolhimento da Universidade Estadual de Campinas foi determinante em minha vida. A universidade pública e gratuita forneceu-me ferramentas que transformaram a minha vida e a daqueles ao meu redor.

Finalmente, agradeço ao financiamento que permitiu a continuidade de meus estudos. Essa pesquisa não seria possível sem a bolsa (141977/2009-4) de doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Nosotros somos los científicos de mañana.

Álvaro Obregón.

El Pueblo ya está cansado
de tanto pelear, pelear,
y como siempre abnegado
ya sólo desea la paz
que se acaben disensiones
para evitar nuevas guerras
que ya no haya rebeliones
y se cultiven las tierras.
que haya un presidente fuerte
que, con su mano de hierro,
saque adelante el país entre
y que cueste lo que cueste. (...)
Que llegue la paz lozana
y se reanude el progreso
de la Patria Mexicana
tanto tiempo en retroceso.

Corrido de *La caída del*
general Plutarco Elías Calles

Resumo

A presente tese debruça-se sobre três momentos de um período de mudanças sociais substanciais – o México da virada do século XX, do início da Revolução de 1910 e o da consolidação dos governos revolucionários – para refletir a respeito das permanências da cultura política entre o Porfiriato (1876 – 1911) e o novo país que nascia não apenas dos campos de batalha, mas também dos projetos de sociedade que se elaboravam. Seu argumento central – partindo de manifestos revolucionários, periódicos selecionados e obras icônicas do repertório daquele debate político – afirma que, ao contrário da ideia consolidada pela retórica revolucionária, a ruptura com o passado foi mais dependente da reorganização dos símbolos de legitimidade do regime anterior do que de sua destruição. É este rearranjo ou, antes, são os limites dessa ruptura na linguagem e na cultura política a partir da configuração de um novo poder que constituem o escopo central deste trabalho.

Em sua negociação com os símbolos do passado e os dilemas do presente, lideranças revolucionárias e intelectuais debateram projetos de nação que se articularam em uma linguagem política baseada nos atributos de legitimidade que construíram o México moderno ainda no Porfiriato. Às vésperas da Revolução, assim como nos anos seguintes às lutas revolucionárias, um emaranhado de questões do final do século XIX seguiu ecoando naquela cultura política em transformação, tais como o papel reservado à autoridade dos *científicos*, o discurso do progresso positivista, a constituição de uma família *mestiza* e a ideia de uma “redenção” indígena. Em linhas gerais, a presente tese afirma que o liberalismo-positivista mexicano se estabeleceu como uma linguagem política tão elementar que, de arma política no século XIX, tornou-se o próprio campo de batalha dos debates da primeira metade do XX.

Abstract

This dissertation aims to analyze three moments of intense social changes in Mexico: the turn of the twentieth century, the first years of the Revolution, and the revolutionary governments/state. This selection of events allows us to examine the parallels between the Porfiriato (1876-1911) and the new revolutionary country that arose not only on the battlefields but also through societal projects. In contrast to the revolutionary discourse, this study has found that the break with the past relied on reordering of symbols of legitimacy, rather than their destruction. That reordering — or the limits of rupture with political language and culture in the establishment of a new state — is the focus of this study. This dissertation uses newspapers, political manifestos, and key writings for the political debate of that time to sense the political continuities and disruptions.

In that negotiation with past symbols and dilemmas of the period, revolutionary leaders and intellectuals debated projects of nations and based them on a political culture of legitimacy that had been responsible for the making of modern Mexico in the Porfirian era. Moments before the Revolution and in the years after the revolutionary upheavals, many questions that were present in the late nineteenth century kept echoing in the new transforming political culture such as the role of authority '*los científicos*', the positivist idea of progress, the mestiza family, and the redemption of the Indian. This dissertation suggests that the positivist liberalism in Mexico established itself as an essential political language, that had changed from a political weapon in the nineteenth century to an arena of debates in the first half of the twentieth century.

SUMÁRIO

Introdução

I (Apresentação do problema) -----	p.16
II (Cultura política e linguagem política) -----	p.24
III (Historiografia) -----	p.36

Primeira parte: Liberdade, Ordem e Progresso

<i>Do Dr Barreda ao Don Porfírio</i> -----	p.48
<i>La paz efectiva se ha conquistado por medio de la vigorización de la autoridad</i> ----	p.69
<i>Gratuidad, Obligatoriedad y laicidad</i> -----	p.86

Segunda parte: Terra e Liberdade. E ordem.

<i>Para la mayoría del pueblo mexicano, ser Científico es peor que ser bandido</i> -----	p.110
<i>¡Sufragio efectivo, no reelección!</i> -----	p.122
<i>¡Tierra y libertad!</i> -----	p.150
<i>La sociedad debe ser antes y más que el individuo</i> -----	p.168

Terceira parte: A última Revolução do México

<i>Entre Justo Sierra e Vasconcelos</i> -----	p.187
<i>A invenção da ruptura</i> -----	p.201
<i>La reconstrucción de México: A educação e a instituição da nova ordem</i> -----	p.212
<i>La família mestiza</i> -----	p.236

Considerações finais -----	p.256
-----------------------------------	-------

Referências Bibliográficas -----	p.270
---	-------

Introdução

I

Em 2005, graduando de espinhas no rosto e com um formulário a ser assinado em mãos, pedia a atenção do prof. Dr. Leandro Karnal, a quem explicava o que viria a ser minha monografia. Quando lhe disse que estudava modelos historiográficos em três diferentes interpretações da Revolução Mexicana, ele me perguntou com o sarcasmo habitual: “E qual está certa?”. A brincadeira partia do pressuposto de que, no México, talvez, eu pudesse ouvir essa questão levada a sério.

A situação é um lembrete importante para uma tese que tem algum potencial de polêmica. Mexicanistas, ao menos em seus países de origem, afirmam sem ruborizar que a historiografia mexicana do século XX é profundamente marcada pelas leituras do positivismo. Em nosso caso, podemos dizer que, enquanto a academia brasileira pareceu mais aberta às diferentes correntes historiográficas vindas da Europa, na historiografia mexicana, a narrativa dos fatos, dos grandes homens e de uma certa linha evolutiva da história foram traços mais presentes. Nesse sentido, não é tão polêmico afirmar que o positivismo de um México oitocentista ou porfirista criou raízes no pensar da intelectualidade que se consolidou no início do século XX, marcando profundamente a cultura (e a academia) mexicana nas décadas seguintes. O mesmo, no entanto, não é verdade para a narrativa que se estabeleceu sobre a cultura política do México revolucionário.

Na política, a década de 1910-20 tornou-se o marco divisório entre um cenário dominado pelos *científicos* – a intelectualidade positivista que apoiou o Porfiriato – e o país que nascia das armas dos revolucionários. Assim, enquanto podemos apontar, sem

maiores conflitos, as continuidades entre um Justo Sierra e um Leopoldo Zea, fazer o mesmo com os *científicos* e os próprios líderes revolucionários, com o nome do general Lázaro Cárdenas del Río, por exemplo, mais do que polêmico, pode soar ofensivo.¹ A questão que se coloca então é: por que conseguimos pensar tão prontamente na permanência de raízes positivistas na historiografia ou em uma espécie de cultura acadêmica mexicana ao mesmo tempo em que nos parece ilícito refletir sobre essa continuidade na cultura política daquele país?

Acredito que, antes de pensar na historiografia, a resposta para essa questão esteja numa armadilha engendrada pelo próprio discurso dos revolucionários. Os revolucionários franceses – na comparação quase inevitável – declararam guerra ao passado, o fim do que classificaram *Ancien Régime* e o início de um novo tempo cristalizado no calendário revolucionário.² Meio século depois, Karl Marx, em seu *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* afirmava que

As revoluções do passado precisavam relembrar a história universal para que pudessem enganar-se sobre a natureza de seu próprio conteúdo. A revolução do século XIX deve permitir que os mortos enterrem seus mortos, para que possa alcançar seu próprio conteúdo.³

¹ Ao ser questionado sobre essa possível relação, o professor da Universidade do Arizona, William Beezley, especialista no tema da Revolução Mexicana, respondeu-me que a relação não era possível porque a intelectualidade porfirista era profundamente elitista. Em suas palavras exatas “eles não estavam interessados no povo”. Conferência: *Creando la cultura revolucionaria de México*. Evento promovido pela Linha de Pesquisa “Política, Cultura e Memória” e pelo Grupo de Estudos de História da América. 19 set. 2012. IFCH – UNICAMP.

² A ação espontânea dos revolucionários, citados por Walter Benjamin em suas *Teses sobre história*, que atiravam contra os relógios das praças no início da Revolução Francesa, talvez seja de um simbolismo ainda maior, exemplar deste sentimento que permeia a noção moderna de *revolução*. BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol.1 São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232. A análise dos símbolos e imaginário da revolução da qual parto aqui tem sua origem também nas obras de Bronislaw Baczko e Reinhart Koselleck. BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales** – Memorias y esperanzas colectivas. Buenos Aires. Editora Nueva Visión. 1999. KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise – Uma contribuição à patogênese do mundo burguês**, Rio de Janeiro, EDUERJ: Contraponto, 1999.

³ MARX, Karl. **Dezoito Brumário de Luis Bonaparte**. [1852] Brasil, Boitempo, Tradutor: Nélcio Schneider. 1ª edição, volume 1.

A legitimidade política da noção de revolução que se consolidava no século XIX dependia, portanto, da negação do passado. Afirmação óbvia, à luz de tudo que se produziu na academia no último século.⁴ Apesar disso, nosso olhar se acostumou a pensar as figuras revolucionárias a partir do mundo novo que elas ajudaram a conceber: muitas vezes pensamos personagens como Mao Tsé-Tung ou Fidel Castro exclusivamente a partir da leitura do quadro da revolução comunista e da Guerra Fria, sem considerarmos a cultura política anterior na qual essas lideranças se formaram e moldaram.⁵ O combate ao imperialismo, palavra chave do comunismo cubano e chinês, era também uma noção central na cultura política destes países nas últimas décadas do XIX, quando Vladimir Lênin ainda estava ocupado com as primeiras letras e o impacto dos soviets russos na popularização da obra de Marx estava a algumas décadas de se concretizar⁶. Desse modo, ao tratar os processos revolucionários, o historiador, convencido pela linguagem e pela aceleração do tempo que suas fontes propõem, reproduz um imaginário que é também propaganda. Em outros termos, os revolucionários ofereceram uma ficção de ruptura com

⁴ Reinhart Koselleck, buscando estabelecer “Critérios históricos do conceito moderno de revolução” afirmou que: Em primeiro lugar, deve-se registrar como inédito o fato de que a “revolução” transformou-se, a partir de 1789, em um “coletivo singular”- como já se antecipava em Mercier: tudo neste mundo é revolução. Assim como o conceito alemão *Geschichte*, que abriga, como “história em si” [*Geschichte schlechthin*], as possibilidades de todas as histórias singulares, a revolução cristaliza-se em um coletivo singular, que parece concentrar em si as trajetórias de todas as revoluções particulares. É assim que revolução torna-se um conceito meta-histórico, separando-se completamente de sua origem natural e passando a ter por objetivo ordenar historicamente as experiências de convulsão social. Em outras palavras, o conceito adquire um sentido transcendental, tornando-se um princípio regulador tanto para o conhecimento quanto para a ação de todos os homens envolvidos na revolução. O processo revolucionário e a consciência da revolução, despertada por esse mesmo processo e sobre ele retroagindo, tornam-se desde então inseparáveis. Todas as características posteriores do conceito moderno de revolução sustentam-se a partir desse background meta-histórico. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006. p.69

⁵ O caso da Revolução Cubana, que não nasce com inspiração marxista-comunista, é especialmente exemplar. A figura de Fidel Castro apenas se tornaria ícone do comunismo nos primeiros anos da década de 1960. Ainda assim, a leitura de documentos como “A história me absolverá” costuma reproduzir a biografia teleológica com a qual o próprio revolucionário se presenteou: Castro era comunista antes de sabê-lo.

⁶ Na abertura da colossal *História do Marxismo* Eric Hobsbawm informa que a obra e a figura de Marx não eram exatamente populares ao final do século XIX. Nos inventários organizados na virada do século, o filósofo não aparecia entre os autores oitocentistas mais relevantes. HOBSBAWM, Eric. **História do Marxismo**. Paz e Terra, 1987.

o passado prontamente aceita por muitos historiadores que, talvez ansiosos por novas frestas e transformações, leram suas fontes com mais encanto do que crítica.

A partir das contribuições da chamada Escola de Cambridge, com destaque para as obras de John Pocock e Quentin Skinner, o historiador Elías José Paltí trouxe à tona, por um novo caminho, um antigo debate dos historiadores sobre uma história que busca pensar os cenários políticos de cada época “em seus próprios termos”. Ao pensar os debates intelectuais do século XIX, Paltí abandonou os binarismos típicos daquele período – iluminismo/romantismo, modernidade/tradição – e, a partir da noção de um *contexto de enunciação*, afirmou, juntamente com seus pares britânicos, que nenhuma ideia é, em si, iluminista ou romântica. Ao ser criticado por historiadores que chamaram a atenção para a presença daquela lógica binária em suas fontes e, portanto, nas falas e escritos das personagens que buscava, entender, o autor rebateu com o exemplo do pesquisador que se debruça sobre a tradição religiosa: a reflexão histórica ganhará se o historiador for capaz de questionar os dogmas que estuda.⁷

É com essa linha de raciocínio que a presente tese busca convencer seu leitor de que a linguagem política que se elaborou a partir dos símbolos revolucionários no México nas primeiras décadas do século XX não significou uma ruptura com a cultura política do Porfiriato, a despeito do que afirmava a maior parte das lideranças da insurreição. Em poucas palavras, argumento nesta tese que o positivismo mexicano se estabeleceu como uma linguagem política tão elementar que, de arma política no século XIX, tornou-se o próprio campo de batalha dos debates da primeira metade do XX. De uma *linguagem*, deu corpo a um conjunto mais amplo de referências, temas e eixos pelos quais o próprio sistema político e a nação passaram a ser entendidos. Em um sentido mais amplo e fluido,

⁷ PALTÍ, Elías José. **La invención de una legitimidad** – Razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX (Un estudio sobre las formas del discurso político). México: Fondo de Cultura Económica, 2005. p.25

constituiu uma *cultura* política. As pautas e bandeiras dos revolucionários foram tecidas e marcadas por esse cenário e as vindas de fora foram prontamente trazidas a ele, adaptadas ao seu relevo e aos seus (flexíveis) limites. Essa passagem, que transformou o positivismo de elemento de destaque em paisagem, de metódica doutrina política a uma cultura, também é responsável pelo seu desaparecimento da perspectiva das lideranças revolucionárias, em um primeiro momento, e da historiografia que reproduziu as armadilhas do discurso revolucionário, em um segundo. Entretidos na contemplação de cores e movimentos dos peixes, observadores de um aquário podem facilmente ignorar o vidro que dá forma à água que permeia todas aquelas formas de vida.

Os ilustres liberais e anarquistas responsáveis pela Revista *Regeneración*, os irmãos Flores Magón, em crítica ao Porfiriato, aspiravam a que um dia os slogans “Ordem e Progresso”, assim como “muita administração e pouca política”, pudessem ser reais nas terras mexicanas.⁸ Ao se defender das acusações de que os artigos 27 (sobre as propriedades rurais) e 123 (sobre os direitos trabalhistas) da Constituição de 1917 eram “radicalmente comunistas”, seu autor, André Molina Enríquez, alegava que o espírito da nova constituição era coletivista – por isso diferia do espírito individualista dos liberais de 1857 – e que essa mudança seria explicada por conceitos comteanos desconhecidos pelos liberais da década de 1850.⁹ A maior parte das linhas presentes no projeto revolucionário de educação *socialista*, no início dos anos 1930, dedicava-se a combater o “*misticismo*”, trazendo o *progreso* por meio da ciência tal como afirmava o projeto de educação do *científico* Justo Sierra pensado durante o Porfiriato. Finalmente, nos anos da Revolução, mesmo as lideranças conhecidas pelo radicalismo, buscaram, em repetidas

⁸ **Regeneración**. “Poca política y mucha administración”. 07 de dezembro de 1900.

⁹ BETHELL, Leslie (org.) **História da América Latina**. De 1870 a 1930. Volume IV. EdUSP. 2009. Cambridge, p.408

oportunidades, alegar que suas medidas estavam de acordo com as necessidades da *ordem*.

Toda mudança proposta pelos governos revolucionários foi apresentada como *progreso*¹⁰ numa longa linha evolutiva de etapas da Revolução, que, nessa linguagem política, sempre pareceu mais afeita à noção de evolução do que a de transformação.¹¹ Isso não significa, porém, afirmar, como fez parte da historiografia, que a Revolução Mexicana teria sido menos revolucionária ou mesmo indigna desta classificação. É um truísmo afirmar que toda história é feita de permanência e mudança. A ênfase que escolhemos entre os extremos desse pêndulo, todavia, deverá ser crítica, em nosso caso, da retórica dos revolucionários e seus marcos fundacionais, por um lado, e da historiografia que, apontando a permanência das “estruturas”, por outro, narrou um passado de imobilidade e de discursos políticos vistos como retórica vazia.

Evidentemente, o esforço de reconstituir as linhas gerais da cultura política na qual se articularam as linguagens políticas hegemônicas dos anos anteriores à Revolução até o cardenismo exigiu uma abordagem mais panorâmica capaz de dar unidade ao elástico recorte. 1867 – 1940: é uma referência a um período que se inicia com institucionalização do positivismo como doutrina de Estado, tendo como mito (re)criador

¹⁰ Ver: PALACIOS, Guillermo. Calles y la idea oficial de la Revolución Mexicana. **Historia Mexicana**, p. 261-278, ene. 1973

¹¹ A associação entre as noções de evolução e revolução, é evidente, não são uma invenção do debate político mexicano. Buscarei argumentar mais à frente a respeito de como a linguagem política da segunda metade do século XX solapou alguns dos dilemas centrais das primeiras décadas do século, mas, ainda tratando dos termos “revolução” e “evolução” no século XIX, Reinhart Koselleck afirmou: “A revolução, desde então [1789], transformou-se para todos em um conceito perspectivista dentro da história da filosofia, que apontava para uma direção irreversível. É possível que houvesse ainda discussão sobre um ‘antes’ e um ‘depois’, sobre retardamento ou aceleração, mas a direção do movimento parecia definitivamente determinada. [...] A partir daí pode-se concluir que a contaminação entre os significados dos termos ‘evolução’ e ‘revolução’, que passou a ocorrer já desde o século XIX, não se trata apenas de uma negligência linguística ou de uma adequação política; o intercâmbio alternado entre os dois conceitos refere-se a deslocamentos estruturais no complexo social como um todo, os quais, por sua vez, só poderiam ter provocado respostas distintas no plano político. Em seu emprego antitético, ‘evolução’ e ‘revolução’ são conceitos partidários; já o seu uso semanticamente análogo, refere-se a um processo geral de emancipação, capaz de se disseminar movido pela industrialização.” KOSELLECK, **Futuro passado**. Obra citada. p.71

da pátria a Reforma, e se encerra com a institucionalização da Revolução aprofundada por Cárdenas, que se baseava na mitologia do recente sacrifício revolucionário. Tenho clareza das lacunas criadas por uma perspectiva panorâmica do período – cada um dos temas abordados poderia render uma tese – mas acredito que é justamente essa elasticidade que permitirá pensar nas ambivalências das permanências e rupturas.

Buscar a restituição das tramas e interlocuções em um recorte tão extenso é uma ingrata tarefa. A amplitude de personagens e fontes, somadas à distância geográfica aumentam o desafio. Ao longo da pesquisa e das viagens, pude acumular para essa investigação fragmentos daquele debate presentes na imprensa, em panfletos e publicações independentes e, de uma maneira mais completa, os discursos políticos presidenciais e de membros do partido oficial. Apesar do apoio nessa miríade de fragmentos, as fontes centrais para este trabalho estão mais claramente delimitadas. No que se refere à imprensa¹², utilizo, para o primeiro momento, referências dos periódicos *La libertad* e, em menor medida, a *Revista Positiva*: o primeiro, expressão de um positivismo spenceriano “heterodoxo” e dominante, o segundo, principal voz do positivismo ortodoxo. Em um segundo momento, debruço-me sobre os periódicos de oposição ao Porfiriato: *el hijo del Ahuizote* e *Regeneración*. Finalmente, utilizei-me, sobretudo, do periódico *El Pueblo*, um dos principais canais do carrancismo.

O mergulho na imprensa permitiu também a complementação da leitura do segundo grupo de fontes no qual me centrei: os manifestos políticos e, sobretudo, os planos revolucionários. Tradição muito anterior à Revolução de 1910, esses planos, mais do que uma descrição detalhada de um projeto político, constituíram-se em eficientes

¹² Um dos guias para pensar o caminho pelas diferentes publicações foi o estudo de Ana Maria Serna Rodríguez, *Prensa y sociedad en las décadas revolucionarias (1910-1940)* **Secuencia** (2014), 88, enero-abril, 111-149

formas de divulgação (e convocação) das ideias e símbolos mobilizados por cada grupo revolucionário.

Por fim, também utilizei como fonte algumas das obras icônicas dos repertórios políticos que se estabeleceram entre Díaz e a Revolução feita governo nos anos 1930. Os escritos de Justo Sierra e seu grupo, reunidos mais tarde sob o título de *Evolución Política del Pueblo Mexicano*, e *Los grandes problemas nacionales*, de Andrés Molina Enríquez mostram aproximações e distanciamentos nas articulações do ideário positivista para a formulação de concepções sobre a história assim como planos para o futuro do México. As diferentes obras que nas décadas seguintes chamavam à (re)criação da nação, como *La sucesión presidencial* de Francisco I. Madero, *Forjando Pátria* de Manuel Gamio, *La reconstrucción de México*, de Salvador Alvarado e *Raza Cósmica*, de José Vasconcelos também foram cruciais para os argumentos apresentados pela tese.

Apesar da referência, não tão extensiva, a escritos de cunho particular – como cartas – não foi meu objetivo, em momento algum, tentar contextualizar o debate público a partir das “reais intenções de seus autores”. Seja pensando o imaginário que compôs a cultura política do México revolucionário, seja refletindo sobre as linguagens políticas dessa cultura, parto da ideia de que a história não pode ser pensada a partir da metáfora de um geometral¹³, que a cada face exposta também corresponde outra que se esconde. Sua ambivalência não está num jogo de luz e sombra, mas de tramas, ou, para brincar com a metáfora, entendo que uma cultura política é, inevitavelmente, composta de jogos que se dão à luz do dia, mesmo quando nem todos têm licença para sair à rua.

O escopo que proponho, então, inicia-se com uma perspectiva mais panorâmica do Porfiriato, seus debates sobre a ordem política, a democracia e a educação, sem o objetivo de compor um quadro detalhado – que renderia outra tese – dos intelectuais

¹³ A crítica à metáfora da noção de um geometral para pensar o passado está presente no clássico ensaio de Paul Veyne, *Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora UnB, 1998

positivistas do México oitocentista e das primeiras décadas do século XX. Busco pensar os temas e composições centrais da linguagem política que se estabeleceu a partir dos discípulos de Gabino Barreda e Justo Sierra, mas também de Porfírio Díaz e seus críticos. Esforço semelhante dar-se-á em um segundo momento, com os debates engendrados a partir do processo revolucionário e o longo e conflituoso caminho até a vitória dos Constitucionalistas em 1915. É a partir daí que buscarei demonstrar, por alguns eixos – a intelectualidade refratária da ideia de Revolução, a “formação das almas”, o ideário da mestiçagem e a formulação da ordem – a sobrevivência daquela cultura política desenhada no México sob o lema de “*Orden y progreso*”.

II

Cultura política, de um lado, *linguagem política e contextos linguísticos ou de enunciação*, de outro, evocam tradições intelectuais distintas. Polissêmica, a expressão “cultura política” é, em suas variadas formulações, mais vaga. Ferramenta emprestada das ciências sociais dos anos 1960, possuía, na origem, uma concepção que se aproximava da psicologia para pensar a política na sociedade de massas.¹⁴ Nos anos seguintes, contudo, a popularidade do debate sobre o conceito de cultura produzido pela antropologia ressignificou também a noção de cultura política e, aos poucos, os estudiosos de uma nova história do político passaram a fazer uso corrente desta definição. Embora frequente entre aqueles mais próximos da órbita dos *Annales*, a noção de “mentalidade”,

¹⁴ The term “political culture” thus refers to the specifically political orientations – attitudes toward the political system and its various parts, and attitudes toward the role of the self in the system. We speak of a political culture just as we can speak of an economic culture or a religious culture. It is a set of orientations toward a special set of social objects and processes. But we also choose political *culture*, rather than some other special concept, because it enables us to utilize the conceptual frameworks and approaches of anthropology, sociology, and psychology. ALMOND, G. VERBA, S. **The Civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations** Princeton: Princeton University Press. 1963. p.15 Assim, cremos, concordando, que uma cultura política é o conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseiam o comportamento de seus atores.

jamais lembrada pela exatidão de seu conteúdo, perdia progressivamente seu lugar, a partir daquilo que Jacques Le Goff denominara como o crescimento de uma “antropologia histórica”.¹⁵ Na historiografia francesa, tratava-se, portanto, do estabelecimento de um paradigma culturalista e, com o “retorno do político” das últimas décadas, a noção de cultura política deu origem a uma série de estudos que renovaram o olhar do historiador sobre o significado de discursos, práticas, ritos e símbolos políticos. Além disso, o conceito instrumentalizava a ênfase do historiador sobre as permanências: diferentemente de uma narrativa focada nos acontecimentos políticos, “que como vagalumes na noite brasileira, brilham, mas não iluminam”¹⁶, os estudos que se centraram na noção de cultura abordavam mudanças lentas – ou de média duração, para manter a referência a Fernand Braudel.

A conceituação de cultura política, entretanto, não foi marcada pelo consenso. Enquanto na tradição acadêmica estadunidense o conceito mantinha parte de seu sentido original, mais psicologizante e atrelado a uma espécie de consciência política nacional, historiadores franceses criavam uma perspectiva plural, de convivência e conflito de distintas culturas políticas (liberal, socialista, republicana...).¹⁷ A rivalidade dos diferentes

¹⁵ Entre várias obras do historiador francês, destaco aqui seu prefácio para **Os reis taumaturgos** de Marc Bloch. Nele, Le Goff identifica na obra do fundador dos Annales um esforço em direção à antropologia histórica na medida em que “o que Marc Bloch quis foi fazer a história de um milagre e, simultaneamente, a da crença nesse milagre”. LE GOFF, Jacques. “Prefácio”. in: BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. O caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das letras. 2000. p.16

¹⁶ BRAUDEL, F. **Escritos sobre a História**. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.10

¹⁷ Destacam-se aqui as obras de Jean François Sirinelli e Serge Bernstein. De acordo com Bernstein, realizando um balanço do debate até a segunda metade dos anos 1990: “Falar de cultura política é a muitos títulos colocar-se num campo de componentes antagônicas. A história cultural, cuja riqueza é considerável desde há alguns anos, situa-se no centro dessa renovação em profundidade do estudo das sociedades humanas, a partir da convergência das ciências sociais de que a École des Annales mostrou a via. Referir-se ao político é trabalhar num campo a que os profetas desta mesma escola lançaram o anátema, caricaturando-o, antes que alguns dos seus membros soberbamente o ilustrassem! Do mesmo modo, a evocação da cultura política inscreve-se na renovação da história política, operada sob a inspiração de René Rémond e de que a universidade de Paris-X-Nanterre e o Instituto de Estudos Políticos de Paris foram os lugares de eleição. Com efeito, é no quadro da investigação, pelos historiadores do político, da explicação dos comportamentos políticos no decorrer da história, que o fenômeno da cultura política surgiu como oferecendo uma resposta mais satisfatória do que qualquer das propostas até então, quer se tratasse da tese marxista de uma explicação determinista pela sociologia, da tese idealista pela adesão a uma doutrina política, ou de múltiplas teses avançadas pelos sociólogos do comportamento e mesmo pelos psicanalistas.” Logo em seguida, partindo de Sirinelli, Bernstein oferece-nos uma definição que, como trabalharei no corpo

projetos nacionais para o caso francês, serviu de exemplo para esses autores que associavam a noção de cultura política a um discurso que compunha uma visão de mundo mais ou menos coerente e construía, assim, um projeto de poder. Ainda nessa concepção, entretanto, está posta a possibilidade de uma cultura política hegemônica em um plano nacional – de onde partiremos aqui.

A despeito da polissemia, em termos gerais, estamos tratando a cultura política aqui definida mais amplamente como

O conjunto de atitudes, normas, crenças, mais ou menos largamente partilhadas pelos membros de uma determinada unidade social e tendo como objeto fenômenos políticos. Assim, podemos dizer, a modo de ilustração, que compõem a Cultura política de uma certa sociedade os *conhecimentos*, ou, melhor, sua distribuição entre os indivíduos que a integram, relativos às instituições, à prática política, às forças políticas operantes num determinado contexto; as *tendências* mais ou menos difusas, como, por exemplo, a indiferença, o cinismo, a rigidez, o dogmatismo, ou, ao invés, o sentido de confiança, a adesão, a tolerância para com as forças políticas diversas da própria, etc.; finalmente, as *normas*, como, por exemplo, o direito-dever dos cidadãos a participar da vida política, a obrigação de aceitar as decisões da maioria, a exclusão ou não do recurso às formas violentas de ação. Não se descurem, por último, as linguagens e os símbolos especificamente políticos, como as bandeiras, as contra-senhais das várias forças políticas, as palavras de ordem, etc.¹⁸

A repetição da expressão “mais ou menos” em tantos trechos da definição de Giacomo Sani presente no célebre *Dicionário de Política* reitera nosso ponto inicial sobre o conceito e seu sentido abrangente. Mais do que imprecisão conceitual, acredito que estamos tratando de uma noção que permite pensar sobre um objeto difuso e fugaz, que escaparia a qualquer definição mais estrita. É justamente esse caráter de uma cultura

do texto, apesar de ser resumida com clareza, ao mesmo tempo demonstra a fluidez do conceito: “Pode-se admitir, com Jean-François Sirinelli, que se trata de ‘uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas’. Desta definição, reteremos dois factos fundamentais: por um lado, a importância do papel das representações na definição de uma cultura política, que faz dela outra coisa que não uma ideologia ou um conjunto de tradições; e, por outro lado, o carácter plural das culturas políticas num dado momento da história e num dado país.” BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.340-341.

¹⁸ SANI, Giacomo. “Cultura Política”. **Dicionário de Política**. (Org. BOBBIO, N. MATTEUCCI, PASQUINO, G.) Brasília: UnB. 1999. p.306-307.

política entendida como o cenário e a montagem do palco onde se dá o teatro da política que nos interessa aqui. Uma cultura política é capaz de absorver e ressignificar diferentes simbologias e linguagens políticas.¹⁹

Na historiografia brasileira, o artigo de Ângela de Castro Gomes, *História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões*²⁰ produziu um breve histórico da noção de cultura política nas diferentes ciências humanas e debateu sua operacionalidade a partir de um previsível objeto de estudo: o trabalhismo. O saldo positivo de seu uso, segundo Gomes, dá-se porque o conceito permitiu fundamentar teses que negam “fatores definidos *a priori* e de ‘fora’ dos casos concretos que estavam sendo estudados”.²¹ Assim, noções como uma “verdadeira consciência de classe” ou “ideias fora do lugar” perdem por completo seu sentido. Além disso, como o conceito de cultura traz as ideias de *compartilhamento*, *circulação* e de *práticas* cotidianas, os estudos que partiram da premissa de uma cultura política recusaram qualquer narrativa baseada na lógica de uma dominação ou manipulação absoluta. Essa recusa reforçou o sentido de agência presente em diferentes matizes historiográficos a partir dos anos 1980, aprofundando o questionamento ao estruturalismo e dando destaque a um “sem-número de idéias e ações dos dominantes, outro sem-número de idéias e ações dos dominados, até então sequer imaginadas como possíveis”²². Assim, de acordo com Gomes

¹⁹ Para Rodrigo Patto Sá Motta, estudioso do debate a respeito da noção de cultura política: “No entanto, nem toda história cultural do político implica o uso da categoria cultura política. O fato de Marc Bloch ter mostrado a importância da crença nos poderes taumatúrgicos dos monarcas na Europa medieval não significa, necessariamente, que se deva falar na existência de uma cultura política medieval. É comum, entre os partidos políticos, o uso de símbolos e outras manifestações de linguagem visual em suas campanhas, para comunicar mensagens aos eleitores; mas isso não implica sempre a filiação a alguma cultura política. Portanto, para os que se aventuram no campo da história cultural do político é preciso atenção para não confundir, por exemplo, imaginário político com cultura política”. MOTTA, Rodrigo P. S. **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: UFMG. 2003.

²⁰ GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil. **Culturas políticas: Ensaio de História Cultural, História Política e Ensino de História**. (Orgs). Rachel Soihet, Maria Fernanda Bicalho, Maria de Fátima S. Gouvêa. Rio de Janeiro, FAPERJ/Mauad, 2005

²¹ Idem. p.24

²² Idem. p.25

...não só se politizam várias ações antes destituídas dessa dimensão (festas e práticas cotidianas), como se entende que, no interior mesmo das relações entre dominados, também existem hierarquias e relações de poder. Alinhamentos automáticos entre dominados contra dominantes e vice-versa são relativizados, e uma dinâmica política de alianças e oposições muito mais complexa e sofisticada emerge para a análise historiográfica. Ou seja, a análise das relações de dominação, sem excluir o conflito aberto (sob várias formas), passa a atentar para um conjunto de ações que tem marcas mais sutis, envolvendo ‘negociações’ e produzindo alinhamentos aparentemente inusitados”²³

Pensar as articulações e negociações nas relações de poder internas a uma cultura política, tanto para o objeto de estudo de Gomes quanto para o que buscamos refletir aqui, leva-nos a uma absoluta recusa da categoria *populismo* como chave explicativa. Ao fazê-lo, também se abre caminho para uma abordagem capaz de lançar luz às especificidades dos diferentes cenários latino-americanos nas primeiras décadas do século XX. O esforço para entender como em um dado momento uma cultura política constituiu uma leitura coerente da realidade apesar de partir de elementos, originalmente, conflitantes, é também o esforço no sentido de admitir que nossos personagens são sujeitos de sua própria história. Os trabalhadores do Estado Novo não estavam mais confusos com a política do que seus pares europeus, assim como a Revolução Mexicana não era “uma busca às cegas pela ideologia que a definisse e justificasse no quadro da história contemporânea”, como afirmou o ensaísta Octávio Paz em seu *Labirinto da Solidão*.²⁴

No caso mexicano, um dos grandes nomes da historiografia da Revolução e do cardenismo, a historiadora Alicia Hernández Chávez, em seu ensaio, *La tradición republicana del buen gobierno*, optou por pensar, a partir de um recorte temporal mais longo, o que denominou de uma cultura política republicana mexicana. Nas palavras da autora

²³ Idem. p.26

²⁴ Octávio Paz afirmou sobre a Revolução de 1910: “Despojada de doutrinas prévias, alheias ou próprias, a revolução será uma explosão da realidade e uma busca às cegas da doutrina universal que a justifique e englobe na história da América e na do mundo.” PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão e Post-scriptum**. São Paulo: SP, Paz e terra, 1992. p.127.

Al hablar de cultura política hago referencia a las formas como los individuos establecen normas de convivencia para dar orden a través de la política a las diferencias y tensiones que se dan entre ellos. Estas formas de convivencia, variables en el tiempo y en el espacio o influenciadas por valores, usos, costumbres e historia, así como por nuevos modelos doctrinarios y transformaciones económicas y sociales, son visualizables en la resolución de los conflictos entre los individuos y entre éstos y sus gobernantes.²⁵

A partir desta definição, Hernández Chávez buscou descrever como diferentes atores sociais traduziam nas práticas cotidianas as normas institucionais e as políticas do governo para compreender os artifícios pelos quais se deu vida à interação entre cidadania e governo.²⁶ Mais amplamente, o objetivo da historiadora foi apontar para as origens republicanas do fazer político no México que, diferentemente do que parece ter sido indicado por alguns intelectuais, não está condenado por males de origem autoritários. Temos aqui, dessa maneira, um exemplo de reflexão a partir da noção de cultura política que não está preocupado apenas com as permanências das ideias, instituições e regimes, mas também com mudanças, tensões e potencialidades de um arcabouço republicano.²⁷

Foi seguindo essa linha de raciocínio que, para o caso da Revolução Mexicana, Hernández Chávez afirmou

La culminación del proceso de conformación de la cultura política moderna de México lo encontramos en la Revolución. La Revolución de 1910-1920 abre el horizonte y las puertas para impulsar al país en la contemporaneidad, con el sustento de la rica tradición política acumulada y enriquecida por un siglo de experiencia republicana. Gracias a este fundamento y a la acción positiva desarrollada por una ciudadanía capaz de innovar sus organizaciones y sus prácticas políticas, crece la convicción de que es posible avanzar hacia nuevas y mejores formas de convivencia que conjuguen demandas sociales y económicas con demandas políticas y den vida a una nueva gobernabilidad. **En este sentido, la Revolución Mexicana no es la culminación de un proceso secular, sino el momento en que se asienta para poner en movimiento una nueva tendencia: reorientar y fundar una vez más la cultura política mexicana.**²⁸ (Grifos meus)

²⁵ HERNANDEZ CHAVEZ, *La tradición republicana del buen gobierno*. México: FCE. 1993. p.9

²⁶ Idem. p.13

²⁷ Idem. p.25

²⁸ Idem. p.14

Apesar das semelhanças entre as continuidades que estou buscando apontar e o argumento de Hernández Chávez, para a autora, a Revolução seria o evento inaugurador de uma nova cultura política, a despeito de entendê-la também como resultado de uma longa tradição cívica republicana mexicana. Ao reforçar o *liberalismo* do XIX como a verdadeira origem do sistema político mexicano, a autora atenua as décadas do positivismo e da “política científica” que não apenas questionaram os liberais de 1857 e legitimaram a ditadura de Díaz, mas também criaram bases para um projeto coletivista, partidário de direitos sociais e de um poder político centralizador. Além disso, o que argumentarei aqui é que o simbolismo revolucionário não foi capaz de questionar ou abalar as bases da cultura política em que seu discurso se formou.²⁹ Tomo, assim, emprestado outro trecho da autora: “*Como puede verse, volvemos a encontrar nuevamente una de las constantes sustanciales de la tradición política mexicana: el continuo entretejer lo antiguo, lo tradicional, con lo nuevo.*”³⁰

Outro historiador, Charles A. Hale, também buscou pensar as continuidades no discurso político mexicano entre os anos do Porfiriato e a Revolução. Em sua obra *La transformación del liberalismo en México a fines del siglo XIX*, o autor apresentou as origens de um *insight* que será mais tarde desenvolvido em seus estudos: para ele, o positivismo dos *científicos* porfiristas transformaram a ideologia liberal mexicana. Esse liberalismo transformado, afirma Hale, é a ideologia predominante da Revolução e da política mexicana, correspondendo àquilo que os governos e seus apólogos denominaram liberalismo nacionalista.³¹

²⁹ Outras divergências importantes: além de se centrar no republicanismo e no liberalismo, ignorando o positivismo, a obra de Hernández Chávez aponta diversas vezes para um sentido evolutivo (ou involutivo) para as formas políticas mexicanas.

³⁰ HERNÁNDEZ CHÁVEZ, **Obra citada**, p.57

³¹ HALE, Charles A. **La transformación del liberalismo en México a fines del siglo XIX**. México: FCE. 2002. Sua leitura, descoberta tardiamente por mim, permitiu corroborar alguns dos pontos da tese. Fenômeno semelhante deu-se com o estudo de Arnaldo Córdova: *La filosofía de la Revolución Mexicana. Cuadernos Políticos*, número 5, México D.F., Julio-septiembre de 1975. A sensação de encontrar, após a formulação dos argumentos centrais da tese, dois estudos de historiadores que reafirmam uma leitura

Enquanto a noção de *cultura política* (ou mesmo a “tradição política”, mencionada por Hernández Chávez) comunica, como vimos, um conjunto mais amplo de símbolos, práticas e ideias, a terminologia aqui emprestada dos historiadores de Cambridge, como Quentin Skinner e John Pocock, impele pensar em conceitos definitivamente mais precisos: *linguagem política* e *contexto linguístico*. A partir dos anos 1960, estes autores mobilizaram as ferramentas do historiador na construção de uma nova perspectiva da ciência e da história política, ou, antes, da história das *ideias políticas* – o que daria origem a abordagem do chamado “contextualismo linguístico”.

Partindo das conclusões da filosofia da linguagem do século XX, John Dunn, Skinner e Pocock lembravam aos colegas da Ciência Política que “palavras também são atos”³². Pocock, ainda em 1962, criticou a situação do historiador do político, que, naquele momento era “*prisioneiro de um método que o condena a explicar o pensamento político somente na medida em que este pode ser apresentado como teoria política sistemática ou filosofia.*”³³ Dessa maneira, tratava-se de pensar as ideias políticas não como conjuntos autocontidos, completos e plenamente racionais, mas como um jogo mais complexo, produzido por diversos agentes em diálogo e conflito, a partir de uma linguagem política prévia, em constante ressignificação. Nas palavras de Pocock

A linguagem que um autor emprega já está em uso. Foi utilizada e está sendo utilizada para enunciar intenções outras que não as suas. Sob esse aspecto, um autor é tanto o expropriador, tomando a linguagem de outros e usando-a para seus próprios fins, quanto o inovador que atua sobre a linguagem de maneira a induzir momentâneas ou duradouras mudanças na forma como ela é usada. Mas o mesmo que ele fez com outros autores e suas linguagens pode ser feito com ele e sua linguagem.³⁴

semelhante do objeto estudado é ambivalente: o que se sente perder em originalidade, parece se ganhar em reforço e convicção das afirmações que apresento.

³² SILVA, Ricardo. O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. **Dados**, vol.53 no.2 Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52582010000200002>>. Acesso: 23 mar. 2019.

³³ POCKOCK, J.G.A. **Linguagens do ideário Político**. São Paulo: Edusp.2003, p.28

³⁴ Idem. p.29

Ao se afastarem da história das ideias políticas como uma sucessão de textos canônicos, os autores da Escola de Cambridge do Político tentaram produzir um quadro de disputas e práticas políticas cotidianas repleto de tensões. Os textos e ideias políticas são entendidos aqui, portanto, como *ações* diante de dilemas que se colocam em uma realidade que jamais se configura como uma “estrutura social” prévia à linguagem, mas que, pelo contrário, constitui-se pelas linguagens do ideário político e social. Ao mesmo tempo, não se trata, para esses historiadores, de negar a importância da história “textualista” – na definição de Skinner –, que se debruça sobre os cânones políticos ou tampouco de uma história social, mais preocupada com as práticas cotidianas e menos atenta às grandes ideias políticas. Seja por meio de uma “história das ideologias” (Skinner) ou por uma “história do ideário político” (Pocock), o esforço dessa abordagem está justamente em pensar a articulação e a própria elaboração das ideias políticas a partir de práticas cotidianas. Se a escrita é também entendida como uma ação, a questão central do historiador do político passa a ser: o que o autor fazia ao escrever o que escreveu?³⁵

Ao situarem-se em um debate entre a filosofia, a ciência política e a história das ideias, os autores do contextualismo político se esforçaram para elaborar um léxico relativamente preciso para a metodologia que propunham. Em uma famosa defesa da proposta do grupo, Skinner afirmava que a perspectiva do contextualismo linguístico poderia nos dar *“pela primeira vez, um quadro realista de como o pensamento político em suas várias formas foi produzido no passado”*.³⁶ Segundo ele, essa perspectiva *“nos permitiria iluminar os papéis diversos desempenhados por fatores intelectuais na vida política, abrindo-nos caminho para o estabelecimento de conexões entre o mundo da ideologia e o mundo da ação política.”*³⁷

³⁵ SILVA, Ricardo. Obra citada. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52582010000200002>>. Acesso: 23 mar. 2019.

³⁶ Idem. Ibidem.

³⁷ Idem. Ibidem.

Ao partir da abordagem dos autores da Escola de Cambridge, a tese que proponho, portanto, zela mais pelas elaborações de uma linguagem política (positivista) local do que depende necessariamente daquela que encontramos no debate do cânone. Assim, os diálogos e conflitos de Gabino Barreda e Justo Sierra, dentro do ideário positivista, interessam-nos mais do que as ideias ou intenções do próprio Auguste Comte. Do mesmo modo, isso não significa, como já vimos, pensar em termos de uma “deturpação” mexicana do positivismo: abandonar a ideia de pureza dos cânones e a abordagem textualista significa reforçar a recusa à noção de “ideias fora do lugar”, assim como buscar entender a atuação dos agentes históricos – intelectuais, políticos, revolucionários – que operaram *naquele cenário* com as ferramentas que dispunham *naquele momento*.³⁸ Não por acaso, a metáfora do contexto linguístico como um *jogo* está sempre presente nas obras daqueles historiadores:

Quando um autor efetua um ato dessa natureza [inova sobre um contexto linguístico], costumamos dizer que ele executou um “lance”. A expressão sugere jogo e manobra tática, e nossa compreensão de “o que ele estava fazendo” quando executou seu lance depende portanto, em grande parte, de nossa compreensão da situação prática na qual ele se encontrava, do argumento que ele desejava defender, da ação ou norma que ele desejava legitimar ou invalidar, e assim por diante³⁹

Para esta tese importa pensar o espaço de “lances” em uma partida que não se iniciou com a Revolução. A linguagem política que se reelabora com os revolucionários é composta de uma sequência de *lances*, manobras táticas no sentido de legitimar novas

³⁸ A historiadora Maria Lígia Prado em sua obra *América Latina no século XIX: tramas, telas e Textos* propôs, a partir de outros referenciais (o já mencionado Bronislaw Baczko, assim como Maria Silvia de Carvalho Franco) um esforço intelectual na mesma direção. Ao abordar as obras de José Luís Mora e Esteban Echeverría, a autora afirmava que os escritos dos pensadores oitocentistas correspondiam “às questões políticas colocadas em pauta pela situação histórica de seus países e estavam plenamente adequados à ‘realidade’ da América Latina. Discordo, portanto, da leitura e da construção de certas interpretações que separam e justapõem, de um lado, o ‘purismo’ dos pressupostos liberais e democráticos e, de outro, a ‘crua e violenta realidade latino-americana’”. PRADO, Maria Lígia. **América Latina no século XIX: tramas, telas e Textos**. EdUsp: Bauru. 1999. p.90.

³⁹ POCOCK, J.G.A. Obra citada. p.43

normas em um cenário de tensão. A partir daí dois distintos problemas colocam-se: como podemos definir um “contexto linguístico” e, após décadas do debate a respeito da “morte do autor”, como abordar as intenções ou desejos dos jogadores da partida como Pocock objetiva? Na verdade, estes são dois dos pontos mais criticados em todo o empreendimento dos autores da Escola de Cambridge do Político. João Feres Jr destacou que ao pensar o suposto contexto linguístico, Skinner em especial teria se equivocado ao partir da premissa “de que comunicação oral e comunicação textual não são significativamente diferentes” e que “uma teoria desenhada para a análise dos atos de fala pode ser simplesmente aplicada, sem maiores adaptações, à interpretação de textos”⁴⁰. Além disso, ao buscar entender as diferentes *performances* internas a um contexto linguístico, não podemos esquecer de que são justamente os tais “atos de fala” e suas performances que nos informam sobre a existência do suposto *contexto*. Em outros termos, o contexto não existe como um dado. Ele é a média, a norma que o pesquisador estabelece ao olhar para o passado em busca de um padrão. A procura por recriá-lo, considerando também as diferentes intenções dos jogadores, mais do que um trabalho hercúleo de reconstituição de debates (presentes em diversos tipos de comunicação), pode parecer uma caçada ingênua e ajuda a explicar por que o trabalho de Skinner foi acusado de flertar com o historicismo.

A partir da problemática exposta, seria justo que o leitor se perguntasse por que insistir em usar ferramentas introduzidas pela mencionada tradição acadêmica. A explicação se dá pela noção já abordada de “linguagem política”. Segundo Pocock,

Uma “linguagem” no nosso sentido específico é, então, não apenas uma maneira de falar prescrita, mas também um tema de discussão prescrito para o discurso político. Neste ponto, podemos ver que cada contexto linguístico indica um contexto político, social ou histórico no interior do qual

⁴⁰ FERES JR, João. De Cambridge para o mundo, historicamente: revendo a contribuição metodológica de Quentin Skinner. **Dados** vol.48 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2005

a própria linguagem se situa. Contudo, neste mesmo ponto, somos obrigados a reconhecer que cada linguagem, em certa medida, seleciona e prescreve o contexto dentro do qual ela deverá ser reconhecida.⁴¹

Enquanto a noção de um *contexto linguístico* aparece em meio a um nó de difícil resolução – contexto linguístico ou político (social e histórico) aparecem relacionados, mas autônomos – a definição de *linguagem* é relativamente objetiva. Ela nos ajudará a pensar não apenas o léxico, mas também os temas presentes no discurso político do México revolucionário.⁴² Como reformulou Palti a partir da obra de Pocock⁴³:

Los lenguajes, a diferencia de los ‘sistemas de pensamiento’, no son entidades autocontenidas y lógicamente integradas, sino sólo histórica y precariamente articuladas. Se fundan en premisas contingentes; no sólo en el sentido de que ninguna formación discursiva es consistente en sus propios términos, se encuentra siempre dislocada respecto de sí misma; en fin, que la temporalidad (historicidad) no es una dimensión externa a éstas, algo que les viene a ellas desde fuera (de su “contexto exterior”), sino inherente, que las habita en su interior.⁴⁴

Desta maneira, mais do que buscar as “incoerências” do discurso político do período ou enfatizar a suposta *carência* de doutrinas e ideologias dos revolucionários mexicanos, trata-se de apresentar uma reflexão sobre as linguagens políticas que se articulam e quais as suas implicações para o entendimento do debate político do México no período. As definições acima são, de certo modo, responsáveis pelo *insight* que deu origem a essa tese, permitindo pensar determinadas continuidades no debate político por uma chave mais específica do que a noção mais vaga de “discurso político” ou mais ampla

⁴¹ POCOCK, John. **Obra citada**. p.23

⁴² A abordagem de Pocock, assim como a de Skinner e dos demais autores Escola de Cambridge, tem como um de seus objetivos a crítica tanto às leituras da história das ideias – baseadas na ênfase dos textos canônicos – quanto às leituras constituídas a partir de um contextualismo sociológico, fundadas na sociologia do conhecimento ou no marxismo. SILVA, Ricardo. **“Liberdade e lei no neo-republicanismo de Skinner e Pettit”**, Lua Nova: Revista de Cultura e Política, no.74, São Paulo, 2008.

⁴³ De acordo com Ricardo Silva: “Enquanto Pocock, para a compreensão dos textos do passado, tende a acentuar o papel das linguagens políticas disponíveis no contexto de enunciação, Skinner, para o mesmo fim, tende a dar prioridade para as intenções dos agentes envolvidos na ação lingüística. Em recente entrevista, Skinner reafirmou esta diferença de ênfase”. Idem. *Ibidem*.

⁴⁴ PALTÍ, Elías José. **El tiempo de la política – el siglo XIX reconsiderado**. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2007. p.55

de *cultura política*, apresentada inicialmente. A solução que proponho aqui, porém, é um esforço intelectual com um pequeno desvio no que pretendiam os historiadores de Cambridge ou naquilo que propõe Palti em sua releitura: penso que a noção de uma *linguagem* política enriquecerá nossa leitura se entendida também como um elemento de uma *cultura política*. Deixando de lado os riscos dos excessos da rigidez classificatória do contextualismo – *linguagem*, *sublinguagem*, *langue...* –, noções mais fluidas nos permitem pensar nas hesitações e na polivalência do debate político. Desse modo, temos condições para acompanhar não apenas o vocabulário, temas, performances e os elementos formais do debate político, mas também as representações, ritos e símbolos que, mais amplamente, davam sentido ao sistema político. Como afirmado inicialmente, trata-se, no caso do positivismo mexicano, de pensar sua passagem de uma *linguagem*, originada de uma doutrina filosófica constituída em arma política, para um conjunto de temas e referências mais amplas, uma *cultura política* hegemônica do país que se transformava nos diferentes campos de batalha do início do século XX.

III

A ideia de que a Revolução Mexicana não foi uma ruptura completa com o passado não é nova na historiografia. Pelo contrário, essa tem sido a direção dominante das interpretações dos historiadores nos últimos cinquenta anos. Seja pelo debate historiográfico – que, em uma chave francófila, passa a enfatizar permanências e dá origem ao revisionismo da Revolução Francesa – seja pelos acontecimentos políticos da América Latina e do México nos anos 1960, os revolucionários das duas primeiras décadas do XX passaram a ser vistos sob um novo prisma, que destacou as limitações e as *ausências* do movimento iniciado em 1910.⁴⁵ Em um mundo dominado pela retórica

⁴⁵ A este respeito ver: FUNES, Patrícia. “Revolución en las ideas e ideas de revolución”. **História Mínima de las Ideas Políticas en América Latina**. México: Colmex. 2014.

da Guerra Fria, a Revolução Cubana de 1959 passava a ser a referência da revolução latino-americana nos anos seguintes e, aos poucos, a linguagem política do marxismo reforçava a classificação das revoluções como burguesas/liberais ou socialistas, deixando personagens como o gal. Francisco Villa sem um lugar claro entre as biografias de Oliver Cromwell e Che Guevara.⁴⁶ No plano interno, a geração de intelectuais que, entre outros eventos, assistiu ao Massacre de Tlatelolco em outubro de 1968, tratou de repensar o discurso oficial sobre a Revolução e, com ele, os eventos do início do século sobre os quais o Partido Revolucionário Institucional alegava ter herança direta.⁴⁷ Essa revisão do passado e do discurso político dele parido, enfim, encontrou na institucionalização do partido oficial – inicialmente o Partido Nacional Revolucionário, criado em 1928 – e na centralização do poder do governo Cárdenas parte da origem do Leviatã responsável pelos trágicos eventos ocorridos na Praça das Três Culturas. Dessa maneira, no início da década de 1970, uma série de estudos consolidava um olhar mais do que crítico sobre a versão nacionalista da Revolução de 1910: o chamado revisionismo da Revolução Mexicana construiu, por diferentes caminhos, uma perspectiva pessimista sobre as possibilidades

⁴⁶ No caso do ensino básico brasileiro, chama atenção a maneira como a Revolução Mexicana costuma aparecer nos materiais didáticos de história dedicados ao ensino médio ou fundamental. O tema aparece, frequentemente, como um parêntese dentro das aulas de Guerra Fria e América Latina, próximo de assuntos como a Revolução Cubana e as ditaduras do Cone-Sul nos anos 1970.

⁴⁷ Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer tentam demonstrar que a crise iniciada a partir de 1968 foi muito além da repressão ao movimento estudantil. De acordo com os autores: “A partir de 1968 foram-se enfraquecendo um a um os elementos constitutivos do pacto da estabilidade. A rebelião estudantil daquele ano foi a mais famosa, mas não a única rejeição do monólogo institucional das décadas do milagre mexicano. No curso dos anos setenta, surgiu uma dissidência organizada dentro do movimento operário, a Tendência Democrática, que chegou a congregiar amplos contingentes e a se oferecer, em determinado momento, como alternativa à liderança operária tradicional. Desde 1975 o sistema assistiu a uma progressiva rebelião empresarial e à paulatina organização independente de grupos e capitais que, até aquele momento, haviam estado satisfeitos com a simbiose dos anos do milagre e o desenvolvimento estabilizador. O monólogo institucional foi rompido também pela campanha contra a guerrilha movida nos primeiros anos da década de 1970, uma guerra que teve focos insurreccionais no campo e na cidade, fundamentalmente em Guerrero, com os movimentos de Genaro Vásquez e Lucio Cabañas, e na sequência da repressão de 1968: os grupos urbanos armados cuja ação se associa à Liga 23 de Setembro. CAMÍN, H. A. e MEYER, L. *A sombra da Revolução Mexicana*, Bauru: Edusp, 2000. p.329-30.

de mudança e agência no México insurrecional, assim como nas primeiras décadas do século XX.⁴⁸

Francês e mexicanista, François-Xavier Guerra, autor de *Le Mexique: De l'ancien régime a la revolution*⁴⁹, é provavelmente o historiador que melhor encarna o diálogo entre os debates do revisionismo da Revolução Francesa de 1789 e os da Mexicana de 1910. A esse respeito, ele afirma em um artigo de 1989:

Desde el *Penser la Revolución francesa* de François Furet estamos cambiando mucho nuestra visión sobre lo que es una revolución; yo por lo menos he cambiado. Cada día estoy más convencido que a la revolución es sobre todo un cambio cultural. En este cambio, la palabra misma 'revolución' juega un papel fundamental como parte esencial de un discurso de legitimación, para dar a lo inverso el carácter de un proceso unitario. De ahí que sea muy difícil, más allá del discurso, saber en qué consistió la revolución.⁵⁰

Para o caso da Revolução Mexicana, a classificação “revisionista” não é exata e abarca historiadores com propostas metodológicas muito distintas: entre um Ramón Eduardo Ruiz, um conservador que negou o *status* de Revolução para o processo mexicano, e um François-Xavier Guerra, que pensou nas continuidades de uma modernidade oitocentista, temos uma imensa distância. Apesar disso, em linhas gerais, ainda que em sua diversidade, a versão mexicana do *revisionismo da revolução* opôs-se à ideia de uma revolução capaz de institucionalizar-se, repensou as bases sociais da insurreição e chegou, inclusive, a contestar seu caráter revolucionário. O professor de Oxford, Alan Knight – que define seu trabalho como *antirrevisionista*⁵¹ – sugere a

⁴⁸ O que explica parte da motivação da obra de Alicia Hernández Chaves mencionada CHÁVEZ, Alicia H. *La mecánica cardenista – Historia de la Revolución Mexicana Vol 16*. México – DF, El Colegio de México, 1979 e BENJAMIN, Thomas. “The Leviathan on the Zocalo: Recent Historiography of the Postrevolutionary Mexican State”, *Latin American Research Review*, Vol. 20, Nº3, 1985.

⁴⁹ GUERRA, François-Xavier, *México: del Antiguo Régimen a la Revolución*, México, FCE, 1988.

⁵⁰ GUERRA, François-Xavier “Teoría y método en el análisis de la Revolución mexicana”, *Revista Mexicana de Sociología*, Año 51, Nº2, pp.3-25. 1989. pp.3-25. 1989. p.17.

⁵¹ BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución mexicana – herramientas para la historia*, México – DF, FCE, 2004, p.38.

existência de dois tipos básicos de interpretação revisionista.⁵² De acordo com o historiador, o primeiro tipo, inclinado para um ponto de vista “frouxamente marxista”, concebeu a Revolução e o Estado pós-revolucionário, como instrumentos do desenvolvimento capitalista e da acumulação de capital. Desde a derrota dos limitados movimentos populares de 1910-15, a Revolução teria representado sucessivamente os interesses da burguesia.⁵³ Segundo essa abordagem, as políticas sociais do Estado revolucionário – sobretudo com o governo Cárdenas – serviram para cooptar os movimentos populares, promover a vantagem do capital no mercado interno e subordinar as massas ao Estado: trata-se, nesta interpretação, de uma revolução burguesa.

A segunda variante da tese de continuidade revisionista destacada por Knight, a chamada abordagem *estatista*, concede uma autonomia considerável ao Estado e, conseqüentemente, tende a introduzir conceitos problemáticos como “bonapartismo” e “populismo”.⁵⁴ Segundo o autor, neste debate enquadra-se Arnaldo Córdova, seu maior ícone. A ênfase da abordagem marxista de Córdova dá-se sobre o fortalecimento do Estado. Tal abordagem desenvolve-se ao longo de suas obras *La ideología de la Revolución Mexicana* e *La política de masas del cardenismo*.⁵⁵ De acordo com essa variante revisionista, a chave para a compreensão da formação do estado revolucionário reside na continuada manipulação das massas, o que Córdova denomina como a “*política de las masas*”, que, para o autor, organizou operários e camponeses em grupos isolados para influenciarem a política, mas também para serem dependentes do estado nacional

⁵² Knight desenvolveu tal classificação a partir da historiografia sobre o cardenismo. Penso que também pode ser aplicada à Revolução, visto que muitas vezes não houve uma dissociação dos temas. KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?” *Journal of Latin American Studies*, Vol. 26, N°1, 1994, pp.73-107 p.74.

⁵³ KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?”. Obra citada. p.74-5.

⁵⁴ Tal como afirma Alan Knight: “Here, the catch-all concept of ‘populism’ – which tends to lump Cárdenas with Vargas, Perón, and others – may be more trouble than it is worth”. KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?”. Obra citada. p.82.

⁵⁵ CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la revolución mexicana - La formación del nuevo régimen*. México: Era, 1972.

paternalístico.⁵⁶ Segundo essa interpretação, a Revolução atuou para a subordinação das classes populares ao poderoso Estado revolucionário.⁵⁷

A radicalização das interpretações revisionistas deu-se de maneira exemplar entre os anos 1970 e 1980 com obras como a de Ramón Eduardo Ruiz, que em *México: La gran rebelión*⁵⁸, como o título da obra indica, negou o *status* de revolução à insurreição iniciada em 1910. Praticamente toda a sua argumentação está baseada em uma suposta continuidade no plano econômico das primeiras décadas do século XX. O autor define Revolução como uma catarse social que culmina na total subversão do modo de produção⁵⁹, numa perspectiva de desenvolvimento histórico que possui um sentido teleológico claro: as sociedades do modo de produção capitalista foram instituídas por revoluções burguesas, e tal modo de produção só poderia ser substituído pelo socialismo marxista. Como o México já era um país capitalista, o autor descarta a viabilidade de uma revolução burguesa e, como o país também não se tornou socialista, esgotam-se as possibilidades de uma verdadeira revolução⁶⁰. Segundo Ruiz, portanto, a chamada “Revolução Mexicana” teria sido apenas uma rebelião, ainda que de grandes proporções. De acordo com o autor, os generais Emiliano Zapata e Pancho Villa, por exemplo, não só não tinham condições de propor mudanças estruturais, como não tinham tal intenção, pois

⁵⁶ CORDOVA, Arnaldo. **La política de las masas del cardenismo**. México: Era, 1974. p.58.

⁵⁷ Tese similares à de Córdova foram desenvolvidas, entre elas a de Octávio Ianni em *A formação do estado populista na América Latina* (São Paulo, Ática, 1989). Ianni, porém, substitui a “*política de las masas*” pelo problemático e inchado conceito de populismo. A autora Alicia Hernández Chávez, por sua vez, chega a negar por completo a pressão exercida pelos camponeses sobre o governo. Segundo a autora, por exemplo, Cárdenas não chegou à presidência ou superou Calles pela força dos trabalhadores nem descontentamento dos campesinos. Ele nem mesmo teria precisado ou podido utilizar a “*política de las masas*”. Segundo Chávez, Cárdenas forjou uma aliança que marginalizou e excluiu elementos políticos, consolidando sua base com *caudillos* regionais não-callistas, agraristas e líderes sindicalistas. Assim, o poder não residia nas organizações populares, no PRM nem mesmo na presidência isoladamente, permanecia onde esteve durante duas décadas: com os generais, os governadores e políticos. CHÁVEZ, Alicia H. **La mecánica cardenista – Historia de la Revolución Mexicana Vol 16**. México – DF, El Colegio de México, 1979 e BENJAMIN, Thomas. “**The Leviathan on the Zocalo: Recent Historiography of the Postrevolutionary Mexican State**”, *Latin American Research Review*, Vol. 20, Nº3, 1985, pp.195-217

⁵⁸ RUIZ, Ramón Eduardo. **México: La Gran Rebelión – 1905/1924**. México, Era, 1984.

⁵⁹ Idem. p.17.

⁶⁰ KNIGHT, Alan. “The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or just a ‘Great Rebellion?’” **Bulletin of Latin American Research**. Vol. 4, Nº2, 1985. pp.1-37. p.02-03.

estavam “longe de ser revolucionários”⁶¹. Como Córdova, Ruiz, então, conclui que as massas insurretas, incapazes de se organizarem politicamente – com a exceção dos camponeses de Morelos – passaram a ser manipuladas pelo novo Estado. Como podemos observar pela recorrência da ideia de *manipulação* nessas interpretações, a chave para pensar as continuidades entre o Porfiriato e o Estado Revolucionário está em uma estrutura econômica e política que teria mantido no poder uma elite apartada de camponeses e operários, incapazes de fazerem valer seus interesses.

Na segunda metade dos anos 1980, num ponto de viragem do debate historiográfico, Romana Falcón Vega afirma que, a partir dos estudos regionais, a historiografia do revisionismo fragmentou a visão que possuíamos da Revolução Mexicana e do Estado que se instituiu a partir dela e agora a observamos como quem olha para um caleidoscópio.⁶² “A Revolução” como processo único não mais ocupava a mente dos historiadores e, assim como se deu com historiografia do restante do globo, as escalas e objetos do historiador se transformaram⁶³. Nesse sentido, a partir da década de 1980 e 1990, os diálogos com novas historiografias contribuíram para reinterpretações do passado mexicano: uma revisão do revisionismo⁶⁴. Podemos destacar, sobretudo, os

⁶¹ RUIZ, Ramón Eduardo. **Obra citada**. p.302.

⁶² FALCÓN VEGA, Romana “Las Revoluciones Mexicanas de 1910”, **Mexican studies / Estudios Mexicanos**, I, Nº2, 1985.. p.363.

⁶³ Mark Gilderhus e Falcón Vega abordam o fato de que a maioria dos novos trabalhos enfoca “microcosmos”; questões regionais e também de gênero, relações diplomáticas e política informal. Ninguém mais trata de uma revolução geral, mas de múltiplas revoluções, “cada una con sus diferentes raíces, protagonistas, ideales, alcances y enemigos”. FALCÓN VEGA, Romana. Obra citada. p.363. e GILDERHUS, Mark T. “Many Mexicos: Tradition and innovation in the recent Historiography”. *Latin American Research Review*, Vol. 22, Nº1, 1987. pp.204-213. p.205. Linda Hall, porém, acrescenta: “Indeed, all these studies lead to approximately the same conclusion. The Mexican Revolution, begun for a variety of motives of which the most compelling for the masses was agrarian reform, had led ultimately to the reinstitution of a strong central state.” HALL, Linda. “The Mexican Revolution and its Aftermath: Perspectives from Regional Studies”, *Mexican Studies / Estudios Mexicanos*, Vol. 3, Nº2, 1987, pp.413-420. p.419.

⁶⁴ Muitos historiadores passaram a abordar esta temática, principalmente a partir dos anos 80. Falcón Vega asseverou já em 1985 que “...se siente ya la necesidad de revisar el revisionismo y de crear una nueva imagen totalizadora que englobe las aportaciones hechas en los últimos años. Seguramente, la nueva síntesis implicará recuperar parte importante del legado de los clásicos”. FALCÓN VEGA, Romana. “El surgimiento del agrarismo cardenista – Una revisión de las tesis populistas”, **Historia Mexicana**, Vol. 27, Nº3, 1978. pp.333-386 p364. Uma das primeiras referências sobre o assunto parece ser BAILEY, David C. “Revisionism and the Recent Historiography of the Mexican Revolution”. **Hispanic American Historical**

estudos da nova história social e cultural, com interessantes discussões metodológicas sobre a utilidade destes referenciais⁶⁵.

Revisionismo não é, como pensei ingenuamente nos inícios da pesquisa de graduação, um termo meramente descritivo: muitos autores das últimas décadas que repensaram as abordagens sobre o tema não aceitam ser enquadrados como revisionistas. Estes historiadores têm dado ênfase à descontinuidade, ao radicalismo e à especificidade da Revolução. Neste aspecto, pode-se destacar as obras de Nora Hamilton, Knight e, em certa medida, o clássico militante de Adolfo Gilly.⁶⁶ A busca de retomar uma síntese da Revolução implica, segundo autores como Falcón Vega⁶⁷, recuperar parte do legado dos clássicos negados pelo revisionismo, pois, para pensar o conjunto do processo revolucionário, a ênfase estaria novamente nas rupturas em relação ao Porfiriato e na aproximação entre as diferentes regiões.⁶⁸

Review. Vol. 58. Nº1. 1978. Contudo, o debate ganhou novos contornos com outras influências historiográficas. Ver: VANDERWOOD, Paul J. Obra citada. Catherine Héau Lambert e Enrique Rajchenberg também propõem um reexame do revisionismo. De acordo com os autores: “A través de esta diversidad de contextos revolucionarios, la historiografía pudo desbaratar los simplismos dualistas que explicaban la revolución como el enfrentamiento frontal de una clase contra otra mediante la reducción de una variedad de situaciones de clase a proletarias o a burguesas. (...) La tan impugnada bipolaridad clasista devino en la construcción de una bipolaridad culturalista en que se enfrentan dos mundos culturales: el tradicional y el moderno. (...) El revisionismo subvirtió el orden historiográfico de un pasado hecho de héroes y mitos. Los *enfant terribles* de la historia de bronce hicieron su aparición. Mas en la subversión se produjeron, y tal vez se seguirán produciendo al calor de la moda revisionista de la época, no sólo reinterpretaciones, sino muchas veces simples inversiones.” HÉAU LAMBERT, Catherine e RAJCHENBERG, Enrique. “La leyenda negra y la leyenda rosa en la nueva historiografía de la Revolución Mexicana”, *Revista Mexicana de Sociología*, LIV, Nº3, 1992. p.187.

⁶⁵ Como demonstra o número especial da *Hispanic American Historical Review: Mexico's New Cultural History: ¿Una lucha libre?* dedicado a este debate (HAHR, Vol. 79, Nº2, 1999) seguido do artigo de Alan Knight que avalia esta discussão: “Subalterns, Signifiers, and Statistics: Perspectives on Mexican Historiography”, *Latin American Research Review*, Vol. 37, Nº2, 2002. Novas abordagens e debates historiográficos, como os produzidos por Alan Knight, têm permitido há algum tempo reflexões originais sobre a historiografia da Revolução e do México das primeiras décadas do século XX; Paul Vanderwood afirma: “Because of his [Knight] research and analysis, no student of the revolution should ever again feel comfortable referring to its participants as simply ‘the masses’.” VANDERWOOD, Paul J. Obra citada. p.162.

⁶⁶ HAMILTON, Nora. *The Limits of State Autonomy – Post-revolutionary Mexico*. Princeton, Princeton University Press, 1982; KNIGHT, Alan. Obras citadas.

⁶⁷ FALCÓN VEGA, Romana. **Obra citada.** p.364.

⁶⁸ Alguns historiadores passaram a criticar desde a década de 1980 o pequeno número de sínteses sobre a Revolução, o que denota, segundo eles, as dificuldades encontradas em articular os estudos regionais com reflexões mais amplas sobre o assunto. Ver: HART, John M, “Historiographical dynamics of the Mexican Revolution”, *Latin American Research Review*, Vol.19, Nº3, 1984, pp.223-231

É por conta do cenário da historiografia esboçado acima que, ao iniciar a reflexão que se segue, detive-me, por tempos, com a preocupação de que, de alguma maneira, esta seria mais uma tese revisionista e que, ainda que despropositadamente, seu argumento geral deixaria eventuais leitores com a sensação de que todas as mudanças são superficiais e abordo aqui um mundo de imobilidade. Afinal, enfatizar as permanências entre o Porfiriato e o México que nasceu da Revolução é traço marcante do revisionismo: acentuar quaisquer continuidades em um período sempre referido como de ruptura pode, de fato, dar margem às interpretações de uma certa inércia histórica. Definitivamente, não é o que pretendo.

Se a ênfase nas permanências é comum a esta reflexão e às abordagens do revisionismo, por que, então, a pretensão de não vincular meu trabalho a essa importante tradição de autores?⁶⁹ Inicialmente, por acreditar que muitos desses autores, por motivações evidentes do presente, contribuíram para minimizar a participação popular não apenas no processo revolucionário, mas também na pressão sobre as lideranças das décadas de 1920 e 1930. Além disso, do ponto de vista metodológico, essa historiografia partiu de uma visão idealizada de outras revoluções – a Francesa e a Russa, sobretudo – e, com isso, apontou uma série de “ausências” nas transformações vividas no México do início do XX. Finalmente, a não vinculação também se dá pelo esforço da síntese que se apresenta contra a corrente de estudos minuciosos de escopos cada vez mais reduzidos no tempo e no espaço. Este trabalho se esforça em realizar algum apanhado histórico, e a partir das pistas, retalhos e conceitos esboçados aqui, tentarei demonstrar, nos capítulos seguintes que tanto o discurso oficial e centralizado do “governo da Revolução” quanto

⁶⁹ A questão me foi colocada pelo professor Luiz Estevam de Oliveira Fernandes em meu exame de qualificação, a quem agradeço muitíssimo os apontamentos. Acredito que a resposta é necessária e fundamental para a articulação da presente tese.

o de seus opositores “radicais” eram constituídos a partir de operações complexas com uma linguagem que articulava uma simbologia compartilhada.

Ainda assim, a ideia de propor qualquer relação entre a linguagem e a cultura política que davam sustentação às ideias dos revolucionários Luis Cabrera ou dos membros do *Ateneo de la Juventud* e a intelectualidade positivista porfirista mexicana pode parecer polêmica. Afinal, afirmar que a intelectualidade do regime revolucionário possuía elementos dos *científicos* em sua elaboração política pode soar à busca por retomar o lado mais conservador da abordagem revisionista e desconsiderar as rupturas e transformações dos anos da Revolução. Tentarei provar que não é o caso. A famosa frase atribuída ao general Álvaro Obregón após o triunfo da Revolução, “Nós somos os científicos de amanhã”, foi utilizada pelo revisionismo, assim como na cultura popular, como exemplo de ausência de transformações políticas na Revolução.⁷⁰ Todavia, a partir do instrumental teórico apresentado no ponto anterior, creio que, pelo contrário, a manutenção da mesma “categoria” – *científicos* – em uma realidade que, sem dúvida, foi transformada pode ajudar a pensar as opções políticas do momento, as rearticulações das antigas propostas em uma cultura política que não poderia simplesmente abdicar de todas as legitimidades estabelecidas até então. É necessário lembrar aqui que a Revolução, como tal, também busca restabelecer uma ordem e uma estabilidade, ainda que mítica, perdida no passado. O grupo vencedor da guerra civil de 1915, como sabemos, chamava-se *Constitucionalista* porque afirmava retomar os princípios da Constituição de 1857. Ao mesmo tempo, são evidentes as diferenças entre a constituição assinada pelo grupo de Juárez e a de Don Venustiano Carranza e Obregón em 1917. A retomada dos símbolos da

⁷⁰ Essa narrativa se repete em diferentes suportes, seja na literatura com Carlos Fuentes e sua obra *La muerte de Artemio Cruz*, nos quadrinhos do popular *Rius*, seja na cinematografia de Luís Estrada, em obras como *La ley de herodes* (1999) ou *Infierno* (2010).

Reforma não significou, neste caso, o desejo pela simples manutenção das estruturas pretéritas.

Em um primeiro momento, a escolha por terminar o escopo da tese nos anos de consolidação dos governos revolucionários se deu pelas transformações operadas nos significados do passado revolucionário mexicano e nas mudanças sociais decorrentes destas alterações.⁷¹ Não tenho dúvidas ao afirmar, como argumentarei mais à frente, que ao longo da trajetória da Revolução Mexicana, movimentos como o zapatismo, o governo de Salvador Alvarado ou o cardenismo realizaram transformações concretas naquela sociedade. No entanto, ao contrário do que a retórica revolucionária afirmou – e, talvez, *todo* discurso revolucionário dependa disso – a ruptura com o passado também foi dependente da reorganização dos símbolos de legitimidade do regime anterior.⁷² É este rearranjo ou, antes, os limites dessa ruptura na linguagem e na cultura política a partir da configuração de um novo poder que me interessam aqui. Em sua negociação com os símbolos do passado e os dilemas do presente, lideranças revolucionárias e intelectuais debateram projetos de nação que se articularam em uma linguagem política baseada nos atributos de legitimidade que construíram o México moderno ainda no Porfiriato. Às vésperas da Revolução assim como nos anos seguintes às lutas revolucionárias, um emaranhado de questões do final do século XIX seguiu ecoando naquela cultura política em transformação, tais como o papel reservado à autoridade dos *científicos*, o discurso do progresso positivista, a constituição de uma família *mestiza* e a ideia de uma “redenção” indígena.

⁷¹ PAVANI, Rafael. *A Revolução Mexicana e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*. Dissertação de Mestrado, Campinas, IFCH – UNICAMP, 2009.

⁷² Ideia trabalhada por Reinhart Koselleck em seu ensaio sobre a revolução presente em *Futuro passado* Obra citada. p.70

Os diferentes interlocutores dessa trama tinham projetos e dispunham de ferramentas díspares. Suas tensões foram resolvidas, muitas vezes, nos campos de batalha. Isso não significa, porém, que as diferentes visões para o futuro dos grupos vencedores deixaram de passar por processos de negociação. Enfatizar as negociações e as disputas aqui não nos impede de afirmar que essas relações políticas foram assimétricas, envolveram agentes com maior ou menor poder e foram limitadas, em diversas oportunidades, pela brutalidade das lutas que se desenrolaram. Ainda assim, a partir destes conflitos e negociações, constituíram-se as alternativas políticas, as escolhas mais ou menos conscientes e os espaços de liberdade nos quais se projetaram diálogos mais justos.

Capítulo I

Liberdade, Ordem e Progresso

« Au Sénat, à la Chambre des Députés, les éléments constructeurs, plus ou moins affiliés au Positivisme, ont toujours prédominé et dominent encore »

Manuel Fernández Leal, Ministro do Fomento de Porfírio Díaz.⁷³

A proposta deste capítulo é pensar sobre os elementos que constituíram as bases da linguagem política que se consolidou ao fim do Porfiriato (1877 – 1911), a partir do debate engendrado nos escritos de autores como Gabino Barreda e Justo Sierra, grandes defensores do positivismo e importantes personagens nos jogos políticos do último quartel do século XIX. Enquanto Barreda foi o principal responsável pelo projeto de educação que acompanhou o renascimento da república mexicana, Sierra foi um dos nomes mais destacados do grupo de intelectuais e políticos denominados *Científicos*, considerados pela historiografia clássica do tema como a base de sustentação ideológica do regime de Porfírio Díaz. O destaque do tema da educação se dá aqui por três razões principais: a) é a partir dele que o positivismo de Barreda e Sierra conquistam protagonismo político e b) é com as vitórias destes intelectuais que a interpretação mexicana de Comte, Spencer e companhia dará origem a um fundo de leituras comuns, compartilhada pelos jovens revolucionários de 1910 e, enfim, c) os projetos convergentes de unidade nacional e formação da alma passaram, nas duas épocas, por políticas educacionais.

⁷³ ZEA, Leopoldo, **Conciencia y posibilidad del mexicano**. México: Porrúa, 1952. ver HURTADO, Guillermo. Historia y ontología en México: 50 años de revolución. **Estudios de historia moderna y contemporánea de México**. México ene./jun. 2010. p.180

Em um segundo momento, buscarei apresentar os caminhos pelos quais a retórica científica e a lógica do positivismo mexicano que a acompanha podem estabelecer bases para o discurso revolucionário que viu no Porfiriato sua antítese.

I) Do Dr. Barreda ao Don Porfírio⁷⁴

Em 2018, o recém-empossado presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, dava um tom épico à sua administração ao afirmar que realizaria a *cuarta transformación do México*, por meio de um movimento social que acabaria com a corrupção, enquanto lutaria por justiça social e igualdade. As outras transformações, explicitadas posteriormente – e facilmente deduzíveis –, seriam, em um primeiro momento, as lutas pela Independência realizadas por Hidalgo e Morelos, a Reforma e as mudanças promovidas por Benito Juárez, em um segundo momento, e, finalmente, em um terceiro, os heróis da Revolução Mexicana “*que empezaron a construir el México moderno*”⁷⁵. O último quartel do século XIX não costuma figurar no imaginário político mexicano, a não ser negativamente. Os anos entre 1877 e 1910 são mais do que uma lacuna no discurso de López Obrador, eles compõem o período marcado pelos entraves necessariamente destruídos por Madero, Zapata e companhia que, assim, permitiram a criação do México moderno. Nas palavras do autor da primeira obra de história clássica sobre o Porfiriato: “*Para México, el vocablo porfirismo ha sido, por largos años, una*

⁷⁴ A manutenção de títulos como “*Don*” ou equivalentes ao longo do texto da tese, apesar dos ruídos que pode gerar, é intencional. Longe de buscar legitimar essas figuras no presente, a utilização dos termos e das classificações da época auxiliam a proposta de reconstituir as tramas dos jogos e da linguagem política do período.

⁷⁵ Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2019/08/17/amlo-presidente-de-mexico-apenas-comienza-su-cuarta-transformacion-del-pais/> Acesso em: 04 jan. 2020.

expresión casi técnica de tiranías”.⁷⁶ A ditadura⁷⁷ de Don Porfírio foi, portanto, lembrada pela perspectiva da Revolução triunfante e, assim, durante muitos anos, o imaginário político revolucionário também determinou a pouca atenção dispensada pelos historiadores ao período. Jesús Silva Herzog, historiador, economista e personagem fundamental do México da primeira metade do século XX, simplesmente salta o período entre Benito Juárez e as primeiras manifestações de Francisco I. Madero em sua obra coletânea *De la historia de México (1810-1938) – Documentos fundamentales, ensayos y opiniones*.⁷⁸ Ao mesmo tempo, em seu clássico *El porfirismo – historia de un régimen*, Juan C. Valadés vê o *surgimento de uma nação e de uma economia nacional* nos anos entre 1877 e 1911.⁷⁹ Se, por um lado, não é meu objetivo responder a essa aparente contradição, por outro, acredito que o entendimento do Porfiriato não apenas como a ditadura pessoal de Díaz, mas, também, como o período em que os debates entre liberais e positivistas sedimentaram uma nova cultura política para o país, pode lançar luz aos anos da Revolução e de sua institucionalização. Aqui tratamos aquilo que tenho chamado de armadilhas do discurso revolucionário para o historiador: à história do Porfiriato se

⁷⁶ VALADÉS, José C. **El porfirismo: historia de un regimen**. México: FCE. 2015. p.7 [1940]

⁷⁷ Denominar o Porfiriato uma *ditadura*, repetindo a definição dada pelas lideranças da Revolução de 1910, pode parecer a reprodução do que chamei de cair nas “armadilhas do discurso revolucionário”. Muitas obras, como a coletânea *Visiones del Porfiriato* falam de uma *prolongada administración presidencial*. JANE-DALE, Lloyd. **Visiones del Porfiriato: Visiones de México**. México: Universidad Iberoamericana. 2004 p.9. A mesma posição é apresentada por François-Xavier Guerra. Objeção semelhante foi realizada pelo professor Dr. Leandro Karnal no exame de qualificação da tese. Acredito que, se por um lado, cabe ao historiador entender os limites das possibilidades democráticas oitocentistas, por outro, diante dos efeitos funestos do relativismo no presente, é também função dele restituir, no passado, as lutas e opressões vividas. Se, como afirmou Michel De Certeau, a história cala os mortos que revive, ao falar em nome deles, é importante que o estudioso do Porfiriato lembre-se que a “longa administração” de Díaz, sobretudo no período ininterrupto entre 1884 e 1911, perseguiu e matou jornalistas e vozes dissonantes, massacrando grupos indígenas – o caso dos povos yaquis é o mais famoso – assim como grevistas em diversas ocasiões. Mais do que questionar a legitimidade das eleições, comprovadamente fraudadas e do sistema de indicação dos governadores e apadrinhamentos que partiam de Díaz, trata-se aqui de não tergiversar sobre a violência e o autoritarismo do regime de Don Porfírio, com a esperança de que os historiadores do presente também não se deixem titubear diante das autocracias que assistimos crescer no século XXI. Se nada disso for capaz de convencer o leitor (por algum dilema historicista, talvez), a lembrança de que até mesmo parte dos intelectuais que *defenderam* o Porfiriato o classificavam como uma ditadura deve ser suficiente para resolver a questão.

⁷⁸ SILVA HERZOG, Jesús. **De la historia de México (1810-1938) – Documentos fundamentales, ensayos y opiniones**. México: Siglo Veintiuno. 1985.

⁷⁹ VALADÉS, José C. **Obra citada**. p.11-60.

associou uma série de ideias e símbolos, que, com a queda do ditador, se tornaram etapa superada da história mexicana. O positivismo na política se confundiu com a história da ditadura de Díaz: os *científicos*, intelectuais positivistas porfiristas, são costumeiramente descritos como uma mônada do positivismo mexicano. Com a Revolução, o positivismo mexicano desaparece por completo como elemento a ser explicitado da política nos anos seguintes e da historiografia mexicanista posteriormente.

Definir os termos do debate político no México do século XIX não é tarefa simples. Nem mesmo os binômios típicos e amplos do período, como liberal/conservador, funcionam: na década de 1880, Justo Sierra e Francisco Bulnes, ambos do partido “União Liberal”, se definiam naquele momento como “novos conservadores” ou mesmo “liberais conservadores”. Em que pese a importância original de nomes como José María Luís Mora⁸⁰, o liberalismo mexicano teve diferentes matizes e diálogos atlânticos que o tornaram um termo de difícil definição ao longo das décadas de 1870 e 1900.

⁸⁰ A respeito das afinidades entre a obra de Mora, sua leitura dos princípios liberais e o positivismo crescente nas décadas seguintes à Reforma, Leopoldo Zea afirmou: “En Mora tenemos al mejor exponente de los ideales de la clase que adoptó al positivismo como instrumento de orden. [...] No pretendo decir que Mora haya sido un positivista, un antecedente filosófico del positivismo en México; sino que tan sólo quiero decir que en Mora se anticipan ideas que son como introducción a las del positivismo. No faltan en Mora conceptos como el de *progreso* y el de *positivo*; sin embargo, esto no sería suficiente para considerarlo como positivista a la manera como se considera a Gabino Barreda y a sus discípulos. [...] Mora, a la manera de Gabino Barreda, interpreta la historia de México como la lucha entre dos grandes fuerzas: las de progreso y las de retroceso”. ZEA, Leopoldo, *Conciencia y posibilidad del mexicano*, México, Porrúa, 1952, ver HURTADO, Guillermo. Historia y ontología en México: 50 años de revolución. **Estudios de historia moderna y contemporánea de México**. México ene./jun. 2010.. p.76. Seria possível apontar aqui a leitura compartilhada da obra de Saint-Simon como um dos elementos que aproximavam alguns eixos desse debate que, por diferentes caminhos, pensou em etapas históricas de organização social que submeteram a liberdade à ordem e ao progresso. Em seu estudo já citado, Maria Lígia Prado afirma que Mora “Distinguía na história das nações ‘três graus de civilização’: um estado de infância em que os homens podiam gozar da liberdade civil mas apenas sob a tutela total de seus chefes; num segundo passo, com o ‘desenvolvimento das faculdades humanas’, os homens passariam a ter liberdade administrativa, podendo encarregar-se de dirigir os interesses locais; finalmente, depois dos ‘avanços da civilização e do progresso’, chegaria uma época em que as nações estariam prontas para adquirir as liberdades políticas”. PRADO, Maria Lígia. **Obra citada**, p.86. A noção de progresso saint-simoniana ganhava releituras dos dois lados do Atlântico (com Comte e Mora, por exemplo) e ambas reverberaram no México oitocentista. Apesar da óbvia importância desse debate anterior, que passaria por intelectuais da primeira metade do XIX, o presente estudo não tem condições de ampliar ainda mais seu escopo sob o risco de cair em uma armadilha que transforma o historiador em uma espécie de Sísifo, em um trabalho de busca eterna por raízes de debates político anteriores

Logo após a vitória sobre as tropas de Maximiliano em 1867⁸¹ e a restituição da República e da Constituição de 1857 – considerada marco do liberalismo mexicano por contemporâneos e pela historiografia – temos a restauração da presidência de Benito Juárez, símbolo máximo do liberalismo mexicano. A república renasce, portanto, sob a égide dos princípios liberais e anti-imperialistas daquele momento. Ao mesmo tempo, poucos dias após o fuzilamento do monarca francês, o filósofo mexicano Gabino Barreda, aluno de Auguste Comte, atrairia a atenção do novo regime, ao realizar, em Guanajuato⁸² (sede do governo liberal durante a Guerra da Reforma), sua *Oración Cívica* em que afirmava que “*tan imposible es hoy que la política marche sin apoyarse en la ciencia como que la ciencia deje de comprender en su dominio a la política*”⁸³. O folheto com a transcrição da fala do filósofo que lançava bases para uma nova ordem política no México passou a circular com sucesso entre políticos e intelectuais. Em sua breve reflexão,

⁸¹ Realizar uma nota explicativa sobre a história política mexicana do período é uma tarefa ingrata, dada a quantidade de idas e vindas nas disputas pelo poder. Em linhas gerais, é importante que o leitor se lembre aqui que, diante das disputas entre conservadores, grupo bastante ligado aos interesses da Igreja Católica, e liberais, cuja proposta estava condensada na Constituição de 1857 – não por coincidência, de texto marcadamente anticlerical – a elite política se dividiu em um conflito que deu origem a dois governos paralelos. A chamada Guerra da Reforma, terminou apenas em 1861, com a vitória dos liberais. A prolongada contenda resultou em uma grave crise econômica que, em seguida, se tornou a razão de novos conflitos, inicialmente diplomáticos quando o governo de Juárez suspendeu os pagamentos da dívida externa do país. O impasse gerou uma intervenção das potências credoras europeias no porto de Veracruz, entre as quais a França do Segundo Império assumiu um papel de destaque. Napoleão III, diante do apoio de parte dos conservadores mexicanos, deu então continuidade aos planos do império francês na América, ocupando a cidade do México e a maior parte das grandes cidades e portos mexicanos. Com a coroação de Maximiliano de Habsburgo, teria início o Segundo Império Mexicano, entre 1863 e 1867. Isso não significava, contudo, que a República deixaria de existir por completo. Juárez, Porfirio Díaz e outras lideranças republicanas se mantiveram com suas tropas em resistência ao domínio francês, mudando a capital da república de acordo com os sucessos militares. Finalmente, diante de uma coalizão mais ampla dos liberais e moderados republicanos, assim como do enfraquecimento do poderio francês, as tropas monarquistas seriam derrotadas em 1867. O fim do conflito permitiu que a Constituição de 1857 pudesse ser implementada pela primeira vez desde a constituinte da década anterior. A república mexicana seria, a partir daí, governada por presidentes associados às lutas anti-imperialistas e liberais deste momento. Ver: COSIO VILLEGAS, Daniel (coord.). **História general de México** – vol II. México: El Colégio de México. 1994.

⁸² A este respeito afirmou o historiador mexicano Luiz Gonzalez: “Aquel verano llovedor en que los liberales entraron a la capital de su patria, y Maximiliano, enfundado en su féretro, partió a la capital de la suya, registra otro acontecimiento memorable: un discurso pronunciado por el médico Gabino Barreda, discípulo de Augusto Comte, en la ciudad de Guanajuato, a propósito de la conmemoración del Grito de Dolores. Barreda encapsuló en tres palabras el plan peleado por los liberales: ‘Libertad, orden y progreso’”. GONZALES, Luiz. “El liberalismo triunfante”. In: COSIO VILLEGAS, Daniel (coord.). **História general de México**. México: El Colégio de México. 1994. p.902

⁸³ BARREDA, Gabino. **Oración Cívica**. México: UNAM. 1979. p.6

Barreda realizou a tarefa de aplicar os princípios comteanos para narrar o passado mexicano de acordo com as etapas do desenvolvimento positivista. Em sua leitura do método positivo, afirmava que no enfrentamento evolutivo entre progresso e retrocesso, o que se via era a vitória definitiva da ciência sobre a política, a moral e a religião. Diante da vitória mexicana contra a monarquia imperialista constatava: “*Emancipación científica, emancipación religiosa, emancipación política: he aquí el triple venero de ese poderoso torrente que ha ido creciendo de día en día*”⁸⁴. Ao olhar para o passado e para o presente, Barreda também propunha soluções para o futuro do país que se reconstruía. Segundo ele:

Conciudadanos: hemos recorrido a grandes pasos toda la órbita de la emancipación de México; hemos traído a la memoria todas las luchas y dolorosas crisis porque ha tenido que pasar, desde la que lo separó de España, hasta la que lo emancipó de la tutela extranjera que lo tenía avasallado. Hemos visto que ni una sola de esas luchas, que ni una sola de esas crisis, ha dejado de eliminar alguno de los elementos deletéreos que envenenaban la constitución social. Que del conjunto de esas crisis, dolorosas pero necesarias, ha resultado también, como por un programa que se desarrolla, el conjunto de nuestra plena emancipación y que es una aserción tan malévola como irracional, la de aquellos políticos de mala ley, que demasiado miopes o demasiado perversos, no quieren ver en esas guerras de progreso y de incesante evolución, otra cosa que aberraciones criminales o delirios inexplicables.

Hemos visto que dos generaciones enteras se han sacrificado a esta obra de renovación y a la preparación indispensable de los materiales de reconstrucción.

Mas hoy esta labor está concluida, todas (sic) los elementos de la reconstrucción social están reunidos; todos los obstáculos se encuentran allanados; todas las fuerzas morales, intelectuales o políticas que deben concurrir con su cooperación, han surgido ya.

La base misma de este grandioso edificio está sentada. Tenemos esas leyes de Reforma que nos han puesto en el camino de la civilización, más adelante que ningún otro pueblo. Tenemos una Constitución que ha sido el faro luminoso al que, en medio de este tempestuoso mar de la invasión, se han vuelto todas las miras y ha servido a la vez de consuelo y de guía a todos los patriotas que luchaban aislados y sin otro centro hacia el cual pudiesen gravitar sus esfuerzos; una Constitución que, abriendo la puerta a las innovaciones que la experiencia llegue a demostrar necesarias, hace inútil e imprudente, por no decir criminal, toda tentativa de reforma constitucional por la vía revolucionaria.

Hoy la paz y el orden, conservados por algún tiempo, harán por sí solos todo lo que resta.

Conciudadanos: que en lo de adelante sea nuestra divisa LIBERTAD, ORDEN Y PROGRESO; la libertad como MEDIO; el orden como BASE y el progreso como FIN; triple lema simbolizado en el triple colorido de nuestro

⁸⁴ Idem. p.7

hermoso pabellón nacional, de ese pabellón que en 1821 fue en manos de Guerrero e Iturbide el emblema santo de nuestra independencia; y que, empuñado por Zaragoza el 5 de mayo de 1862, aseguró el porvenir de América y del mundo, salvando las instituciones republicanas.

Que en lo sucesivo una plena libertad de conciencia, una absoluta libertad de exposición y de discusión dando espacio a todas las ideas y campo a todas las inspiraciones, deje esparcir la luz por todas partes y haga innecesaria e imposible toda conmoción que no sea puramente espiritual, toda revolución que no sea meramente intelectual, Que el orden material, conservado **a todo trance** por los gobernantes y respetado por los gobernados, sea el garante cierto y el modo seguro de caminar siempre por el sendero florido del progreso y de la civilización.⁸⁵

A *etapa teológica* do passado mexicano, na explicação comteana de Barreda, foi o período colonial, com o domínio da Igreja Católica na política e dos jesuítas na educação, assim como no espírito mexicano. As lutas iniciadas por Hidalgo e Morelos, levadas a cabo por Iturbide e Guerrero⁸⁶, mas finalizadas somente com Benito Juárez e a expulsão dos invasores franceses na década de 1860, correspondem à *etapa metafísica* do país, marcada pelo caos das “*crisis dolorosas pero necesarias*”⁸⁷, bem como pelas ideias liberais, que combateram o obscurantismo da Igreja. “*Mas hoy esta labor está concluida*”⁸⁸: as lutas para a construção do México, agora em sua *etapa positiva*, estão no passado. Assim, como apontou o filósofo Leopoldo Zea, ao mesmo tempo em que Barreda pede por um regime capaz de trazer ordem e paz por meio da aplicação dos princípios científicos na política, dá ao liberalismo o lugar de etapa superada da história

⁸⁵ Idem. p.18-19

⁸⁶ Tal como acontecera desde a Independência, as disputas ao redor de seus *verdaderos* símbolos seguiam no momento da Reforma. De acordo com Luiz Estevam de Oliveira Fernandes: “Entre 1831 e 1854, a figura mais celebrada foi a de Agustín Iturbide e sua bandeira do exército Trigarante, pois não havia a crítica generalizada ao que se convencionou chamar de “deslize” do general ao nomear-se imperador. Celebrava-se a causa por ele consumada e da qual ele aparecia apenas como líder. Mas com a ascensão do liberalismo na segunda metade do século XIX, a celebração buscou novo herói no padre Miguel Hidalgo e em seus companheiros. A alternativa ao “herói de Dolores” (como Benito Juárez, o presidente da Era da Reforma, se referia a Hidalgo) era a Batalha de Puebla, o que levou à instituição do 5 de maio como feriado nacional.” FERNANDES, Luiz Oliveira. **Patria Mestiza**. A invenção do passado nacional Mexicano (séculos XVIII e XIX). Jundiaí: Paco editorial. 2012. p. 179. A partir do cenário explicado por Fernandes, podemos ver como, Barreda, em seu tom conciliatório, opta por incluir todos os diferentes próceres da Independência como parte das lutas necessárias da etapa metafísica da história mexicana. Assim, criava uma narrativa da Independência que pacificava o presente.

⁸⁷ BARREDA, Gabino. **Oración Cívica**. Obra citada. p.19

⁸⁸ Idem. Ibidem.

do país.⁸⁹ O período de lutas e transformações liberais deveria ser sucedido agora pela etapa construtiva (*positiva*) do novo México.

A ambivalência da linguagem política utilizada na *Oración Cívica*, no entanto, é mais complexa do que uma simples aplicação dos princípios de Comte à história. Do ponto de vista do conteúdo, temos, por exemplo, a Constituição de 1857, símbolo máximo do liberalismo mexicano, pensada como passo da evolução histórica do país e o farol que iluminou o caminho dos patriotas contra os invasores franceses. Isso não faz dela, todavia, um conjunto de princípios imutáveis: ela deve estar aberta “*a las innovaciones que la experiencia llegue a demostrar necesarias*”⁹⁰. O combate ao suposto idealismo dos liberais diante da percepção neutra da experiência realizada pelos positivistas já se coloca de maneira inaugural no discurso de Barreda. A Constituição deverá ser reformada a partir das demandas colocadas pela realidade mexicana, não por princípios “irrealizáveis” e imutáveis dos “românticos” ou “jacobinos”.⁹¹

De uma perspectiva formal, temos verbetes positivistas repetidos à exaustão – “*orden*”, “*progreso*” e “*evolución*” aparecem nove vezes em apenas sete parágrafos –, mas que operam dentro da cultura política do liberalismo mexicano, hegemônica naquele momento.⁹² Assim, o lema comteano aparece aqui com uma notável alteração: Barreda troca *amor* por *liberdade*; “*LIBERTAD, ORDEN Y PROGRESO; la libertad como MEDIO; el orden como BASE y el progreso como FIN*”⁹³. Mas qual o lugar da *liberdade*

⁸⁹ ZEA, Leopoldo. **El Positivismo en México**: nacimiento, apogeo y decadencia. México: Fondo de Cultura Económica. 1968

⁹⁰ BARREDA, Gabino. **Oración Cívica**. Obra citada p.19

⁹¹ Essa era a definição que os positivistas mexicanos davam, geralmente, para os liberais que não se identificaram com a “ciência positiva” dos discípulos de Barreda e Comte, e seguiam uma interpretação “idealista” ou “dogmática” da Constituição de 1857. O argumento central de autores como Barreda e Justo Sierra era o de que a Constituição seria gradativamente reformada a partir das demandas da realidade mexicana. ZEA, Leopoldo. **El Positivismo en México**. Obra citada. p.105

⁹² As obras citadas de Alicia Hernández Chávez e Charles A Hale abordam, por caminhos diversos, a hegemonia das ideias liberais no México do século XIX e XX, como trabalharemos mais enfaticamente a seguir.

⁹³ BARREDA, Gabino. **Oración Cívica**. Obra citada. p.19

nesse novo México? Não se trata de pensar o verbete isoladamente. Ele aparece, não por coincidência, dentro de uma fórmula da linguagem política do positivismo, ocupando o nicho de seu princípio historicamente menos reiterado. De outro modo, poderíamos nos perguntar inicialmente então qual o lugar do *amor* – que no caso brasileiro, por exemplo, foi ceifado no *slogan* da bandeira republicana – na lógica dos positivistas? Se em vários países, como o nosso, o positivismo deu origem ao culto da “religião da humanidade”, o mesmo não se deu no caso mexicano. Para se referir a outro lema comteano, o “Viver para outrem” não foi expressão usual dos escritos dessa intelectualidade e, diferentemente do que aconteceu em países como o Brasil ou Chile, os pensadores mexicanos inspirados em Comte não fundaram igrejas positivistas.⁹⁴ O verbete *amor* aparece uma única vez nas vinte páginas da *Oración Cívica* (“*el amor de la patria y de la libertad*”⁹⁵) e tampouco ocupará espaço relevante nas reflexões de Sierra, Rabasa ou Limantour. Não me parece um acidente que Barreda tenha trocado justamente o mais etéreo dos princípios positivistas pela palavra *liberdade*. O uso do vocábulo confere legitimidade no cenário de triunfo do liberalismo mexicano, permite o debate com a longa tradição liberal e, assim, cria caminhos para dialogar “por dentro” da cultura política hegemônica. Ao mesmo tempo, o sentido que se imprime à palavra *liberdade*, dentro da linguagem política do positivismo, é uma arma no combate aos liberais mexicanos.

Barreda e seus discípulos tomam de empréstimo a liberdade dos constituintes de 1857. Em seu trecho final, após expor a importância da “*plena libertad de conciencia, una absoluta libertad de exposición y de discusión dando espacio a todas las ideas*”⁹⁶, o filósofo mexicano também deixa claro os limites dessa liberdade ao afirmar que “*el orden material, conservado a todo trance por los gobernantes y respetado por los gobernados,*

⁹⁴ ZEA, Leopoldo. **El Positivismo en México**. Obra citada. p.29

⁹⁵ BARREDA, Gabino. **Oración Cívica**. Obra citada. p.16

⁹⁶ Idem. p.18

sea el garante cierto y el modo seguro de caminar siempre por el sendero florido del progreso”⁹⁷. A liberdade corresponde ao espaço de ação de tudo aquilo que não perturba a *orden* e não afeta o *progreso*. Para o patriarca do positivismo mexicano, a manutenção da ordem e da paz garantirá, por si só, todo o desenvolvimento necessário ao país e deve ser, portanto, a prioridade do estado. Assim, a conclusão da reflexão de Barreda não poderia ser outra: caberá aos governantes a conservação da ordem material *a todo custo*. O entendimento mais estreito da noção de liberdade, dependente da ordem e do progreso conclui, neste ponto, uma bem-sucedida armadilha de Barreda para o vitorioso liberalismo mexicano daquele momento: na linguagem política que dá os primeiros passos na década de 1860, *orden* e *progreso* são valores absolutos enquanto a *liberdade* será sempre circunstancial, utópica ou uma meta distante.⁹⁸

⁹⁷ Idem. Ibidem.

⁹⁸ Em outro texto de Barreda, de quatro anos antes, “De la educación moral”, o filósofo leva a cabo mais claramente a missão de definir o *sentido verdadero de libertad*. O texto que circularia como opúsculo sobretudo após os sucessos de Barreda como responsável pela reforma do ensino, aponta para uma reflexão em que o autor busca articular a noção positivista de liberdade à importância da educação e ao inevitável progreso trazido pela ordem. Segundo ele, “Representase comúnmente la libertad, como una facultad de hacer o querer cualquiera cosa sin sujeción a la ley o a fuerza alguna que la dirija; si semejante libertad pudiera haber, ella sería tan inmoral como absurda, porque haría imposible toda disciplina y por consiguiente, todo orden. Lejos de ser incompatible con el orden, la libertad consiste en todos los fenómenos, tanto orgánicos como inorgánicos, en someterse con entera plenitud a las leyes que los determinan. Cuando deo caer un cuerpo sin sujetarlo ni estorbarle de otro modo su marcha, baja directamente hacia el centro de la tierra con una velocidad proporcional al tiempo; es decir, que se sujeta a la ley de gravedad y entonces decimos que baja libremente. [...]. Otro tanto sucede en el orden intelectual y moral, la plena sujeción a las leyes respectivas caracteriza allí, como en todas partes, la verdadera libertad.[...] Si pasamos al orden moral, veremos que la misma imposibilidad de hacer arbitrariamente las cosas se presenta; el corazón amará siempre lo que cree bueno y rechazará lo que le parece malo sin poder eximirse nunca de esta feliz fatalidad, que es para él su ley como lo es la de la gravedad para el cuerpo de nuestro primer ejemplo: digan lo que quieran del libre albedrío los metafísicos, jamás llegarán a probar qué puede uno amar u odiar arbitrariamente, sin otra norma que un ciego capricho; todo lo que podrá suceder, será que al espíritu se presente como bueno y preferible lo que no lo es, ya sea en virtud del predominio habitual de las malas inclinaciones, o en fuerza de alguna pasión que nos impide juzgar rectamente de las cosas, y de aquí es precisamente de donde resulta la poderosa influencia de la buena educación, que obra justamente abatiendo aquellos y rectificando el juicio, con lo cual, lejos de ponerse un obstáculo a la libertad, no se hace otra cosa que favorecer, como he demostrado, su pleno desenvolvimiento; pues aquí, como en todo lo demás, el arte no consiste en cambiar las leyes naturales, sino en disponer las cosas de manera que el resultado de su inevitable cumplimiento venga a sernos provechoso. Así es que, al tratar de sacar ventajas de estos dos órdenes de funciones que la ciencia y la observación demuestran, no haremos otra cosa que fundar el arte moral sobre una base firme, demostrable y capaz de un continuo e indefinido progreso.” BARREDA, Gabino. **Opúsculos, discusiones y discursos**. México: Conaculta, 2015. p.12 O texto foi originalmente publicado no periódico *El Siglo XIX*, núm 839 em 03 de maio de 1863.

Não é difícil pensar no apelo que a mensagem de Barreda teve para as elites políticas do país. Nas três décadas anteriores, o México havia passado por uma intensa disputa entre liberais e conservadores, dando origem à prolongada guerra civil; foi palco da invasão estrangeira francesa e dos intentos imperialistas de Napoleão III; perdeu metade de seu território para o império ao Norte e passou por uma sucessão de golpes que fizeram com que mais de vinte chefes de estado assumissem o governo em duas décadas. Posto isto, é possível imaginar que os encantos da fórmula que alegava que a *ordem* levaria ao *progreso* não resultavam apenas da capacidade de convencimento dos discípulos de Comte. Os governantes da república que se reinstaurava – e muitos intelectuais – repetiram em unísono o pedido por ordem e paz, condenando alterações abruptas e violentas do sistema político. Assim, se Díaz é o governante normalmente associado aos lemas do positivismo, o herói mexicano Juárez foi o primeiro a ouvir seu chamado.⁹⁹

Ainda no ano de 1867, Gabino Barreda foi incumbido pelo novo governo de presidir a comissão responsável pelas reformas educativas que deram origem ao novo sistema educacional mexicano e à Escola Nacional Preparatoria¹⁰⁰. Em dezembro de

⁹⁹ De acordo com Leopoldo Zea, “El ingeniero Agustín Aragón da entre otros motivos o causas por las cuales Gabino Barreda fue llamado a colaborar en la reforma educativa, la lectura hecha por el presidente Juárez de dicho discurso. ‘Il n’est pas téméraire d’affirmer que la lectura du discours du Dr Barreda décida le président Juárez à l’appeler auprès de lui en qualité de collaborateur’.”. ZEA, Leopoldo. **Obra citada**. p.106. François-Xavier Guerra, por sua vez, afirma a respeito da importância da filosofia de Comte para essa intelectualidade: En este sentido, la tentativa comtiana de poner fin a la “anarquía liberal” concordaba perfectamente con los sentimientos de una gran parte de los liberales mexicanos, cansados de las guerras e impresionados por la distancia creciente entre su país, Europa y, sobre todo, los tan cercanos Estados Unidos. Había llegado el momento de reconstruir al país y asegurar la cohesión de una sociedad que parecía desintegrarse. La filosofía de Comte, surgida del análisis de una situación europea, semejante, pero anterior, venía en buen momento. La ley de los tres estados parecía corresponder perfectamente a la situación mexicana: tras la etapa metafísica, que había triunfado gracias a la victoria de los republicanos, se trataba entonces de pasar a la etapa positiva, en la que la educación y la ciencia permitirían asegurar la cohesión del país y su modernización. **El Positivismo en México**. Obra citada. p.382.

¹⁰⁰ Ningún proyecto educativo, sin embargo, atrajo tanto la atención de intelectuales, “científicos” y público en general como la Escuela Nacional Preparatoria. Las clases dirigentes se identificaron con la ideología positivista que la sustentaba y volcaron su entusiasmo en esta institución que formaba la élite de la inteligencia y preparaba a los profesionistas del mañana. BAZANT, Mílada. **História de la educación durante el Porfiriato**. Colegio de Mexico. 2006. p18

1867, foi promulgada a “Ley Orgánica de Instrucción Pública”, cujo preâmbulo reproduzia a linguagem liberal dos revolucionários franceses: “*Considerando que difundir la ilustración en el pueblo es el medio más seguro y eficaz de moralizarlo y de establecer de una manera sólida la libertad y el respeto á (sic) la Constitución y a las leyes*”¹⁰¹. No mesmo tom, a apropriação dos edifícios católicos de “*San Ildefonso, San Gregorio, ex-convento de la Encarnacion y Corpus-Cristi, iglesia de San Agustin y su Tercera Orden*”¹⁰² reproduzem o nó central da cultura política do México independente, com a disputa entre liberais e conservadores a respeito do papel do catolicismo no país – e a vitória dos primeiros. A presença do positivismo na proposta se faz notar, para além dos conteúdos (com longas polêmicas referentes à supressão da metafísica com os liberais, como José Maria Vigil, classificado como “jacobino”¹⁰³) com a proposta das juntas que seriam responsáveis por eleger um método de ensino que “*sea más práctico: que en lo posible la enseñanza se uniforme, de modo que no haya contradiccion en las doctrinas esenciales de los diversos autores que se sigan en una misma carrera*”.¹⁰⁴

As ideias de ordem do positivismo passavam, assim, a organizar um projeto educacional que marcaria profundamente o México das próximas décadas. Mais do que um plano de ordem e união para o novo regime, a proposta positivista era a do combate às ideologias. Enquanto aos indivíduos era lícito esposar qualquer doutrina que não perturbasse a ordem, para Barreda a sociedade não poderia ter outro ideal que o do progresso. O “conhecimento positivo” não era, portanto, uma doutrina, mas o método de

¹⁰¹ MÉXICO, **Ley orgánica de la instrucción pública en el distrito federal**. Disponível em: https://www.sep.gob.mx/work/models/sep1/Resource/3f9a47cc-efd9-4724-83e4-0bb4884af388/ley_02121867.pdf. Acesso em: 02 jan. 2020

¹⁰² Idem. Ibidem.

¹⁰³ ZEA, Leopoldo. **El Positivismo en México**. Obra citada. O mesmo debate aparece na reflexão de Maria Lígia Prado ao abordar a criação da Universidade Nacional. PRADO, Maria Lígia. Obra citada. pp.103-104

¹⁰⁴ MÉXICO - DF, **Ley orgánica de la instrucción pública en el Distrito Federal**. Publicada en el Diario Oficial de la Federación el día 2 de Diciembre de 1867. Disponível em: https://www.sep.gob.mx/work/models/sep1/Resource/3f9a47cc-efd9-4724-83e4-0bb4884af388/ley_02121867.pdf. Acesso em: 02 jan. 2020

exposição de verdades reconhecíveis por qualquer parte do corpo da sociedade¹⁰⁵. O texto que melhor sintetiza essa noção, talvez pela própria natureza privada e mais direta do documento, é a carta enviada a Mariano Riva Palacio,¹⁰⁶ destacado político liberal. Nela, Barreda enviava seu plano de educação junto de um longo preâmbulo em que explicava suas preocupações e objetivos. Segundo ele, mesmo entre pessoas inteligentes e de boa fé, o que se via no México daquele momento era *“la completa anarquía que reina actualmente en los espíritus y en las ideas, y que se hace sentir incesantemente en la conducta práctica de todos”*¹⁰⁷. De acordo com o filósofo:

No basta para uniformar esta conducta con que el Gobierno expida leyes que lo exijan; no basta tampoco con que se nos quiera aterrorizar con penas más o menos terribles, o halagar con recompensas infinitas en la vida futura, como hace la religión. Para que la conducta práctica sea, en cuanto cabe, suficientemente armónica con las necesidades reales de la sociedad, es preciso que haya un fondo común de verdades de que todos partamos, más o menos deliberadamente, pero de una manera constante. Este fondo de verdades que nos han de servir de punto de partida, debe presentar un carácter general y enciclopédico, para que ni un solo hecho de importancia se haya inculcado en nuestro espíritu sin haber sido antes sometido a una discusión, aunque somera, suficiente para darnos a conocer sus verdaderos fundamentos.¹⁰⁸

¹⁰⁵ Em um trecho a importância da homogeneidade assim como os papéis de gênero na educação ganham destaque: Así se comprende que personas de igual aptitud intelectual, pero que por falta de educación suficientemente homogénea, y además, suficientemente general, dejan presa en su ánimo a toda esa serie de errores a que tan expuestos nos vemos desde nuestros primeros años, principalmente en virtud de la descuidada y fatal educación que hasta aquí se ha dado al sexo femenino, de quien forzosamente recibimos nuestras primeras nociones del mundo y del hombre así se comprende, repito, que personas de igual inteligencia y capaces de raciocinar con igual precisión lleguen, de la mejor buena fe, a conclusiones diametralmente opuestas sobre puntos que a todos parecen igualmente obvios, y observen por lo mismo en la práctica una conducta más o menos opuesta: así se comprende la diversidad de creencias religiosas o políticas: así se explica, en fin, la completa anarquía que reina actualmente en los espíritus y en las ideas, y que se hace sentir incesantemente en la conducta práctica de todos. BARREDA, Gabino. Carta a Riva Palacio. **Pensamiento positivista latinoamericano** / Leopoldo Zea (comp.), Vol. 2, 1980. s/p. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2063472> Acesso: 12 out. 2019.

¹⁰⁶ Do ponto de vista da circulação desse debate, é importante lembrar que a carta foi publicada na Revista Positiva, principal veículo dos positivistas “ortodoxos”. Ao mesmo tempo, esse fenômeno mostra a complexidade de acompanharmos a circulação das ideias desses intelectuais a partir do trânsito que textos supostamente privados poderiam ganhar.

¹⁰⁷ BARREDA, Gabino. Carta a Riva Palacio **Obra citada**. s/p

¹⁰⁸ Idem. *Ibidem*.

A *orden* e o *progreso* são, assim, resultado de uma “conduta prática” uniformizada por um “fundo comum de verdades”. Por isso, quando a obra marcadamente anticlerical de Nicolas Pizarro, *Catecismo Moral*, foi proposta como o texto de moral do curso geral da Escola Preparatória, em 1868, Barreda e sua comissão se viram como árbitros da disputa entre os liberais “jacobinos” e os conservadores católicos – optando pela retirada do texto, considerado igualmente doutrinário. O positivismo mexicano de Barreda, dispensa o caráter mais claramente doutrinário da religião da humanidade: acreditando se abster de qualquer ideologia sem comprovação empírica, pretendia-se evitar o conflito e a desordem, a única ideia que se pretendia defender, lembremos, era a *orden*. O Secretário de Justiça e Instrucción Pública de Juárez, Antonio Martínez de Castro, concordava. Um dos responsáveis pela reforma educativa, ele reconhecia a situação delicada do projeto educativo do país: a necessidade urgente de “moralizar” a população e garantir a democracia apenas seria resolvida com a conquista da paz no longo prazo. Para ele os direitos garantidos pela Constituição de 1857, “*la tolerancia de cultos, la libertad de imprenta, ni ninguna otra de las garantías individuales*” não significariam coisa alguma se faltasse à população “*si les ha de faltar la primera y principal de todas ellas, la seguridad*”.¹⁰⁹

A *Escuela Nacional Preparatoria*, obra de Barreda, foi o local de formação inicial da muitos intelectuais e políticos positivistas mexicanos. Em sua primeira geração, por ali passaram como alunos, mestres ou diretores nomes como Francisco Bulnes¹¹⁰,

¹⁰⁹ ZEA, Leopoldo. *El Positivismo en México*. Obra citada. p.110

¹¹⁰ Na dissertação de mestrado de Valdir Donizete dos Santos Junior, encontramos uma análise da obra de Bulnes e sua obra *El porvenir de las naciones hispano-americanas* (1899). Segundo ele, “Francisco Bulnes publicou um conjunto de obras polêmicas sobre a história mexicana que, já em seus títulos, procuravam explicitar o restabelecimento da ‘verdade’ histórica diante da ‘mentira’ que, conforme esse autor, vigorava nos círculos intelectuais e no senso comum de seu país. Em 1904, escreveu, por exemplo, um livro intitulado *Las Grandes Mentiras de Nuestra Historia*, em que negava alguns dos principais cânones da História Mexicana do século XIX”. SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete. **A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)**, 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. p.34

Francisco G. Cosmes, Joaquín Casasús, José Yves Limantour, Pablo Macedo, Justo Sierra, Roberto Nuñez, Rafael y Emilio Pardo, Porfirio Parra, Rafael Reyes Spíndola, Rafael L. Hernández, Ramón Prida, Miguel Macedo. Mais do que escritores e intelectuais de destaque nas décadas seguintes, estes nomes também tornariam-se relevantes¹¹¹ para a “longa administração” de Porfirio Díaz nas décadas seguintes. À maneira de eulogia, o escritor José Díaz Covarrubias, parceiro de Barreda e secretário de instrução pública do governo de Lerdo de Tejada, dizia em um folheto publicado em 1880:

El porvenir del país parece íntimamente enlazado con esta inmensa reforma; bien pronto los jóvenes educados bajo este régimen comenzarán a apoderarse pacíficamente de la Administración y de la Política, no tardarán en constituir una mayoría preponderante y en excluir definitivamente de toda influencia real **a esos agitadores superficiales, que no pueden concebir el progreso sino en medio del desorden, y a esos retrógrados que no pueden comprender el orden sino en la degradación y el retroceso.** [...] Se espera, pues ver comenzar en México una era de orden, de paz y de progreso, debida a la ilustración y prudencia de la nueva generación que, entrando en la vida política reemplazará allí a esos perpetuos anarquistas que tanto la han desacreditado. **La opinión de todos es que esta regeneración será obra del Dr. Barreda.**¹¹² (Grifos meus)

Os escritos de educadores como Barreda e, em menor medida, Covarrubias, costumam ser lembrados pela historiografia como o de homens preocupados prioritariamente com a educação, não com a política. Talvez essa percepção venha da

¹¹¹ A proporção da relevância dos *científicos* tem sido tema de debate na historiografia. Enquanto historiadores como François-Xavier Guerra e Charles A. Hale deram um peso importante a esta intelectualidade na consolidação do Porfiriato, Alan Knight considera o papel dos científicos na política mais limitado. Segundo ele, “queda bien claro que los científicos, a pesar de su riqueza y contactos, contaban con un poder político limitado y su posición se encontraba siempre condicionada al favor que el propio Díaz les dispensara. Estaban arraigados en la Ciudad de México, en donde cubrían sus posiciones tanto en el gabinete como en el Congreso y en donde manejaban sus asuntos legales y de negocios; con la excepción de Creel y Molina (y quizá Rabasa), no ejercían ningún poder sobre la provincia, aunque su impopularidad no sabía mucho de estas fronteras. Los detestados científicos permanecieron como una élite intelectual y tecnócrata confinada a la metrópoli; su influencia ‘derivaba de la única fuente real de poder, que se llamaba Porfirio Díaz’ [Cosío Villegas, **Vida política**, p.854]. É curioso que um historiador social, tão influenciado por E.P. Thompson como Knight reproduza a interpretação de Cosío Villegas de que Díaz era a única fonte real de poder do porfirismo. Se, talvez, autores como Guerra e Hale tenham exagerado o peso da legitimação política criada pela intelectualidade positivista, por outro, parece faltar nuance à crítica realizada por Knight, que, neste trecho, reduz a pó qualquer reflexão sobre a construção das legitimidades no México entre os anos de 1870 e a Revolução.

¹¹² COVARRUBIAS, José Díaz. **Dr. Gabino Barreda propagador del Positivismo em México**. México: Tipografia de Gonzalo A. Esteva. 1880. p.11

própria defesa realizada pelos discípulos do autor da *Oración Cívica*. Quando do ocaso dos *científicos*, Agustín Aragón, diretor da *Revista Positiva* – principal publicação da intelectualidade positivista – dizia já nos anos da Revolução que “*Gabino Barreda tendió a la progresiva y completa independencia de la vida escolar del poder público, temporal o político*”¹¹³.

Como disse na introdução a respeito do debate sobre a intencionalidade do autor, saber exatamente o que Don Gabino pretendia não é minha preocupação central. No entanto, independentemente dos objetivos dos primeiros pensadores do positivismo mexicano, é possível notar, na citação anterior, que, ao abordar a obra construtiva de Barreda, Covarrubias não deixa de atacar, ainda que sem nomeá-los, aos liberais “jacobinos” – “*agitadores superficiales, que no pueden concebir el progreso sino en medio del desorden*”¹¹⁴ – e aos conservadores católicos – “*esos retrógrados que no pueden comprender el orden sino en la degradación y el retroceso*”¹¹⁵.

Sua mensagem sobre o legado do reformador da educação mexicana é clara: trata-se da criação de um novo e inevitável caminho para o sistema político do país, um caminho em que a *orden*, entendida corretamente, é a prioridade. Nesse sentido, parece-me claro que a obra de Barreda faz parte de um intenso debate político que extravasa as fronteiras das discussões pedagógicas. Em sua célebre *Evolución política del pueblo mexicano*¹¹⁶ (1902) Justo Sierra, que ocupa sempre a ambígua posição de positivista “heterodoxo”, associa enfaticamente a situação e os projetos políticos de Juárez aos planos educativos de Barreda:

¹¹³ Nota em que se conmenora la muerte de Gabino Barreda. *Revista Positiva*, t, XVI, México, 1914. Apud ZEA, Leopoldo. **Obra citada**. p.33

¹¹⁴ *Anuario Biográfico de Contemporâneos. Dia 19 de fevereiro*. BARREDA, Gabino. *La Patria*. México: 20 de fevereiro de 1883 e 21 de fevereiro de 1883. Citado em **La Escuela Nacional Preparatoria Los Afanes Y Los Dias 1867-1910**. Clementina Díaz y de Ovando. UNAM, 2006. p.183

¹¹⁵ Idem. *Ibidem*.

¹¹⁶ A obra era na verdade uma coletânea com dois escritos principais de Sierra e seus colaboradores: *México: su evolución social y política* e *Apuntes para un libro*.

Juárez creía de su deber, deber de raza y de creencia, sacar a la familia indígena de su postración moral, la superstición; de la abyección religiosa, el fanatismo; de la abyección mental, la ignorancia; de la abyección fisiológica, del alcoholismo, a un estado mejor, aun cuando fuese lentamente mejor, y el principal instrumento de esta regeneración, la escuela, fue su anhelo y su devoción; todo debía basarse allí. [...] Y comprendiendo que las burguesías, en que forzosamente se recluta la dirección política y social del país, por la estructura misma de la sociedad moderna, necesitaban realmente una educación preparadora del porvenir, confió a dos eximios hombres de ciencia (uno de los cuales tenía toda la magnitud de un fundador) la reforma de las escuelas superiores; la secundaria, o "preparatoria", resultó una creación imperecedera animada por el alma de Gabino Barreda.¹¹⁷

O trecho de Don Justo reitera uma série de elementos que se tornaram lugares comuns dos planos políticos e pedagógicos do México dos anos seguintes – não apenas durante o Porfiriato. A escola seria a arma contra o fanatismo, a superstição, o alcoolismo e a abjeção moral do indígena. A partir da reforma proposta capitaneada por Barreda, esse também seria o instrumento para a consolidação da ordem, por meio da uniformidade, e, posteriormente, para a criação de uma democracia autêntica. O mais destacado dos *científicos* mexicanos, seguindo os passos de seu mestre à frente da ENP e na criação da Universidade Nacional, buscou formar centros de conhecimento a partir dos quais os valores do “conhecimento positivo” penetrariam pela sociedade mexicana. Como afirmou Sierra em 1894 na conclusão de seu *Catecismo de historia de la patria*, sua proposta era:

formar al pueblo por medio de la educación y del trabajo, para que sepa gobernarse a sí mismo y que haya en la República una verdadera democracia, que es el régimen que se funda en la soberanía del pueblo, y que está establecido por nuestra sagrada Constitución de 1857.¹¹⁸

Se o trecho acima do positivista “heterodoxo” Sierra o aproxima dos liberais “jacobinos”, Don Justo afirmaria em seguida que “*México no podría instrumentar la democracia plena de la Constitución de 1857 sin caer en el riesgo de la anarquía*”. As palavras do discípulo permitem reiterar o ponto anterior sobre o mestre: o positivismo foi

¹¹⁷ SIERRA, Justo. *Evolución política del pueblo mexicano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho. 1977. p.269

¹¹⁸ Idem. pp.428-429.

pensado por Barreda não como um conteúdo – como um tema de erudição, como afirmou Leopoldo Zea – mas como a base para o plano de um novo México e a expressão intelectual de um novo grupo social que passaria a administrar sua política. Em outros termos, um estudo de maior fôlego sobre o tema – definitivamente não é este o caso que se apresenta aqui – parece promissor e permitiria pensar como essa intelectualidade mobilizou suas pautas políticas a partir da educação.

É interessante observar que em nenhum momento do México oitocentista a filosofia de Comte, mas também de Spencer e Mill, foi tratada como objeto de mera curiosidade escolar ou simples novidade a ser debatida em círculos culturais. Foi uma doutrina que se discutiu em praça pública. De acordo com Zea:

Se trata de una doctrina filosófica puesta al servicio de un determinado grupo político y social en contra de otros grupos. El positivismo fue una filosofía utilizada como instrumento por un determinado grupo de mexicanos. De aquí que, en México no sea posible desligar al positivismo de una determinada forma de política y de un determinado grupo social. Los positivistas mexicanos eran muy conscientes de este carácter instrumental de su filosofía. Cuando afirmaban el valor universal de su filosofía estaban afirmando en forma bien consciente el derecho a la preeminencia social de la clase que representaban.¹¹⁹

Se em 1867 ainda vemos a leitura mexicana da doutrina de Comte como uma nova arma no debate político até então dividido entre liberais e conservadores, a partir do final da década de 1870 e, sobretudo nos anos de 1880 e 1890, veremos essa linguagem política tornar-se hegemônica, “a ideologia oficial”, capaz de criar às pautas dos *grandes problemas nacionais* – para utilizar o título da obra de um positivista mais lembrado como precursor da Revolução do que como discípulo de Comte. Dos escritos da geração formada por Barreda nascerá uma nova visão, compartilhada por diversos meios, sobre o futuro (e a história) do México, um conjunto de símbolos do nacional e uma legitimação

¹¹⁹ ZEA, Leopoldo. **El positivismo en México**. Obra citada. p.30

dos ritos políticos que permearam aquela sociedade. Em outros termos, nasceria o domínio de uma nova cultura política.¹²⁰

Creio que seja preciso retomar alguma cronologia da conturbada história política mexicana antes de seguir. Até o início da década de 1870, o histórico de instabilidades do poder central não havia ficado para trás. Em apenas quatro anos (1868-1871), ocorreram sete tentativas de golpes de Estado ou revolução. Dos diferentes desafios lançados à presidência de Juárez, o mais importante deles partiu da rebelião organizada em 1871 pelo general Porfírio Díaz, seu antigo aliado na Guerra da Reforma, assim como na luta contra a invasão francesa. “La Noria”, nome da fazenda de Díaz de onde partiu seu chamado às armas contra a reeleição de Juárez é também o nome dado à sua (derrotada) revolução. O revés do grupo de Díaz, não fora definitivo e muitas tropas rebeldes pululavam pela república em julho de 1872 quando a concessão de uma anistia restrita aos revoltosos, somada à morte do próprio Juárez deu fim ao movimento. A presidência interina de Lerdo de Tejada, ex-presidente do Supremo Tribunal, deu lugar a sua vitória eleitoral sobre Díaz no mesmo ano. Quatro anos depois, entretanto, era a vez de Tejada buscar alterações constitucionais para garantir sua reeleição. A manobra, somada à insatisfação popular e ao desgaste dos conflitos políticos com conservadores e a Igreja Católica nos últimos anos, deram origem a nova rebelião do grupo de Díaz (dessa vez vitoriosa) a partir do “Plano de Tuxtepec” em 1876. Em janeiro de 1877, Don Porfírio emergia como o *caudillo* vitorioso e assumia a presidência dos Estados Unidos Mexicanos. Era o preâmbulo do período mais tarde conhecido como Porfiriato.

Os dois planos revolucionários do grupo de Díaz, sobretudo La Noria, utilizaram-se de uma linguagem semelhante em muitos sentidos àquela dos textos da Guerra da

¹²⁰ HALE, Charles A.. La tradición del derecho continental europeo y el constitucionalismo en el México del siglo XX: el legado de Emilio Rabasa. **Historia Mexicana**, [S.l.], jul. 1998. ISSN 2448-6531. Disponível em: <<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/2403/1929>>. Data de acesso: 16 feb. 2020.

Reforma, pregando o respeito à Constituição, a não-reeleição e o combate às tendências tiranas do executivo.¹²¹ Exemplar dessa linguagem era o lema proposto para o movimento de 1871: “Constitución de 57 y libertad electoral”¹²², assim como o fato de que, no documento de cerca de três páginas, as ideias de *libertad e república* foram mobilizadas em quinze diferentes passagens. Tudo isso permite reiterar a dominância de uma cultura política baseada na linguagem do liberalismo mexicano, como as teses de Alicia Hernández Chávez e Charles A. Hale apontam.

O combate entre *caudillos* historicamente associados às lutas liberais mobilizava um passado comum, articulava uma simbologia compartilhada das lutas dos últimos anos e dava-se, em geral, com as mesmas ferramentas discursivas. Díaz se enfrentou com a tarefa ingrata de questionar, por meio da linguagem política do liberalismo mexicano, a Juárez, ele próprio símbolo do trinfo liberal no México – e na América. Essa difícil equação, ou seja, articular o liberalismo para derrubar um de seus maiores símbolos, parece uma explicação possível para um curioso silêncio ao longo do documento: o nome de Juárez não é mencionado uma única vez, enquanto cinco anos depois, no Plano de Tuxtepec, Lerdo de Tejada é mencionado em seis oportunidades em cerca de três páginas.

A luta contra a tirania, tônica do primeiro documento, é mantida no segundo, mas nele a ênfase se desloca mais marcadamente para a corrupção do chefe de Estado e seus asseclas, assim como para os problemas econômicos do país. Ainda dentro dos grandes temas da linguagem dos liberais mexicanos daquele momento, o nacionalismo e o combate ao imperialismo são fórmulas recorrentes aos dois documentos. Ao abordar a

¹²¹ O plano de La Noria faz questão de colocar o movimento de 1871 na mesma linha de acontecimentos das grandes lutas nacionais anteriores. No que, supostamente, seriam as palavras de Díaz: “Durante la revolución de Ayutla salí del colegio a tomar las armas por odio al despotismo: en la guerra de Reforma combatí por los principios, y en lucha contra la invasión extranjera, sostuve la independencia nacional hasta restablecer al gobierno en la capital de la República”. Disponível em: https://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/archivo/t10/055t10_04_04_PlanNoria.pdf Acesso: 14 jul. 2019.

¹²² Idem. Ibidem.

situação econômica do país e o pagamento de dívidas para Inglaterra e Estados Unidos, o plano de 1876 afirma que “*no merecemos el nombre de ciudadanos mexicanos, ni siquiera el de hombres, los que sigamos consintiendo en que estén al frente de la administración los que así roban nuestro porvenir y nos venden al extranjero*”.¹²³ Talvez seja possível, com algum esforço, considerar neste documento a hipótese do enraizamento do discurso de eficiência administrativa e seu posterior estabelecimento com o lema de “*poca política y mucha administración*” do Porfiriato. Todavia, mais relevante do que conjecturar essa possibilidade no plano de 1876, é apontar para a convenção proposta por Díaz, destinada a reformar as leis e Constituição mexicana. Se no movimento de 1871 a Constituição de 1857 é o documento sagrado das lutas políticas mexicanas, em 1876, apesar de sua designação como “ley suprema”, abre-se uma brecha para mudanças com a proposta de uma reforma constitucional.

Pode-se concluir corretamente a partir dos anos seguintes à *Oración Cívica* que a classe política mexicana não obedeceu ao chamado de Barreda e dos positivistas que consideravam “*inútil e imprudente, por no decir criminal*” às tentativas de transformação pela via revolucionária na nova etapa da história da república. O que não equivale a dizer, contudo, que as armas fornecidas pela linguagem política dos discípulos de Comte foram de todo ignoradas. Nesse sentido, vale a pena chamar a atenção para o Plano de La Noria, que se encerra com o que poderia parecer um contraditório, mas importante chamado à paz e à ordem:

Que los patriotas, los sinceros constitucionalistas, los hombres del deber, presten su concurso a la causa de la libertad electoral, y el país salvará sus más caros intereses. Que los mandatarios públicos, reconociendo que su poderes (sic) son limitados, devuelvan honradamente al pueblo elector el depósito de su confianza en los períodos legales, y la observancia estricta de la Constitución será verdadera garantía de paz. Que ningún ciudadano se

¹²³ Disponível em: <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2773/9.pdf> Acesso em: 12 jun. 2019.

imponga y perpetúe en el ejercicio del poder, y esta será la última revolución¹²⁴ (Grifos meus)

Ignorando brevemente as ironias do destino de um jovem Porfírio Díaz que lutava sob a bandeira da não-reeleição e propunha realizar a última revolução da história mexicana, há uma certa convergência entre a lógica apresentada anteriormente por Barreda e o documento de 1871.¹²⁵ Mais do que propor uma revolução que alega clamar por ordem e paz, o movimento iniciado em Oaxaca reitera ao longo de seu manifesto o desejo pelo início de “*una época de positiva fraternidad*”¹²⁶ e isto não parece ser uma mera coincidência. Do que pude encontrar nos documentos oficiais, essa é a primeira aparição da expressão “positiva” em qualquer manifesto, plano, decreto ou constituição do México do século XIX.¹²⁷ Difícil acreditar que a aparição desse verbete apenas no ano de 1871 seja obra do acaso, após cinquenta anos de debates públicos concretizados em uma infinidade de planos e leis nas idas e vindas entre impérios e repúblicas. Embora seja verdade que seu par, a noção de fraternidade, tenha sido elementar nos debates da

¹²⁴ DÍAZ, Porfírio. **Plan de la Noria. Reforma y república restaurada**. México: Biblioteca del Congreso. p.616. Disponível em:

http://www.diputados.gob.mx/sedia/biblio/virtual/bicentena/doc_hist_inde/04_refo_rep_rest.pdf

¹²⁵ A respeito das ironias, Madero depois afirmaria: “Parecerá que es presunción mía querer saber en estos asuntos más que el General Díaz, quien por tantos años ha' estado al frente de los destinos del país; pero no tengo sino la convicción de que el General Díaz ha visto tan claro como yo _en este asunto, y si no, allí están las declaraciones que hizo á Creelman, y más allá, remontándonos hasta el origen de su gobierno, veremos que si tomó las armas contra los gobiernos de Juárez y Lerdo, fué precisamente porque juzgaba una amenaza para las instituciones democráticas la reelección indefinida de los gobernantes; y esto seguirá sucediendo, mientras no estén organizados los partidos políticos; pero fundados sobre principios que satisfagan las aspiraciones nacionales, y no personalistas, como los que actualmente existen en la República.” MADERO, Francisco. **La Sucesión presidencial de 1910**. San Pedro: El Partido Nacional Democrático. 1908. p.20

¹²⁶ DÍAZ, Porfírio. **Plan de la Noria**. Obra citada. p.613

¹²⁷ Os documentos oficiais considerados aqui são: Constitución Federal de los Estados Unidos Mexicanos de 1824; Las siete leyes constitucionales de 1836; Plan de Ayutla, 1854; Plan de Acapulco, 1854; Ley de Administración de Justicia orgánica de los Tribunales de la Federación, 1855; Estatuto Orgánico Provisional de la República Mexicana, 1856; Ley de Desamortización de Bienes de la Iglesia y de Corporaciones, 1856; Constitución Federal de los Estados Unidos Mexicanos de 1857; Plan de Tacubaya, 1857; Discurso de Melchor Ocampo, 1858. Plan de Ayutla, 1858; Ley de Nacionalización de los Bienes Eclesiásticos, 1859; Ley sobre Libertad de Cultos, 1860; Proclama de Juárez al volver a la Ciudad de México, 1861; Decreto del Gobierno sobre Libertad de Imprenta, 1861. Decreto del Congreso, se declara presidente constitucional de la República a Benito Juárez, 1861. Tratado de Londres, 1861; Tratado de la Soledad y circular anexa; El Tratado de Miramar, Estatuto Provisional del Imperio Mexicano. 10 de abril de 1865; Manifiesto del Presidente de la República al ocupar la Capital, 1867.

Constituição de 1857, seu uso recorrente pelo ideário comteano na expressão “*positiva fraternidad*” pode reforçar o indício da penetração das ideias positivistas naquele momento. Entre o chamado à paz e a ordem, a condenação das revoluções – contraditoriamente afirmada por uma revolução, é verdade – e o uso dos vocábulos da “ciência positiva”, temos uma relevante infiltração naquela cultura política, ou aquilo que Charles A. Hale considerou o início de uma importante transformação no liberalismo mexicano.¹²⁸

II) *La paz efectiva se ha conquistado por medio de la vigorización de la autoridad*

Ao se levantar contra Tejada, o general – *autodeclarado*, diga-se – Porfirio Díaz receberia o apoio de um grupo de jovens intelectuais, discípulos de Barreda e do positivismo comteano, que viam no *caudillo* de Oaxaca o homem capaz de impor a ordem necessária para o progresso mexicano. Com o sucesso da Revolução de Tuxtepec, em 1876, muitos destes escritores, advogados e jornalistas tornariam-se também congressistas do partido liberal. Para além do peso parlamentar, o núcleo desse grupo se reuniria ao redor de uma importante publicação: o periódico *La Libertad*, que – para o desespero dos nominalistas do presente – se autodescrevia com o epíteto de “*diário liberal conservador*”.¹²⁹ Nas páginas do periódico, que, diferentemente de outras publicações, contou progressivamente com dispositivos para sua distribuição em diversos estados da federação, essa intelectualidade expôs seus planos para o país, mas também publicou

¹²⁸ HALE, Charles A. **La transformación del liberalismo en Mexico a fines del siglo XIX**. Obra citada.

¹²⁹ É importante aqui relembrar a reflexão exposta na introdução a partir da nova história do político. Nas palavras de Elías Paltí, a respeito de definições ideais dos conceitos políticos: “Pretender fijarles un sentido determinado implicaría, pues, seccionar su curso histórico efectivo y congelarlo en el punto supuesto en que su ‘verdadero’ significado se encontraría plenamente articulado. La decisión de dónde situar dicho punto, en última instancia, sólo revelaría nuestras propias opiniones sobre, por ejemplo, qué es o debería ser el ‘auténtico’ liberalismo, etc. (...)” PALTÍ, Elías. **La invención de una legitimidad**. Obra citada. p.25.

coletâneas e textos de importantes autores do positivismo, assim como de seu mestre mexicano, Gabino Barreda. O núcleo original deste grupo era formado pelos advogados José Yves Limantour, Pablo Y Miguel Macedo, Rosendo Pineda e Joaquín D. Casasús. Justo Sierra, Enrique Creel e Francisco Bulnes. A partir deste palanque na opinião pública, os jovens liberais-positivistas reforçaram sua perspectiva da necessidade de um poder executivo centralizado forte o suficiente para garantir a ordem, assim como para reformar a Constituição de 1857 que acusavam de “romântica” e “anacrônica”.¹³⁰ Sustentavam que o erro dos legisladores mexicanos era considerar as coisas, não como são, mas como deveriam ser. Reeleitos continuamente ao longo da década de 1880, sobretudo como deputados – ou acessando cargos técnicos e, em raras ocasiões, governos estaduais –, estes defensores de uma política científica disputavam os espaços de poder a partir do parlamento e do debate na imprensa.

Em 1892, o grupo deu origem ao movimento da *Unión Liberal* para justificar a terceira reeleição de Díaz e, ao mesmo tempo, apontar cobranças e reformas necessárias para a solução dos problemas que passariam a dominar o debate político na virada do século XIX para o XX. Enquanto a *Unión Liberal* selou a relação incestuosa destes intelectuais com o que era, cada vez mais claramente, uma ditadura, também deu tamanha projeção nacional para essa intelectualidade que, aos poucos, criaria a opinião incorreta, mas popular, de que estes licenciados faziam do presidente Díaz seu fantoche.¹³¹ Após 1892, quando o grupo passou a ter verdadeiro destaque na política nacional, diversos simpatizantes das ideias positivistas se associaram ao grupo, como é o caso do célebre escritor e político Emilio Rabasa¹³².

¹³⁰ LOMELÍ, Leonardo. “Ciencia Económica y positivismo: hacia una nueva interpretación de la política económica del Porfiriato”. **Visiones del Porfiriato**. P.203.

¹³¹ KNIGHT, Alan. **La revolución mexicana**. Obra citada. p.50

¹³² HALE, Charles A. La tradición del derecho continental europeo y el constitucionalismo en el México del siglo XX: **Obra citada**.

A nova eleição de Díaz também marcou a entrada definitiva destes intelectuais no governo, com José Yves Limantour tornando-se Secretário da Fazenda, principal responsável pelas reformas econômicas da década de 1890 e 1900. Apoiados na noção de que no México, agora na etapa positiva da história, apenas a política realizada cientificamente deixaria de lado as ideologias fraticidas de outrora, diferentes gabinetes de governo passaram a ser formados por essa elite de tecnocratas apelidados de maneira jocosa de *científicos*.

Com o passar dos anos, com as crises econômicas que atingiram o México e com a insatisfação popular com o autoritarismo de Díaz, os *científicos* tornar-se-iam sinônimo de uma oligarquia elitista e, com o trinfo da Revolução de 1910-1911, símbolos inequívocos do Antigo Regime a ser destruído. Entre os revolucionários de 1910 em diante, todo aquele considerado porfirista ou reacionário passaria a ser denominado *científico*. Ao final do Porfiriato, na linguagem popular, *científico* virou um adjetivo para o funcionário público corrupto ou alheio às necessidades da população.¹³³ Não se trata apenas de uma fértil imaginação popular: a aproximação com a ditadura trouxe a vários membros do grupo de Limantour não apenas influência e contatos, mas também um enriquecimento acelerado e pouco explicável por meios legais. Assim, por diferentes caminhos, os *científicos* ficariam cercados por um imaginário de vilanias do qual fez parte o ideário positivista defendido por Limantour e cia. Não é um acidente o fato de que o grupo seja lembrado pelo adjetivo depreciativo, reiterado em uma narrativa *grosso modo* simplista também na historiografia. Poucos grupos da história daquele país foram tão amplamente citados e paradoxalmente tão pouco estudados quanto os *científicos*, como afirmou o economista mexicano Leonardo Lomelí Vanegas.¹³⁴ Deste modo, no início do

¹³³ KNIGHT, Alan. **La revolución mexicana**. p.50

¹³⁴ LOMELI VANEGAS, Leonardo. **Liberalismo oligárquico y política económica**. Positivismo y economía política del Porfiriato. México: FCE. 2018 p.204

século XX, retro e inexoravelmente, o positivismo mexicano tornava-se ideologia sinônima de uma casta de intelectuais apartados das necessidades do povo.

Existem, no entanto, algumas importantes exceções no banco dos réus dos porfiristas da história. As palavras que abrem esse tópico são de Justo Sierra, principal intelectual do positivismo mexicano nas últimas décadas do século XIX. O escritor teve papel central nos movimentos de intelectuais que legitimaram as contínuas reeleições de Porfírio Díaz – as críticas sempre foram sutis e repletas de justificativas históricas para o autoritarismo do *caudillo* – e ocupou os cargos de Ministro da Suprema Corte, assim como de Secretário de Instrução Pública e Belas Artes do governo. Apesar deste histórico, Sierra costuma ser lembrado em certa medida apartado do legado do porfirismo. Em que pese ter se tornado, logo após a Revolução, embaixador do governo de Madero na Espanha e ser o principal responsável pela criação da Universidade Nacional em 1910, essa memória faz de Sierra uma figura menos associada aos *científicos* do que qualquer observador mexicano da última década do século XIX provavelmente pensaria¹³⁵. Em outros termos, o imaginário político da Revolução e do início do século XX não comportou a ideia de um *científico* cujo legado estivesse tão associado às progressistas transformações na educação daquele momento. “*Todos los mexicanos veneran y aman la memoria de Justo Sierra*”, disse Alfonso Reyes em seu prólogo da obra *Evolución política del pueblo mexicano*.¹³⁶ Reyes, intelectual da geração do *Ateneo* – conhecida como aquela cuja crítica suplantou o positivismo mexicano – afirmava sobre o ex-ministro de Don Porfírio: “*Su lugar está entre los creadores de la tradición hispanoamericana: Bello,*

¹³⁵ De acordo com Diego Valadés: “En este y en muchos otros temas había una plena coincidencia entre Justo Sierra y José Yves Limantour, cabeza del llamado grupo de los científicos. Sierra y Limantour sostenían una comunicación personal y epistolar asidua, muchas veces en francés. Ambos eran devotos de la Francia republicana y liberal; tanto así que Sierra invocaba con frecuencia el ejemplo universitario francés, que convirtió en su modelo. VALADÉS, Diego. Justo Sierra y la fundación de la Universidad. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Jurídicas. 2014

VALADÉS, José C. **El porfirismo**: historia de um regimen. México: FCE. 2015

¹³⁶ Prólogo de Alfonso Reyes a: SIERRA, Justo. **Obra citada**.

*Sarmiento, Montalvo, Hostos, Martí, Rodó*¹³⁷, sem citar a relação entre Sierra e Díaz em nenhuma das longas páginas de seu texto de abertura. Parece um paradoxo pensar que, quase consensualmente, a historiografia e a memória popular que viram na Revolução o fim do legado dos científicos afirme em uníssono o peso das heranças de Sierra para a educação e para a política no México. O “liberal-conservador” ganhou uma estante particular para a sua biografia na história mexicana.

Abordar os ideólogos da ditadura de Porfírio Díaz é lidar com a aparente contradição de governos e de intelectuais que negam o papel da ideologia na política. O apaziguamento entre as tendências liberais e conservadoras do porfirismo a partir de 1877, no regime que nascia marcadamente personalista, foi visto como “*el final de la ideologia en México*”, afirmou Alan Knight.¹³⁸ Do ponto de vista do pragmatismo político, tratava-se de apaziguar as dissidências e do ponto de vista dos intelectuais do positivismo, de encerrar as etapas do passado e abandonar as doutrinas românticas ou conservadoras. Segundo Justo Sierra em 1891, “*Nosotros hemos transportado la lucha [política] a otro terreno, al terreno del método científico, que si vale como cincuenta contra la metafísica revolucionaria, vale cien contra la ultramontana*”¹³⁹. O caminho determinado pelo método não era visto como uma terceira via, diante do conservadorismo ou do liberalismo radical, era o único caminho.

Os historiadores Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Fernanda Bastor Barbosa em um estudo que passou por Sierra, entre outros intelectuais, apontaram para as relações entre as narrativas do passado e a pacificação do presente no México da virada do século

¹³⁷ Idem. Ibidem.

¹³⁸ KNIGHT, Alan. **La Revolución Mexicana**. Obra citada. p.41

¹³⁹ BERTANOU, Clara Alicia Jalif. La memoria alegórica: lo visual y lo mágico en Rosamel del Valle La idea de integración hispanoamericana en pensadores decimonónicos. **Revista de Humanidades Mapocho**. Pág. 149 N° 77 Primer Semestre de 2015. p. 34

XIX para o XX. Em sua argumentação, Fernandes e Barbosa destacam o seguinte trecho da obra de Sierra, *La evolución política del pueblo mexicano*:

Sobre ese sentimiento bien percibido, bien analizado por el jefe de la revolución triunfante [desejo de paz], fundó este su autoridad; ese sentimiento coincidía con un propósito tan hondo y tan firme como la aspiración nacional: hacer imposible otra revuelta general. Con la consecución de este propósito, que consideraba, ya lo dijimos antes, como un servicio y un deber supremo a un tiempo, pensaba rescatar ante la historia la terrible responsabilidad contraída en dos tremendas luchas fratricidas [revolta de La Noria e revolução de Tuxtepec]: la sangre de sus hermanos le sería perdonada si en ella e de ella hacía brotar el árbol de la paz definitiva (SIERRA 1940, p. 282).¹⁴⁰

O trecho escolhido expõe Díaz como o chefe triunfante capaz de levar a cabo as aspirações nacionais e reitera os argumentos dos autores do artigo – assim como o que aqui se apresenta – a respeito da perspectiva de Sierra sobre Don Porfírio. Considerando, porém, os aspectos da linguagem e da cultura política que se formava, acredito que também valha a pena atentar para algumas das marcas impressas na explicação de Don Justo, que replicam não apenas o debate intelectual liberal-positivista, mas os próprios planos políticos de Díaz.

A aspiração nacional a que se refere Sierra, “*hacer imposible otra revuelta general*”, era a mesma expressa pelo *caudillo* no plano de La Noria que, em suas palavras finais, afirmava que diante do seu sucesso “*esta será la última revolución*”.¹⁴¹ Embora o verbete *fratricídio*, que dá o tom trágico e sustenta o apoio à figura do general, remeta a uma tradição de debates liberais durante a Guerra da Reforma, parece lícito pensar também como outras fontes, neste caso, os discursos das lideranças políticas como o próprio Díaz, especialmente em momentos críticos, serviram para pautar e produzir novas ferramentas para aquela cultura política.

¹⁴⁰ BARBOSA, Fernanda Bastos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX. **História da historiografia**- Ouro Preto. Nº 7 – nov. /dez. 2011. pp.134-156 p.143-144.

¹⁴¹ DÍAZ, Porfírio. Plan de La Noria. **Obra citada**. p.677

Os planos revolucionários, conhecidos de qualquer estudante da Revolução Mexicana, eram uma prática, constituindo quase um gênero de texto político, desenvolvido ao longo do século XIX. Em formatos de folhetos e, a depender do ferramental do movimento, distribuídos rapidamente – ainda que sempre limitados por questões regionais e pelos níveis de letramento. Parece evidente supor que, apesar das assinaturas e, portanto, da concordância com o conteúdo, o texto raramente possuía uma redação desenvolvida pela própria liderança destacada pelo plano, como foi o caso do Plano de La Noria.¹⁴² Podemos presumir, porém, para o caso dos “anônimos” por detrás do documento, que se tratava de indivíduos próximos o suficiente do poder/do movimento para permitir-nos pensá-los também como figuras do jogo político.

A partir do trecho de Sierra, talvez seja possível apontar mais um elemento significativo da relação entre os *científicos* e Díaz: apesar de profundamente elogioso do *caudillo* triunfante, os interesses de Díaz não *representam* exatamente os da nação: eles *coincidem*. Já sabemos da postura de apoio mais ou menos crítico dos *científicos* em relação a Don Porfírio. No entanto, acredito que valha a pena observar, a título de nota, exemplos da linguagem utilizada por Sierra para se referir a Guerrero e à guerra civil:

como porque la guerra civil debía terminar a todo trance, pero frecuentemente injusto y ciego, acabó con un gran crimen, la ejecución del general **Guerrero, padre de la patria y hombre de intachables sentimientos, representante genuino del patriotismo rural**, candoroso, ardiente y probo, y jamás sanguinario bajo sus auspicias.¹⁴³

E a maneira como descreveu o triunfo de Juárez:

¹⁴² Gabriela Soares Pellegrino debateu a questão da autoria dos planos revolucionários no caso do Plano de Ayala Ver: **Letramento e mediações culturais em “pueblos” indígenas do Centro-Sul do México no século XIX**. História Revista. Goiânia, v.15, n.1. p97-118. jan./jun. O texto atualizado e resultante dessa pesquisa inicial da historiadora encontra-se em **Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina** (século XIX e primeiras décadas do XX). 2014. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

¹⁴³ SIERRA, Justo. **Obra citada**. p.142

A raíz de la elección de Juárez, que fue, como hemos dicho, un gran acto de honra nacional, las manifestaciones esporádicas de la anarquía latente comenzaron; pero a todas se sobreponía un gran esfuerzo del país para vivir en paz y un gran esfuerzo del gobierno por mantenerla.¹⁴⁴

Por diferentes caminhos, na obra de Sierra, o que se afirmava era o apoio condicional a Díaz. No entanto, se o plano de poder da “*Pax porfiriana*” era uma lenta e segura evolução ao futuro, a sociedade do Porfiriato se transformaria rapidamente nos anos seguintes, em certo sentido, por conta de políticas desenvolvimentistas da administração que, segundo parte da historiografia, são corresponsáveis pela revolução que se desenrolaria. Mas também por um fervoroso debate intelectual que passaria a tomar as páginas da imprensa nas últimas duas décadas da ditadura. Como vimos, ao longo das décadas de 1880 e 1890, as leituras e publicações de importantes ideólogos europeus proliferavam nas cidades mexicanas.¹⁴⁵

De acordo com dados levantados por Knight, a proliferação de jornais, publicações e revistas em geral foi extraordinária, saltando de 202 em 1884, para 543 em 1900 e 1571 em 1907.¹⁴⁶ Apesar da limitação no número de leitores, ele era crescente: “*se reconocía que 14% de los mexicanos sabían leer en 1895; para 1910 era 20%. Algunos estados registraban un porcentaje mucho más alto en lo absoluto como en lo relativo: Coahuila 17 y 31%; Chihuahua 19 y 28%; Sonora 23 y 34%.*”¹⁴⁷

Entre as publicações que borbulhavam, duas comporiam os principais caminhos do debate intelectual positivista do Porfiriato: a já mencionada *La Libertad*, criada pelo grupo de Sierra, e a *Revista Positiva*, na qual atuavam os positivistas “ortodoxos” Agustín Aragon e Horácio Barreda. Em comum, ambas as publicações defendiam a pacificação dos grupos acusados de sectários ou anárquicos realizada pela ditadura de

¹⁴⁴ Idem. p.270

¹⁴⁵ COCKCROFT, James d. **Precursores Intelectuales de la Revolución Mexicana** (1910-1913). 6ª edição. Siglo veintiuno ediciones.1980.

¹⁴⁶ KNIGHT, Alan. **La revolución mexicana**. Obra citada. p.76

¹⁴⁷ Idem. Ibidem.

Díaz. Além de notícias e textos opinativos sobre a situação política mexicana, as duas publicações também disponibilizavam espaço para os textos de autores fundamentais para seus leitores como Comte, Spencer e Gabino Barreda. Em *La Libertad*, como vimos, o epíteto “diário liberal conservador” expunha a proposta de superação do antigo conflito entre liberais e conservadores, pois, a partir do método científico, a antinomia não fazia mais sentido:

considerando a la sociedad como un organismo, pues que de órganos se compone, llamamos a su transformación normal, ‘evolución’, y a la anormal, a la que la violencia intenta realizar, a la que es una enfermedad del organismo social, la llamamos ‘revolución’.¹⁴⁸

Como vemos no trecho acima, o combate mais claro, em muitos dos escritos do grupo de Sierra, era contra os liberais “jacobinos”. Isso pode se explicar pela disputa política no cenário de triunfo liberal, reiterado na crença de Don Justo de que o antigo partido conservador, ao manter o reacionário apoio à Igreja, havia cometido um suicídio político.¹⁴⁹ Por isso, em uma elaboração célebre presente em sua *Evolución histórica del Pueblo mexicano*, o escritor afirmava que seria “*un factor de progreso eminentemente benéfico*”, o surgimento de um novo partido conservador, “*dotado de bastante sentido histórico para aceptar serenamente las ideas que informan la sociedad moderna , emancipado suficientemente de las aspiraciones teocráticas del clero*”¹⁵⁰. Esse partido seria capaz de congrega membros de fé católica e as instituições “*libres, produtos de toda la civilización*” e, o mais importante, esse seria um caminho para a transformação

¹⁴⁸ *La libertad*. México: 28 de março de 1880

¹⁴⁹ En suma, el antiguo bando reaccionario ha aceptado el nuevo régimen, y pata una agrupación política tales sumisiones equivalen al suicidio. Casi todos sus antiguos hombres de acción supervivientes subsisten del presupuesto, y considerado colectivamente reconoce la Constitución como ley suprema, y como hecho consumado la Reforma. Ha quedado, pues, extinguido corno grupo político; no existe

¹⁵⁰ SIERRA, Justo. **Obra citada**. p.319

normal das instituições históricas – “*personificada la doctrina que considera al progreso como la evolución del orden*”¹⁵¹ – evitando a anarquia revolucionária dos liberais.

Como mencionado anteriormente, o debate com os liberais deu-se, sobretudo, ao redor da Constituição de 1857. O principal ponto da crítica de Sierra e dos positivistas era à noção, considerada idealista e metafísica, de “direitos naturais” ou “absolutos”. A respeito dos revolucionários franceses, inspirados por Rousseau tal qual os liberais mexicanos, Don Justo afirmou:

...el hombre no es libre en la naturaleza, sino sometido a la infinita complicación de leyes fatales; la naturaleza no conoce la igualdad: la desigualdad es su manifestación perenne, la diversidad es su norma, la fuerza suprema que la resume y unifica existe, pero en lo incognoscible; con el nombre de Dios la invocaban los constituyentes al comenzar su obra.

La libertad, la supresión de los grupos privilegiados y la equiparidad de derechos ante las urnas electorales, que es la democracia, que es la igualdad, no son obra de la naturaleza, son conquistas del hombre, son la civilización humana; provienen de nuestra facultad de intervenir por medio de la voluntad en la evolución de los fenómenos sociales como elemento componente de ellos; no son dogmas, no son principios, no son derechos naturales, son fines, son ideales que la parte selecta de la humanidad va realizando a medida que modifica el estado social, que es obra de la naturaleza y de la historia. **Ningún pueblo, por superior que su cultura, sea, los ha realizado plenamente;** todos, en diferentes gracias de la escala, van ascendiendo hacia ellos y los van incorporando a su modo de ser. (Grifos meus)¹⁵²

Assim, por meio da negação de supostos direitos inalienáveis e naturais, os *científicos* justificavam a conquista gradual dos direitos no México, conforme a ordem e o progresso garantidos pelo governo de Díaz se desenvolvia. Resulta aqui que, tal como planejava Barreda anos antes, para Sierra a *liberdade* é um princípio sempre condicionado ao primado da *ordem* e do *progreso*. É importante ainda notar que uma noção semelhante de desenvolvimento histórico, que condiciona direitos e conquistas sociais ao progresso futuro da sociedade, também se desenvolveria durante à institucionalização da Revolução, nos anos 1920. Como veremos, o entendimento etapista da história mexicana

¹⁵¹ Idem. *ibidem*.

¹⁵² Idem. p.204

– com a promessa de concessões futuras a cada degrau – ganhou novo fôlego Plutarco Elías Calles e se consolidou com Lázaro Cárdenas. Nos dois momentos, o questionamento da ordem dessas etapas no presente, foi considerado uma ameaça a marcha “normal” da história nacional.

Um exemplo de como a repressão durante o Porfiriato se articulava não apenas dos quartéis militares, mas também dos gabinetes dos *científicos* deu-se durante o debate sobre a proposta do governo de mudança constitucional a respeito da liberdade de imprensa nos anos da presidência “tampão” de Manuel González¹⁵³, na primeira metade dos anos 1880. No ano de 1881, o periódico oficial do estado de Michoacán afirmava

Con cierta habilidad política los principales hombres de imprenta, ni que a su ejercicio se le pongan restricciones. Lo que queremos demostrar es, que ha llegado el momento de reprimir los excesos y los abusos de esa índole, sometiendo a los tribunales del orden común los delitos de la prensa, lo mismo que los demás delitos; con lo que terminará de una vez para siempre ese privilegio otorgado a los periodistas.¹⁵⁴

Pouco a pouco, jornais e jornalistas passavam a ser sistematicamente perseguidos. Enquanto muitas das novas publicações independentes se inspiravam em novas correntes filosóficas, como o anarquismo, os positivistas defendiam as ações da ditadura, a partir do argumento que questionava o direito liberal e “dogmático” da liberdade de expressão. O suposto privilégio dos jornalistas residia nas disposições do artigo 7º da Constituição de 1857, que garantia a liberdade de imprensa e, portanto, a liberdade de “difamar”¹⁵⁵, diferentemente do que aconteceria com qualquer outro indivíduo.¹⁵⁶ Assim, em 1883, o poder legislativo realizaria a reforma no artigo:

¹⁵³ Manuel González fora escolhido pelo próprio Díaz como figura incapaz de ameaçar seu retorno à presidência da República. A historiografia concorda com a noção de que mesmo no breve período ausente da cadeira presidencial, Díaz ainda era a figura que detinha o poder.

¹⁵⁴ Periódico oficial, ano VII, num. 294. Morelia, 15 de outubro de 1881. P.3 (apud PINEDA, Adriana. **Las Afrentas a la prensa durante el Porfiriato en Michoacán. Visiones del Porfiriato: Visiones de México.** México: Universidad Iberoamericana. 2004. P.70-90 p.72

¹⁵⁵ Idem. Ibidem.

¹⁵⁶ Idem. p.73

Es inviolable la libertad de escribir y publicar escritos de cualquier materia. Ninguna ley ni autoridad puede establecer la previa censura, ni exigir fianza a los autores o impresores, ni coartar la libertad de imprenta, que **no tiene más limite que el respecto a la vida privada, a la moral y a la paz pública**. Los delitos que se cometan por medio de la imprenta, serán juzgados por los tribunales competentes de la Federación o por los de los Estados, los del Distrito Federal y Territorios de Baja California, conforme a su legislación personal”.¹⁵⁷ (Grifos meus)

Os novos limites dados à liberdade de imprensa criavam o marco legal para a repressão dos dissidentes. Diante do culto à ordem do Porfiriato, os jornalistas não tinham clareza do que poderia ser considerado um atentado à moral e à paz pública.¹⁵⁸ Com a decisão federal, replicaram-se inúmeras medidas estaduais para a censura e a perseguição de jornalistas – com o apoio dos periodistas de *La libertad*.¹⁵⁹

Além de condenar o conteúdo dos jornais independentes, começava também uma nova campanha contra o que era uma prática exemplar do trânsito entre oralidade e escrita nas ruas das cidades: a atividade dos jovens jornaleiros que anunciavam, aos gritos, o conteúdo de seus periódicos. Essa prática comum, que se desenvolvia juntamente da imprensa do século XIX, passou a ser alvo de censura e, a partir de 1903, proibição, conforme proliferavam os periódicos independentes críticos do Porfiriato. Nas páginas de *La Libertad*, os jornalistas apresentavam sua suposta preocupação com os jovens que “*en busca de una ganancia exigua – e iban – por lugares públicos a contaminarse de palabras y de actos que no convienen a sus corazones*”.¹⁶⁰ Dias depois, no mesmo periódico, o advogado Mariano Corona justificava a ação do governo:

La privación absoluta del ejercicio de una profesión es una verdadera pena, que solo puede imponerse, previo juicio en forma. Pero no se considera

¹⁵⁷ Periódico oficial de Michoacán, año 9, num. 460. Morelia, 2 de jun. 1883, p.1

¹⁵⁸ PINEDA, Adriana. **Obra citada**. p.83

¹⁵⁹ Idem. p.84 Se a informação parece contraditória, é interessante lembrar que durante o governo Cárdenas houve mobilização popular e operária contra a liberdade de expressão e em apoio ao governo progressista do general michoacano.

¹⁶⁰ PINEDA, Adriana. **Obra citada**. p.85 *La libertad*, t12, n31, Morelia, 22 jul. 1904. P5

como ataque al ejercicio de una industria, el dictar la autoridad competente reglas respecto a ella **en bien de la higiene, de la seguridad pública** o del ornato de las poblaciones.¹⁶¹ (Grifos meus)

O pensamento positivista não apenas justificava as medidas autoritárias de Díaz: dava forma aos inimigos da ordem. A década de 1890 marcaria, ao mesmo tempo, o estabelecimento dos *científicos* junto à ditadura, assim como o crescimento das críticas ao autoritarismo de Don Porfírio. O documento mais simbólico deste momento e, talvez, da história dos *científicos* é o *Manifiesto de la Unión Liberal*, de 1892. Ao longo do folheto, nomes como Sierra, Bulnes e Limantour reiteraram o apoio à terceira eleição de Díaz, reforçaram sua adesão à decisão de reformar o artigo 7º da Constituição e tentaram condicionar seu apoio a algumas mudanças no governo, como a maior independência do judiciário e a criação da vice-presidência. A argumentação tentava convencer o público de que o reiterado suporte ao *caudillo* não significava descompromisso com a democracia, mas, antes, buscava evitar novos conflitos que colocariam por terra todo o progresso dos últimos anos. Os deputados e escritores advogavam em nome da continuidade do crescimento econômico, do progresso material que seria responsável, no futuro, pela consolidação da democracia, e que, assim, poderia se dar sem a figura de um homem essencial. O manifesto clamava pela criação de um novo partido:

Logrado esto plenamente, comprendía que, para mantener su carácter de partido nacional, precio de su sangre, que en la lucha contra la intervención extranjera lo identificó para siempre con la Patria, **necesitaba tornarse en Partido de Gobierno**, ceder en beneficio del orden su tendencia al movimiento político incesante y agruparse en torno de sus jefes encargados del poder, y para permitirse realizar la aspiración suprema del país a la paz, al trabajo y al progreso.

Sólo así, la democracia mexicana, momentáneamente concentrada en las grandes crisis de nuestra historia, pero ordinariamente sin cohesión y difusa y en estado de materia orgánica, más bien que de organismo completo, podía, por el desenvolvimiento de las fuerzas económicas y sociales de la Nación, llegar al grado de evolución que revela para los que saben y quieren ver, el hecho solo de la reunión de esta Asamblea.

[...]

Nuestros votos, por tanto, pueden concretarse a este pensamiento: **la paz efectiva se ha conquistado por medio de la vigorización de la**

¹⁶¹ **La libertad**, t 12, n 35, Morelia, 19 agosto de 1904. P.1

autoridad; la paz definitiva se conquista por medio de su asimilación con la libertad. Hablamos de la libertad política, salvaguardia de las otras, cuya garantía está en el respeto a la opinión. Esta debe buscarse, sobre todo, en el resultante de las múltiples manifestaciones de la prensa.

El Partido Liberal no volverá nunca sobre la reforma del artículo séptimo de la Constitución, que suprimió un privilegio insostenible en derecho y que en el hecho se había convertido en peligro no político, sino social.

Mas no vacilaría para mayor resguardo de las más preciosas libertades democráticas, en modificar las legislaciones penales sometiendo los delitos de Imprenta al jurado común.

Realizar estos votos no es obra de un hombre ni de un gobierno; los es del Partido Liberal entero por medio de sus grupos locales, de sus representantes en los poderes de la federación, de sus órganos ante la conciencia del país.

Por ello, en conjunto, exige garantías de éxito, de esas que todo un pueblo conoce y en que toda una generación confía.

A este profundo movimiento del ánimo y la esperanza públicos, a esta confianza íntima del país, a este mandato imperativo de la opinión, ha obedecido con un acto unánime de la Convención Nacional Liberal, eligiendo por candidato en el próximo cuatrienio presidencial, al C. General Porfirio Díaz.

Así lo esperaba y así lo exigía, interesada y reflexivamente, la República.

El hecho innegado de que el nombre de la Nación escribirá en su cédula electoral, es el del C. General Porfirio Díaz, debe ser para nuestro candidato motivo de legítimo orgullo; pero también de gravísima preocupación.

Porque no es un premio; la República ha dado al General Díaz cuanta recompensa puede un pueblo libre conceder a un hombre: es una responsabilidad tanto mayor cuanto el honor es más crecido, y es el más crecido de todos.

En los países nacidos a la libertad por su origen y por su historia, y nutridos en la libertad, como el país de Washington, una reelección reiterada sería caso imposible; pero puede ser, pero es necesaria, por un motivo extraordinario, en las naciones de la condición política de la nuestra.

Sólo que este mandato tres veces renovado, es de un desempeño más difícil que nunca en el período próximo, porque a él toca la justificación definitiva de los otros.

La democracia mexicana no abdica, pues sino que obliga; no dudamos que el elegido comprenderá la inmensa trascendencia del deber que se le impone y se mostrará digno de él.

Hijos de la generación que formuló el derecho en la Constitución y emancipó los espíritus con la Reforma, los ciudadanos que hoy representamos la mayoría del Partido Liberal, nos levantamos ante la Nación invitándola no a la lucha en los comicios porque la opinión pública es unánime, sino a la demostración de su voluntad y de su potencia.

Y en la plenitud absoluta de su conciencia y de su mandato, presenta como candidato del Partido Liberal para la Presidencia de la República en el próximo cuatrienio, al C. General Porfirio Díaz, por lo que ha hecho, por lo que hará.

México, Salón de Sesiones de la Convención Nacional Liberal, a 23 de abril de 1892. (Expedido el día 25.) Manuel M. de Zamacona. Sóstenes Rocha. Justo Sierra. Rosendo Pineda. Carlos Rivas. Pedro Díez Gutiérrez. Pablo Macedo. José Ives Limantour. Francisco Bulnes. Vidal Castañeda y Nájera. Emilio Alvarez.¹⁶²

¹⁶² **Manifiesto de la Unión Liberal** [1892] Planes políticos, proclamas, manifiestos y otros documentos de la Independencia al México moderno, 1812-1940. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Instituto de Investigaciones Jurídicas. Serie C. Estudios Históricos. México, 1998. p. 495-500.

A democracia buscada deveria estar condicionada às exigências da realidade histórica mexicana (às necessidades da Revolução, dirão os generais após 1928). Assim entendem os *científicos* as diferenças entre os países nascidos da liberdade, em que a contínua reeleição não seria aceita, e o caso mexicano. Ter Díaz novamente na presidência era descrito como motivo de orgulho e preocupação, pois a obra do progresso e da democracia mexicana não poderiam caber a um único homem. Embora, a União Liberal não tenha chegado a se consolidar como partido tal como se propunha inicialmente, a afirmação da necessidade de um “*Partido de Gobierno*” expunha mais claramente os projetos políticos do grupo. Considerando as semelhanças entre este documento e as mensagens que mais tarde o gal. e presidente Plutarco Elías Calles divulgaria à nação, é difícil não pensar nas permanências desta ideia na cultura política mexicana, que daria origem ao “Partido da Revolução” em 1928.¹⁶³ De acordo com Abelardo Villegas, no século XX, o caudillismo foi substituído por um “*centralismo estatal más o menos como hemos visto que lo formulo Sierra y que encontraba su más cercano antecedente en la política porfiriana*”¹⁶⁴

1892 marcava o início da era dos *científicos* no Porfiriato. Uma distinção fundamental para a tese que se apresenta, porém, reside no lembrete de que o positivismo mexicano não era sinônimo do grupo de Sierra e Limantour. Joaquín Baranda, por exemplo, *Secretário de Justiça e Instrucción Pública*, seguidor das propostas de Barreda para a educação mexicana, enfrentou grave disputa com Limantour, até perder o cargo para secretários *científicos*. Para além dos debates ideológicos, os acordos políticos, como

¹⁶³ Ver: “Mensaje a la nación al conocerse la noticia del asesinato del general Obregón”, México, 19 de julho de 1928 e “Informe de Gobierno”, 1º de setembro de 1928. CALLES, Plutarco. E., **Pensamento político y social – antología (1913 – 1936)**. (Org.) Carlos Macías. México: FCE, 1992. pp.68 – 70.

¹⁶⁴ VILLEGAS, Abelardo. “Prologo”. **Evolución Política del pueblo mexicano**. Obra citada. p.19

sempre, também foram realizados a partir de paixões e relações pessoais, que, naquele momento, pareciam pesar em favor daquele grupo reduzido de intelectuais.

A caracterização das disputas entre as figuras dominantes daquele regime se dava, porém, no interior das lógicas positivistas de *orden e progreso*. Os adversários se tornavam quase sempre, naquela linguagem política, inimigos da ordem. Para além dos círculos do poder, a crítica aos científicos se misturava com a crítica ao positivismo. De acordo com Alan Knight, os críticos dos *científicos* apontavam para as contradições entre as ideias e as práticas do grupo. A defesa de valores como trabalho, sobriedade, higiene e do progresso em geral era cotidianamente contrariada pelos acontecimentos que se davam nos pequenos *pueblos*.¹⁶⁵ A crítica à hipocrisia dos tecnocratas de Díaz, parece demonstrar que o problema apontado por opositores ou pela população insatisfeita residia mais nas práticas do que nas ideias dos governantes. Para Sierra, não era a filosofia que havia falhado, mas “*el sistema era el que no había podido implantar dicha filosofía y que, al parecer, toleraba en la práctica los arraigados vicios que condenaba en teoría*”.¹⁶⁶

Da perspectiva da crítica intelectual, se é verdade que Vasconcelos, Reyes, Caso e Ureña também foram críticos do “absolutismo” do método positivo, das leituras de Spencer e do darwinismo social, Leopoldo Zea destaca ao longo de sua monumental obra como os jovens do *Ateneo* dirigiam seus julgamentos mais comumente aos *científicos* e suas práticas na ENP do que aos “filosofemas positivos”.¹⁶⁷ Mais uma vez, portanto, as críticas dirigiam-se mais às práticas do que ao ideário defendido.

Por outro caminho, Enrique Krauze foi categórico em afirmar a ruptura entre os intelectuais que criaram a política cultural da Revolução – de José Vasconcelos a

¹⁶⁵ KNIGHT, Alan. **La revolución Mexicana**. Obra citada. p.62

¹⁶⁶ Idem. *ibidem*.

¹⁶⁷ ZEA, Leopoldo. **El positivismo**. Obra citada. p.25

Lombardo Toledano – e a antiga classe¹⁶⁸ intelectual porfiriana. Ele afirmou em *Caudillos intelectuales de la Revolución Mexicana*:

Ninguno de los jóvenes provincianos llegó a participar en la tradición positivista que había sido la filosofía oficial del régimen porfiriano. Aun cuando sus estudios preparatorianos fueron hechos según el molde positivista, ninguno conservaría huella de las creencias positivistas o de sus impulsores. (...)

Con los intelectuales de más renombre del porfirismo, el grupo de “los científicos”, aquellos jóvenes no tuvieron siquiera la relación del conocimiento visual. En la época porfiriana, algunos de “los científicos”, como Pablo Macedo o Joaquín Casasús, impartían cátedras en la Escuela nacional de Jurisprudencia; pero en 1915, cuando los jóvenes comienzan a ingresar a esa Escuela, aquellos personajes vivían ya cómodamente en Europa, lejos de la Revolución.¹⁶⁹

No entanto, o mesmo Krauze afirma, páginas depois, a importância do pensamento de Justo Sierra na criação da Universidade Nacional e em seu papel de tutor da geração de intelectuais do *Ateneo*, em uma espécie de genealogia a partir do pensador *científico* até chegarmos aos intelectuais dos governos revolucionários:

El grueso del grupo ateneísta se disolvió en 1914 porque la mayoría de sus miembros salieron del país; unos, los más, por haber tenido puestos en el gabinete de Victoriano Huerta; otros, por haberse sumado a una facción derrotada de la Revolución; otros más, en un exilio voluntario. Ni Lombardo ni Gómez Morín tuvieron un contacto estrecho con lo ateneístas antes del exilio de modo que no pudieron recibir de ellos una doctrina. Pero el legado que recibieron del Ateneo fue de otro tipo: los ateneístas fueron protegidos de Justo Sierra, habían colaborado con él en la fundación de Altos Estudios, en la reapertura de la Universidad; los ateneístas, además, habían fundado la Universidad Popular bajo el signo de “la Ciencia protege a la Patria”. Todas esas instituciones quedarían vacías de profesorado con la Revolución. Con los positivistas muertos o ancianos y los ateneístas exilados, los jóvenes de la siguiente generación tendrían que recibir una herencia político-académica: la responsabilidad de hacerse – de improvisarse – profesores muy pronto, a riesgo de que, de no hacerlo, pudiesen ver destruida la obra que habían construido *los ateneístas a quienes comenzaban a considerar como antecesores. Había una antorcha que llevar, originada en Justo Sierra y los ateneístas. Salvar a la Grecia mexicana.*¹⁷⁰ (Grifos meus)

¹⁶⁸ Interessante notar como, em alguns trabalhos, esse grupo aparece denominado como “casta”; é o caso do citado de Adolfo Gilly que reproduz um dos adjetivos comuns nos anos da Revolução. GILLY, Adolfo. **La revolución interrumpida – México, 1910-1920: una guerra campesina por la tierra y el poder**, México, El Caballito. 1972.

¹⁶⁹ KRAUZE, Enrique. **Obra citada**. p.24

¹⁷⁰ Idem, p.52.

Tentemos repensar brevemente essa genealogia a partir da aparente contradição de Krauze.¹⁷¹ Apesar das divergências entre os *científicos*, Sierra era certamente um dos maiores nomes do grupo. Seu legado, desenvolvido como secretário de governo do Porfiriato, portanto, não era – e não poderia ser – a negação do regime ou de sua cultura política.¹⁷² Embora, como vimos, o apoio a Don Justo e sua ditadura tenha se dado com críticas¹⁷³, elas não nos permitem criar uma ruptura entre essa intelectualidade positivista e seus sucessores. Assim, afirmar que a geração do *Ateneo* é continuadora da obra de Justo Sierra, é, em certo sentido, afirmar também as permanências da intelectualidade porfirista na Revolução. Como afirmou Abelardo Villegas, as continuidades entre os dois momentos não foram percebidas durante muito tempo porque “*los historiadores de la Revolución nos acostumbraron a considerar a este fenómeno como una torción radical de nuestra historia. Como un capítulo nuevo que cancelaba definitivamente al viejo*”.¹⁷⁴

III) *Gratuidad, Obligatoriedad y laicidad*

De acordo com Alan Knight, nas três décadas do regime de Don Porfírio, o número de escolas primárias mais do que dobrou, saltando de 5194 para 12068, enquanto o número de crianças que frequentava as instituições públicas praticamente quintuplicou, indo de 141000 para 659000.¹⁷⁵ Pensar, portanto, a formação de uma nova cultura política

¹⁷¹ A geração do Ateneo e o início da Revolução serão temas da terceira parte da tese.

¹⁷² LIRA, Andrés. “**Justo Sierra: La historia como entendimiento responsable**” *Historiadores de México en el siglo XX*, FCE, 1995. p.32

¹⁷³ As definições com as quais qualificaram o regime de Díaz não eram de todo aceitas pelos aliados do presidente: “una tiranía honrada” segundo Francisco G. Cosmes, uma “dictadura democrática”, de acordo com Emilio Rabasa e uma “buena dictadura”, como afirmou Francisco Bulnes, não agradavam aos porfiristas históricos e aos positivistas ortodoxos. GUERRA, François-Xavier, *México: del Antiguo Régimen a la Revolución*, México, FCE, 1988. p.378.

¹⁷⁴ VILLEGAS, Abelardo. Prólogo. *Evolución Política del Pueblo Mexicano*. Obra citada. p.10

¹⁷⁵ KNIGHT, Alan. *La revolución Mexicana*. Obra citada. p.39

nesse momento, passa, também, por considerar o surgimento de classes médias cada vez mais letradas, consumidora e criadora de periódicos e de crescente peso na formação de uma série de debates públicos no México do início do século XX.

Entretanto, antes de pensarmos nos resultados desses dados para a circulação do debate político na imprensa e na sociedade em geral, três observações são necessárias: *primeiro*; como destacou o historiador de Oxford, os dados sugerem que a política educativa porfirista apresentou progressos importantes e que “*el interés de los científicos por la educación como medio para alcanzar un desarrollo nacional a futuro, no era de todo retórico*”.¹⁷⁶ Em outros termos, temos aqui um elemento para pensarmos as permanências do México revolucionário, a despeito da *leyenda negra* positivista. *Segundo*: como destacou a historiadora da educação mexicana, Mílada Bazant, o aumento populacional fez com que o avanço dos índices de escolaridade, sobretudo nas cidades, fosse ilusório. Além disso, com uma população majoritariamente rural e isolada, existiu um abismo (dos quais os legisladores eram conscientes) entre a legislação e a implementação de políticas educativas no Porfiriato. *Terceiro*: os projetos educacionais não eram apenas resultado da ação de uma elite urbana e positivista que ansiava por um povo ilustrado. Gabriela Pellegrino Soares demonstrou como a demanda por professores e escolas nos “*pueblos* e municípios rurais representava uma forma de corresponder a uma antiga demanda das populações indígenas e mestiças no México”.¹⁷⁷

Voltemos, então, ao primeiro ponto: “*A grandes rasgos, la educación en el país había mejorado enormemente: [...] la formación de los maestros era obra del régimen y, con todos sus defectos, había llenado un vacío enorme; todo lo relacionado con la educación era novedoso y sorprendente.*”¹⁷⁸ A afirmação de Bazant contrasta com o

¹⁷⁶ Idem. p.40.

¹⁷⁷ PELLEGRINO, Gabriela Soares. **Obra citada**. p.110

¹⁷⁸ BAZANT, Mílada. **História de la educación durante el Porfiriato**. Obra citada. p.41

imaginário da política cultural da Revolução. Apesar das permanências no culto da imagem de Justo Sierra mencionado anteriormente, como afirmou a historiadora Gabriela Pellegrino Soares, a historiografia que tratou dos “redemoinhos que continuaram a arrastar a sociedade mexicana nos anos que se seguiram à Revolução” costumam apresentar a direção de José Vasconcelos na Secretaria de Educação Pública (SEP) de Álvaro Obregón como um divisor de águas na história cultural do país. Nesse sentido, tentarei demonstrar, para o argumento a respeito das permanências na cultura política mexicana, como a simbologia da Revolução criou uma falsa ruptura entre as suas propostas e os projetos educacionais que se seguiram de Barreda até encontrarem os governos revolucionários.

Na década de 1870, a lei de instrução pública já determinava o ensino primário obrigatório e gratuito e, de acordo com o tamanho do povoado, caberia ao estado a criação de instituições para as séries escolares seguintes¹⁷⁹. Em 1881, o então deputado Justo Sierra apresentou ao congresso seu plano para a Universidade Nacional, mas o fez dentro de uma proposta mais ampla de combate ao analfabetismo, reiterando a necessidade de escolas obrigatórias e laicas em diferentes regiões da República.¹⁸⁰

No ano seguinte, Joaquín Baranda, seguidor dos ensinamentos de Barreda – apesar das disputas de poder com Limantour e os demais *científicos* – assumia o Ministério da Justiça e Instrução Pública e afirmava que o ensino público era a garantia das instituições democráticas e do progresso moral e material do país. No mesmo ano, se organizava o Congresso Higiênico Pedagógico que, com a participação de professores e médicos, tratava de pensar hábitos e condições de higiene para as crianças e para as escolas

¹⁷⁹ UZUN, Julia Rany Campos. **Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas** - Unicamp, Campinas – S.P. ¡A mis lectorcitos, la nación! A construção das memórias mexicanas através dos manuais escolares durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911), (2013)

¹⁸⁰ BAZANT, Mílada. História de la educación durante el Porfiriato. **Obra citada**. p.23

mexicanas.¹⁸¹ Apesar de não ter tido o impacto dos demais congressos pedagógicos, esse evento expunha, desde o início, a higiene como um dos elementos centrais das políticas educacionais do Porfiriato – e, como veremos, essa noção permaneceu central nas pautas pedagógicas dos revolucionários.

Em 1885, o ministro criava a primeira Escola Normal do Distrito Federal, medida seguida rapidamente em quase todos os estados, enquanto a imprensa da época aplaudia o profissional da educação e sua missão.¹⁸² Às vésperas da reforma educacional de 1888, Baranda reafirmava sua preocupação com um projeto educacional democrático diante do Congresso:

...educar al pueblo, y por esto, sin olvidar la instrucción preparatoria y profesional que ha recibido el impulso que demanda la civilización actual, el Ejecutivo se ha ocupado de preferencia de la instrucción primaria, que es la instrucción democrática, porque prepara el mayor número de buenos ciudadanos.¹⁸³

A preocupação de personagens como Baranda e Justo Sierra – nesse momento, presidente da Comissão de Instrução Pública da Câmara dos Deputados – era, então, com uma meta que os próprios admitiam ser utópica: a educação primária obrigatória. A proposta, que estava presente já na lei formulada por Barreda durante o governo Juárez, passaria a entrar em vigor. A sua regulamentação realizada apenas em 1891, esbarrava, porém, em uma realidade complexa:

No entiendo cómo puede ir uno a la escuela antes, en medio o después de 14 horas de trabajo bajo el sol; no sé cómo puede ir uno a la escuela sin comer. No entiendo cómo puede uno pensar sobre gramática sin pensar antes sobre la tortilla.¹⁸⁴

¹⁸¹ MEXICO, Memorias del congreso higiénico-pedagógico en la Ciudad de México el año de 1882. México: Imprenta del gobierno. 1883.

¹⁸² BAZANT, Mílada. História de la educación durante el Porfiriato. **Obra citada** p.17

¹⁸³ Idem. Ibidem.

¹⁸⁴ Idem. p.81

A afirmação acima foi realizada pelo jornalista católico, Trinidad Sánchez Santos, no primeiro Congresso Agrícola de Tulancingo, em 1904.¹⁸⁵ Sua posição, no entanto, não era única. *Científicos* como Francisco Bulnes, Emilio Rabasa e Francisco Cosmes afirmavam, sobretudo diante da “questão indígena”, que a educação por si só não era suficiente para transformar o país.¹⁸⁶ De acordo com Bazant, Bulnes e outros positivistas como Agustín Aragón afirmavam que enquanto não se repartisse a terra e se aumentasse os pagamentos para os trabalhadores rurais – muitos deles submetidos as *tiendas de raya* – a educação serviria apenas de combustível para o inconformismo social.¹⁸⁷ Como estes autores tiveram o prazer de apontar após a Revolução de 1910, eles estavam certos.

Ainda durante o Ministério de Joaquín Baranda, antecessor de Sierra na pasta da educação¹⁸⁸, organizou-se em 1889 o que foi chamado inicialmente de *Congreso Constituyente de la Enseñanza*. Renomeado pelo próprio Díaz de *Primer Congreso Nacional de Instrucción Pública* o evento identificava, desde seu texto de abertura, as dificuldades encontradas para as políticas educacionais no país: “*difícilmente se pueden*

¹⁸⁵ “Desde nuestras altas montañas se ven siempre sobresalir campanarios dominando la escuela donde maestros con más hambre que ciencia enseñan a niños medio desnudos, mal nutridos y ya empeñados por las palabras antipatrióticas del cura ... Hay en toda la nación algo como un cortante color gris, la constante mezcla de lo grande y de lo pequeño”...*El Siglo XIX*, 1 de enero y 8 de octubre de 1891, en Dumas, 1986, t. J, pp. 295-296.

¹⁸⁶ FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Pacificar a história:** passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX. História da historiografia- Ouro Preto. Nº 7 – nov. /dez. 2011.

¹⁸⁷ BAZANT, Mílada. História de la educación durante el Porfiriato. **Obra citada.** p.81-82

¹⁸⁸ Até aquele momento, o ministério de Baranda correspondia a Justiça e Instrução Pública. El cambio de siglo coincidió con un cambio en los nombramientos de la Secretaría de Justicia e Instrucción Pública. Después de veinte años como ministro de la misma, Joaquín Baranda renunció "por causas políticas" en febrero de 1901. Dicha renuncia causó mucho revuelo en el medio político debido a que se produjo como consecuencia de la lucha que Baranda sostuvo contra el grupo de los "científicos"; especialmente contra el ministro de Hacienda, José Yves Limantour quien tenía ambiciones presidenciales. El nombramiento del nuevo ministro, Justino Fernández, sorprendió a muchos porque para entonces contaba con 73 años y había estado alejado de los asuntos políticos durante algún tiempo; sin embargo, tal designación fue producto de la decisión personal de Porfirio Díaz, quien estaba ya en su sexto periodo presidencial y consideraba a Fernández muy amigo suyo, formaba parte del grupo de los "científicos", tenía experiencia como diputado y era director de la Escuela de Jurisprudencia. 1 Fernández nombró como subsecretario de Instrucción a Justo Sierra, quien desde siempre se había apasionado por los temas educativos, los había analizado y los había expuesto a través de la pluma o en discursos. Ahora comenzaba el "periodo verdaderamente oficial de la vida de Justo Sierra, el de reformador de la educación nacional mexicana" BAZANT p.35 **Obra Citada.**

obtener datos respecto de la instrucción pública em el país, y mucho menos [sic] imprimirle un impulso uniforme y vigoroso”.¹⁸⁹ A convocatória do Congresso dizia que às dispersas atividades educativas deviam ser dadas:

cohesión y uniformidad, porque los esfuerzos aislados, nunca son bastante eficaces, y la acción común, ejercida en forma análoga y por idénticos medios, conducirá infaliblemente al éxito más lisonjero. [...] en casi todos los ramos de la administración puede reconocerse fácilmente que domina un espíritu de unidad nacional. Sólo en lo concerniente a la enseñanza oficial, no se ha llegado todavía a esa uniformidad, y esto ocasiona y seguirá ocasionando graves dificultades a la enseñanza en general, y particulares y notorios perjuicios a los profesores y alumnos. [...]

[La modernización de la educación mexicaba debe ser fundada en] la instrucción popular; pero en la Escuela Nacional, en la instrucción homogénea, dada a todos, y en toda la extensión de la República, al mismo tiempo, en la misma forma, según un mismo sistema y bajo las mismas inspiraciones patrióticas que deban caracterizar la enseñanza oficial.¹⁹⁰

Em seu cerne, seguindo os planos de Gabino Barreda, o documento reitera os princípios positivistas de unidade e ordem por meio de uma educação que, partindo do executivo federal, fosse capaz de homogeneizar a nação. Seu lema era: *gratuidad, obligatoriedad y laicidad*. Assim se objetivava “*hacer de la instrucción el factor originario de unidad nacional así como base de toda prosperidad y de todo engrandecimiento*”.¹⁹¹ Embora centralizadora e parte das políticas de um governo autoritário, o Congresso expressava genuína preocupação com a educação popular e sua relação com a democracia, por meio de um sistema nacional de educação, apesar das dificuldades de sua implementação em um país tão desigual e com regiões tão isoladas. Com essa preocupação em mente, Baranda convocou representantes dos governos estaduais para o Congresso, dirigido diretamente por ele e que contou com a abertura do próprio ditador Porfírio Díaz. Além disso, ao afirmar a necessidade de um padrão para a

¹⁸⁹Disponível em:

<http://www.somehide.org/images/articulos/documentos/publicaciones/CongresoNalInstruccionPublica1889.pdf> Acesso: 7 jul 2019.

¹⁹⁰ Idem. Ibidem.

¹⁹¹ Idem. Ibidem.

educação, também se reiterava, como vimos, a necessidade de uma formação profissional para os professores.

Apesar das palavras do ministro, a uniformização da educação não era um tema consensual. De outro modo, enquanto alguma unidade era ponto passivo entre a intelectualidade que buscava “forjar a pátria”, os limites da autonomia local também eram colocados em pauta. Sierra argumentava que o padrão estabelecido deveria ser “*fácilmente relacionable a las distintas condiciones del país*”.¹⁹² O também científico Francisco Cosmes expôs durante o *Primer Congreso* que apoiava a padronização da educação no que se referia aos princípios – obrigatória, laica e gratuita – mas não no que dizia respeito a metodologia de ensino e outros temas mais específicos. Segundo ele,

dadas las diferencias de las razas que pueblan nuestro dilatado territorio, de la capacidad intelectual de cada una de ellas, de las condiciones sociológicas en que se encuentran, de los climas en que viven y, por último, de los recursos pecuniarios y políticos que cada estado puede disponer.¹⁹³

No trecho de Cosmes, o darwinismo social e a sociologia de autores como Spencer faz-se sentir por meio do problema das “diferenças de raças”. O estudo de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, *Pátria Mestiza - a invenção do passado nacional mexicano* demonstrou como a unidade nacional desse projeto educacional se dava pelo extermínio das culturas indígenas, com vistas a combater as “funestas divisões entre as raças”.¹⁹⁴ O mesmo historiador, porém, também apontou para o fato de que as lógicas da eliminação do elemento cultural indígena eram anteriores à reforma proposta por Barreda. O que se transformava aqui, juntamente com o debate, eram as ferramentas para se abordar o nó

¹⁹² ZEA, Leopoldo. **El positivismo...** Obra citada. p.24

¹⁹³ FERNANDES, Luis Estevam. **Pátria Mestiza**. Obra citada. p.23

¹⁹⁴ Idem. p.232

essencial da política dos países americanos do século XIX: quem *é* a nação e qual o lugar das culturas indígenas nela.

Nesse sentido, a leitura de autores positivistas sobre essa questão marcou o debate mexicano das últimas décadas daquele século. Em reflexões que se deram em diálogo com “problemas” análogos na Europa, Justo Sierra e autores como Vicente Riva Palacio partiam das leituras de autores como Ernest Renan e Herbert Spencer para formularem caminhos para a unidade nacional.¹⁹⁵ Embora, como dito inicialmente, a questão indígena não esteja no escopo da presente tese, o debate sobre a unidade nacional no México passava inevitavelmente por ela. E, neste ponto, temos o que poderia ser observado como uma das importantes transformações na cultura política entre o Porfiriato e o México revolucionário.

Em que pese a permanência de uma série de marcas nos projetos educacionais – o combate ao misticismo, por exemplo – e do autoritarismo – que nos permitiria traçar um longo caminho até às comunidades hoje associadas a EZLN – a postura do estado mexicano diante da multitude de suas culturas indígenas se transformaria substancialmente. Durante o Porfiriato, o otimismo de atores como Justo Sierra diante da questão indígena e do poder transformador da educação era, em certo sentido, autoritário: a educação seria a arma para obliterar os costumes bárbaros dos nativos.

A preocupação com uma educação homogeneizadora e adepta do método positivo não era restrita aos intelectuais *científicos*. No discurso realizado no início de seu quinto mandato, em 1896, Díaz informava os sucessos de suas políticas educativas, pois “*los métodos anticuados y rutinarios que hace aún ocho años se practicaban en la inmensa mayoría de las escuelas públicas, se han substituido con una sola tendencia uniforme y dominadora y un método superior y racional*” (Grifos meus)¹⁹⁶. A nova fase do

¹⁹⁵ Idem. Ibidem.

¹⁹⁶ BAZANT, Mílada. História de la educación durante el Porfiriato. **Obra citada**. p.31

governo também corresponderia à presença mais incisiva de Justo Sierra junto ao governo, que cobrava, desde 1883, a criação de uma secretaria exclusivamente para “instrucción pública y belas artes”.¹⁹⁷ Enquanto a pasta seria criada apenas em 1906, em 1902 se criava o *Consejo Superior de Educación*, dirigido por Sierra e que, apesar de órgão consultivo, apresentava um programa de reformas que – reiterando sua proposta do início da década de 1880 – abarcava todos os níveis da educação: “*la primaria ya no debía ser simplemente instructiva, sino esencialmente educativa; no era suficiente enseñar al niño a leer, escribir y contar, sino a pensar y a sentir*”.¹⁹⁸ Se a noção de “ensinar a sentir” causa estranhamento vinda de um leitor de Comte, Barreda e Spencer, é importante observar o que diria, anos depois, a nova lei de instrução pública de 1908, criada sob a tutela de Sierra. Em seu quarto artigo, ela afirmava que a educação moral

...se llevará a cabo suscitando la formación del carácter por medio de la obediencia y la disciplina, así como por **el constante y racional ejercicio de sentimientos**, resoluciones y actos, encaminados a producir el respeto a sí mismo y el amor a la familia, a la escuela, a la patria y a los demás.¹⁹⁹

Embora a fórmula positivista do “constante y racional ejercicio” dos sentimentos possa parecer estranha, conflui para uma perspectiva de diferentes seguidores do método positivo, sobretudo adeptos do segundo momento da obra de Comte e do *Catecismo Positivista*. Isso não significa, no entanto, que houvesse consenso entre os discípulos do filósofo francês que classificavam/acusavam uns aos outros – e ao próprio Comte – como positivistas incompletos. Nesse sentido, Sierra, ao longo da primeira década do século, adotou uma postura de questionamento daqueles chamados “positivistas ortodoxos”,

¹⁹⁷ Idem p.35

¹⁹⁸ De acordo com Bazant, Su nombramiento como secretario fue muy bien recibido por los profesores, estudiantes e intelectuales de México: “la elección del Sr. Lic. Justo Sierra tiene contentos y satisfechos en México a cuantos se preocupan por el progreso moral e intelectual del país”.16 Para Sierra, la creación de la Secretaría significaba que finalmente Porfirio Díaz, ya en su séptimo y último periodo presidencial, había comprendido que la educación pública del país era tan importante como la transformación económica. **Obra citada.** p.40

¹⁹⁹ BAZANT, Mílada. História de la educación durante el Porfiriato. **Obra citada.** p.58

como Agustín Aragón. Mais do que o debate sobre o lugar dos sentimentos na educação, a heterodoxia de Sierra estava em propor a criação da Universidade Nacional, em divergência com intelectuais como Aragón e Horácio Barreda, filho do célebre filósofo.²⁰⁰

Para eles, a decisão de criar uma Escola de Altos Estudos e uma universidade era um verdadeiro retrocesso, “*antentado imperdonable*” que “*echaba por tierra las sabias enseñanzas de Gabino Barreda*”.²⁰¹ A universidade era vista por esses intelectuais como um espaço do Antigo Regime, da etapa metafísica da história e de uma casta que por meio de suas cátedras se tornava “*cada vez más alejada del suelo que la sustenta, cada vez más indiferente a las pulsaciones de la realidad*”, obstaculizava o verdadeiro avanço científico contemporâneo e criava a “pedantocracia”. Por meio da *Revista Positiva*, além de *La Libertad*, principal periódico da intelectualidade positivista mexicana, Aragón e Barreda criticavam o “heterodoxo” positivismo de Sierra. Em um artigo especialmente agressivo contra o então secretário de educação, Aragón afirmava que a criação da Universidade Nacional “*es contraria a las saludables reformas educativas de 1867 y, por lo mismo, um retrocesso*”. E seguia:

El Sr. Sierra ni en sus poesías ni en sus discursos, ni en sus libros ni en sus informes oficiales, ha revelado nunca espíritu científico, es un metafísico que quiere a ratos seguir los senderos de la ciencia y a ratos sonríe a la teología. Ninguna labor suya, si se exceptúa su gran libro sobre Juárez, lo acredita como persona de convicciones firmes, y menos aún como conocedor del método positivo. Las doctrinas del positivismo le son desconocidas también ²⁰²

Diferentemente do combate às antigas lógicas da universidade colonial, argumentava Sierra, era necessário criar uma “*universidad nacional y eminentemente*

²⁰⁰ ALVARADO, Lourdes. **Obra citada**. p.167. Como abordado anteriormente, esse debate foi analisado brevemente pela historiadora Maria Lígia Prado ao refletir sobre o rearranjo e a criação das universidades latino-americanas no século XIX, com destaque para Universidade Nacional. PRADO, Maria Lígia. *Obra citada*. pp.103-104

²⁰¹ BAZANT, Mílada. História de la educación durante el Porfiriato. **Obra citada**. p.20

²⁰² ALVARADO, Lourdes. **Obra citada**. p.168-169

laica”²⁰³. De acordo com Edmundo O’Gorman, o objetivo de Sierra com seu projeto de universidade era preservar o positivismo em outra instituição acadêmica diante dos ataques sofridos pela ENP ao mesmo tempo em que despertava o apoio e a simpatia de figuras políticas do gabinete do que era, naquele momento, a Secretaria de Justiça e Instrução Pública. Entretanto, dadas as polêmicas, o projeto de Sierra ainda passaria por muitas etapas até a sua concretização.²⁰⁴

O positivismo mexicano chegou ao século XX fraturado. Em outros termos, se nos anos seguintes a 1867 estamos falando de uma linguagem política usada de maneira relativamente consensual como arma para ganhar espaço entre os liberais, a partir da década de 1890, o positivismo hegemônico comportava graves divergências e debates “internos”. O predomínio da *paz*, da *ordem* e do *progreso* como verbetes centrais daquela linguagem era disputado cada vez mais pelas noções de *liberdade* e *democracia* nos discursos e textos dos “positivistas heterodoxos” como Sierra, Bulnes e Rabasa.²⁰⁵

Em meio às divergências políticas na imprensa, as grandes pautas colocadas pelo liberalismo-positivista (que Sierra classificaria como “liberalismo conservador”) dominavam o cenário político. Ocupava, aos poucos, o lugar de uma cultura política hegemônica. A educação seguia entendida como a solução para que a paz trazida pela ordem porfirista criasse uma população ilustrada capaz de gozar os privilégios da liberdade política no futuro.

²⁰³ GARCIEDIEGO, Javier. **De Justo Sierra a Vasconcelos**. La Universidad nacional durante la Revolución Mexicana. Obra citada. p.771

²⁰⁴ ALVARADO, Lourdes. **Obra citada**. A historiadora Maria Lígia Prado demonstrou uma desconfiança mais antiga dos liberais latino-americanos em relação às universidades na primeira metade do XIX. De acordo com Prado, as universidades, como instituições, permaneceram fiéis à Coroa até o último momento e, assim, não “é de se estranhar, portanto, que conquistada a independência os liberais vitoriosos tenham fechado várias universidades consideradas símbolo do pasado colonial.” PRADO, Maria Lígia. Obra citada. p.56

²⁰⁵ HALE, Charles A.. La tradición del derecho continental europeo y el constitucionalismo en el México del siglo XX: el legado de Emilio Rabasa. **Historia Mexicana**, [S.l.], jul. 1998. ISSN 2448-6531. Disponível em: <<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/2403/1929>>. Data de acesso: 16 feb. 2020.

Sem romper com o projeto positivista, Don Venustiano Carranza, quando presidente em 1919, assinava nova lei sobre a educação em que afirmava: “*La formación de ciudadanos mexicanos conscientes de su nacionalidad e interesados profundamente en el mejoramiento de sus instituciones y en la conservación de aquellas tradiciones que dan unidad al espíritu nacional*”.²⁰⁶ Assim, nessa linha de permanências, a frase de Vasconcelos “*La cultura engendra **progreso** y sin ella no cabe exigir de los pueblos ninguna conducta moral*”, que mais tarde tornaria-se lema dos jovens do *Ateneo*, parece ecoar um debate político-pedagógico que não difere radicalmente daquele que se realizava nas últimas décadas do Porfiriato.

Em termos de permanências no debate sobre a educação, tanto do ponto de vista da linguagem quanto do conflito social, talvez o tema mais marcado seja o da laicidade do ensino. O tema foi central nos projetos de instrução pública da Reforma e do Porfiriato. Ainda nos tempos de Juárez, nos conta Leopoldo Zea, o liberal Melchor Ocampo propunha uma mudança radical: se a religião católica era um instrumento a serviço de uma facção, o único remédio e o mais seguro era mudar a religião dos mexicanos.²⁰⁷ Ocampo pensou em uma religião que não servisse de meio de exploração e a mais correta pareceu ser a protestante. De acordo com Justo Sierra, o próprio Juárez teria afirmado que “*Desearía que el protestantismo se mexicanizara conquistando a los indios; éstos necesitan una religión que les obligue a leer y no les obligue a gastar sus ahorros en cirios para santos*”²⁰⁸. Com a mesma lógica, em 1872 o presidente Lerdo de Tejada financiou a vinda de pastores protestantes, sem muito efeito. Assim, pensar no debate a respeito da escola laica mexicana, é tocar um ponto sensível daquela sociedade. A questão que se colocava entre liberais e positivistas era determinar quais eram os limites, ou, antes,

²⁰⁶ Ver: https://rei.iteso.mx/bitstream/handle/11117/330/55_05_del_patriotismo.pdf?sequence=2

²⁰⁷ ZEA, Leopoldo. **El positivismo...** Obra Citada. p.63

²⁰⁸ SIERRA, Justo. **Evolución política del pueblo mexicano.** Obra citada. p.269

qual a definição de escola laica. Diante de uma opinião pública majoritariamente católica, em mais de uma ocasião o governo tentou diminuir o poder dos positivistas na educação.²⁰⁹ O tema, antigo tópico da disputa entre liberais e conservadores, esteve sempre presente nos congressos nacionais de educação, que após 1902 passariam a ser trienais por sugestão de Sierra. De acordo com o egresso da escola normal e mais tarde secretário da educação de Díaz, Gregorio Torres Quintero, tratava-se da "*conquista social más gloriosa del siglo XIX*". A expressão utilizada por Torres Quintero em 1902 fazia eco ao mestre Barreda, que em sua *Oración Cívica* afirmava:

Porque al separar enteramente la Iglesia del Estado; al emancipar el poder espiritual de la presión degradante del poder temporal, **México dio el paso más avanzado que nación alguna ha sabido dar, en el camino de la verdadera civilización y del progreso moral y ennobleció**, cuanto es posible en la época actual, a ese mismo clero que sólo después de su traición y cuando Maximiliano quiso envilecerlo, a ejemplo del clero francés, comprendió la importancia moral de la separación que las Leyes de Reforma habían establecido.²¹⁰ (Grifos meus)

O trecho de Barreda, ao mesmo tempo em que condena o clero como traidor em sua aliança com Maximiliano, também perdoa sua deslealdade como etapa superada no passado. A narrativa da história realizada por Barreda e pelos positivistas mexicanos busca pacificar o presente, concluindo os conflitos em suas devidas etapas históricas. Assim, a busca pela paz entre liberais e clero, ou o princípio da neutralidade, como já vimos no debate da ENP, gerava desconforto não apenas entre católicos, mas também com os liberais mais marcadamente anticlericais e críticos do positivismo.²¹¹ Exemplo

²⁰⁹ De acordo com Garciadiego Dantan: dado que el ministro Ezequiel Montes propuso una nueva ley de instrucción pública, abiertamente antipositivista. Ante la presión de la opinión pública, mayoritariamente católica, el gobierno prefirió disminuir el dominio positivista en las educaciones media y superior del país. Incluso en la Cámara de Diputados se propuso la supresión de la Escuela Nacional Preparatoria, alegándose que cinco años eran demasiados para brindar a los jóvenes una enseñanza general, cuando lo que se requería era una rápida especialización. Es un hecho que el positivismo pasó momentos de apuro, pues don Porfirio buscaba con denuedo la estabilidad política, alcanzable con consensos ideológicos, pero no con polémicas doctrinarias. **Obra Citada**. p.772

²¹⁰ BARREDA, Gabino. **Oración cívica**. Obra citada. s/p

²¹¹ Caio Pedrosa da Silva afirmou em sua tese: "Olhando para o âmbito dos periódicos católicos que digladiavam com seus opositores liberais, o regime de Porfirio Díaz parecerá não ser do agrado de nenhum dos grupos e, de fato, estava longe do ideal pretendido por ambos. Em 1889 o intelectual porfiriano Justo

dessa postura vem do representante yucateco do Primeiro Congresso, Adolfo Cisneros Cámara, citado por Bazant em sua obra. Para Cisneros Cámara, os princípios da laicidade deveriam se aplicar para além dos muros das escolas públicas, se estendendo também às instituições privadas

'...si en estas escuelas [oficiales] se imparte a los niños una enseñanza desprovista de carácter religioso y conforme a nuestras libres instituciones, y en otras se les inculca odio profundo a estas mismas y a los hombres más prominentes de nuestra historia patria, acostumbrándolos a mirar la religión como el tamiz por 'donde deben pasar a detenerse todas las ideas y todos los sentimientos, ¿en dónde está la tan deseada uniformidad?'²¹²

Desta maneira, o problema da laicidade e da uniformidade da educação se entrelaçavam. A unidade, se daria, por meio do “fundo de verdades” proposto por Barreda. A obra mais importante a se realizar na educação, segundo Sierra, era a adoção do método científico com a total exclusão de qualquer elemento teológico ou metafísico.²¹³ Combatiam-se, assim, ao fanatismo e às crenças políticas acusadas de pertencerem ao período metafísico da história. Tentando solucionar as tensões, em nome da ordem e do progresso, o debate sobre a laicidade realizado nos Congressos de Instrução Pública teria uma resolução com a nova legislação de 1908, que definia como característica essencial da educação:

... será nacional, esto es, se propondrá que todos los educandos desarrollen el amor a la patria mexicana y a sus instituciones y el propósito de contribuir para el progreso del país y el perfeccionamiento de sus habitantes

Sierra escreveria que o pensamento conservador mexicano tinha passado por um “aniquilamento total”. O posicionamento de Sierra pode ser lido como parte do apaziguamento promovido pelo porfiriato, justamente aquilo que incomodava intelectuais como Altamirano que cobravam ações mais enérgicas do governo com relação aos católicos. Afinal, durante o porfiriato (1876-1911), a Igreja encontrou espaço para a ampliação e diversificação das suas atividades, algumas vezes apoiando-se em poderes locais. Portanto, o discurso dos periódicos católicos que ressalta a decadência da sociedade devido a um distanciamento do catolicismo, não dá conta de uma realidade provavelmente muito mais complexa, na qual o catolicismo encontrava sim espaços, apoios, ou vistas grossas como no caso que Altamirano narra, do poder público mais local. SILVA, Caio Pedrosa da. **Tese de doutorado defendida sob a orientação do Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto, no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas** - Unicamp, Campinas – S.P. (2015). *Mártires de Cristo Rey: Revolução e religião no México (1927-1960)* p.80-81

²¹² BAZANT, Mílada. *História de la educación durante el Porfiriato*. **Obra citada**. p.25

²¹³ Idem. p.27

será integral, es decir tenderá a producir simultáneamente el desenvolvimiento moral, físico, intelectual y estético de los escolares; **será laica, o lo que es lo mismo, neutral respecto de todas las creencias religiosas, y se abstendrá en consecuencia de enseñar, defender, o atacar ninguna de ellas**; será, además gratuita.²¹⁴

O próprio secretário de educação, em discurso realizado na seção inaugural do *Primer Congreso Nacional de Educación Primaria* realizado em setembro de 1910, explicaria os pontos da lei referentes a laicidade. Com seu texto marcado sempre pelos traços do épico, da marcha mexicana na história rumo ao progresso, ele afirmava:

a religión Patria basta á la escuela; puede no bastar y de hecho no basta al hombre; pero á la escuela sí. Nosotros somos, no por espíritu sectario, no por bandería política, sino constitucionalmente y por patriotismo y por moralidad nosotros somos laicos, laica es nuestra ley y laico nuestro espíritu; los mismos que hinchán la voz para predicar odios de razas, alzan un gran clamor contra la escuela sin Dios. Cristianamente esto es una blasfemia, porque Dios está en todas partes; pero si lo que se quiere hacer creer á los ignaros, es que la escuela del Estado, que lleva la neutralidad hasta vedarse, como personalidad colectiva que es, aún la más simple profesión de fe, ataca las creencias de alguno y se declara atea, entonces opondremos á este reproche el más absoluto mentís. Si la escuela laica no es de veras neutral, resulta una calamidad nacional; si los encargados de cuidarla y vigilarla no impedimos la más leve falta de respeto á las creencias de los niños, no cumplimos con nuestro deber, y somos responsables por ello, debemos ser castigados. Porque la escuela laica no sólo lo es porque, formando parte constitutiva del Estado, tiene que vivir dentro del principio de la libertad de conciencia, que es un dogma político, sino que por su carácter esencialmente educativo debe ser laica; imprimir en el espíritu de cada niño el hábito de respetar la creencia del otro, arraigar en él hasta en el subsuelo de la conciencia, permítaseme la frase, el hábito de la tolerancia, es casi educarlo por completo moralmente, porque es hacerlo el hombre ideal, el hombre social en toda la fuerza de la expresión.²¹⁵

Não é difícil deduzir que a legislação não era suficiente para resolver o conflito.

Os limites entre a laicidade e o anticlericalismo continuaram a ser um dos temas centrais da educação no México revolucionário. Para além da Rebelião Cristera (1926-1929), que

²¹⁴ Idem. p.42. Mílada Bazant também informa que Justo Sierra, no mesmo ano de 1908, em um discurso na Câmara dos Deputados, afirmava: “El papel del Estado en la organización del porvenir exige, como indeclinable factor, la preparación de energías morales, intelectuales y físicas, religiosamente unidas a él en el culto de un mismo ideal. Y a eso responde la genuina acepción del vocablo; educación vale decir nutrición encaminada a un desenvolvimiento; una nutrición, génesis de toda fuerza, de toda energía”. Idem. Ibidem.

²¹⁵ **Discurso pronunciado por el señor Licenciado don Justo Sierra.** Secretario de Instrucción Pública y Bellas Artes, en la sesión inaugural del Primer Congreso Nacional de Educación Primaria, el 13 de septiembre de 1910.

constituiu o grande exemplo da luta de católicos contra o Estado anticlerical que se consolidava, cotidianamente não foram raros os casos em que os professores *missioneiros* da SEP de José Vasconcelos foram hostilizados em comunidades rurais, vistos como inimigos da fé. O mesmo Vasconcelos que, como secretário da educação, propôs também a reedição das obras didáticas de Sierra para o ensino básico. Assim, nas décadas que se seguiram, a linguagem política estabelecida em fins do século XIX permaneceria na boca de revolucionários que a consideravam há muito abandonada.

O conflito não se dava apenas no campo: nos anos 1930, com a aplicação da chamada *educação socialista* durante o sexênio do gal. Lázaro Cárdenas, realizou-se uma campanha mais ampla de grupos conservadores preocupados com a suposta infiltração do “ateísmo de raiz bolchevique” na política mexicana. O movimento resultou em desgaste político para o governo e, em casos extremos, em orelhas e narizes mutilados para os professores. De maneira ocasional, ataques às escolas vistas como instituições contrárias a fé, permaneceram até o século XXI.

“As vistas grossas” de Don Porfírio para o poder do clero, não necessariamente são sinônimas da busca pela neutralidade diante da Igreja a que se propuseram os intelectuais positivistas do Porfiriato. Nos anos seguintes à Revolução, as obras de Barreda, Sierra e Vicente Riva Palácios, por exemplo, continuaram sucessos editoriais e serviram de base para as críticas anticlericais dos revolucionários mexicanos. De acordo com Caio Pedrosa da Silva, Arturo Elías, cônsul mexicano nos EUA na década de 1920, “*solicitou por telegrama que Calles remetesse com urgência ao consulado livros de história – além da Constituição de 1857 e das Leis de Reforma*” para o combate da propaganda católica que se realizava nos anos EUA durante os anos da Rebelião

Cristera.²¹⁶ Naquilo que foi considerado o anticlericalismo revolucionário, temos, portanto, uma série de permanências a serem pensadas.

Os limites entre o que se pretendia alcançar e o que era efetivamente realizado era claro para os agentes daquele processo. É justamente o abismo entre os ideais da política educativa proposta por Sierra e a problemática situação da nação mexicana que confluía para, entre outros fatores, dar origem a outro traço marcante da educação naquela cultura política: a ideia do professor como um apóstolo, o *misionero* que enfrentaria todas as dificuldades para levar a salvação às comunidades isoladas e, por extensão, à nação. No citado discurso realizado no *Primer Congreso Nacional de Educación Primaria* realizado às vésperas do chamado de Francisco I. Madero à Revolução, o secretário afirmava:

¿hemos hecho bien ó mal cuantos nos hemos empeñado en levantar á sus propios ojos al maestro de escuela, ponderando su misión, **su sacerdocio**, como todos hemos dicho, y dando así relieve á los elementos de un contraste entre lo sublime de su labor y lo inferior de su situación social determinada por la exigüidad impía de los recursos pecuniarios? [...]

Se ha pedido á **vuestro espíritu de sacrificio**, á vuestro amor á la educación del pueblo; no se puede pedir un esfuerzo más, **sin que se nos acuse de decretar el martirio obligatorio**. [...]

El primer resultado será una duplicación de la Patria. La mitad de los habitantes de la República, y me quedo corto, ignora lo que es ser mexicano, no participa de la conciencia nacional; el aislamiento, la miseria de las necesidades y de los medios de vida, **el predominio de la superstición y del alcoholismo privan á un inmenso grupo de nuestros conciudadanos en teoría, de todo contacto con el alma nacional**. [...] Cometemos crímenes de lesa nación cada vez que retardamos **esta labor santa de unión, de mexicanización, de redención de almas, de salvamento de la República**. [...]

Hagámoslo así, pues, maestros; pongamos en ello todo el entusiasmo que comunica el contacto con los niños, que impacienta á veces, que á veces hace sufrir, pero que sana el espíritu y lo tonifica y reconforta; **hagámoslo como quien va al campo de batalla á luchar por la Religión y por la Patria –pro aris et focis–: la religión del mejoramiento humano infundida hasta en la médula de los que ignoran; la religión de la Patria**, la que hoy proclamamos en himnos al pie de las efigies de nuestros héroes, en las tumbas de nuestros padres convertidas en aras, en derredor de nuestra bandera, émula del iris de nuestro cielo, que ayer flameaba en los oros de las mañanas otoñales, rodeada de voces de niños orando por la unión y por la paz, como coros angélicos que saludan con hosannas la llegada del porvenir. [...]

²¹⁶ Segundo Caio Pedrosa da Silva: “O cônsul requisitou livros de Justo Sierra, México a través de los siglos – obra organizada por Vicente Riva Palacio –, obras de Pérez Verdía e outros livros de ‘buenos autores’. O pedido foi prontamente atendido: dois dias depois, Calles informava que estavam sendo remetidos doze tomos de Justo Sierra e textos de Alfonso Toro, enquanto se preparava o envio de México a través de los siglos.” DA SILVA, Caio P. **Obra citada**. p.173

Para los campesinos ese mundo es un fetiche, un dios lo anima; todo tiene un ánima; todo es hostil ó propicio al hombre, según afinidades ó repulsiones misteriosas; todo está en poder de voluntades ajenas á la humanidad; nosotros mismos sentimos subir de improviso del fondo de esa región obscura de más allá de nuestra conciencia, estas mismas creencias, estas mismas proyecciones pavorosas de lava que vienen de lo subconsciente. Reemplazar esas supersticiones con esta noción fundamental: las leyes de la naturaleza son inmutables; noción sin la que la ciencia no existiría, y con esta otra: si esas leyes son obra de un Supremo Legislador, éste no ha podido promulgarlas para hacerlas y deshacerlas á su antojo en el minuto de eternidad que ha tocado vivir á nuestra humanidad sobre el planeta: tal es el magno cimiento de la labor que debéis á la Patria, **soldados del ejército de la verdad, soldados de abnegación y sacrificio.** [...]

Obra de largos años, de largas privaciones, de interminables sacrificios; pero si aceptáis el papel de educadores, equivale al de apóstoles, esa vuestra vida será vuestro primer elemento de educación, porque será el ejemplo; y si educar es, puede decirse, sugerir, ninguna sugestión será comparable á ésta; pero si á esa abnegación vuestra, el Estado contesta con el desamparo, con el abandono, con la miseria, subiréis vosotros moralmente en la misma proporción que él se degrade y baje.²¹⁷

Os professores do ensino primário são descritos como *sacerdotes, apóstolos, mártires e anjos*. Realizam sacrifícios e estão à beira do martírio literal. Sua missão é a salvação do futuro do país: “*labor santa de unión, de mexicanización, de redención de almas, de salvamento de la República*”. A linguagem do discurso é cruzadística e convoca os professores à guerra em nome da religião da pátria. Embora o positivismo mexicano não tenha fundado igrejas, o discurso do secretário de educação ecoa os princípios da religião da humanidade de Comte e os adapta aos desafios da educação no país. Assim, cabe aos professores a abnegação e o sacrifício: “viver para outrem”, na formulação comteana. Não apenas o tema, mas a própria linguagem do sacrifício docente será, nos anos seguintes, a tônica do *maestro misionero* da SEP de Vasconcelos e do professor da educação socialista de Cárdenas.

Ao longo do discurso realizado em 1910, Sierra articula todos os elementos centrais dos problemas e dos planos educativos do México do Porfiriato: a educação como salvação da nação a partir da unidade nacional, o combate às superstições dos povos

²¹⁷ **Memorias del Primer Congreso Nacional de Educación Primaria.** México. Disponível em: <https://www.memoriapoliticademexico.org/index.html>

isolados, a ciência/verdade como motor do progresso mexicano, a mudança dos hábitos por meio da higiene e do combate ao alcoolismo. Seu impacto à frente da Secretaria de Instrução Pública e Bellas Artes se dava para além dos planos educativos e de seus pronunciamentos: seus livros didáticos eram publicados nas casas das dezenas de milhares na primeira década do século XX.²¹⁸

É no mesmo cenário das vésperas da Revolução e da comemoração do centenário da independência que Sierra inaugura a Universidad Nacional, que mais tarde se tornaria a *Universidad Autónoma de México*. Como vimos, apesar do longo debate entre os intelectuais positivistas, a proposta pela universidade sairia vencedora. A obra se torna a pedra de toque da biografia de Sierra e, seu discurso inaugural, o mais famoso e replicado.²¹⁹ O discurso parece também marcar o deslocamento de Don Justo em relação aos pares positivistas – como crítica aos positivistas ortodoxos que objetaram o projeto ou, talvez, como aceno para seus interlocutores do *Ateneo* – passando por diferentes tradições filosóficas. Ao abrir sua fala com uma referência a Nietzsche, autor caro aos escritores do *Ateneo*, Sierra segue seu discurso em um tom mais acolhedor e relativista do que aquele da militância pelo método positivo. Filósofos e políticos de diferentes tradições – “*Victor Hugo, Juárez, Abraham Lincoln, Léon Gambetta, Garibaldi, Kossuth, Gladstone, León XIII, Emilio Castelar, Sarmiento, Björnson, Karl Marx*” – são descritos como homens que “*influyen más y sugieren más a las democracias en formación de nuestros días que todos los tratados de moral.*”²²⁰ Por fim, a noção de verdade já não aparece mais colada à de ciência:

...nos estamos encarando con el universo en todas sus sombras; perseguimos el misterio de todas las cosas hasta en los círculos más retirados de la noche del ser; pedimos a la ciencia la última palabra de lo real y nos

²¹⁸ BAZANT, Mílada. **História de la educación durante el Porfiriato**. Obra citada. p.67

²¹⁹ A historiadora Maria Lígia Prado destaca a “enorme repercussão” do discurso de Justo Sierra em seu estudo “Universidade, Estado e Igreja na América Latina” presente na obra já citada anteriormente. PRADO, Maria Lígia. **Obra citada**. p.104

²²⁰ SIERRA, Justo. Discurso en el acto de la inauguración de la Universidad Nacional de México, el 22 de septiembre de 1910. **Revista historia de la educación latinoamericana** no.15 Tunja July/Dec. 2010. s/p

contesta y nos contestará siempre con la penúltima palabra, dejando entre ella y la verdad absoluta que pensamos vislumbrar, toda la inmensidad de lo relativo²²¹

A narrativa da história mexicana, novamente dividida em etapas e na superação dos diversos desafios necessários, terminava, dessa vez, com um futuro em aberto: “*la historia del pensamiento humano prueba que no se realizan nunca*”, dizia Sierra. Assim, ao mesmo tempo em que o discurso parece ecoar os lugares comuns dos debates da história da educação no país desde Barreda – e também do autor de *Evolución Política del Pueblo Mexicano* – ele aponta para novas direções. A Universidade Nacional não estava presa a previsibilidade do passado:

¿Tenemos una historia? No. La Universidad mexicana que nace hoy no tiene árbol genealógico; tiene raíces, sí, las tiene en una imperiosa tendencia a organizarse, que revela en todas sus manifestaciones la mentalidad nacional y por eso apenas brota del suelo el vástago, cuando al primer beso del sol de la patria se cubre de renuevos y yemas, nuncios de frondas, de flores, de frutos. Ya es fuerte, lo sentimos; hará da sé. Si no tiene antecesores, si no tiene abuelos, nuestra Universidad tiene precursores; el gremio y el claustro de la Real y Pontificia Universidad de México no es para nosotros el antepasado, es el pasado.²²²

E em outro trecho mais contundente:

Los fundadores de la Universidad de antaño decían: “La verdad está definida, enseñadla”; nosotros decimos a los universitarios de hoy: “La verdad se va definiendo, buscadla”. Aquéllos decían: “Sois un grupo selecto encargado de imponer un ideal religioso y político, resumido en estas palabras: Dios y el rey”. Nosotros decimos: “Sois un grupo en perpetua selección, dentro de la substancia popular y tenéis encomendada la realización de un ideal político y social que se resume así: **democracia y libertad**”. (Grifos meus).²²³

A famosa obra de Edmundo O’Gorman considera este momento de Don Justo como um “severo golpe” no positivismo, “*credo filosófico ya en crisis y del que Sierra*

²²¹ Idem. Ibidem

²²² Idem. Ibidem.

²²³ Idem. Ibidem.

se había alejado”.²²⁴ Embora o discurso de Sierra tenha uma série de elementos que permitem-nos pensar em uma ruptura com o Porfiriato ou com o positivismo, é importante considerar ao menos dois pontos aqui. Em primeiro lugar, o famoso discurso de inauguração da Universidade Nacional aconteceu poucos dias após aquele realizado no *Primer Congreso Nacional de Educación Primaria*, em que o *Secretário de Instrucción Pública e Bellas Artes* reiterou todos os pontos clássicos da linguagem política *científica* a respeito da educação no país. Talvez, portanto, faça mais sentido aqui pensar nas diferenças do contexto de enunciação desses discursos do que em uma profunda transformação nas ideias de Sierra a respeito da educação. O discurso de inauguração da universidade foi realizado após prolongada celeuma intelectual, em que o próprio primogênito de Barreda tomou parte e, acredito, pode ser visto também como a resposta final de Sierra. Embora as “reais intenções do autor” sejam inacessíveis, a hipótese que atribui à criação da universidade e à sua cerimônia de inauguração o desligamento de Don Justo da tradição positivista, esbarra no fato de que, naquele ano, o secretário escolheria dois positivistas ortodoxos como diretores – Manuel Flores y Porfirio Parra – e manteria, para todas as escolas, inalterados seus planos e programas de estudo baseados no método positivo.²²⁵ Inaugurada às vésperas da Revolução, a Universidade Nacional e o legado de Sierra, que morreria um ano após a renúncia de Díaz como cônsul de Madero, se formam

²²⁴ O’GORMAN, *Apud* GARCADIIEGO, De Justo Sierra a Vasconcelos. La Universidad Nacional durante la revolución Mexicana. **Obra citada**, p.777. De acordo com o historiador: “Una revisión cuidadosa de la situación real de la Universidad Nacional al momento de su creación desmiente la hipótesis del supuesto ataque al positivismo. No sólo las escuelas profesionales conservaron inalterados sus planes y programas de estudio, esencialmente positivistas, sino que como directores de las secciones fundamentales —la preparatoria y altos estudios— fueron designados dos destacados positivistas ortodoxos, Manuel Flores y Porfirio Parra. Si bien es cierto que el primer rector, Joaquín Eguía Lis, era un ferviente católico, y el primer secretario, Antonio Caso, era el mejor representante de las nuevas corrientes filosóficas, claramente espiritualistas, ello prueba el carácter conciliador de Sierra. Más que una actitud de enterramiento intelectual abiertamente antipositivista, en 1910 prevaleció un espíritu fundacional y conciliador”. Idem. Ibidem.

²²⁵ GARCADIIEGO, Javier. **Obra citada**, p.778

no entremeio da reviravolta política mexicana, o que, talvez, ajude a explicar porque ambos podem aparecer ligados ora ao Antigo Regime, ora ao período revolucionário.²²⁶

Finalmente, é preciso retomar uma das advertências iniciais deste tópico: educadores e filósofos não decidiam sozinhos os caminhos da educação no México. Como demonstrou Gabriela Pellegrino Soares, por meio da educação formal e das ferramentas da escrita, as populações rurais e indígenas buscavam ferramentas para enfrentar as transformações daquela sociedade, defendendo as necessidades de suas comunidades diante de autoridades locais – mas também em diligências para o governo federal. Figuras como a do professor rural se tornavam, então, peça chave na ponte entre estes dois mundos.²²⁷ De acordo com Soares:

Parece-me sim fértil pensar que professores de primeiras letras como Mónico Ayala e Otilio Montañón [professor associado aos zapatistas] representaram mais um canal por meio dos quais os *pueblos* indígenas travaram contato com a escrita e a leitura e incorporaram usos que lhes pareceram estratégicos em contextos específicos. Desta vez, reforçar os princípios do comunitarismo indígena e conferir publicidade e autoridade a um documento que definia o lugar desses grupos no contexto da Revolução. Afinal, podemos observar na trajetória do *Plano de Ayala* – segundo a versão oficial zapatista, dentre as muitas que já se produziram – as imbricadas relações entre leitura e escrita. [...]

O trânsito entre a oralidade e a escrita constituiu, ao longo de séculos, um caminho importante para que as populações indígenas interagissem com as dinâmicas sociais e políticas introduzidas pelas novas elites, coloniais e nacionais. Os professores primários, ao lado de outros mediadores, foram figuras chave no processo de aproximar repertórios culturais letrados e a produção de textos escritos aos usos significativos para a afirmação dos *pueblos* e de seus habitantes em meio às teias de poder e de tensões sociais em que estavam envolvidos. Não por acaso, os maestros de primeras letras também marcaram seu lugar na cena em que os camponeses irromperam na Revolução.²²⁸

²²⁶ O artigo de Garciadiego trata da perspectiva dos estudantes quando da renúncia de Díaz: Ilustrativamente, luego de que don Porfirio renunciara a la presidencia de la nación numerosos estudiantes organizaron una manifestación para felicitarlo por su espíritu de sacrificio y pedirle que permaneciera en el país, donde le prometían que sería adecuadamente honrado. No cabe la menor duda que aquellos jóvenes podían organizar un congreso con propuestas educativas alternativas, o provocar disturbios de carácter nacionalista. Sin embargo, no deseaban el fin del sistema de su época, lo que explica que un gran número haya simpatizado con el moderado movimiento reyista, pero sólo unos cuantos con la corriente revolucionaria. Los universitarios no sólo no apoyaron la lucha maderista sino que la menospreciaron. Actuaban como si nada hubiera sucedido en el país entre finales de 1910 y mediados de 1911; como si Sierra hubiera de estar siempre para protegerla; como si no pudiera ser víctima de revanchismos, al ser considerada una institución porfiriana.

²²⁷ PELLEGRINO, Gabriela. **Obra citada.** p.112.

²²⁸ PELLEGRINO, Gabriela. **Obra Citada.** p.113

Para os termos propostos para essa tese, acredito que seja possível, então, afirmar que a ampliação das instituições escolares significou também um processo de letramento na linguagem política dominante daquela sociedade. Se, por um lado, a questão da oralidade apontada por Pellegrino é um ponto cego para a demonstração da tese que proponho, por outro, diversos elementos apontam para o trânsito entre esses dois registros naquela cultura política. Mesmo o caso já citado dos jovens jornaleiros que gritavam em praça pública as principais notícias do dia, ainda são práticas limitadas do trânsito entre oralidade e escrita, pois, apesar do acelerado crescimento das populações urbanas na capital e cidades do Norte, o distrito federal correspondia a apenas 3% da população nacional na última década do século XIX²²⁹. Nesse cenário majoritariamente rural, os embates entorno da propriedade da terra se tornaram um dos “grandes problemas nacionais”. As chamadas companhias *deslindadoras* e a *Ley sobre Ocupación y Enajenación de Terrenos Baldíos* de 1894 contribuíram para a concentração da terra, atacando diretamente o direito à propriedade *ejidal*. A conclusão consensual entre os personagens dessa história e de seus historiadores é a de que essa situação de injustiça no campo daria origem, em pouco tempo, a um dos elementos centrais da luta revolucionária iniciada em 1910. Trata-se neste ponto, no entanto, de pensar como, de certo modo, a confluência de demandas por um projeto educacional amplo e emancipador nas décadas anteriores ao chamado de Francisco I. Madero, contribuiu para a construção das pautas de revolucionários: não apenas de elites letradas dos centros urbanos, mas também – e em maior quantidade – dos representantes de comunidades rurais e tradicionais que combateram em exércitos populares como o do gal. Emiliano Zapata.

²²⁹ KNIGHT, Allan. **LA revolución Mexicana**. Obra Citada. p.76

Enfim, vale ressaltar também que, tanto do ponto de vista das classificações dos intelectuais quanto – e em especial – das demandas dos *pueblos*, a “questão rural” no México estava entrelaçada em muitas oportunidades com a “questão indígena”. Para as comunidades indígenas, o direito à terra confundia-se com o direito à manutenção de suas tradições assim como o de aquisição das ferramentas (como indica a demanda pelos *maestros rurales*) que permitissem a sua participação nos jogos políticos entre o Porfiriato e a Revolução.

Capítulo II

Terra e liberdade. E Ordem.

A proposta desse capítulo é demonstrar como, entre as vésperas da Revolução e a sua consolidação, os termos do “liberalismo transformado” que se tornou hegemônico no México do Porfiriato permaneceram dominantes na cultura política daquele país em uma complexa relação com os símbolos do liberalismo mexicano e da revolução que se iniciava. Para isso, em um primeiro momento, a análise irá centrar-se em periódicos críticos do Regime, como *El hijo del Ahuizote* e *Regeneración*, assim como os manifestos liberais da oposição, transformados em folhetos, em especial aqueles publicados pelo Clube Liberal Ponciano Arriaga e demais livretos como *La sucesión presidencial de 1910* de Francisco I. Madero. Em um segundo momento, os textos dos diferentes planos revolucionários serão fundamentais para pensarmos as marés e ressacas da retórica liberal empreendida contra a ditadura de Díaz, assim como a linguagem articulada no momento de busca pelo estabelecimento de consensos a partir da queda do ditador. Finalmente, acompanharemos a capilaridade da linguagem política positivista ao redor da questão agrária nos debates dos congressistas que levaram ao texto final da Constituição de 1917.

I) *Para la mayoría del pueblo mexicano, ser Científico es peor que ser bandido*

Às vésperas da Revolução, o *científico* Francisco Bulnes escrevia “*Reconozco que para la mayoría del pueblo mexicano, ser Científico es peor que ser bandido. Durante diecisiete años sólo ha habido en México libertad completa absoluta de prensa*

para difamar, calumniar, herir, pulverizar y enletrinar a los Científicos”²³⁰. Ao longo das últimas duas décadas do Porfiriato, um intenso circuito de clubes liberais e “*antireeleccionistas*” havia se formado. Jornalistas desafiavam a censura da imprensa, enfrentando consequências severas, como a destruição de seus equipamentos, sucessivas prisões, o exílio e a tortura. Entre as publicações de oposição, duas das mais populares passaram pelas mãos dos célebres irmãos Ricardo e Enrique Flores Magón: *El hijo del ahuirote*, fundado por Daniel Cabrera, tio do revolucionário Luís Cabrera, e *Regeneración*, a mais famosa publicação dos “liberais-anarquistas” mexicanos.²³¹

*El hijo del Ahuirote*²³² fazia referência a um jornal da década anterior, chamado *El ahuirote*, como alusão ao animal mitológico asteca. Segundo seu fundador e diretor mais longo da publicação (1886 – 1902), o filho era rebelde e zombador. No cenário de perseguição e aprisionamento de jornalistas e opositores, Cabrera, que assinava as caricaturas como “Fígaro”, dava uma forma jocosa às principais críticas dos opositores da ditadura de Don Porfírio. O epíteto da publicação, “*semanario independiente de oposición feroz e intransigente con todo lo malo*” expunha o tom sério da militância, apesar do humor marcante. A *independência*, reforçada em seu lema, era também um importante lembrete: grandes jornais do país naquele momento, como *Universal* e *El Imparcial*, de Rafael Reyes Spíndola, recebiam generosos suportes estatais, como tinha

²³⁰ ZEA, Leopoldo, *Conciencia y posibilidad del mexicano*, México, Porrúa, 1952, ver HURTADO, Guillermo. Historia y ontología en México: 50 años de revolución. *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*. México ene./jun. 2010.p.432

²³¹ Para além da amplitude dessas publicações, a escolha por estas fontes dá-se pela participação direta destes personagens, de diferentes maneiras, no processo revolucionário, como veremos a seguir.

²³² De acordo com Fernando Ayala Blanco “Sus principales colaboradores fueron Santiago Hernández, Daniel Cabrera y Jesús Martínez Carreón. Muchas caricaturas aparecen sin firmar o bien con nombres supuestos como ‘Fígaro’. Se cree, por el estilo de los dibujos, que Daniel Cabrera era ‘Fígaro’. También participó como escritor Luis Cabrera, sobrino de Daniel Cabrera. A Florencio Castro le siguieron como directores José L. Méndez, Néstor González y Juan S. Díaz. En 1902 asumió la dirección Ricardo Flores Magón y lo relevó Juan Sarabia. Este semanario combatió tenazmente al régimen de Díaz, provocando que las autoridades persiguieran y encarcelaran a todos sus colaboradores. AYALA BLANCO, Fernando. Arte y poder. *Estudios políticos*. México: Núm.21. 2010. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16162010000300004#notas>.

acontecido com *La Libertad* no passado. De acordo com Richard R. Cole²³³, a reação do regime contra o semanário não teve paralelos – ao menos até a criação de *Regeneración* – o que resultou em seguidas prisões e até mesmo na tortura de Daniel Cabrera²³⁴. Quando sua produção foi inviabilizada pela justiça de Díaz, seus demais colaboradores deram origem a outras produções de menor duração, como *El nieto del ahuirote*.²³⁵ A repressão, todavia, não foi capaz de evitar que durante anos, a publicação tenha sido o maior jornal independente da capital²³⁶. Apesar das limitações da alfabetização no México daquele momento, considera-se que o periódico tenha sido relativamente popular, lido por setores dos trabalhadores urbanos da capital, mas com imagens satíricas que também tinham apelo para a população não alfabetizada.²³⁷

Seus ataques mais recorrentes se dirigiam a “*Don Perfídio*”, sua omissão em relação ao poder da Igreja Católica no México e aos *científicos*, quase sempre representados como a materialização de um sistema político corrupto em que as relações de apadrinhamento se sobrepunham à lei e à Constituição. Embora possamos encontrar em muitas das edições a crítica de alguns princípios motores do porfirismo e do grupo de Limantour, Sierra e companhia – como a necessidade de imposição da ordem a todo custo e as adaptações da Constituição à realidade mexicana – a maior parte dos textos e imagens

²³³ COLE, Richard R. **Communication in Latin America: journalism, mass media and society**. Washington: Jaguar Books. 1996. p.122.

²³⁴ De acordo com Richard Cole: “after paying a visit to Cabrera's cell on one occasion, the prison guards "spilled a thimbleful of bedbugs on top of his body, probably hoping to induce typhus”. Idem, ibidem.

²³⁵ AYALA BLANCO, Fernando. **Obra citada**. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16162010000300004#notas. Acesso: 10 jan. 2020.

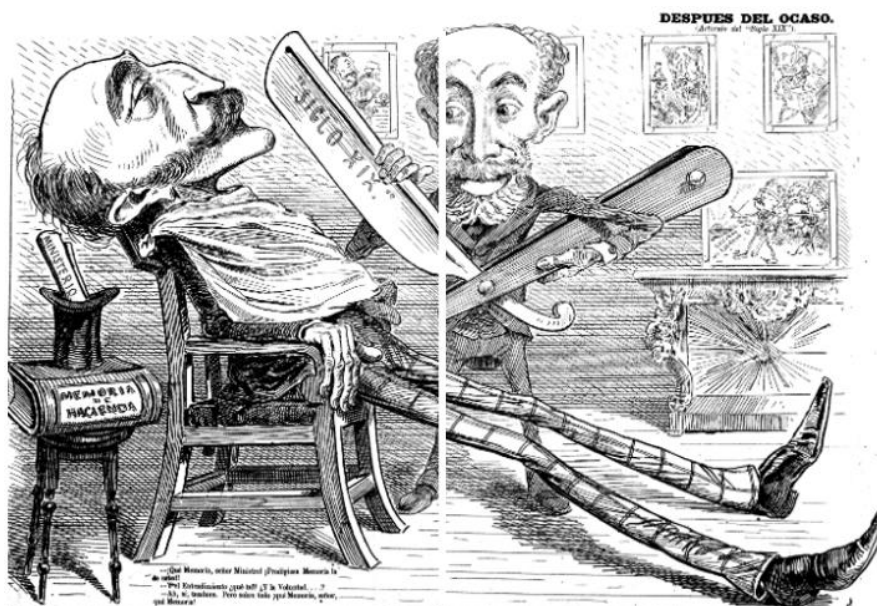
²³⁶ A mudança no periódico é notável, tanto na qualidade da produção quanto na progressiva presença de propagandas de diferentes comerciantes locais.

²³⁷ Segundo Ayala Blanco “El Hijo del Ahuirote, siendo una publicación con cartones políticos y cuyo nombre evidentemente insuflaba reminiscencias del padre, alcanzaba un público más popular que otros periódicos doctrinarios. Sus hirientes caricaturas y agresivos artículos ocasionaron que el gobierno porfirista desencadenara una vigilancia y persecución contra él. Ciertamente los cartones de este semanario jugaron un importante papel de oposición al gobierno porfirista y aumentaron la fuerza creciente de los ideólogos de la Revolución. Sus páginas llegaron a un gran número de personas analfabetas. Las caricaturas esgrimieron un lenguaje directo y sencillo, de fácil comprensión.”. AYALA BLANCO, Fernando. **Obra citada**. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16162010000300004#notas. Acesso: 10 jan. 2020.

atacavam o descompasso entre os ideais proclamados e as efetivas práticas cotidianas dos políticos.

Em 1894, dois anos após a *Unión Liberal*, o poder dos *científicos* se consolidava, com Limantour ocupando a secretaria da fazenda e Justo Sierra a secretaria de instrução pública de Díaz. Nesse ano, os *Científicos* e a imprensa oficialista costumam aparecer com uma referência comum nas páginas de *El hijo del ahuirote*:

i)



ii)

²³⁸ A imagem na edição de 12 de agosto de 1894 mostra o científico José Ives Limantour, secretário da fazenda de Díaz, diante de um barbeiro com uma lâmina colossal em que se lê “*Siglo XIX*”, periódico da Cidade do México. Ao seu lado direito, o diploma ministerial dentro de sua cartola, sob o tomo de “*Memoria de hacienda*”. Ao fundo, quadros na parede: em um deles, Limantour está na posição da figura típica do realejo, enquanto um Díaz miniaturizado dança como um pequeno macaco. Em outro, Díaz e os ministros caminham vendados rumo ao mar em uma praia que se lê “*oficinas del gobierno*”. Há ainda outro quadro com a figura de um velho que definha, mas não pude encontrar evidências para dizer se representa alguém em específico ou apenas a decrepitude do governo. Na legenda abaixo, lê-se o diálogo: “-¿*Qué Memoria, señor Ministro!* ¡*Prodigiosa memoria la de usted!* – *Y el Entendimiento ¿qué tal?* ¿*Y la Voluntad...*? – Ah, sí, también. Pero sobre todo ¡*qué Memoria, señor, qué Memoria!*!”. **EL HIJO DEL AHUIZOTE**, Tomo IX, Ano IX, número 433. México. 12 de agosto de 1894.



Capa da edição de 23 de dezembro de 1894²³⁹

As duas imagens assinadas por Fígaro – isto é, Daniel Cabrera – remetem à noção popular “*hacer la barba*”, que no México é utilizada para se referir ao ato de bajular alguém para se conseguir algo em troca. Em ambos os casos, temos grandes veículos de imprensa ocupando o lugar de adutores do poder. Na primeira caricatura, Cabrera remete a um artigo elogioso a Limantour, publicado no jornal *El siglo XIX* enquanto os quadros na parede mostram o que o jornal rival teria deixado de colocar no papel. Já na segunda imagem, Rafael Reyes Spíndola não apenas carrega a lâmina que simboliza a adulação em suas mãos, como leva o próprio ministro miniaturizado e enjaulado. As

²³⁹ O título no topo da imagem diz “*Declaración Científica*”, enquanto Rafael Reyes Spíndola leva o secretário da fazenda de Díaz, o *científico* Limantour, preso em uma gaiola repleta de “*cuentas*” em que se lê “*hacienda pobre*”. Em suas mãos, uma lâmina de barbear desproporcionalmente grande tem a inscrição *Universal*. Abaixo, a legenda diz “*Sepa la nación entera / Que no es su pasión ingente / Hoy buscar un presidente, / Sino huir de la ratonera*”. **EL HIJO DEL AHUIZOTE**, Tomo IX, Año IX, número 452. México. 23 de dezembro de 1894.

relações de poder se invertem: é a imprensa oficial e adulatora que possui o poder e o dinheiro, enquanto o ministério da fazenda, empobrecido, sofre com as suas contas. Além disso, a referência aos ratos, na legenda, provavelmente diz respeito a ideia de que os ladrões do governo saqueavam o erário. Nos dois casos, como afirmou Leopoldo Zea, a crítica contra os *científicos* se dá *ad hominem*: o problema não está tanto nas ideias positivistas quanto nos homens do governo, acusados em várias edições, por exemplo, de sofrerem de “*empleomanía*”, ou seja, buscarem cargos no governo para si e seus apadrinhados a todo custo. O ponto que tento provar aqui é: o combate que se tornou generalizado contra os *científicos*, entendidos como os homens da ditadura de Díaz, ao concretizar todos os males da ditadura em Limantour e seu gabinete, tornou possível a ideia de ruptura entre as bandeiras do Porfiriato e da Revolução. A campanha realizada por jornais independentes e oposição materializou todos os problemas do país em um restrito grupo de homens e, assim, a corrupção, o regime baseado no compadrio e no desrespeito à Constituição, poderiam ser resolvidos com a queda de Díaz e dos *científicos*.

Sem a pretensão de uma análise mais exaustiva, a referência do *El hijo del Ahuizote* me fez procurar mais atentamente pelo debate entre os jornalistas do período e acredito que este tenha se tornado mais um caminho para a demonstração da tese que se propõe. Foi assim que, lendo edições do jornal criticado por Cabrera como uma publicação adulatora de Limantour, *El siglo XIX*, deparei-me com a seguinte manchete: “*La odisea de un hombre honrado – una victima de los científicos*”

240

²⁴⁰ EL SIGLO DIEZ Y NUEVE. Tomo 108. Número 16,818. México: 8 de jan. de 1894. p.1

alteraram o nome da agremiação “*Unión Liberal*” para “*Unión Científica*”. Charles A. Hale demonstrou como o liberalismo constituiu o mito legitimador mais elementar da política mexicana do século XIX.²⁴¹ Não é difícil deduzir que o ato de separar os *científicos* dessa tradição era, portanto, uma maneira de arrancar-lhes qualquer legitimidade diante das “heroicas lutas dos liberais”. Neste caso, temos um debate em que se mobiliza a tradição a partir de uma simbologia semelhante a um mito de origem, a partir do qual todos os poderes legítimos derivavam em um processo muito semelhante com aquele que aconteceria após a Revolução de 1910.

Tentarei argumentar, porém, que a presença desse mito legitimador no discurso da oposição não equivale ao abandono da linguagem política do positivismo estabelecida no Porfiriato. Apesar do tom do ataque – o destaque da manchete lembra o de notícias trágicas – a perspectiva dos *científicos* sobre a importância da imposição da ordem por Don Porfírio é ecoada no texto. Nas páginas de *Siglo XIX*, Tuxtepec foi uma “*evolución cruenta y dolorosa*” que lançou a república em uma era de “*progreso económico y de progreso administrativo*”. Embora a noção de progresso já fosse cara aos liberais mexicanos como Mora, tal como vimos, ela passou a ser central no Porfiriato. Nesse sentido, não me parece que seja uma coincidência a semelhança entre a perspectiva histórica dos jornalistas, que explicam a derrocada de Lerdo de Tejada e a tomada de poder de Díaz como etapas dolorosas mas necessárias da evolução nacional, e aquela narrativa iniciada por Barreda – e replicada por muitos outros – sobre a superação das etapas e conflitos do passado mexicano. Além disso, a substituição de *política* pelo verbete *administración* durante o Porfiriato já foi estudado por Hale como indicativo de uma das transformações do que ele considera a ideologia política mexicana após a década

²⁴¹ Curiosamente o culto à figura de Juárez como elemento central dessa tradição foi uma criação da ditadura de Porfírio Díaz.

de 1860.²⁴² Críticos dos *científicos* – mas não o suficiente para Cabrera, como vimos – os jornalistas de *Siglo XIX* mantinham a linguagem elaborada pelos positivistas para qualificar a ditadura.

Finalmente, para explicar o trecho do jornal acima, poderíamos, é claro, considerar as possíveis retaliações em termos de verbas ou de censura para uma crítica direta à figura de Don Porfírio. Não se trata, porém, de um caso isolado: em seu cabeçalho, sob um sol nascente, o jornal destaca faixas sob as montanhas mexicanas com os escritos; “*Bellas artes*”, “*Progreso*”, “*Unión*”, “*Comercio*” e “*Industria*”. Todas elas, palavras-chave dos discursos do *caudillo*, mas também de seu gabinete *científico*. Lembremo-nos, por exemplo, de que, ao finalmente convencer Díaz da separação entre as Secretarias de Instrução Pública e Justiça, Sierra iria tornar-se secretário de *Instrucción Pública y Bellas Artes*.

Essa perspectiva crítica dos *científicos*, mas que compartilha de uma linguagem fornecida por aquela cultura política hegemônica, pode ser vista também em algumas das imagens de Daniel Cabrera em *El hijo del Ahuizote*. Em 1892, ano eleitoral em que a *Unión Liberal* se formou, o semanário se dedicou a criticar o processo eleitoral e a elite política que apoiava majoritariamente a reeleição de Díaz. Apesar do consenso do Partido Liberal pelo nome de Díaz, cresciam as vozes de descontentamento na oposição. Foi nesse cenário que se publicou a seguinte imagem:

²⁴² Ver: HALE, Charles A.. **La tradición del derecho continental europeo..** Obra citada.



Capa da edição de 15 de maio de 1892²⁴³

Se para um espectador da história mexicana do século XX a bandeira da não-reeleição liga-se diretamente à Francisco I. Madero e à Revolução, é preciso lembrar que se trata de uma ideia mobilizada pela primeira vez na história mexicana com Porfirio Díaz no Plano de La Noria, em 1871, contra Juárez: “*La reelección indefinida, forzosa y violenta, del Ejecutivo Federal, ha puesto en peligro las instituciones nacionales*”, dizia seu texto. Todavia, “*No reelección*” só se tornaria o popular e vitorioso *slogan* com o movimento de 1876. A referência também pode ser válida para a expressão “*sufragio*

²⁴³ **EL HIJO DEL AHUIZOTE**, Tomo VII, Año VII. México. 15 de maio de 1892. No topo da imagem temos a célebre expressão latina *Vox Populi*, seguida de “*ecos antireeleccionistas*”, com duas personagens em uma biga romana. Na bandeira, carregada pelo o que parece ser um dos irmãos Flores Magón (Ricardo), lê-se “*No reelección*”. Ao seu lado uma imagem, que remete à musa republicana, usa uma tiara com a palavra “*ciencia*”. Em suas laterais, a biga leva os escritos “*ciencia*” e “*trabajo*”. Abaixo, a legenda informa: “*MEXICANOS: ¡Viva el Sufragio Libre!*”.

libre”, que não consta na Constituição tampouco em nenhum outro plano político entre as Guerras da Reforma até estrear no *Plano de La Noria*²⁴⁴ do grupo de Díaz. Trata-se aqui, portanto, de pensar a mobilização de símbolos dos próprios planos políticos do jovem general, em uma outra tradição liberal, mais recente, contra o regime de Don Porfírio. Do mesmo modo, como acredito ser evidente, repete-se a utilização da linguagem política do positivismo dominante. A biga em velocidade, além de uma referência republicana a Roma, talvez possa ser entendida, em seu movimento veloz, como uma metáfora visual para o progresso. Ela traz a República coroada com o termo “ciência” em sua tiara. O verbete ciência é redundante, ganhando destaque também na lateral esquerda do veículo. Se sua presença na biga salta aos olhos, sua inscrição na cabeça da própria República parece enviar uma mensagem ainda mais poderosa: república e ciência caminham juntas, noção válida tanto para a imagem quanto para um discurso de Barreda ou Justo Sierra.

“*Trabajo*” é, obviamente, uma noção mais difícil de rastrear no debate político de fins do século XIX. Ainda assim, pode ser um indicativo o fato de que a expressão “*progreso material*” passou a dominar o debate político no México dos anos 1890, ao mesmo tempo em que o país se viu cada vez mais cortado por ferrovias, símbolo maior da civilização do Porfiriato. Portanto, talvez seja possível pensar que essa imagem, apesar de sua oposição ao Regime, articula-se dentro das lógicas que associavam a república, à ciência e ao progresso material, tal qual realizavam os *científicos*. Finalmente, vale notar, concordando em partes com Alícia Hernández Chávez, que a mobilização de Madero e seu grupo a partir de 1906 nasceu com uma série de ferramentas à mão:

²⁴⁴A expressão pode ser encontrada na seguinte passagem: “Esa ley que convocaba a todos los mexicanos a tomar parte en la lucha electoral bajo el amparo de la Constitución debió ser el principio de una **época de positiva fraternidad**, y cualquiera situación creada realmente en el terreno del **sufragio libre** de los pueblos, contaría hoy con el apoyo de vencedores y vencidos”. DÍAZ, Porfírio. **Plan de la Noria**. Obra citada. p.613

Francisco I. Madero recibió en herencia una larga tradición política de oposición en el noreste y otras regiones del país. En gran medida, durante 16 años, los liberales constitucionalistas, el catolicismo renovado, grupos protestantes, magonistas, anarcosindicalistas y el reyismo, con sus altas y bajas, mantuvieron viva la oposición política ²⁴⁵

Seguindo uma lógica semelhante, François Xavier-Guerra, afirmou que “*uno de los principales éxitos de Madero será, precisamente, el hablar ese ‘lenguaje de la patria’, ese ‘lenguaje de la libertad’, convertido en la referencia común de las jóvenes generaciones.*” ²⁴⁶ O historiador francês afirmou a este respeito: “*El éxito del libro de Madero, el éxito del mismo Madero, no es comprensible fuera de este contexto cultural. Es precisamente el contexto de una generación alimentada desde la escuela primaria en el culto casi religioso de los valores liberales.*” ²⁴⁷ O livro mencionado por Guerra é *La sucesión presidencial de 1910*, publicado em 1908, obra fundamental das narrativas sobre as origens da Revolução e que dialogava diretamente com a imprensa independente em meio ao crescimento dos clubes liberais e contrários à reeleição. ²⁴⁸

A oposição, no entanto, não se dava apenas pelo uso da simbologia ou da linguagem liberal, como vimos. É um fato que a Constituição, a Reforma e a “não reeleição” tornaram-se as bandeiras políticas maiores dos movimentos críticos do Porfiriato ao longo de suas últimas duas décadas. Na sede de *El hijo del Ahuizote*, Cabrera e os irmãos Flores Magón hastearam uma bandeira – literal, dessa vez – com os dizeres

²⁴⁵ Francisco I. Madero recibió en herencia una larga tradición política de oposición en el noreste y otras regiones del país. En gran medida, durante 16 años, los liberales constitucionalistas, el catolicismo renovado, grupos protestantes, magonistas, anarcosindicalistas y el reyismo, con sus altas y bajas, mantuvieron viva la oposición política. CHÁVEZ, Alicia H. **La tradición republicana...** Obra citada. p. 159

²⁴⁶ GUERRA, François-Xavier. **México: del Antiguo Régimen a la Revolución.** Obra citada. Idem, p.432

²⁴⁷ Idem. ibidem.

²⁴⁸ Madero dedica a obra aos heróis mexicanos e à imprensa independente: “dedico este libro á la Prensa Independiente de la República, que con rara abnegación ha sostenido una lucha desigual por más de 30 años contra el poder omnímodo que ha centralizado en sus manos un solo hombre; á esa prensa que, tremolando la bandera constitucional, ha protestado contra todos los abusos del poder y defendido nuestros derechos ultrajados, nuestra Constitución escarnecida, nuestras leyes burladas”. MADERO, Francisco I. **Obra citada.** p. 2

“*La Constitución HA MUERTO...*”.²⁴⁹ Não por acidente, os clubes de oposição e antirreeleição sem exceção utilizavam a denominação *liberal* ou faziam referência a algum importante personagem liberal do passado em seu nome. Este é o caso do famoso “clube liberal Ponciano Arriaga”, fundando por Camilo Arriaga, sobrinho do célebre liberal homenageado, e do qual participavam os irmãos Flores Magón e Juan Sarabia, da publicação *Regeneración*, assim como o futuro revolucionário Antonio Díaz Soto y Gama. A mitologia mobilizada nos panfletos e discursos, porém, não necessariamente correspondeu à linguagem política na qual as ideias destes intelectuais se articularam. No início da década de 1900, o clube Ponciano Arriaga produziu um popular manifesto, destinado a todos os demais clubes liberais propondo o fortalecimento do Partido Liberal para combater os avanços do “*clericalismo y conseguir, dentro de la orden y de la ley la vigencia efectiva de las leyes de la Reforma*”.²⁵⁰ Com o sucesso da convocação e da realização do primeiro congresso no ano seguinte, o grupo de Arriaga divulgou o seguinte manifesto nas páginas de *Regeneración*:

A La Nación

El Congreso Liberal del modo más feliz ha llevado á termino sus trabajos, y al Centro Director, investido de la jefatura del partido liberal constitucionalista, tócalo informar oficialmente á los clubs y a los ciudadanos todos, de las tendencias que guiaron á aquel concurso en sus debates y resoluciones. [...]

Se trató de que unidos llevemos á cabo la regeneración del maltrecho y **disgregado partido liberal, atacado furiosamente por el clero corrompido y sus inmundos y embrutecedores periódicos**, y mirando en sus interioridades, por la prensa semi-oficial, no menos inmunda: por las disensiones que, en mala hora para la Nación, provocó el **mal llamado partido científico**, organizado con fines harto peligrosos para la democracia y en extremo personalistas: y por la inconsecuencia en ideas de eso conjunto de **jacobinos que piensan que la sola misión del liberal es atacar al fraile**, pero que permanecen mudos ó impasibles, por servilismo ó por miedo, ante las complicidades y los abusos del Gobierno. [...]

Para formar un partido verdaderamente nacional, lo primero es contar con adeptos ilustrados y convencidos, y que, amén de no encadenar su conciencia al bando de los traidores, tengan el valor de analizar los actos

²⁴⁹ AYALA BLANCO, Fernando. **Obra citada.** http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16162010000300004#notas. Acesso: 10 jan. 2020.

²⁵⁰ COCKCROFT, James. **Obra citada.** p.90

del actual gobierno, que ha procurado rodearse de individuos-maniqués, desprovistos de carácter y de energías.²⁵¹

Tal qual o convite do ano anterior, o manifesto concentrou suas acusações na relação supostamente submissa do Porfiriato diante da Igreja Católica e, de maneira similar às críticas realizadas por *El hijo del ahuizote*, tratou de atacar a imprensa “*semi-oficial*” vista como parte do regime. Do mesmo modo como acontecia nos discursos da intelectualidade positivista, tanto a Igreja quanto os jacobinos foram criticados e, sobretudo, tal como planejava Justo Sierra, propunha-se a criação de um Partido Liberal “*verdaderamente nacional*”. Nos planos políticos escritos por Arriaga, Soto y Gama e dos irmãos Flores Magón, não parece haver espaço para partidos de oposição: aqueles que se opõem ao projeto de um partido liberal nacional e regenerado, ou representam os interesses das forças conservadoras do catolicismo, ou encarnam o “bando de traidores”.

Enfim, cabe destacar o início de uma mudança na designação dos *científicos*: a oposição parece querer tomar a alcunha imputada aos intelectuais da *Unión Liberal* uma década antes. Em meio a uma cultura política permeada pelos valores do positivismo, Limantour e seu grupo não apenas não foram prejudicados pela qualificação *científicos* como também adotaram o apelido. O monopólio da ciência e da política científica se tornou a base que legitimava o grupo. Assim, podemos supor que, para a oposição da década seguinte, o valor da ciência como termo daquela linguagem política hegemônica

²⁵¹ **Regeneración**, 31 de março de 1901. P.6-8 A respeito dos clubes liberais e Arriaga, Madero afirmou em um dos prefácios de seu livro: “No hablaré del movimiento político por medio de clubs liberales, iniciado por el ardiente demócrata y estimado amigo mío, Ing. Camilo Arriaga, porque ese movimiento fué sofocado en su cuna con el escandaloso atentado que se verificó en San Luis Potosí, y no tuvo tiempo de conmover profundamente á la República. Sin embargo, conviene recordar la rapidez con que se propagó y se ramificó pues es uno de tantos argumentos en que me apoyaré para demostrar que es un error creer que no estamos aptos para la democracia y que el espíritu público ha muerto. Por estos acontecimientos comprendí que los aspirantes á un cambio en el sentido de ver respetada nuestra Constitución, nada podíamos esperar de arriba y no debíamos confiar sino en nuestros propios esfuerzos”. “MÓVILES QUE ME HAN GUIADO PARA ESCRIBIR ESTE LIBRO”, p.149. **Textos de la Revolución Mexicana**. prólogo Javier Garcíadiego / Org. María del Rayo González Vázquez. Caracas: Biblioteca Ayacucho. 2010. p.149

valia a pena ser disputado. Os “*mal-llamados*” científicos passaram a ser grafados quase sempre entre aspas nas publicações dali em diante.

II) *¡Sufragio efectivo, no reelección!*

Os anos seguintes seriam de aumento da repressão sobre a imprensa independente e os clubes liberais que tentariam, sem sucesso, repetir os congressos nacionais. No que é considerado um momento de radicalização, o folheto do segundo manifesto, realizado em 1903 dizia:

Con la frente muy alta, **porque nos llamamos liberales en esta época de inmensa corrupción**, y con el alma desgarrada por el triste espectáculo que hoy presenta nuestro país, apenas la fuerza cedió significativo palmo ante la fuerza del derecho, venimos de nuevo a llamar a vuestros corazones, venimos de nuevo a despertar en vuestras arterias **la noble sangre de los Cuauhtémoc y de los Juárez**; venimos de nuevo a despertar en vuestros cerebros los altivos pensamientos y las fecundas tempestades que agitaron los cráneos de los **Ramírez, de los Arriaga, de los Lerdo de Tejada, de los Ocampo, de los Prieto, de los Gómez Farías, de los Altamirano** y de tantos otros, que de temple superior al de nuestros contemporáneos, supieron ser dignos hijos de la tierra **donde el árbol de la Noche Triste vio llorar a Europa**, de la tierra en que en Dolores y en el Cerro de las Campanas, en Chapultepec y en Veracruz, ha dado muestra al mundo de su valor y de su grandeza y se ha cubierto de gloria entre los aplausos de la civilización y de los pueblos libres.

Mexicanos:

No os llamamos a la Revolución; os llamamos a salvar a la Patria y a discutir y poner en práctica inmediatamente los medios de esa preciosa salvación.

Para eso os pedimos la organización de más clubs, y nos permitimos, con pluma oscura, pero enérgica y veraz, daros una breve reseña del estado en que se encuentra nuestro país.

Nuestro sabio prohombre D. León Guzmán dijo en aquellos gloriosos días del 57, que la felicidad de los pueblos **se cifra en el orden, en la libertad y en el imperio de la Ley**.

Y estas tres cosas, mexicanos, el orden, el imperio de la ley y la libertad garantizan, desde que la regeneradora Revolución de Ayutla estableció la existencia de ellas en nuestro país; garantizan decimos, la igualdad, el predominio de las virtudes, la libertad individual, la prosperidad del comercio y de la agricultura, la rectitud judicial, el sagrado del domicilio, la libertad del trabajo y de industria, el respeto a la propiedad, **la libre manifestación de pensamiento sin más límites que el respeto a la moral, a**

la vida privada y a la paz pública; la inviolabilidad de la vida humana y el triunfo del trabajo y de la honradez sobre el capital y sobre el fraude.

Así lo reconocieron nuestros constituyentes, y de ahí la promulgación de ese gran Código que ha muerto en nuestro país y que nos ofrecía todas esas garantías.

Y como digna adición a la Constitución del 57, uno de los colosos de la legislación americana, el pueblo a quien hoy nos referimos recibió las Leyes de Reforma, que, como ha dicho un escritor liberal, fue lo que como digna contestación a las metralas que asolaban al Puerto de Veracruz, saltó por encima de aquellos muros cubiertos de gloria.

El fraile, el tirano, el militar, todos, quedaban sujetos a la barra de la justicia.

He aquí cómo el imperio de la ley, el orden y la libertad, iban a ser establecidos por una generación de mexicanos dignos, el riego sagrado que robusteciera las raíces del árbol de la Libertad, cuyas opulentas frondas cobijarían y refrescarían la frente enardecida de un gran pueblo, que tinto aún de la sangre candente de la Revolución, se retiraba a la sombra bendita de ese árbol glorioso... sombra que se llama Progreso. [...]

Hoy nuestra Constitución ha muerto, no porque fuera utópica, no porque no fuera adaptada a nuestra generación, sino porque el pueblo ha degenerado a medida que el Clero y la tiranía ha ido triunfando.

Sin la dictadura que desde hace años nos oprime, el pueblo hubiera tenido educación cívica, hubiera entrado en el ejercicio de sus deberes y de sus derechos y la Constitución se hubiera ido formando a su favor.

Muerto nuestro Código Fundamental, murieron con él en nuestro país el imperio de la ley, el orden y la libertad, y nuestro pueblo es desgraciado. ¡El Club Liberal "Ponciano Arriaga"; Centro Director de la Confederación de Clubs Liberales de la República, de pie sobre todas las miserias y sobre todos los personalismos, os convoca hoy ante la ara del deber para luchar por **la regeneración de la Patria!**²⁵²

O manifesto assinado por parte dos mais radicais opositores do Porfiriato mobiliza um longo passado contra a ditadura de Díaz. Partindo dos símbolos da força asteca representadas por Cuauhtémoc e *La Noche Triste*²⁵³, o texto chega até os grandes homens do liberalismo mexicano como Juárez, Melchor Ocampo, Ponciano Arriaga e, curiosamente, Lerdo de Tejada – que foi derrubado pela Revolução de Tuxtepec, justamente quando buscava se reeleger em desacordo com a Constituição de 1857. O folheto se inicia com a diferenciação entre liberais: seus autores expressam o orgulho de denominarem-se liberais “*en esta época de inmensa corrupción*”. Nos documentos da

²⁵² IGLESIAS, Roman Gonzalez (org). **Planes políticos, proclamas, manifiestos y otros documentos de la Independencia al México moderno, 1812-1940.** México: Universidad Nacional Autónoma de México. 1998. p. 505-510

²⁵³ É possível considerar o peso dos debates a respeito do passado asteca realizados por intelectuais tanto do governo quanto de oposição, como mostrou o trabalho de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. FERNANDES, Luiz Oliveira. **Patria Mestiza.** Obra citada.

oposição à ditadura, o verdadeiro liberalismo aparece como sinônimo da pureza dos ideais que fundaram a república, em oposição à corrupção do governo que se apropriou do Partido Liberal.

Ao longo do manifesto, ataca-se uma única formulação tipicamente *científica*: a ideia de que os autores da Constituição de 1857 partiram de uma visão idealista ou utópica da política. Para os companheiros de escrita de Arriaga, a Constituição foi morta “*porque el pueblo ha degenerado a medida que el Clero y la tiranía ha ido triunfando*”. O “*Código Fundamental*”, no entanto, é narrado como a garantia da *ordem* no país – termo repetido em cinco passagens do folheto. Desse modo, o texto associa o império da lei e da ordem à liberdade, caminho para a construção do *progreso*.²⁵⁴ Não se trata, necessariamente, de um eco da linguagem positivista, mas lembremo-nos da operação realizada por Barreda, em diálogo com os liberais de seu tempo, ao organizar o lema *Libertad, Orden y Progreso*.

Apesar das críticas à tirania, o manifesto deixa claro que não está conclamando uma revolução. Parte do mesmo círculo de escritores e jornalistas, Daniel Cabrera, de *El hijo del Ahuizote*, havia escrito anteriormente: “*este periódico no busca la revolución*”²⁵⁵. No mesmo tom, Luís Cabrera²⁵⁶, seu sobrinho e escritor que tomou parte no processo

²⁵⁴ O texto a que se referem os autores do manifesto de Luiz Gusman, vice-presidente do congresso constituinte de 1857 permite pensar, como apontaram Leopoldo Zea e Charles A. Hale nas afinidades entre o liberalismo mexicano e a filosofia positiva. Gusman afirmava no documento oficial para divulgação da Constituição em 1857 “*Se busca la armonía, el acuerdo, la fraternidad, los medios todos de conciliar la libertad con el orden, combinación feliz de donde dimana el verdadero progreso*”. Disponível em: <http://memoriapoliticademexico.org/Textos/3Reforma/1857MCC.html> Acesso: 10 jan. 2020.

²⁵⁵ GÓMEZ-ROBLEDO, Marina. Renace ‘El Hijo del Ahuizote’. El País Digital. México 18 ago. 2018. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2015/08/18/actualidad/1439874819_185211.html. Acesso: 20 ago. 2019.

²⁵⁶ Segundo Eugenia Meyer, Luís Cabrera: “participó desde el año de 1908 en la organización del Partido Antirreeleccionista. Aunque se afilió al partido encabezado por Madero y Vázquez Gómez, conviene recordar que con quien simpatizaba era con Bernardo Reyes; pero como éste no se decidió a iniciar una lucha abierta contra el gobierno, Cabrera lo abandonó. Cabrera reconocía cualidades humanas en Madero, pero no lo consideró preparado para tornar el mando del movimiento. Por su parte, Madero conocía los artículos publicados por aquél contra el viejo orden y sus ataques directísimos a los científicos. Sin embargo, desaprobó la labor del autor porque ‘o no creía en la existencia del Grupo Científico, o no le atribuía la importancia política o instintivamente no le era antipático’. Esto explica también el hecho de que los artículos de Cabrera nunca aparecieran en el órgano oficial del Partido Antirreeleccionista, El

revolucionário, diria, depois de alguns anos, com a vitória de Díaz nas eleições de 1910, que “*era deber patriótico de todos los ciudadanos retirarse nuevamente a sus ocupaciones habituales tan pronto como la campaña ha concluido*”.²⁵⁷ A predominância da ideia de *orden* tinha, como corolário, uma visão negativa sobre as transformações revolucionárias. Em sua obra *México: su evolución social y política*, Justo Sierra, como vimos, a partir de uma metáfora spenceriana, apontava os processos revolucionários como os avessos da evolução e do desenvolvimento saudável do organismo da sociedade. Por diferentes caminhos, parece-me possível dizer que a premissa de que a *orden* estabelecida desde 1876 era essencial para o *progreso* foi, em alguma medida, compartilhada pelos opositores do regime, que, durante a maior parte do tempo, buscaram indicar a necessidade de mudanças ao mesmo tempo em que reforçaram o sentido negativo de uma *revolución*.

Foi a partir deste circuito de uma imprensa independente de oposição e de clubes liberais que surgiram o Clube Nacional e o Partido Antirreeleccionista de Francisco I. Madero, dos Emilio e Francisco irmãos Vázquez Gomes, de Luis Cabrera e José Vasconcelos. Antes mesmo do manifesto do partido, o livro de Madero, *La Sucesión Presidencial de 1910*, constituiu o programa do grupo, com uma escrita marcadamente didática, capítulos enxutos e resumos do argumento central que poderiam ser facilmente divulgados como folhetos. Trechos da obra, assim como textos dos membros do partido, passaram a ser publicados no jornal *El Antirreeleccionista*, cuja circulação foi proibida no mesmo ano de criação, em 1909. A censura não impediu o sucesso do livro do líder potosino que percorria longos séculos da história mexicana para concluir que, apesar da importância de Díaz para o país, seu tempo havia passado e era chegada a hora da etapa

Antirreeleccionista, dirigido por Félix V. Palavicini. MEYER, Eugenia. Luis Cabrera: Teórico y crítico de la revolución. México, Fondo de Cultura Económica. 1982. **Obras políticas Luis Cabrera**. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. I. 1992. p.8

²⁵⁷ KNIGHT, La Revolución Mexicana. **Obra citada** p.121

democrática da história mexicana. A despeito das críticas dirigidas à ditadura, Don Porfírio é narrado com características que não diferiam radicalmente daquelas que lhe conferiam os *científicos*:

El General Díaz no ha sido un déspota vulgar, y la historia nos habla de muy pocos hombres que hayan usado del poder absoluto con tanta moderación. La obra del General Díaz ha consistido en borrar los odios profundos que antes dividían á los mexicanos y en asegurar la paz por más de 30 años; ésta, aunque mecánica al principio, ha hechado profundas raíces en el suelo nacional, de tal modo que su florecimiento en nuestro país, parece definitivo. **La mano de hierro del General Díaz, acabó con nuestro espíritu turbulento e inquieto y ahora que tenemos la calma necesaria** y comprendemos cuan deseable es el reinado de la ley, estamos aptos para concurrir pacíficamente á las urnas electorales y depositar nuestro voto.
²⁵⁸(Grifos meus)

O *caudillo*, mais do que homem necessário, tem a situação de crise na qual assumiu seu governo comparada com aquela vivida por grandes governantes da história, como Júlio César e Napoleão Bonaparte²⁵⁹. O elogio expõe também a ambivalência dessas figuras que passaram do patriotismo heroico ao despotismo, características facilmente associadas a Díaz. No caso do girondino, afirma Madero, tivesse o cônsul deixado de lado as ambições do imperador, sua imagem na posteridade seria distinta, assim como a situação da França da primeira metade do século XIX²⁶⁰. A obra, em mais de uma passagem, parece ter sido escrita diretamente para a leitura do próprio ditador, e a lembrança de Bonaparte ou César constitui, assim, um elogio permeado de advertências, tanto da perspectiva do orgulho e posteridade do líder, quanto como um lembrete dos destinos dos autocratas. Por outro lado, D. Porfírio, diferentemente de Napoleão ou César, teria lidado com a tarefa ingrata de governar uma raça de caráter “impulsivo”²⁶¹e, por

²⁵⁸ MADERO, Francisco I. **Obra citada.** p.102-103.

²⁵⁹ Idem. p.49

²⁶⁰ Idem. Ibidem.

²⁶¹ Idem. p.14

isso, o trecho destaca a importância de sua mão de ferro para controlar o inquieto espírito mexicano na preparação do terreno político para a democracia.

Ao debruçar-se sobre a origem do poder dos ditadores, Madero reitera as lógicas do positivismo reinante em sua ojeriza aos processos revolucionários, fonte não apenas de turbulências, mas avessos do progresso e da consolidação da democracia. De acordo com o potosino:

En las grandes luchas democráticas nunca corre la sangre hermana, ni se arriesga la vida en ellas. [...] Por estas circunstancias decimos: los deseos de luchar en la próxima campaña política y militar en los bandos antirreeleccionistas, deberán afrontar los peligros más graves; la Misma muerte si es preciso; pero es preferible que algunas víctimas sean sacrificadas por la victoriosa espada que nos domina, y no que se vaya a ensangrentar el país con un número muy superior, como el que resultaría de una revolución.²⁶²

A oposição que celebrava os heroicos revolucionários Hidalgo e Juárez concordava com os *científicos* ao considerar as revoluções como eventos necessariamente negativos e etapas superadas da história mexicana. O sentido negativo do termo *revolução* era quase consensual e, não surpreendentemente, essa situação se repetia na imprensa católica de oposição. Por meio de importantes jornais como *El País* e *El Tiempo*, essa imprensa que passou a criticar diferentes aspectos da ditadura – ainda que sem atacar diretamente a figura de Díaz – também pediu mudanças na política ao mesmo tempo em que apontava para os riscos de uma revolução. Em famoso discurso, o jornalista católico Trinidad Sánchez Santos, que, como vimos, era crítico da situação dos trabalhadores rurais e da educação laica, afirmou que apenas o esforço pela conversão do indígena ao catolicismo evitaria que este se tornasse “*ateo y, en ese caso será cruel, salvaje, sibarita, feroz, revolucionario, asesino*”²⁶³. O verbete *revolução* não estava em boa companhia.

²⁶² MADERO, Francisco. **La sucesión presidencial**. Obra citada. p.284

²⁶³ SANCHEZ SANTOS, Trinidad. “La Evangelizacion de los Indios”. Disponível em: http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080014482/1080014482_14.pdf Acesso: 20 jan. 2020.

No lugar de revolução, buscava-se *regeneração*. O termo foi recorrente no manifesto, assim como na linguagem política do Porfiriato.²⁶⁴ Se *regeneración* nos lembra quase imediatamente da célebre publicação dos irmãos Flores Magón – ou, para os espectadores da política mexicana atual, o movimento capitaneado pelo presidente López Obrador –, é instigante a constatação de que o primeiro documento a fazer uso frequente do termo em um plano político, com a ideia de “*regeneración de la patria*”, tenha sido o *Plano de Palo Blanco*, um dos principais documentos do movimento de Tuxtepec. A ideia de uma força regeneradora do país está presente em três de seus doze artigos. Seu décimo artigo afirmava: “*Se reconocerá como general en jefe del ejército regenerador, al ciudadano general Porfirio Díaz.*”²⁶⁵ Embora o termo possa ser encontrado em alguns discursos de importantes liberais da década de 1860, como Melchor Ocampo e Ponciano Arriaga, ele jamais ocupou a centralidade que encontraremos com Díaz e seu uso crescente ao longo do Porfiriato.²⁶⁶ Uma possível origem para a presença do conceito no debate político do México da segunda metade do século XIX é a leitura que os positivistas mexicanos realizaram da obra de Comte em que, assim como na de seu mestre Saint-Simon, o verbete *regeneração* ocupa um papel central. Em seu *Curso de Filosofía Positiva* o filósofo francês definia como propósito elementar de sua filosofia

²⁶⁴ O autor Claude Fell em sua obra *José Vasconcelos: Los años años del Águila* considerou – equivocadamente, acredito – o termo *regeneração* como parte de uma autoreflexão da sociedade mexicana sobre si após o início da Revolução: “Definir y llevar a la práctica una política educativa y cultural clara, dinámica y democrática significaba poner en tela de juicio las estructuras y la evolución de la sociedad mexicana, obligarla a contemplarse a sí misma, a autoanalizarse, a reflexionar sobre su propio desarrollo, su cohesión y su futuro – sobre su ‘regeneración’, como dicen los ensayistas mexicanos posteriores a 1910 –, teniendo presentes las ‘conquistas’ revolucionarias y las reivindicaciones formuladas desde la caída de Porfirio Díaz”. FELL, Claude. **José Vasconcelos los años del Águila** - Educación, cultura y Iberoamericanismo en el México posrevolucionario. Universidad Nacional Autónoma de México (1920-1925). 2009.p.10

²⁶⁵ Planes de Tuxtepec y Palo Blanco noviembre 25 de 1876* Cuartel General del Ejército Constitucionalista. Se manda que se publique por Bando los Planes de Tuxtepec y Palo Blanco Noviembre 25 de 1876. DÍAZ, Porfirio. **Obra citada**. p.617

²⁶⁶ Outro título para o exército de Díaz nesse movimento foi Exército Constitucionalista, expressão que encontraremos novamente durante o processo revolucionário de 1910.

“a regeneração fundamental da educação geral”²⁶⁷ e, em uma famosa passagem afirmava que:

Ora, a ciência final, ainda mais do que cada uma das ciências preliminares, não pode desenvolver seu verdadeiro caráter sem uma exata harmonia geral com a arte correspondente. Mas, por uma coincidência de nenhum modo fortuita, sua fundação teórica encontra logo imenso destino prático, **a fim de presidir hoje toda a regeneração da Europa Ocidental.**²⁶⁸ (Grifos meus)

Regeneração e seu oposto, degeneração, tornaram-se termos centrais da intelectualidade positivista no debate político do final do século XIX e início do XX. A partir do darwinismo social²⁶⁹, esses princípios deram origem a uma série de leituras que justificaram, por exemplo, tanto a eugenia diante do suposto risco de degeneração das raças, quanto as políticas de migração europeia. Ecos da mesma perspectiva de marcha da história informariam parte da cultura política que, na Europa dos anos 1920 e 1930, deu origem ao fascismo e tratou dos riscos da degeneração da raça, da arte e da cultura.²⁷⁰

No caso mexicano, após décadas da reforma do ensino e da lei orgânica de 1867, ao discutirmos os termos do debate político nos anos de 1900, estamos falando de gerações de jovens educados a partir dos planos de ensino pensados por Gabino Barreda

²⁶⁷ COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva. **Os pensadores Auguste Comte** - Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo ; Catecismo positivista. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.14

²⁶⁸ Idem. p. 96

²⁶⁹ As lógicas do “racismo científico” não eram, de modo algum, exclusividade das obras dos *científicos*. O clássico de Andrés Molina Enríquez, *Los grandes problemas nacionales*, “precursor intelectual da Revolução” utiliza-se constantemente das hierarquias raciais para explicar a situação mexicana. Se, é verdade, a obra de Molina Enríquez é mais facilmente identificada com o positivismo, lógicas semelhantes também podem ser encontradas no livro de Madero, *La suceción presidencial de 1910*, onde ele afirmou “Además de esas razones, tomé en consideración una muy importante, y es el carácter de nuestra raza, que es de suyo impulsivo, capaz de un gran esfuerzo en un momento dado, pero incapaz de sostener una lucha prolongada. Me refiero á las luchas en el terreno de las ideas, que con las armas en la mano, sí ha dado pruebas de inquebrantable constancia al tratarse de conquistar su independencia ó defender su soberanía” **Obra citada**. p.14-15.

²⁷⁰ O liberal Hayek, contemporâneo do nazismo, associava diretamente o próprio Comte à ideologia nazista no clássico conservador *O caminho da servidão*. HAYEK, Friedrich A. **O caminho da servidão**. [1944], 2010. Apesar das relações teleológicas que a obra realiza, é curioso contrastar esse mal de origem apontado em Comte na obra de 1944, pois pouco a pouco, no pós-guerra, a ideia de uma influência do positivismo em qualquer movimento ou evento diluiu-se diante do mundo bipolar.

e seus sucessores. Assim, independentemente dos posicionamentos políticos que encontramos na primeira década do século XX, é lícito imaginar que parte das leituras que formaram essa geração tenham tido algum impacto na linguagem política que busco evidenciar.

Lembre-mo-nos ainda que, a partir de sua proeminência, mas também do suporte estatal, a intelectualidade positivista (que mais tarde comporia o grupo dos *científicos*) dispunha de uma série de publicações e periódicos, o que permitiu, durante décadas, a circulação de uma determinada linguagem política nos principais canais da imprensa mexicana. Pautas e palavras de ordem, como *progreso, ordem, ciência e regeneración* tornaram-se, desse modo, elementos tão básicos do debate político que deixavam de ser notados como pertencentes à ideologia do Regime. Esses verbetes passaram a corresponder aos eixos pelos quais a política era discutida, elementos centrais da República – tanto para os defensores de uma “tirania honrada” quanto para os defensores da democracia – que debatiam, assim, no interior de uma *cultura política* dominante.

Para além da obra de Comte e sua leitura realizada por Barreda, é possível considerar também a afinidade entre a ideia de *regenerar* e as metáforas spencerianas da sociedade entendida como um organismo, que dominavam os escritos de *científicos* como Justo Sierra, que, em *México: su evolución social y política* afirmou, como vimos, que a educação proposta por Barreda seria *regeneradora* do país. Em outra passagem, a respeito das guerras civis dos anos 1850 e a reconstrução do país, ele articulou os dois conceitos:

La segunda revolución fue la Reforma, fue la necesidad profunda de hacer establecer una constitución política, es decir, un régimen de libertad, basándolo sobre una transformación social, sobre la supresión de las clases privilegiadas, sobre la distribución equitativa de la riqueza pública, en su mayor parte inmovilizada, sobre la **regeneración** del trabajo, sobre la creación plena de la conciencia nacional por media de la educación popular; esta segunda revolución fue determinada por la invasión americana, que demostró la impotencia de las clases privilegiadas para salvar a la patria y la inconsistencia de un **organismo** que apenas si podía llamarse nación²⁷¹

²⁷¹ SIERRA, Justo. **Obra citada**. p.181

Na mesma linha, em 1910, durante a comemoração do centenário da independência, a ditadura publicou um folheto oficial chamado *La República y su regeneración por el señor General D. Porfirio Díaz*²⁷², em que se repetia a narrativa sobre a pacificação e união do país com o *caudillo*, capaz de trazer “*regeneración material*” por meio de “procedimientos científicos” ao invés de ações radicais. Curiosamente, o verbete e a necessidade de regeneração da nação também apareceram quatro anos antes, na mais famosa obra de oposição ao Regime, o livro que se tornaria, anos mais tarde, um dos marcos para a Revolução: *La sucesión presidencial de 1910*, de Francisco I. Madero. Após criticar Díaz pela escolha autoritária de seu vice, Ramón Corral, a despeito de sua impopularidade na assembleia do Partido Liberal, Madero apontava os dilemas que os mexicanos enfrentavam a partir dali:

Entonces comprendí que no debíamos ya esperar ningún cambio al desaparecer el General Díaz, puesto que su sucesor, impuesto por él á la República, seguiría su misma política, lo cual acarrearía grandes males para la patria, pues si el pueblo doblaba la cerviz, habría sacrificado para siempre sus más caros derechos; ó bien, se erguiría enérgico y valeroso, en cuyo caso tendría que recurrir á la fuerza para reconquistar sus derechos y volvería á ensangrentar nuestro suelo patrio la guerra civil con todos sus horrores y funestas consecuencias.

En cuanto al prohombre que iniciara algún movimiento **regenerador**, no ha parecido y hay que perder las esperanzas de que parezca, pues en más de treinta años de régimen absoluto, no se han podido dar á conocer más prohombres que los que rodean al General Díaz [...].²⁷³ (Grifos meus)

Regenerar ou *regeneración*, parecem ser os termos encontrados para pensar a possibilidade de mudança mais radical do que a “evolução”, mas menos extrema que a

²⁷² O folheto afirmava ainda que: “y como quiera que en países de índole latina, la influencia del gobernante es más decisiva en la prosperidad de los gobernados que en naciones de otro temperamento, cada vez que en aquéllos se aproxima un período electoral” (p.8). Em outro trecho, mais adiante: “en el transcurso de casi una sola generación, han sabido del menosprecio, hacer la estimación; de la bancarrota, el crédito; de la miseria, la prosperidad; de la ignorancia, la ciencia; que han realizado proezas que, en proporción, ningún otro pueblo se ufana de mayores y que han merecido el aplauso ostensible y ruidoso y el elogio sincero y público de las naciones más cultas y prósperas de la tierra”. p.11

²⁷³ MADERO, Francisco I. **Obra citada**. p.7

Revolução. A luta revolucionária para Madero e quase todos os opositores da ditadura, remetia a “*horrores y funestas consecuencias*”.²⁷⁴ O impasse colocado por Madero refletia a situação política da oposição que buscava uma transformação pacífica *por dentro* do sistema político do porfirismo. O caso do *reyismo* é exemplar: enquanto cresciam os clubes liberais, muitos opositores da ditadura passaram a declarar apoio ao Gal. Bernardo Reyes como candidato a *vice* ou mesmo à presidência do país, como uma possibilidade de oposição moderada a Díaz.

O movimento cresceu na capital e nos estados, enquanto o próprio Reyes jamais expressou publicamente qualquer interesse de disputar o poder com Don Porfírio. Quando, em 1908, ocorreu a famosa entrevista Díaz-Creelman, em que o ditador afirmou dar “*la bienvenida a cualquier partido opositorista en la República Mexicana*” e que “*lo consideraré como una bendición, no como un mal*”²⁷⁵, o *reyismo* se tornou o movimento majoritário da oposição liberal ao Regime.²⁷⁶ Clubes reyistas surgiam pelo país e o movimento exerceu forte atração para as classes médias urbanas, assim como para militares de baixa patente e o movimento estudantil. Sem nunca ter contado com o apoio de seu suposto líder, o *reyismo* foi solapado pela obediência de Reyes a Díaz ainda em 1909.

²⁷⁴ Idem. Ibidem.

²⁷⁵ **El Imparcial**, 03 de Março de 1908. Disponível em: <http://www.memoriapoliticademexico.org/Efemerides/3/03031908.html> Acesso: 20 jan. 2019.

²⁷⁶ De acordo com Fernando Ayala Blanco: “La entrevista ‘alborotó a la caballada’. Los jóvenes intelectuales que anteriormente comentaban y opinaban en cafés, ahora escriben folletos y libros con contenidos críticos. Por ejemplo, Querido Moheno publica *¿Hacia dónde vamos?*; Manuel Calero, *Cuestiones electorales*; Emilio Vázquez Gómez, *La reelección indefinida*; Francisco de P. Senties, *La organización política de México*; Ricardo García Granados, *El Problema de la Organización Política*; Francisco I. Madero, *La sucesión presidencial en 1910*, y Andrés Molina Enríquez, *Los grandes problemas nacionales*. Además, dice Luis González, surgen verdaderos partidos políticos: el Partido Reyista, con José López Portillo a la cabeza, propone para presidente de la República al general Díaz y para vicepresidente al general Reyes; el Partido Democrático, donde la figura sobresaliente es Manuel Calero, postula a don Porfirio para la Presidencia y a Calero para la vicepresidencia. AYALA BLANCO, Fernando. La caricatura política en el Porfiriato. **Estudios Políticos (México)**. México, núm. 21, 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16162010000300004#notas. Acesso em: 20 dez. 2019.

Em um manifesto dirigido aos grupos reyistas o general afirmou, frustrando seus seguidores, que o governo de Díaz havia sido “*necesariamente autoritativo y a la vez patriarcal*”, mas que também conduziria o país, por meio da paz, até a democracia no próximo mandato. Segundo Reyes (que se exilaria em seguida):

¿No es patriótico evitar daños de transcendencias graves para los tiempos que vienen, aceptando con viril entereza esos sacrificios que imponen las circunstancias actuales?

Que se conjuren los peligros y hasta los temores de perturbaciones en el interior de la Nación, y así tendremos la base para que se realice la democracia, y sólo así los anhelos patrióticos que hoy se despiertan serán provechosos a la **Civilización** y al **Progreso**.²⁷⁷ (Grifos meus)

Francisco I. Madero foi a segunda opção de uma oposição de grandes proporções, mas marcadamente moderada e zelosa pela *orden*. Mais do que de uma liderança capaz de congrega as diferentes pautas, a candidatura de Madero foi fruto do crescimento de uma oposição nascida dos clubes liberais e reyistas dos últimos anos. A discussão proposta por Madero e a maior parte da oposição a Díaz, contudo, centrou-se na escolha do candidato à vice-presidência. Como o líder potosino escreveu em *La sucesión presidencial de 1910*, a escolha de um nome para o cargo contentaria a nação, pois “*indudablemente será el sucesor del General Díaz, porque su avanzada edad hace muy probable que no llegue con vida al año de 1916, fin del próximo período presidencial*”²⁷⁸. A conquista da vice-presidência era a solução ideal para uma oposição que desejava mudanças na mesma medida em que se afastava de quaisquer referências à noção de *revolução* ou de transformações mais radicais da sociedade. Tal caminho era apontado por reyistas e maderistas, mas também pelos *científicos* que buscaram, sem sucesso, apoio de Díaz para o nome de Limantour como candidato ao cargo. Em certos momentos da

²⁷⁷ REYES, Bernardo. Manifiesto del gral. Bernardo Reyes a los clubes reyistas, en que da a conocer su decisión de no aceptar su candidatura a la vicepresidencia. **Manifestos Políticos [1892-1912]**. (Org.) RAMÍREZ, Manuel González. México: Fondo de Cultura Económica. 1957. p.81

²⁷⁸ MADERO, Francisco. **Obra citada**. p.147

disputa, o enfrentamento entre as lideranças da oposição parece ter se dado a partir da associação dos rivais à possibilidade de uma revolução. Em sua famosa obra, Madero afirmava sobre o general Bernardo Reyes:

El General Reyes ha afirmado en sus protestas que nunca ensangrentará el suelo nacional con una revolución, pero á sus protestas, lo mismo que á todas las declaraciones de origen, oficial, nadie les da crédito; ya estamos acostumbrados á conceder á esas declaraciones, el mismo valor que á sus protestas de respetar la Constitución, que son los primeros en vulnerar. Este es el gran peligro que amenaza á la Nación, todo el mundo lo siente; el mismo General Díaz lo sabe, pero confía que mientras él viva, nunca pasará tal cosa. En eso tiene razón; pero no la tiene al confiar demasiado en que sobrevivirá al General Reyes.²⁷⁹ (Grifos meus)

O melhor candidato era aquele mais distante do adjetivo *revolucionário*. À medida que o processo eleitoral se aproximava, contudo, os dilemas da oposição moderada se aprofundavam. Na fundação do Partido Antirreleccionista em 1909 – até então, Clube Antirreleccionista –, seu manifesto afirmava que:

Los fundadores del Partido Antirreeleccionista tenemos la convicción de que el General Díaz no ha de dejar el poder si no es por medio de la fuerza. Es decir, que sería necesaria una revolución para derrocarlo del puesto que ocupa. Por otra parte, **tenemos igualmente la convicción de que una revolución sería una calamidad nacional y que todos los mexicanos debemos hacer lo posible por evitarla.** Por estas razones creemos que lo único que se puede obtener sin llegar a ese extremo, es que el General Díaz convenga en que el Vicepresidente sea designado por los partidos independientes, así como los diputados y senadores.²⁸⁰

Díaz não deixará o poder “*si no es por medio de la fuerza*”, mas uma revolução deve ser evitada na medida do possível. Se a formulação adotada parece apresentar a possibilidade de pensarmos que a revolução, apesar de não desejada, pode vir a ser necessária, o trecho seguinte retoma a moderada fórmula da solução para a ditadura a partir da vice-presidência. Um dos intelectuais subscritos do manifesto, Luís Cabrera – que durante a Revolução se tornaria o principal conselheiro de Venustiano Carranza –

²⁷⁹ Idem. p.256

²⁸⁰ RAMÍREZ, Manuel González. **Manifiestos Políticos** [1892-1912]. Obra citada. p.127

defendia até mesmo em novembro de 1910, início do processo revolucionário, que a oposição deveria seguir concentrada em um plano *evolutivo* e que “*debían encontrarse soluciones prácticas y legales*”.²⁸¹

Isso não significa, entretanto, que não havia entre esses circuitos quem formulasse, aos poucos, soluções mais ousadas para a situação da república mexicana, quem inovasse a linguagem política, ou, usando os termos de Pocock citados na introdução, aqueles que executaram *lances* dentro da linguagem política liberal de oposição ao Porfiriato.

A oposição radical, quando se trata de pensar intelectuais citadinos, como é consenso na historiografia, concentrava-se ao redor da publicação *Regeneración*. Ao longo da década que antecedeu a Revolução, como vimos, a publicação ocupou o lugar de inimiga do Regime, tendo sido censurada, pela primeira vez, em 1901. O periódico, de publicação intermitente graças à repressão, passaria a ser publicado a partir do sul dos Estados Unidos, com o exílio de seus criadores em 1904, entre eles os irmãos Ricardo e Enrique Flores Magón, Juan e Manuel Sarabia, Antonio Díaz Soto y Gama e Camilo Arriaga. Tema clássico da historiografia, *Regeneración* tem sua importância reiterada em qualquer obra sobre a Revolução Mexicana como o veículo dos escritos que deram origem ao *magonismo*, considerado uma corrente própria do pensamento revolucionário mexicano, a partir das leituras que Ricardo, o mais radical dos irmãos Flores Magón, propunha do anarquismo.²⁸² O caminho até a radicalização, porém, foi gradual e acompanhou a história da publicação, assim como os sucessos dos clubes liberais que se organizavam naquele momento.

²⁸¹ MEYER, Eugenia. **Obra Citada** p.28

²⁸² A respeito dessa publicação na historiografia brasileira ver o estudo de SOUZA, Fabio. *Regeneración: interconexões, propaganda libertária e discurso impresso (méxico, séculos xix e xx)*. **Anais do XIII Encontro Regional de História** – ANPUH MS. Realizado entre 8 e 11 de novembro de 2016. Disponível em:

http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1478462117_ARQUIVO_Regeneracion.pdf
Acesso: 13 dez. 2019.

A fundação do jornal se deu em 1900, com o lema “*Periódico Jurídico Independiente*” e, no fim do mesmo ano, adotou seu epíteto mais famoso “*Periódico Independiente de Combate*”. Em sua primeira edição, os irmãos Flores Magón afirmavam em um texto de apresentação:

Nosotros no tenemos la pretensión de constituir una falange; pero nuestro vigor juvenil y nuestro patriotismo, nos inducen á buscar un remedio, y al efecto, señalar, denunciar todos aquellos actos de los funcionarios judiciales que no se acomoden á los preceptos de la ley escrita, para que la vergüenza pública haga con ellos la justicia que se merecen. [...]

El espíritu público, tan decaído en las actuales circunstancias, dado el momento histórico porque atravesamos, necesita estimulantes enérgicos á fin de que despierta de su marasmo y haga saber sus aspiraciones y sus ideales.²⁸³

Na carta de intenções apresentada pelos jornalistas temos uma linguagem que não parece diferir substancialmente daquela que circulava nos demais discursos da oposição. Nesse primeiro momento, de acordo com as páginas do periódico, o problema enfrentado no México estava mais nos indivíduos e seu autoritarismo do que nas ideias defendidas por eles. Como o título da publicação apontava, esses jornalistas, ainda que mais radicais do que Reyes ou Madero, tampouco propunham, em um primeiro momento, uma ação revolucionária.

A publicação se deu no mesmo ano em que o clube liberal Ponciano Arriaga convocava, por meio de carta de Camilo Arriaga, todos os clubes liberais do país para a assembleia inaugural de uma federação. Seu autor, postosino, assim como muitos dos nomes que se destacariam na oposição à ditadura, era descrito como um “liberal fanático”.²⁸⁴ Formou-se na ENP de Barreda e foi aluno da *Escuela Nacional de Ingenieros* na capital, onde se aproximou do *científico* Francisco Bulnes, com quem manteve relações políticas – inclusive atuando conjuntamente em algumas causas.²⁸⁵ Os irmãos

²⁸³ *Regeneración*. 07 de agosto de 1900.

²⁸⁴ COCKCROFT, James. **Obra citada** p.61

²⁸⁵ De acordó com Florencio Barrera Fuentes: “Su primera manifestación de resonancia nacional la dió siendo diputado federal cuando en unión de don Francisco Bulnes, Felipe Berriozábal, hijo, y de otros diputados consignaron al Gran Jurado, sin éxito, al gobernador de Tlaxcala don Próspero Cahuatzin, que

Flores Magón e seus colaboradores, como Juan Sarabia e Antonio Dias Soto y Gama, tal como membros de diversos clubes liberais de outros estados, atenderam ao chamado de Arriaga. Realizava-se, então, o *Primero Congreso Liberal de San Luís Potosí*, em 1901. Entre suas decisões, deu-se a criação da federação de clubes liberais com o objetivo de restaurar a Constituição de 1857 e a derrubar o tirano Díaz.

Don Porfírio e seus apoiadores não se resignaram à condição de espectadores: um discurso realizado por Soto y Gama, em que pedia por democracia e a queda do *caudillo* rendeu-lhe a prisão no mesmo ano. Ao longo do ano de 1901, não apenas Soto y Gama, mas também Arriaga e os irmãos Flores Magón foram acusados de perturbação da ordem e presos em mais de uma ocasião. O movimento de oposição, no entanto, seguiu crescendo e radicalizou-se conforme a pressão sobre o Regime aumentou. A mudança do lema de *Regeneración* marcava também uma postura mais combativa. Em artigo, sem assinatura, chamado “*El jacobinismo*”, os jornalistas analisavam os discursos oficiais na celebração do aniversário de morte de Juárez, tendo como alvo principal, o *científico* e diretor da ENP, Porfírio Parra:

El 18 de Julio fue un día propicio á las mayores irreverencias á nuestro Gran Juárez. Loa oradores independientes estuvieron felices en sus oraciones fúnebres. Lázaro Villarreal, Avelino Espinosa, José M* Lozano y otros más cantaron las virtudes del patricio muerto. Sus discursos causaron honda impresión en el corazón del pueblo. Pero Urueta, Porfirio Parra, Mateo Cejudo y algunos otros, hicieron á un lado la benemérita obra del Gran Repúblico, a la qué algunos de ellos tacharon de soñadora e imposible y trataron de ridiculizarla llamándola jacobina. Nuestros mediocres intelectuales hacen burla del jacobinismo, hacen, burla de Juárez porque fue jacobino. Tal irreverencia anonada

¿Qué ideal puro no está basado en el jacobinismo? ¿Qué principio liberal no tiene como asiento el jacobinismo? **¿Qué idea de progreso y de adelanto deja de informar en el jacobinismo?** ¿No es jacobina nuestra Constitución de 57?

permitió la inhumación del cadáver del obispo tlaxcalteca en el atrio de la catedral, violando la Ley de Reforma que secularizó los cementerios. La osadía de estos legisladores en momentos en que las ljas del general Díaz con el clero mexicano eran notorias, les valió, con excepción de Bulnes, no volver a ser diputados”. BARRERA FUENTES, Florencio. **História de la Revolución Mexicana – La etapa precursora**. México: Biblioteca del Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana. 1955. p.33-34

Las nobles ansias de los pueblos hacia la perfección social y política, tienen por principio el más puro jacobinismo, El jacobinismo **es luz en la ciencia, belleza en el arte**, altruismo en moral, abnegación y sacrificio en las luchas sociales y políticas.²⁸⁶

Nas décadas anteriores, os intelectuais de influência positivista da *Unión Liberal* adotaram a designação de seus críticos, como *científicos*. A associação à política científica não parecia ser um demérito aos olhos do grupo de Limantour. Acredito que operação semelhante se realiza no artigo acima, com a ressignificação do termo *jacobinismo*. Na linguagem política hegemônica do positivismo mexicano, o jacobinismo era, como vimos, sinônimo do revolucionário que, a partir de ideais utópicos, afetava o processo evolutivo *normal* da sociedade por uma série de violências à lei, trazendo a desordem e prejudicando a marcha do *progreso*. Nesse texto, porém, os colaboradores de *Regeneración* transformaram o *jacobinismo* em princípio motor não apenas do liberalismo mexicano e de suas conquistas, sinônimo de Juárez e da Constituição de 1857 e de todo o *progreso*, “*luz en la ciencia, belleza en el arte*”. Assim, em um lance no caminho inverso ao que Barreda realizou anos antes com o lema de “*Libertad, orden y progreso*”, inovando sob a linguagem do liberalismo da Reforma, a geração de Flores Magón associou o *jacobinismo* ao *progreso*, palavra-chave, meta e premissa de qualquer debate da política mexicana durante o Porfiriato. Os liberais *jacobinos* retomavam, então, a *liberdade* emprestada aos positivistas por Barreda e, com ela, traziam o *progreso* para o seu terreno.

Criava-se, aos poucos, um solo fértil para a proposição de noções que flertavam com princípios disruptivos da ordem, como *revolução* – verbete em desuso na linguagem política hegemônica até aquela década. Se é a imaginação política que, como disse Jacques Rancière, “*entra em ação para construir, delimitar, organizar um espaço, dar*

²⁸⁶ *Regeneración*, 31 agosto 1901

outro ritmo ao tempo”²⁸⁷, é possível considerar que o circuito composto por *Regeneración* e pelos clubes liberais foi seu laboratório. A imaginação, porém, só se articula à política por meio da linguagem: não há ideia política para além da palavra escrita e falada, a linguagem é sua via e sua prisão. A passagem pavimentada pelos *jacobinos* mexicanos para a mudança dava-se sobre os caminhos construídos entre a Reforma e o Porfiriato.

Em 1902, a preparação para o Segundo Congresso Liberal em San Luis Potosí tornou-se alvo da repressão do regime. Os clubes liberais dissolvidos se reagrupavam em diferentes cidades. Em 1903, com a liberdade de Camilo Arriaga, Juan Sarabia e Antonio Díaz Soto y Gama, fundava-se na cidade do México o *Centro Director de la Confederación de Clubes Liberales Ponciano Arriaga*, reunindo diversos liberais locais e antigos apoiadores potosinos. É deste período a publicação do manifesto citado anteriormente que, embora tenha fortalecido o surgimento de novos clubes liberais, também centralizou no grupo de Arriaga e dos irmãos Flores Magón os ataques recebidos do Regime.²⁸⁸ Com o recrudescimento da repressão, esses intelectuais buscaram, como vimos, exílio nos EUA em 1904, de onde voltaram a produzir publicações e manifestos. Tinha início a segunda fase de *Regeneración*, que, daí em diante – publicado em espanhol, inglês e, mais tarde, italiano – consolidou um discurso que abdicava, em absoluto, da possibilidade de reformas democráticas internas ao sistema político do Porfiriato. Na edição de 19 de novembro de 1904, como havia se tornado tradição, o jornal estampava vários artigos contrários à ditadura – cujos títulos, ainda que vistos a distância por transeuntes eram inequívocos em sua mensagem:

²⁸⁷ BALCÁZAR MORENO, Melina. Entrevista com Jacques Rancière. **Milenio**, 14 jul de 2018. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/-A-politica-e-imaginacao-Entrevista-com-Jacques-Ranciere/4/41080>

²⁸⁸ Nesses anos, entre prisões e censuras, as publicações de oposição cresceram intensamente e, em 1902, Ricardo Flores Magón assumia a direção do *El hijo del ahuirote*. COCKCROFT, James, **Obra citada**, p.102

Regeneración.

Perifoneo independiente de combate.

Director: RICARDO FLORES MAGÓN.

Jefe de Redacción: Juan Savalón.

Redacción y Administración: SAN ANTONIO, TEX., E. U. A. - Monitoreo y distribución.

Acreditado: Enrique Flores Magón.

Porfirio Díaz no es la Patria.

La lucha desde el extranjero.

La tiranía científica.

Enseñanza democrática.

La actividad del "Círculo de Amigos".

El Círculo de Amigos.

El Círculo de Amigos.

El cientificismo es una amenaza.

En otra parte de este número damos una noticia relativa a la presión que el Gobernador Emilio Pimentel ejerció sobre los miembros de la "Asociación Juíces de Oaxaca".

El hecho de que un individuo perteneciente al grupo científico ejerza presión, como lo acaba de efectuar Emilio Pimentel, no es un hecho aislado que pudiera pasar como un incidente sin trascendencia, es por el contrario, un hecho perfectamente relacionado con otros semejantes efectuados por miembros de ese grupo.

Los ciudadanos, absolutamente convencidos con sobra de razón, de que los gobiernos militares son inestables, sentían la necesidad de que ocupasen la Presidencia de la República hombres que, como Juárez y como Lerdo de Tejada, no llevasen la espada al cinto sino la ley en la mano.

En natural deseo tal cosa. La Dictadura armada del Genl. Díaz ha lastimado tantos derechos, ha herido de muerte tantas libertades, que desear el imperio de la ley sobre la fuerza siempre creiga y sea libre arbitrariedad cuando no está el ser vivo de la justicia, era una necesidad.

han concretado a esperar con paciencia musulmana a que se cumpla el destino de la Patria, sin hacer ellas un esfuerzo, sin poner en acción una energía, fadas en una Providencia que se convertirá en su azote en castigo de su impasibilidad criminal ante la democracia asediada.

Por pereza, por cobardía o por corrupción, esas personas han esperado luchar, que la Patria se salve por medio de la acción del Partido Científico, cuando éste llegue al gobierno de la nación.

Crean esas personas, que el Partido Científico, integrado por individuos que no son militares, podría gobernar por medio de la ley. Esas personas se equivocan.

El Partido Científico ha demostrado ser tan pasional como lo es Bernardo Reyes.

A Bernardo Reyes se le acusa, y con justicia, de apartarse de la razón en todos los casos para obedecer sólo a sus instintos, a sus apetitos, a sus pasiones, a sus simpatías ó antipatías. Se le acusa de arbitrariedad, de violencia, de ambición desenfrenada. Todo eso es cierto, pero en preciso ser justo, es preciso hablar con honradez: los

A escrita do artigo registra algumas marcas importantes do ponto de vista do trabalho sobre a linguagem, como a designação dos *científicos* entre aspas, que, como vimos, podia ser encontrada na convocação inicial de Camilo Arriaga em 1900. O conteúdo das diferentes matérias reitera a ideia de que a política dos *científicos* nada tem de ciência ou racionalidade, trata-se apenas de um nome que acoberta as práticas de corrupção do sistema. O artigo seguinte da edição chama-se *El científicismo es una amenaza*. Ele dizia:

Por pereza, por cobardía ó por corrupción, esas personas han esperado sin luchar, que la Patria se salve por medio de la acción del Partido Científico, cuando éste llegue al gobierno de la nación. Creen esas personas, que el Partido Científico, integrado por individuos que no son militares, podría gobernar por medio de la ley. Esas personas se equivocan. **El Partido Científico ha demostrado ser tan pasional** como lo es Bernardo Reyes. A Bernardo Reyes se le acusa, y con justicia, de apartarse de la razón en todos los casos para obedecer sólo á sus instintos, á sus apetites, á sus pasiones, á sus simpatías ó antipatías. Se le acusa de arbitrariedad, de violencia, de ambición desenfrenada. Todo eso es cierto, pero es preciso ser justos, es preciso hablar con honradez: los “científicos” adolecen de los mismos defectos y tan desgraciada sería la Patria con un Presidente pasional como Bernardo Reyes, como lo sería con un Presidente **jesuíta** como lo son los “científicos”.²⁹⁰

A ameaça dos *científicos* reside no fato de que eles não são verdadeiramente *científicos*. O artigo remete à crença dos liberais positivistas de que um governo formado por estes intelectuais corresponderia à superação do *caudillismo*. Em momento algum do artigo se combate o científicismo, ou melhor, depreende-se dele que *científicismo* é toda política realizada por um dos *científicos* de Porfírio Díaz. Diante de uma oposição moderada que, considerando a proximidade da morte de Don Porfírio, poderia colocar suas esperanças em uma presidência vinda dos gabinetes de Limantour e companhia, o *Regeneración* alertava: como Bernardo Reyes, os *científicos* são passionais e incapazes de uma política verdadeiramente racional. O não-dito fundamental para pensarmos as

²⁹⁰ Idem. Ibidem.

legitimidades daquela cultura política está, então, no fato de que uma política verdadeiramente científica e racional seria bem-vinda. Essa premissa criada pela linguagem política do positivismo permanecerá, assim, intocada, mesmo quando os *científicos* forem tragados pela Revolução.

Os dois trechos trabalham com as lógicas do progresso e das forças reacionárias – mais do que indivíduos motivados apenas por relações pessoais, os *científicos* são como “jesuítas”. Porém, se estar do lado do *progreso* foi uma força legitimadora central do Porfiriato, outra, mais antiga, era o mito liberal. Nesse sentido, o artigo “*La tiranía ‘científica’*” chama a atenção para o fato de que os próprios agentes daquele debate pareciam ter consciência de como a associação ao liberalismo validava os posicionamentos políticos diante dos interlocutores naquele cenário. O governador Pimentel simulou *um verniz de liberalismo*, dizia o texto. Essa consciência foi expressa em mais de uma oportunidade na medida em que o movimento se radicalizou nos anos seguintes.

Em 1905 os irmãos Flores Magón, em suas mensagens privadas, reiteraram que deveriam ocultar certas palavras de seus escritos, pois, mesmo que estivessem, naquele momento, de acordo com o socialismo revolucionário, as palavras *socialismo* e *anarquismo* seriam “*motivo de espanto para el medio general y dominante*” e não deveriam ser usadas para manter “*el interés de los liberales*”²⁹¹. Segundo Ricardo Flores Magón:

Para alcanzar grandes beneficios para el pueblo, beneficios efectivos, hay que obrar como anarquistas fácilmente aplastados [sic] aun por los mismos que nos tienen por jefes. Todo se reduce a mera cuestión de táctica. Si desde un principio nos hubiéramos llamado anarquistas, nadie, a no ser unos cuantos, nos habría escuchado. Sin llamarnos anarquistas hemos ido prendiendo en los cerebros ideas de odio contra la clase poseedora y contra la casta gubernamental. Ningún partido liberal en el mundo tiene las tendencias anticapitalistas del que está próximo a revolucionar en México, y eso se ha conseguido sin decir que somos anarquistas, y no lo habríamos logrado ni aunque nos hubiéramos titulado no ya anarquistas como somos, sino

²⁹¹ Disponível em: <http://archivomagon.net/obras-completas/correspondencia-1899-1922/c-1908/cor265/>

simplemente socialistas. Todo es, pues, cuestión de táctica. Debemos dar las tierras al pueblo en el curso de la revolución; de ese modo no se engañará después a los pobres. No hay un solo gobierno que pueda beneficiar al pueblo contra los intereses de la burguesía. Esto lo saben bien ustedes como anarquistas y, por lo mismo, no tengo necesidad de demostrarlo con razonamientos o con ejemplos. Debemos también dar posesión al pueblo de las fábricas, las minas, etcétera. Para no echarnos encima a la nación entera, debemos seguir la misma táctica que hemos ensayado con tanto éxito: nos seguimos llamando liberales en el curso de la revolución, pero en realidad iremos propagando la anarquía y ejecutando actos anárquicos. Iremos despojando a los burgueses y restituyendo al Pueblo.²⁹²

O trecho acima, por conta da natureza pessoal da fonte, é um raro exemplo, quase uma confissão, de como os personagens dessa história podiam escolher cuidadosamente as palavras que utilizavam, as legitimidades que buscavam e os *desvios* que executavam na linguagem política hegemônica de sua época. A perspectiva do socialismo marxista e do anarquismo redefiniram a noção de *liberal* para os magonistas – o que se tornaria a regra para o México e para o mundo apenas após o famoso Outubro de 1917 na Rússia – e eram eles que agora buscavam seu “verniz liberal” para manter a legitimidade do mito unificador da política mexicana do século XIX. A virada à esquerda dos irmãos Flores Magón levou a uma série de divergências que resultaram na divisão do grupo. Enquanto Arriaga voltaria ao México em 1908, sob a acusação de Ricardo Flores Magón de que teria se tornado um “porfirista”, o pai do *magonismo* estava cada vez mais ligado às leituras do anarquismo.²⁹³

O cuidado com as palavras entre os anos de 1905 e 1906 diz respeito à escrita do manifesto e programa do Partido Liberal Mexicano, iniciativa do grupo de radicais exilados. O livreto contou com 250 mil cópias nos anos seguintes, tornando-se uma leitura inevitável para os revolucionários ao longo da próxima década e, não por coincidência, com pautas muito semelhantes àsquelas que se firmaram na Constituição Mexicana de

²⁹² Idem. Ibidem.

²⁹³ Flores Magón passou a tratar as pautas da desigualdade social e da organização dos trabalhadores também nos EUA – onde foi preso em 1918 e faleceu em 1924.

1917.²⁹⁴ Sua proposta, a partir dos amálgamas ideológicos que se articulavam durante o exílio do grupo de *Regeneración*, transformava substancialmente os projetos iniciais dos *jacobinos* mexicanos. Os trabalhadores urbanos e os camponeses como agentes da mudança, assim como o direito ao salário-mínimo e à terra, passaram a ocupar um lugar central no programa “liberal-anarquista” do escrito dos irmãos Flores Magón e dos Sarabias. O vocabulário político se transformou junto das pautas: nas cerca de vinte páginas do documento, estão ausentes as noções de *progreso* e *evolución*, enquanto *regeneración* aparece apenas como referência à função do sistema prisional.

Na introdução deste trabalho, mencionei as críticas sobre as possibilidades de pensarmos os interesses “por detrás do texto” a partir da obra de Quentin Skinner. Se, por um lado, o procedimento é, no mínimo, arriscado, por outro lado parece estranho ignorar as informações trazidas pela correspondência dos irmãos Flores Magón. O que equivale, neste caso, ao lembrete de que o que temos aqui é um texto produzido por autores que *conscientemente* planejaram manipular a linguagem e simbologia daquela cultura política hegemônica para introduzir novas ideias, oriundas de outras tradições, por *dentro* das lógicas e códigos legitimados e aceitos naquele debate político. Para usar o termo proposto por John Pocock, os jacobinos mexicanos executaram, conscientemente, um *lance*. O que me interessa, porém, não são suas intenções. O que circularia pelos clubes liberais e pelos planos dos revolucionários mexicanos, não eram as motivações “puras” dos autores, mas suas palavras concretizadas, as intenções transformadas em linguagem, o *lance* executado e não o *planejado*. É esse ideário, concreto, que encontraremos em diálogos e diferentes leituras no zapatista Plano de Ayala ou nos debates dos constituintes de 1917.

²⁹⁴ O Presidente mexicano eleito em 2018, Lopez Obrador, alega que seu plano de governo está inspirado no Manifesto do PLM e no Plano Sexenal de Cárdenas.

Apesar dos elementos inaugurais do manifesto, os inimigos que se apresentam são os mesmos reiterados pela imprensa de oposição da década anterior. Os *científicos* não são mencionados nominalmente, mas, mais uma vez, juntos de Díaz e da Igreja, constituem-se nos principais objetos de ataque dos jacobinos:

¡Utopía! ¡Ensueño!, clamarán, disfrazando su terror con filosofías abyectas, los que pretenden detener las reivindicaciones populares para no perder un puesto productivo ó un negocio poco limpio. Es el viejo estribillo de todos los retrógrados ante los grandes avances de los pueblos, es la eterna defensa de la infamia. Se tacha de utópico lo que es redentor para justificar que se le ataque ó se le destruya: todos los que han atentado contra nuestra sabia Constitución se han querido disculpar declarándola irrealizable; hoy mismo, los lacayos de Porfirio Díaz repiten esa necesidad para velar el crimen del tirano, y no recuerdan esos miserables que esa Constitución que llaman tan utópica, tan inadecuada para nuestro pueblo, tan imposible de practicar, fue perfectamente realizable para gobernantes honrados como Juárez y Lerdo de Tejada.²⁹⁵

O ataque às filosofias dos positivistas, “*abyectas*”, é um ponto novo em uma linha de acusações antigas. Segundo o manifesto, os *científicos* usam sua filosofia apenas como um *disfarce* para o terror e para a manutenção de seus cargos, são os *lacaios* que justificam a tirania de Díaz. O termo *progreso* não aparece no texto, mas o sentido da marcha histórica está delineado em cada embate: os *científicos* são retrógrados. Aqui, mais uma vez, se atacam mais os homens e suas práticas do que suas ideias, vistas apenas como um *disfarce* para interesses personalistas.

Se o argumento do *progreso* aparece como um entimema, a palavra-chave mais elementar da linguagem política do Porfiriato, o verbete *orden*, é usado de maneira explícita, mas limitada:

Las manifestaciones del pensamiento deben ser sagradas para un Gobierno liberal de verdad; la libertad de palabra y de prensa no deben tener restricciones que hagan inviolable al Gobierno en ciertos casos y que permitan á los funcionarios ser indignos y corrompidos fuera de la vida pública. **El orden público tiene que ser inalterable bajo un buen Gobierno**, y no habrá periodista que quiera y mucho menos que pueda turbarlo sin motivo, y aun cuanto á la vida privada no tiene por qué respetarse cuando se relaciona con

²⁹⁵ El Programa del Partido Liberal Mexicano de 1906. Disponível em: <https://www.gob.mx/presidencia/prensa/el-programa-del-partido-liberal-mexicano-de-1906>

hechos que caen bajo el dominio público. Para los calumniadores, chantajistas y otros pícaros que abusen de estas libertades, no faltarán severos castigos. No se puede, sin faltar á la igualdad democrática, establecer tribunales especiales para juzgar los delitos de imprenta. Abolir por una parte el fuero militar y establecer por otra el periodístico, será obrar no democrática sino caprichosamente. Establecidas amplias libertades para la prensa y la palabra, no cabe ya distinguir y favorecer á los delincuentes de este orden, los que, por lo demás, no serán muchos. **Bajo los gobiernos populares, no hay delitos de imprenta.**²⁹⁶(Grifos meus)

Enquanto o manifesto do PLM inovou o ideário e a linguagem da oposição ao Porfiriato, ele também reproduziria uma noção central para aquela política: a ideia de que a *ordem* e o futuro mexicanos caberiam a um partido nacional liberal, capaz de representar as *verdadeiras* aspirações populares. Não se trata de pensar um novo sistema político: o partido liberal e a democracia se confundem, a participação política se dá unicamente por dentro deste partido, único responsável pelo novo México imaginado. Embora o livreto afirmasse, em seu sexto artigo, que buscava abolir a pena de morte, também criava a exceção à regra: “*los traidores á la Patria*”. Uma vez estabelecido um “*Gobierno liberal de verdad*” a verdadeira ordem – e o verbete *verdade* aparece treze vezes ao longo do manifesto – seria estabelecida e a punição contra aqueles que questionassem o regime seria justa. Apesar do vendaval político que atingiria o México durante as décadas seguintes, o partido feito governo desejado por Sierra, o PLM e o futuro partido Nacional Revolucionário parecem demonstrar uma linha de permanências em relação ao entendimento da política partidária naquela cultura política. Nos três projetos, o partido que supostamente representa as verdadeiras aspirações nacionais concilia partido, governo e Estado com a garantia da ordem.

No que diz respeito às complexas relações entre permanência e ruptura na linguagem utilizada no manifesto, os trechos referentes à educação são exemplares. Se o combate ao papel da Igreja na educação era uma antiga pauta de liberais jacobinos e

²⁹⁶ Idem. Ibidem.

positivistas, os últimos adotaram uma postura ambivalente em nome da manutenção da ordem e da crença que o desenvolvimento normal da sociedade, o progresso, faria minguar o fanatismo, a religião e, finalmente, a metafísica. O PLM, entretanto, considerou, na linha da tradição dos debates liberais que se seguiram às reformas de Barreda, uma postura de anticlericalismo radical. O manifesto de 1906 afirma:

La escuela clerical, que educa á la niñez en el más intolerable fanatismo, que la atiborra de prejuicios y de dogmas caprichosos, que le inculca el aborrecimiento á nuestras más preclaras glorias nacionales y le hace ver como enemigos á todos los que no son siervos de la Iglesia, es el gran obstáculo para que la democracia impere serenamente en nuestra Patria y para que entre los mexicanos reine esa armonía, esa comunidad de sentimientos y aspiraciones, que es el alma de las nacionalidades robustas y adelantadas. **La escuela laica**, que carece de todos estos vicios, que se inspira en un elevado patriotismo, ajeno á mezquindades religiosas, **que tiene por lema la verdad, es la única que puede hacer de los mexicanos el pueblo ilustrado, fraternal y fuerte de mañana**, pero su éxito no será completo mientras que al lado de la juventud emancipada y patriota sigan arrojando las escuelas clericales otra juventud que, deformada intelectualmente por torpes enseñanzas, venga á mantener encendidas viejas discordias en medio del engrandecimiento nacional.²⁹⁷

O combate às “*torpes enseñanzas*” não era mais tarefa do progresso: dependia da ação, da luta no presente. A Igreja e seus fiéis são vistos como uma força obscura e retrógrada que impediria o México de seguir o caminho das “*nacionalidades robustas y adelantadas*”. O ensino laico, tendo como lema a verdade, é a arma para a luta contra essa força inimiga da nação. Noção indistinta do “fundo de verdades” planejado por Barreda para a educação. Educação, liberalismo e nacionalismo se misturavam: a educação pátria ganha destaque e, ao partido liberal, acrescentava-se o apodo “Mexicano” – tal qual nos anos 1930, durante o cardenismo, o Partido Nacional Revolucionário se transformaria no Partido da Revolução Mexicana. A radicalidade do combate ao clero, porém, não apresentava inovações em relação aos princípios que estavam em pauta nos debates das últimas décadas.

²⁹⁷ Idem. Ibidem.

A principal transformação residia no questionamento da *orden*: diante da tirania de Díaz, dos *científicos* e da Igreja, a ordem poderia ser desfeita e a luta contra a ditadura, mais do que possível, era o “*puesto que os designa vuestro deber de mexicanos*”. Qual a intensidade do desafio à ordem? Como exatamente ocorreria o combate? As palavras *revolução* ou *rebelião* não aparecem em qualquer momento do documento, com o cuidado planejado pelos irmãos Flores Magón e Sarabia.

O chamado à luta é ambivalente: “*el Partido Liberal luchará sin descanso por cumplir la promesa solemne que hoy hace al pueblo, y no habrá obstáculo que no venza ni sacrificio que no acepte por llegar hasta el fin.*”²⁹⁸ A luta é incansável, porém seria também literal? Talvez a relativa ambivalência tenha sido a fonte de sucesso do livreto, conformando-se tanto às leituras de moderados quanto de radicais, com constantes referências a símbolos relativamente consensuais, como a Reforma – o documento encerra seu chamado com o lema “**REFORMA, LIBERTAD Y JUSTICIA**”²⁹⁹, que encontraremos mais tarde no manifesto político dos zapatistas de 1911. Reafirma-se, assim, a mitologia liberal, sem disputar aos *científicos* as palavras-chave de seu ideário, enquanto a noção de uma marcha histórica mexicana rumo à democracia de um partido que se fará governo reitera a cultura política hegemônica do Porfiriato.

O plano proposto pelos militantes do PLM ressoaria em ações políticas diretas, com o envolvimento de seus partidários nos levantes e greves dos mineiros e operários de Cananea em 1906 e Río Blanco em 1908, movimentos duramente reprimidos pelo governo.³⁰⁰ Apesar de cuidadosa, a virada à esquerda do grupo de *Regeneración* não agradou aos liberais moderados, como o candidato à vice-presidência pelo partido de Madero, Francisco Vázquez Gomez, que afirmou, em 1910, em meio à reeleição

²⁹⁸ Idem. Ibidem.

²⁹⁹ Idem. Ibidem.

³⁰⁰ KNIGHT, Alan. **La revolución mexicana**. Obra Citada. p.81

criminosa de Díaz, que a Revolução “*debía evitarse a todo costo*”³⁰¹. O próprio Francisco I. Madero, apesar de ter contribuído com o financiamento inicial para o PLM, condenou o sectarismo “*y su inclinación por la revuelta armada*”.³⁰² De maneira mais enfática, Madero afirmou, ao negar a continuidade de seu apoio para um possível levante, que “*el general Díaz es algo rígido, pero no un tirano y aun cuando fuera un tirano, yo nunca prestaré ninguna ayuda para hacer una revolución pues tengo verdadero horror por el derramamiento de sangre*”.³⁰³ Às vésperas do ano eleitoral de 1910, a palavra *revolução* ainda era um termo de conotação majoritariamente negativa na linguagem política utilizada pelos opositores de Don Porfírio.

III) *¡Tierra y libertad!*

Um leitor poderia questionar com razão sobre como uma revolução foi possível diante de uma oposição majoritariamente reformista. Se a própria palavra *revolução* era entendida predominantemente como sinônimo de *desordem*, qual o processo de ressignificação do termo que permitiu sua articulação naquela linguagem política de maneira positiva? Arrisco-me a dizer que, na maior parte do tempo e pelas formas estabelecidas por aquela cultura política dominante, o verbete *revolução* manteve parte de seu significado negativo durante os acontecimentos que culminaram na queda de Díaz em 1911.

A ideia de uma *revolução* ganhou força, nas palavras das lideranças moderadas das cidades, não como um caminho desejado, mas como um mal necessário e uma solução

³⁰¹ Idem. p.121

³⁰² Idem. p.83

³⁰³ COCKCROFT, James. **Obra citada**. p.148

pontual. O moderado Luís Cabrera é exemplar dessa situação. Como vimos, mesmo após o Plano de San Luís Potosí, o intelectual manteve sua posição em favor de um processo “evolutivo”. Em seu artigo *La situación política* publicado ao fim de 1910, pedia a Madero que reconsiderasse a posição, recordando “*las verdaderas necesidades del país, los grandes problemas que habían*”³⁰⁴. No entanto, após o crescimento e a vitória do movimento nos meses seguintes, Cabrera iria tornar-se um dos mais destacados defensores da Revolução. Em resposta a Jorge Vera Estañol, intelectual crítico da Revolução e criador do Partido Popular Evolucionista em 1912, Cabrera produziu um dos textos mais famosos sobre o processo revolucionário: *La Revolución es Revolución*, mais tarde publicado como *La Revolución es **La** Revolución*, título que se tornou célebre justificativa para as ações dos revolucionários. Dizia Cabrera:

A nadie debe sorprender que la opinión pública del país cambiara durante los seis meses que transcurrieron de noviembre de 1910 a mayo de 1911, y que **las ideas revolucionarias que al principio no habían tenido acogida** ni en los más radicales antirreeleccionistas, fueran ganando terreno poco a poco **hasta el grado de convertir en revolucionaria la opinión pública de todo el país**, formando así una atmósfera enteramente irrespirable para la dictadura del general Díaz. [...] ³⁰⁵ (Grifos meus)

E, mais à frente:

Las revoluciones son revoluciones, es decir, **estados patológicos y críticos de las sociedades y constituyen situaciones anormales**. Las revoluciones implican necesariamente el desconocimiento general y absoluto de todas las autoridades, de todos los principios de autoridad y de todas las leyes políticas de un país; son la negación de las formas constitucionales y no están sujetas a más reglas que las que impone la necesidad militar o el plan revolucionario. Por tanto, tienen forzosamente que adolecer, deben adolecer, de todos aquellos “vicios,” digo mal, deben tener todas aquellas “condiciones” que se critican a la Revolución de San Luis.³⁰⁶ (Grifos meus)

³⁰⁴ MEYER, Eugenia. **Obra citada**. p.32

³⁰⁵ CABRERA, Luis. **Obras políticas Luis Cabrera**. Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. I. 1992.

³⁰⁶ Idem. Ibidem.

A defesa que Cabrera produz da Revolução que se desenrolava é ambivalente. Se, por um lado, ela pode ser vista como evento necessário diante do cenário da ditadura, por outro, não apenas mantém-se sua aceção negativa, como seu sentido foi articulado em uma linguagem tipicamente positivista-spenceriana a partir das mesmas metáforas orgânicas pelas quais Justo Sierra e os *científicos* condenavam, nos anos anteriores, os projetos políticos *jacobinos*. A questão inicial sobre a resignificação da noção de revolução talvez possa, então, ser repensada: antes de ser verbalizada como uma etapa *positiva* da história a Revolução foi aceita como uma etapa *necessária*.

Após os chamados do PLM de 1906 e 1908, a primeira convocação inequívoca de grande expressão a explicitar a noção de uma “revolução nacional” veio de Madero e seu grupo, no Plano de San Luís Potosí em outubro de 1910, depois do aprisionamento e a fuga do líder potosino para os EUA. Com isso, não pretendo dizer que Madero foi a mente criadora responsável pelo *lance* capaz de resignificar, sozinho, a ideia de revolução naquele momento. Não se trata apenas da existência de um cenário de lutas de uma oposição *jacobina* como aquela representada pelos irmãos Flores Magón, que, como expus, propôs ideias e ações mais radicais na crítica à ditadura porfirista. Trata-se principalmente de explicitar uma premissa mais fundamental: não tenho a pretensão de pensar que os debates da política mexicana do período sejam plenamente acessíveis pelos jornais, discursos e planos políticos. Em 1910, apenas um quinto dos mexicanos viviam nas cidades e uma porcentagem ainda menor era alfabetizada. Os jornais, elites políticas e os arquivos se concentraram nas cidades, mas seus habitantes certamente não eram os únicos a debater os rumos daquela sociedade.

A ideia de que a Revolução Mexicana foi um movimento sobretudo popular e rural, presente nas primeiras narrativas clássicas sobre o tema e criticadas pelas interpretações revisionistas, talvez tenha sido, apesar de seu romantismo, capaz de pensar

o apelo da luta daqueles que nem sempre tiveram sua voz ou protagonismo registrado nos documentos escritos. Em outros termos, parece-me lícito considerar aqui a existência de um *outro* no debate político, de difícil acesso ou compreensão pelos caminhos propostos por essa tese, mas cuja existência não pode deixar de ser considerada. Mulheres e homens dos *pueblos* que demandavam a presença de professores nas comunidades rurais, como demonstraram Hernández Chávez e Pellegrino Soares, são um dos vários indicativos de que trabalhadores do campo e comunidades indígenas não se constituíram apenas em massa de manobra para uma intelectualidade liberal (ou liberal-positivista segundo esta tese). Se é correto afirmar que as escolas rurais não atingiam a maior parte dos *pueblos* do país, sobretudo no Sul, isso não equivale a dizer que seus habitantes, a absoluta maioria da população, por outros caminhos que não a escrita, fosse incapaz de refletir e se manifestar sobre a situação política, assim como sobre sua relação com o Estado – estivesse ele concretizado ou não nos *rurales*, nos caciques, *hacendados* ou demais poderes locais.

O zelo pela ordem e pela propriedade como as bases para o futuro do país eram noções centrais também para diversas populações isoladas da capital? A ideia de uma transformação violenta da sociedade possuía um sentido negativo na memória das diversas comunidades tradicionais – ou a própria palavra *revolução* era utilizada e de maneira positiva? Não me proponho a responder a essas questões e tampouco acredito que seja possível fazê-lo nesses termos.³⁰⁷ Isso não significa, todavia, que ignoro sua

³⁰⁷ A partir da obra de Michel Foucault, Jacques Le Goff sintetizava a questão em seu clássico “Documento/Monumento”: “De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. [...] O documento não é inócuo. É antes de_ mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-

importância assim como da gigantesca população que, sem deixar qualquer carta de intenções, participou ativamente nas lutas que decidiram os rumos do México daquele momento.³⁰⁸ Mesmo na documentação escolhida, produzida exclusivamente por homens e quase sempre das classes médias e das elites mexicanas, talvez seja possível, como escreveu Walter Benjamin, pensar a presença dos silenciados a contrapelo. Nesse sentido, o debate sobre a propriedade da terra no México revolucionário é exemplar. Dele partiu uma pressão popular que transformou a ideia de *revolução* – entendida até ali negativamente, mas também como um processo cuja ênfase estava na mudança do poder político, não na sociedade – e tornou obrigatória a presença das propriedades rurais e da problemática dos *ejidos* em todos os planos revolucionários. Se houve um momento em que os textos e planos da elite ilustrada pôde ser realizado sem a interferência direta da expressão da insatisfação popular com a situação política e social do país, esse certamente não foi o caso da Revolução e dos anos que a antecederam.

O Plano de San Luís Potosí foi redigido por Madero e um grupo de apoiadores íntimos, membros do partido antirrelecionistas, ex-reyistas e até mesmo magonistas, representantes das classes médias urbanas que produziram a maior parte dos escritos que analisamos até aqui. O documento dizia:

...haciéndome eco de la voluntad nacional, declaro ilegales las pasadas elecciones, y quedando por tal motivo la República sin gobernantes legítimos, asumo provisionalmente la Presidencia de la República, mientras el pueblo designa conforme a la ley sus gobernantes. Para lograr este objeto es preciso arrojar del poder a los audaces usurpadores que por todo título de legalidad ostentan un fraude escandaloso e inmoral. [...]

Art 3º: **Para evitar hasta donde sea posible los trastornos inherentes a todo movimiento revolucionario, se declaran vigentes, a reserva de**

verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”. LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp. 2002. p.548

³⁰⁸ Em um congresso anos atrás, debatia com um colega historiador as limitações de nosso entendimento do passado e/ou das fontes, considerando nosso muitas vezes escasso conhecimento da circulação e dos leitores dos textos em sua época. Afinal, como saber se um jornal revolucionário, de breve duração, foi desmantelado pela repressão após seu sucesso inicial ou se, dado o insucesso, suas edições mal deixavam a oficina do tipógrafo? Tendo essas informações, como tratar cada texto? Não ignoro aqui, portanto, o fato de que este estudo, como o dos colegas com quem debati, possui lacunas e questões não respondidas.

reformular oportunamente por los medios constitucionales aquellas que requieran reformas, todas las leyes promulgadas por la actual administración y sus reglamentos respectivos, a excepción de aquellas que manifiestamente se hallen en pugna con los principios proclamados en este Plan. [...]

Abusando de la ley de terrenos baldíos, numerosos pequeños propietarios, en su mayoría indígenas, han sido despojados de sus terrenos, por acuerdo de la Secretaría de Fomento, o por fallos de los tribunales de la República. Siendo de toda justicia restituir a sus antiguos poseedores los terrenos de que se les despojó de un modo tan arbitrario, se declaran sujetas a revisión tales disposiciones y fallos y se les exigirá a los que los adquirieron de un modo tan inmoral, o a sus herederos, que los restituyan a sus primitivos propietarios, a quienes pagarán también una indemnización por los perjuicios sufridos. Solo en caso de que esos terrenos hayan pasado a tercera persona antes de la promulgación de este Plan, los antiguos propietarios recibirán indemnización de aquellos en cuyo beneficio se verificó el despojo. [...]

CONCIUDADANOS: Si os convoco para que toméis las armas y derroquéis al gobierno del general Díaz, no es solamente por el atentado que cometió durante las últimas elecciones, sino **para salvar a la patria del porvenir sombrío que le espera continuando bajo su dictadura y bajo el gobierno de la nefanda oligarquía científica, que sin escrúpulo y a gran prisa están absorbiendo y dilapidando los recursos nacionales**, y si permitimos que continúe en el poder, en un plazo muy breve habrán completado su obra: habrá llevado al pueblo a la ignominia y lo habrá envilecido; le habrán chupado todas sus riquezas y dejado en la más absoluta miseria; habrán causado la bancarrota de nuestra patria, que débil, empobrecida y maniatada se encontrará inerme para defender sus fronteras, su honor y sus instituciones.³⁰⁹ (Grifos meus)

Javier Garciadiego pontuou que a relativa variedade de autores do documento, de reyistas à magonistas, ajuda-nos a entender as variações de tom do Plano de San Luís Potosí.³¹⁰ A preocupação com o respeito à ordem se faz notar em várias passagens, como no artigo terceiro que pede a observância de todas as leis da administração de Díaz não tocadas pelo Plano. Nos termos do texto, buscava-se evitar todos os “*trastornos inherentes*” ao processo revolucionário: tratava-se de realizar a revolução menos revolucionária possível. O mesmo item, entretanto, também aborda as terras tomadas dos grupos indígenas a partir da Lei de Terrenos Baldíos, ressalta a necessidade de rever a situação e considera a hipótese de restituição das terras e pagamentos indenizatórios.

³⁰⁹MADERO, Francisco I. “Plan de San Luis Potosí”, **Textos de la Revolución Mexicana**. prólogo Javier Garciadiego / Org. María del Rayo González Vázquez. Obra citada. p.190.

³¹⁰ Idem. Ibidem

Tal questão não se colocava no programa, tampouco nos documentos do *Partido Nacional Antireeleccionista* ou em qualquer discurso da campanha de Madero até 1909. Em *La sucesión presidencial de 1910* ou no ideário de reyistas e maderistas as questões sociais seriam resolvidas pela liberdade política. Segundo James D. Cockcroft, durante a campanha de Madero, em um discurso realizado para representantes dos operários de San Luís Potosí, o futuro líder da Revolução esclarecia que não estava oferecendo aumentos salariais ou a diminuição da carga horária, mas “*libertad, porque la libertad los servirá para conquistar el pan... el pueblo no pide pan, pide libertad*”³¹¹. Com lógica semelhante, em seu livro de 1909, ele afirmava:

Por último, tenemos la clase humilde, el pueblo bajo que nunca se ve obligado á ir á la escuela y encuentra en todas partes el medio de satisfacer sus instintos bestiales, sobre todo, el desenfrenado deseo de alcohol. Ese no sabe si estará ó no contento, pues en el triste estado de abyección á que está reducido, no se da cuenta de su situación ni sabe si podrá aspirar á elevarse. Sin embargo, ese pueblo aplaude todos los espectáculos que se le presentan á su vista; aplaude al torero, al cirquero, al cómico, y también aplaude las ceremonias oficiales, que no considera sino como representaciones teatrales en grande escala, pues en el fondo, á pesar de su ignorancia, bien comprende que todo cuanto le dicen es mentira.³¹²

A classe humilde descrita por Madero em 1909, escrava de instintos bestiais e alcoolismo, só poderia encontrar algum tipo de redenção na educação obrigatória. As ambivalências da narrativa pessimista diante de uma massa pobre e facilmente manipulável e esperançosa do impacto da educação gratuita não era distinta, como vimos, daquelas produzidas pelos *científicos*.

³¹¹ COCKCROFT, James. **Obra citada**. p.149. Na mesma linha, em *La sucesión presidencial*, Francisco I. Madero afirmava: El General Díaz podía haber hablado á los industriales en los siguientes términos: "A pesar de que ustedes han obtenido pingües ganancias con sus establecimientos fabriles, pasan actualmente por una crisis muy seria y no quiero obligarlos á que aumenten los jornales de los operarios; pero sí exijo de ustedes que los traten con equidad, les proporcionen habitaciones higiénicas, no permitan que sean explotados en las tiendas de raya, con multas indebidas, ni con cualquier otro pretexto; por último, les exijo que sostengan el número de escuelas suficientes para educar á los hijos de los obreros. Para esto último, si es necesario, ayudará la Nación; pero lo esencial es que no falten escuelas." MADERO, Francisco I. **La Sucesión Presidencial en 1910**. México: Biblioteca del Político INEP. p.66. Disponível em: <http://www.memoriapoliticademexico.org/Textos/6Revolucion/1910LSP.pdf> Acesso em 20 dez. 2019.

³¹² Idem. p.77

No entanto, no Plano de San Luís Potosí, além de esboçar um projeto para os indígenas e demais trabalhadores rurais que perderam suas terras, Madero associa a ditadura e a “*nefanda oligarquia científica*” a uma situação de empobrecimento do país, em uma mudança sintomática de seu discurso. Até ali, as críticas do líder potosino dirigidas aos *científicos* e a Díaz tinham como foco exclusivo o autoritarismo do sistema político, origem de todos os males mexicanos. No trecho destacado, porém, a luta contra os *científicos* tornara-se também uma luta social. A ditadura do gabinete de tecnocratas passou a ser a responsável por levar o país à “*bancarrota*” e por sua fragilidade diante das grandes economias internacionais daquele momento. Historiadores apontaram a mudança de tom de Madero como um aceno para os trabalhadores rurais, mais insatisfeitos com sua situação e que compunham a maioria absoluta da população do país.³¹³ Em um dos maiores clássicos da historiografia, John Womack Jr. trouxe o relato de um agente maderista que às vésperas do levante informava ao líder potosino que os homens de Morelos “*estaban capacitados para todas las luchas*”.³¹⁴ Se, ainda assim, as intenções “por detrás” do texto não são transparentes para o historiador, parte dos resultados do Plano de San Luís Potosí são bastante evidentes: divulgado nacional e

³¹³ Em *La sucesion presidencial*, Madero aborda a questão da agricultura – mais do que da distribuição da terra – em termos de eficiência e produção, assim como do fim do compadrio político porfirista que determinava a propriedade de terras valorizadas. O tópico faz parte de uma série de eixos no texto que se assemelham a um programa de governo: “Agricultura - En este ramo tan importante de la riqueza pública, poco ha hecho el Gobierno por su desarrollo, pues con el régimen absolutista, resulta que los únicos aprovechados de todas las concesiones son los que lo rodean, y más particularmente en el caso actual toda vez que uno de los medios empleados por el general Díaz para premiar á los jefes tuxtepecanos, ha sido darles grandes concesiones de terrenos, lo que constituye una rémora para la agricultura puesto que los grandes propietarios raras veces se ocupan en cultivar sus terrenos, concretándose generalmente al ramo de ganadería, cuando no los dejan abandonados para venderlos después á alguna Compañía extranjera, como sucede con más frecuencia. Las concesiones para aprovechamiento de aguas en los ríos, han sido inconsideradas, y siempre van á dar á manos del reducido grupo de favoritos del gobierno, resultando que el agua no se aprovecha con tan buen éxito como hubiera sucedido subdividiéndose entre muchos agricultores en pequeña escala. El resultado de esta política ha sido que el país, á pesar de su vasta extensión de tierras laborables, no produce el algodón ni el trigo necesario para su consumo en años normales, y en años estériles tenemos que importar hasta el maíz y el frijol, bases de la alimentación del pueblo mexicano. Parece que las plantaciones de maguey sí alcanzan gran desarrollo, y aunque la venta del pulque proporciona pingües ganancias, no por eso debernos considerar su producto como una riqueza nacional, sino por el contrario, una de las causas de nuestra decadencia”. MADERO, Francisco I. **Obra citada**. p.72

³¹⁴ WOMACK, John Jr. **Zapata y la Revolución Mexicana**. México, Fondo de Cultura Económica. 2017. p.83

ilegalmente, suas ideias atingiram um público maior do que as classes médias urbanas maderistas.

Os militantes *antireeleccionistas* de San Luís Potosí ou da Cidade do México eram contrários, em um primeiro momento, a uma aventura armada contra o regime. Antes de Madero reunir os apoios necessários para a tomada de Ciudad Juárez, conquista que gerou a renúncia de Díaz, foram as comunidades rurais do Norte as primeiras a se levantarem contra o governo. De acordo com Garciadiego, no estado de Chihuahua, onde os primeiros focos de luta armada surgiram, nenhum *hacendado* esteve ao lado de Madero, ao mesmo tempo em que a região contou com uma boa dose de radicalismo popular,³¹⁵ como meses depois aconteceria entre os zapatistas em Morelos e Puebla.

O relativo sucesso do zapatismo acabou por transformar o movimento em caso único em algumas narrativas historiográficas. O historiador Alan Knight chama a atenção para a existência de “outros zapatismos” normalmente ignorados pelos historiadores, sobretudo por terem sido movimentos duramente reprimidos e não necessariamente bem-sucedidos.³¹⁶ Revoltas no campo, em diferentes regiões e com suas características próprias, foram recorrentes naquele momento: focos de resistência apareceram em Tabasco, nas serras de Chiapas e nas selvas Yucatecas.³¹⁷ Estes eventos, porém, não se iniciaram com o chamado de Madero. John Coatsworth avaliou a existência de cinquenta e cinco grandes conflitos rurais no México apenas entre os anos de 1877 e 1884.³¹⁸ Estes

³¹⁵ GARCIADIEGO, Javier. “Prefácio”. **Textos de la Revolución Mexicana**. Obra citada. p.34

³¹⁶ KNIGHT, Alan. **La revolución mexicana**. Obra citada. p.125 e ss O historiador Luiz Gonzalez aborda o esforço militar e a violência do Porfiriato na manutenção de seu poder pelo país, massacrando indígenas rebeldes de diferentes grupos – de onde o caso mais famoso é o extermínio de milhares de yaquis. Segundo Gonzalez: “A sangre y fuego se logró contener el antiguo espíritu de rebelión no sin grandes sacrificios del campesinado inocente. La sociedad rural tuvo que padecer desmanes de la soldadesca. Por eso al grito de ¡Ahí viene la tropa! la gente salía despavorida de pueblos y ranchos. El tesoro público también se vio en aprietos para cubrir los crecidos gastos de la pacificación. Éstos, más ‘la complacencia o debilidad de las autoridades locales para con los reyes del contrabando’, pusieron al borde de la ruina al tesoro.” GONZALEZ, Luiz. **Obra citada**. p.937

³¹⁷ KNIGHT, Alan. *Idem*. p.140

³¹⁸ *Idem*. p.164

movimentos expressaram descontentamentos diversos nos quais se mesclaram “*castas y clases*”³¹⁹ diferentes, apesar de partirem predominantemente de grupos indígenas e em regiões atingidas pelas ferrovias ou pelas *Compañias Deslindadoras* do Porfiriato.³²⁰ Assim, apesar das grandes diferenças regionais, é possível afirmar que as áreas que mais destacaram-se na Revolução foram as regiões rurais mais povoadas e sobretudo indígenas.³²¹

No escopo desta tese, a opção por destacar o zapatismo entre os demais levantes no campo dá-se pelas proporções do movimento, seu impacto nos destinos da Revolução, mas também pela quantidade de escritos produzidos pelo Exército Libertador do Sul. Se não ignoro que o debate político dava-se normalmente a partir da oralidade – e, diferentemente de Skinner, acredito que existem diferenças substanciais entre o registro oral e escrito –, argumento que a reflexão sobre as linguagens políticas nesse caso é em grande parte dependente da documentação escrita. Em que pesem os rituais dos *pueblos* de Morelos, que por submeterem seus manifestos às suas lideranças apontam para o que Pellegrino chamou de trânsito entre a oralidade e a escrita, tenho clareza dos limites das fontes que utilizo. Por conta desse trânsito, o *outro* que mencionava anteriormente – as tradições indígenas mobilizadas nas pautas, a imaginação e os horizontes políticos das falas da população, apresentadas em praças e assembleias sem registro – subjaz nos documentos dos zapatistas.

No estado de Morelos, assim como no restante do país, surgiram grupos *antireeleccionistas* em cidades como Jojutla e Cuernavaca, apesar da repressão das autoridades locais. De acordo com Womack Jr., apesar do insucesso dos movimentos que

³¹⁹ Idem. p.167

³²⁰ O estado de Oaxaca, por exemplo, foi uma importante exceção. Quase 90% de sua população vivia em *pueblos* livres, independentes de grandes *haciendas*. Um observador estrangeiro no ano de 1911 constatava que “*Los pueblos zapotecos no sufren de la ruindad que azota a otras tribos de México.*”. KNIGHT, **Obra citada**. p.154

³²¹ Idem. p.168.

propuseram uma oposição formal a Díaz – com a prisão de suas lideranças – a campanha maderista exerceu uma influência real nas ações populares. O desafio lançado à ditadura mobilizou um horizonte de possibilidades para as lideranças locais.³²²

Ao mesmo tempo, todos os *pueblos* que existiam no estado, pouco mais de uma centena, tinham passado, havia poucos anos, por algum tipo de conflito legal com *haciendas* vizinhas e a persistência de lutas para além dos tribunais exerceu uma pressão no sentido da ação direta.³²³ Ao final de setembro de 1910 – dois meses antes do chamado de Madero – o líder escolhido pela população de Anenecuilco, Emiliano Zapata reuniu um grupo de 80 homens armados e decidiu enfrentar a expansão ilegal das *haciendas* locais. Nas cidades, passaram a circular notícias sobre um “*individuo de las cercanías de Cuautla... que ha estado agitando a la gente*”³²⁴.

O grupo liderado por Zapata passou a distribuir terras tomadas por *haciendas* naquela região, ao mesmo tempo em que enviava comitivas ao governo central para garantir a posse da terra para os *pueblos*. Ao final de novembro, diante do cenário de uma eventual revolução, lideranças da região de Villa de Ayala começaram a se reunir. Segundo Womack Jr, “*probablemente la mayoría de los agricultores del municipio de Ayala mejor informados políticamente asistieron a alguna de estas reuniones, pero los asistentes asiduos fueron Torres Burgos, Emiliano Zapata y Rafael Merino*”.³²⁵ Torres Burgos, orador do grupo, foi enviado aos EUA, a Santo Antônio, para tratar diretamente com Madero sobre a reforma agrária e, em seu retorno, trouxe mais uma cópia do Plano de San Luís Potosí que foi lido em praça pública. Ao conclamar a população à revolução, o professor Otilio Montaña trocou o lema do plano maderista por “*¡Abajo haciendas y*

³²² WOMACK, John. **Obra citada.** p.70

³²³ Idem. p.74-75

³²⁴ Idem. p.77

³²⁵ Idem. p.85

viva pueblos!".³²⁶ Foi neste cenário - e com o lema que escolheram - que em Morelos, nos primeiros meses de 1911, as comunidades rurais declararam seu apoio à Revolução sob a liderança de Emiliano Zapata.

O caminho feito normalmente pela historiografia consistiu em pensar como as ideias do manifesto do PLM ou do Plano de San Luís Potosí permitiram a articulação política da luta dos grupos zapatistas nos primeiros momentos da Revolução. Gostaria, por um momento, de propor outra hipótese e considerar como a percepção das comunidades, como a dos *pueblos* de Morelos, podem ter resultado na mudança de algumas das concepções da oposição cidadina à ditadura, como o foi o caso do moderado Madero e de seus apoiadores. Ao longo do tópico anterior, vimos como a noção de *científico* era retratada na imprensa e pela oposição ao Porfiriato *grosso modo* como uma intelectualidade que utilizava da filosofia como disfarce para justificar e adular a ditadura, conquistando cargos políticos e outras vantagens. Nos documentos zapatistas, contudo, os *científicos* aparecem de outra maneira. Em carta dirigida ao presidente interino de 1911, Francisco León de La Barra, Emiliano Zapata afirmava

Señor: La presencia de las fuerzas federales ha venido a trastornar el orden público. El pueblo se indigna cada vez más con su presencia y amago; ruego a usted, en bien de la patria, ordene el retiro de las fuerzas federales y yo haré la paz en veinticuatro horas. **El pueblo tiene entendido que un grupo de hacendados científicos, ha provocado este conflicto;** es justo que atienda a las demandas del pueblo.³²⁷

Em outra carta para Francisco Madero na mesma data:

Yo he querido a todo trance la paz de nuestro suelo; **pero los hacendados (científicos) quieren que el pueblo sea su esclavo**, que no ejerza sus derechos de sufragio, que haya presión como en los tiempos de la dictadura,

³²⁶ Idem. p.85

³²⁷ ZAPATA, Emiliano. A Francisco Leon de la Barra. Cuatla, Morelos, 17 de agosto de 1911. **Emiliano Zapata – escritos y documentos. 1911-1918.** (Org. Ramón Martínez Escamilla). México: CEDEN. 1999 p.58

y por esta causa intrigan con el Supremo Gobierno, para que nos asesinen por una petición justa”³²⁸

Meses mais tarde, quando a ruptura com o governo de Madero se consolidou, o projeto político zapatista concretizado no Plano de Ayala dizia em seu sexto artigo:

Como parte adicional del Plan que invocamos, hacemos constar; que **los terrenos, montes y aguas que hayan usurpado los hacendados, científicos o caciques a la sombra de la tiranía y justicia venal**, entrarán en posesión de estos bienes inmuebles desde luego, los pueblos o ciudadanos que tengan sus títulos correspondientes a esas propiedades, de las cuales han sido despojados [...] ³²⁹

Antes de condicionar a entrega das armas à restituição das terras tomadas durante o Porfiriato, demanda mais famosa do Gal. Emiliano Zapata, os zapatistas apontavam o fim da manutenção do poder dos *científicos* em Morelos como primeiro pedido ao governo revolucionário: “*no queremos ni deseamos que sea Gobernador provisional don Ramón Oliveros, por ser elemento designado por científicos*”³³⁰. Na linguagem zapatista, porém, *científico* era uma definição utilizada normalmente em associação com o termo *hacendado* e, em algumas ocasiões, *científico* e *hacendado* parecem ter sido expressões usadas de modo quase intercambiável. No geral, a associação variou entre qualificar os *hacendados* ou expor a rede de poderes locais dos quais estes grupos faziam parte. “*Hacendados científicos*”, “*Hacendados (científicos)*”, “*hacendados, científicos o caciques*”: mais do que confusão ou uma perspectiva genérica das elites, esse uso faz com que as questões da representação política e do autoritarismo dos tecnocratas do porfirismo sejam indissociáveis da questão agrária, da concentração e da propriedade da terra, assim como dos poderes locais. Em especial, o uso do termo *científicos* entre parênteses parece

³²⁸ ZAPATA, Emiliano. A Francisco I. Madero. Cuautla, Morelos. 17 de agosto de 1911. **Obra citada**. p.59

³²⁹ EJÉRCITO LIBERTADOR DEL SUR. Plan de Ayala. **Textos de la Revolución Mexicana**. Obra citada. p.256

³³⁰ ZAPATA, Emiliano. Petición a Madero. **Emiliano Zapata – escritos y documentos**. Obra citada. p.56

indicar uma função quase didática para a associação das lutas na comunicação com Madero: “*hacendados (científicos)*”; assim os zapatistas reforçam a noção de que os inimigos de sua revolução são também os inimigos da revolução maderista. Isso não significa, necessariamente, que os zapatistas acreditavam que o novo presidente estivesse comprometido com a questão agrária, mas talvez seja indicativo de como os revolucionários do Ejército Libertador do Sul foram capazes de articular suas demandas por meio da linguagem política hegemônica da oposição. A constante referência nos planos zapatistas às indenizações para os proprietários das terras expropriadas, mais do que uma demanda dos *pueblos*, pode ser entendida como uma maneira de dialogar com os grupos maderistas, tão preocupados com uma revolução que restauraria a ordem o quanto antes. Por meio da força das armas e da ação direta, mas também dos professores rurais e da escrita, os *pueblos* de Morelos desenvolveram ferramentas que lhes permitiram atuar sobre os rumos da Revolução que Madero e a elite política mexicana buscavam encerrar.

Parte da historiografia aborda a existência de duas revoluções mexicanas: aquela realizada por uma elite liberal nas cidades, preocupada com a continuidade da ditadura, e aquela realizada por zapatistas e villistas, a partir do campo e focada nas desigualdades sociais.³³¹ O que a linguagem política do zapatismo mostra é que essa divisão, se existiu, foi combatida a partir dos *pueblos* de Morelos. Em documento produzido a partir de uma reunião com um representante do governo Madero em 1912, o acampamento revolucionário zapatista divulgava que:

la revolución del Sur ha traspasado las fronteras de Morelos, y ha invadido a las diferentes Entidades Federativas con el objeto de hacerse fuerte, lo cual ha logrado, puesto que sus tendencias están resumidas en los principios solemnísimos de gran transcendencia para la Nación: **reforma política y**

³³¹ Esse é olhar estabelecido, por exemplo, por Carlos Fuentes em seu ensaio nomeado “*Tierra y libertad!*” presente em: FUENTES, Carlos. **El espejo enterrado**. México: FCE. 1992

reforma agraria, que es lo que puede dar el bienestar y la paz que se desea: la revolución sintetiza, encarna o representa las aspiraciones de varios millones de hombres; sintetiza el adelanto, el progreso, la reforma, en una palabra: el avance y la regeneración de un país oprimido por un feudalismo que agobia hace más de cuatro siglos a la inmensa mayoría de los mexicanos.³³² (Grifos meus)

O trecho reitera uma série de palavras-chave da linguagem dominante na cultura política da década anterior: *progreso*, *reforma*, *regeneración*. Por passagens como essa, muitos autores apontaram as contradições e limitações dos zapatistas que tentavam conjugar o respeito à Constituição de 1857 com as suas pautas sociais. Entretanto, considerando as perspectivas de um estudo realizado a partir das noções de linguagem e cultura política, esse tipo de alinhamento dos “verdadeiros significados” do ideário político perde qualquer sentido.

Se, do ponto de vista da constituição de uma doutrina política ou de um corpo teórico-ideológico, os significados “originais” da simbologia mobilizada pelos revolucionários de Morelos pode ser incoerente com as pautas das lutas daquele momento, quando consideramos os jogos internos da cultura política dominante do México, a linguagem articulada pelo zapatismo foi incrivelmente eficiente, tanto na negociação quanto no conflito com os poderes instituídos. Os escritos zapatistas foram hábeis em articular a simbologia liberal da Reforma e de Juárez, mito legitimador central da República Mexicana, em termos semelhantes aos propostos pelo grupo de *Regeneración*, com os ideais de progresso do Porfiriato e o combate à ditadura formulado pela oposição a Don Porfírio. Naquela cultura política, mais do que o liberalismo expresso na letra da lei, a Constituição de 1857, defendida pelas Guerras da Reforma, representava a luta contra o imperialismo, a reafirmação da terra, da nacionalidade e da liberdade mexicana contra seus invasores. Conscientemente ou não, os zapatistas mobilizaram

³³² ZAPATA, Emiliano. **Acta de la conferencia con un comisionado de Madero**. Obra citada. p.76-77.

diferentes consensos daquela cultura política para, então, introduzir sua pauta agrária como problema incontornável a ser resolvido pela Revolução e mais um elemento do *continuum* da marcha do progresso do país. A Revolução de 1910-1911 representava, assim, ao mesmo tempo, a liberdade política – “*el inmortal Código de 57*” dizia o Plano de Ayala –, o ideal de progresso dominante daquela cultura política e a reforma agrária demandada pelos *pueblos*.

Um silêncio nos documentos zapatistas pode ser indicativo do nível de consciência empreendido neste jogo político: *índios* e *indígenas* são verbetes completamente ausentes no Plano de Ayala, mas também nos escritos a partir de 1912, quando a revolução zapatista se projetava como representante da revolução nacional. Se a menção dos grupos indígenas despossuídos foi considerada uma artimanha de Madero destinada a grupos como os zapatistas no Plano de San Luis Potosí, a ausência de menção direta aos povos nativos, ao menos nominalmente, nos escritos de Zapata e seu grupo, pode ter sido uma tentativa de manter e manipular os consensos de uma base política moderada e reformista em apoio a sua causa. Evitava-se, assim, qualquer elemento discursivo disruptivo da ordem política que não fosse estritamente necessário para a pauta central.

Embora os objetivos zapatistas estivessem desde o início condicionados à recuperação de suas terras e à autonomia local, a hábil manipulação da linguagem naquela cultura política, com a associação de suas lutas a um processo histórico mais amplo e simbólico, deu aos revolucionários de Morelos uma narrativa que transcendeu os marcos da Revolução de 1910.

Apesar de não ser uma exclusividade dos escritos de Zapata, a questão da autoria dos comunicados e planos zapatistas é complexa. Atribui-se a redação final do Plano de

Ayala a Otilio Montaña³³³, professor de Villa de Ayala que se aproximou dos revolucionários no início de 1911. Montaña não foi o único a se interessar pelo movimento, e outros *maestros* e intelectuais mais tarde se somaram ao zapatismo. A influência destes professores e licenciados nas versões finais dos textos zapatistas foi abordada pela historiografia, nem sempre enfatizando a agência dos revolucionários de Morelos.³³⁴ Como destacou o célebre estudo Womack Jr., os rituais políticos dos *pueblos* de Morelos exigiram que a versão final do Plano de Ayala fosse lida para os líderes das comunidades para só então ser ratificado e divulgado na capital. Reside também neste ponto o lembrete a respeito do trânsito entre a oralidade e a escrita realizado pelo estudo já citado de Pellegrino Soares. Organizações e demandas tradicionais articuladas pela oralidade ganhavam forma por meio da escrita diante de mediadores como os professores rurais, mas também das próprias lideranças locais.

Ao longo da Revolução, sobretudo após o golpe que assassinou Madero e deu início à luta contra Victoriano Huerta, o ideário zapatista tornou-se mais antiestatista e antiliberal, em direção a um coletivismo que, segundo alguns historiadores, seria resultado da influência de Antonio Díaz Soto Y Gama, intelectual *jacobino* que, como

³³³ De acordo com Pellegrino: Natural de Villa de Ayala, frequentou a escola primária Guillermo Prieto, na cidade de Cuautla, poucos quilômetros ao norte de seu pueblo. Ao concluí-la, tornou-se professor da escola de Tepalcingo e em seguida de Jonacatepec. Retornou então à Villa de Ayala, na condição de diretor da escola. Era uma figura conhecida e prestigiada no pueblo, sempre disposto a professar suas ideias nas convivências da praça central. Algum tempo mais tarde, foi promovido à escola de Yautepec. Em março de 1911, estava de volta à Villa de Ayala, desta vez para conclamar a população a aderir à Revolução. Nos meses seguintes, se tornaria um colaborador próximo de Emiliano Zapata. Quando o general decidiu recusar a paz proposta por Francisco Madero e lutar pelas demandas dos pueblos do centro e do sul do México, coube a Otilio Montaña, acredita-se, dar forma escrita aos argumentos que compuseram o Plano de Ayala. Quando em 1914, após a derrocada de Victoriano Huerta, instaurou-se o governo da Convenção Revolucionária de Aguascalientes, o professor assumiu o posto de Ministro da Instrução Pública. Como a guerra prosseguiu, todavia, não houve tempo para políticas arrojadas. Em 1917, Montaña encerrou a vida executado por ordem de Zapata, a quem foi acusado de trair. **Obra citada.** p.112

³³⁴ Um exemplo de exceção é o estudo de Pellegrino, que afirmou: “Parece-me sim fértil pensar que professores de primeiras letras como Mónico Ayala e Otilio Montaña representaram mais um canal por meio dos quais os pueblos indígenas travaram contato com a escrita e a leitura e incorporaram usos que lhes pareceram estratégicos em contextos específicos. Desta vez, reforçar os princípios do comunitarismo indígena e conferir publicidade e autoridade a um documento que definia o lugar desses grupos no contexto da Revolução. Afinal, podemos observar na trajetória do Plano de Ayala – segundo a versão oficial zapatista, dentre as muitas que já se produziram – as imbricadas relações entre leitura e escrita”. Idem. p.114

vimos, participou do PLM.³³⁵ Novamente coloca-se aqui a problemática da autoria dos comunicados revolucionários, mas, lembremo-nos, ela não pode ser descolada da ação contínua dos grupos zapatistas que, entre 1914 e 1917, tomariam a capital do país e, mesmo diante da vitória dos exércitos constitucionalistas de Don Venustiano Carranza e Álvaro Obregón foram uma força incontornável na formulação da Constituição de 1917. O artigo 27 da constituição revolucionária legalizou os *ejidos* e declarou suas terras inalienáveis.³³⁶ Em contraposição, no texto atribuído a Andrés Molina Enríquez,

³³⁵ HALE, Charles A. As ideias políticas e sociais na América Latina, 1870-1930. BETHELL, Leslie (org.) História da América Latina. De 1870 a 1930. Volume IV. EdUSP. 2009. p.408 A este respeito Womack Jr afirmou: Los recién llegados eran intelectuales de la capital, refugiados de la Casa del Obrero Mundial anarcosindicalista que Huerta había cerrado en mayo de 1914. Al quedar proscritos por la ley, los de la Casa del Obrero Mundial se dividieron. Otros escaparon hacia el sur para llegar a Morelos o mantuvieron estrecho contacto con quienes lo hicieron, como Antonio Díaz Soto y Gama, Rafael Pérez Taylor, Luis Méndez, Miguel Mendoza López Schwerdtfeger y Octavio Jahn. Los hombres que se fueron al sur, todos los cuales eran radicales de la ciudad, no eran particularmente anarcosindicalistas, y Pérez Taylor, Méndez y Mendoza L. Schwerdtfeger se preocuparon principalmente por las clases trabajadoras urbanas y parecían vagamente marxistas. Jahn era un sindicalista francés, que decía ser veterano de la Comuna de París de 1871. Soto y Gama, joven abogado que había ayudado a fundar tanto el movimiento liberal de 1899 como el partido socialista de 1912, era un apasionado discípulo del credo del buen МУЖИК [muzhik] de Tolstoi y de Kropotkin. Pero todos juntos, estos revolucionarios profesionales proporcionaron una teoría, la de “Tierra y Libertad”, y el cuartel general zapatista de Palafox los recibió y les asignó diversos puestos de secretaría. Soto y Gama se puso a la cabeza por lo que toca a la concepción y perfeccionamiento de las ideas; la doctrina del agrarismo y el culto de los agraristas fueron principalmente obra suya. Así pues, durante el verano y el otoño de 1914 los zapatistas propusieron, cada vez más, el agrarismo no sólo como un elemento necesario de la política nacional, sino como la política más importante o aun exclusiva”. WOMACK JR, **Obra citada**. p.186

³³⁶ No preâmbulo do artigo encontra-se o seguinte: La nación tendrá en todo tiempo el derecho de imponer a la propiedad privada las modalidades que dicte el interés público, así como el de regular el aprovechamiento de los elementos naturales susceptibles de apropiación, para hacer una distribución equitativa de la riqueza pública y para cuidar de su conservación. Con este objeto se dictarán las medidas necesarias para el fraccionamiento de los latifundios; para el desarrollo de la pequeña propiedad agrícola en explotación; para la creación de nuevos centros de población agrícola con las tierras y aguas que les sean indispensables; para el fomento de la agricultura y para evitar la destrucción de los elementos naturales y los daños que la propiedad pueda sufrir en perjuicio de la sociedad. Los núcleos de población que carezcan de tierras y aguas, o no las tengan en cantidad suficiente para las necesidades de su población, tendrán derecho a que se los dote de ellas, tomándolas de las propiedades inmediatas, respetando siempre 1ª pequeña propiedad agrícola en explotación”. (p.9) Mais à frente, o oitavo parágrafo do artigo buscava desfazer as políticas agrárias do Porfiriato: “VIII. Se declaran nulas: a) Todas las enajenaciones de tierras, aguas y montes pertenecientes a los pueblos, rancherías, congregaciones o comunidades, hechas por los jefes políticos, gobernadores de los Estados, o cualquiera otra autoridad local, en contravención a lo dispuesto en la ley de 25 de junio de 1856 y demás leyes y disposiciones relativas; b) Todas las concesiones, composiciones o ventas de tierras, aguas y montes hechas por las Secretarías de Fomento, Hacienda o cualquiera otra autoridad federal, desde el día 1 de diciembre de 1876 hasta la fecha, con las cuales se hayan invadido y ocupado ilegalmente los ejidos, terrenos de común repartimiento, o cualquiera otra clase pertenecientes a los pueblos, rancherías, congregaciones o comunidades y núcleos de población; c) Todas las diligencias de apeo o deslinde, transacciones, enajenaciones o remates practicados durante el período de tiempo a que se refiere la fracción anterior por compañías, jueces u otras autoridades de los Estados o de la Federación, con los cuales se hayan invadido u ocupado ilegalmente tierras, aguas y montes de los ejidos, terrenos de común repartimiento, o de cualquiera otra clase, pertenecientes a núcleos de población.

reconhecia-se também a importância da “pequeña propiedad [individual]”, que, segundo Charles A. Hale, refletia a “*los postulados liberales de los redactores de la Constitución y la ambivalencia de Molina Enríquez ante el lugar que la propiedad comunal ocupaba en el esquema de la evolución*”.³³⁷

Nos anos seguintes, zapatistas mantiveram sua radicalidade na divisão das terras de Morelos em conflito com o governo Carranza, que buscava dar fim à Revolução. As tensões entre zapatistas e governo revolucionário chegariam ao ápice após a traição e assassinato de Zapata em 1919. Diante da oposição de zapatistas, mas também de seu antigo general e suas tropas, Don Venustiano foi o último presidente derrubado pelas lutas revolucionárias, dando lugar a Obregón. De acordo com Hale, a reconciliação dos zapatistas com o governo deu ao agrarismo radical dos revolucionários de Morelos uma categoria oficial, ao mesmo tempo em que estabeleceu as bases para a sua cooptação pelo novo regime.³³⁸

IV) *La sociedad debe ser antes y más que el individuo*

As rebeliões no campo e a desigualdade acelerada pelas políticas do Porfiriato fizeram da questão da terra um tema que ganhou a atenção de intelectuais antes da eclosão dos movimentos revolucionários. Diante das relações oligárquicas compostas pela elite *científica* mexicana é fácil esquecer que o positivismo também serviu de base para a

ESTADOS UNIDOS MEXICANOS, Constitución política de los Estados Unidos Mexicanos (1917). Disponível em: https://www.constitucion1917.gob.mx/work/models/Constitucion1917/Resource/251/1/images/30_PDF.pdf Acesso: 12 jun. 2019.

³³⁷ HALE, Charles A. As ideias políticas e sociais na América Latina. **Obra citada**. p.408

³³⁸ Idem. Ibidem.

proposição de políticas de cooperação entre as classes sociais. Não apenas no México³³⁹, o corporativismo proposto por intelectuais positivistas foi uma resposta tanto à democracia liberal quanto ao socialismo revolucionário de anarquistas e/ou matiz marxista. É preciso lembrar que o mestre de Comte, Saint-Simon, definia-se como um socialista e o próprio pai do positivismo chegou a classificar seu sistema como uma evolução do socialismo: de acordo com Comte, o socialismo era o “positivismo espontâneo, enquanto o positivismo constitui socialismo sistemático”³⁴⁰. Segundo seus seguidores na Europa, em oposição aos comunistas, a defesa do positivismo era a proposição pelo único “socialismo realizável”³⁴¹. Os positivistas se recusaram a pensar a sociedade a partir do indivíduo, à diferença dos liberais, e pensaram em uma harmonia social baseada na cooperação entre as classes, discordando dos socialistas revolucionários. Assim, o corporativismo, característica que cientistas políticos e historiadores do século XX associaram quase sempre automaticamente ao fascismo, no caso europeu, e ao populismo, no caso latino-americano, tem suas raízes permeadas pela filosofia positivista.

O campo dos autores que se autodeclararam como “positivistas” era vasto e permitiu diferentes interpretações da sociedade mexicana. Assim, embora os membros do

³³⁹ Um exemplo curioso no Brasil, cuja república nascera sob o signo do Positivismo. No ano da Revolução no México, publicava-se uma coluna de Maurício Ajam no jornal **O Estado de São Paulo** em 02 de março de 1910 intitulada “O Positivismo” que afirmava: “Augusto Comte não cessa de estar na moda e não há partido político que se não ufane, por um ou por outro título, do illustre fundador do positivismo. [...] *A escola materialista, dos nossos dias triunfantes e que desdenhosamente, considera o Positivismo como uma doutrina perempta, censura Comte por não haver admitido o Transformismo. E’ verdade que ao problema das origens da espécie era Comte profundamente indiferente. Elle não foi só um ébriode moralidade, como disse um dos seus críticos, foi também um ébrio de humanidade. Entreviu o grande problema que se ergue diznte das consciências do século XI o subordinou todos os conhecimentos á necessidade de incorporar o proletariado na sociedade moderna. E’ de plena evidencia que foi elle e não Karl Marx quem lançou as condições do socialismo científico. Somente, como detestasse o Estadismo e deixasse ao esforço individual uma boa parte, preferiram os socialistas francezes procurar o Ave-Guia no enfumado Karl Marx, contraventor e adaptador de Proudhon, o qual apanhou em Comte as suas mais características idéas”. Maurício Ajam. (pág5/ col.3)

³⁴⁰ PICKERING, Mary. **Auguste Comte: An Intellectual Biography**. Cambridge University Press. 2009. p.437

³⁴¹ Idem. Ibidem.

grupo dos *científicos*, em geral, acreditassem que o progresso natural da civilização era o suficiente para resolver as tensões sociais, outros intelectuais inspirados por Comte buscaram soluções mais urgentes para a harmonia da sociedade. Nesse ponto, o nome de Andrés Molina Enriquez é fundamental³⁴², sempre referenciado como um dos “precursores intelectuais” da Revolução Mexicana, como formulou a tese de Cockcroft. Molina Enriquez, na década anterior à Revolução, havia concluído que “*el movimiento liberalista individualista, en su afán de resguardar los derechos fundamentales del hombre y del ciudadano, conducía irremediabilmente a desigualdades sociales*”³⁴³ Originalmente escrito em capítulos separados para o periódico *El Tiempo* sob o título de *Estudios de Sociología Mexicana*, a coletânea se tornou *Los Grandes Problemas Nacionales* em 1909. A obra foi peça fundamental do debate que antecedeu as lutas revolucionárias, não apenas por seu conteúdo, mas também pela participação do autor na campanha contra a ditadura de Díaz, contra o governo provisório da revolução maderista

³⁴² De acordo com Jorge Vieira Pinto Eschriqui, Andrés Molina Enríquez nasceu em Jilotepec, Estado do México, em 2 de agosto de 1866. Em 1901, ele concluiu o curso de Direito no Instituto Científico e Literário de Toluca. Em 1905, publicou a sua primeira obra importante, intitulada Juárez y la Reforma, na ocasião da comemoração dos festejos do centenário do nascimento de Benito Juárez. Esta obra rendeu a Andrés Molina um convite para se integrar ao Museu Nacional, instituição em que, a partir de 1907, desenvolveu vários trabalhos de investigação e docência até a sua morte, em 1940. Também contribuiu em vários jornais da Cidade do México, como *El siglo XX*, *El Partido Liberal*, *El Imparcial* e *El Tiempo*. Neste último periódico Andrés Molina Enríquez publicou os seus *Estudios de Sociología Mexicana*, que, em 1909, seriam reunidos e publicados na obra *Los grandes problemas nacionales*. Entre 1911 e 1912, acabou ficando preso em razão de um fracassado plano contra o governo Francisco Indalecio Madero. Em 1916, durante o governo de Venustiano Carranza, Molina Enríquez foi nomeado membro consultor da Comissão Nacional Agrária do Ministério da Agricultura e do Fomento, sendo responsável pela redação do projeto do artigo 27 constitucional, abordando, entre vários pontos, a questão agrária. Nesse mesmo ano, foi designado chefe da Direção de Bosques e advogado consultor do Banco de Guanajuato do Ministério da Fazenda e, de 1919 a 1920, foi advogado da Caixa de Empréstimo para a Irrigação deste ministério. De 1920 a 1929, foi chefe do Departamento de Compilação de Leis da Suprema Corte de Justiça. Em 1922, publicou um número especial do Boletim do Ministério de Governo sobre o artigo 27 da Constituição, no qual discerne sobre as ideias em que se baseou para elaborar este artigo. Nesse mesmo ano, publicou a obra intitulada *La clasificación de las ciencias fundamentales*, na qual reuniu os seus conhecimentos sobre a teoria positivista da ciência. De 1933 a 1936, foi membro da Comissão Consultiva do Departamento de Población¹⁹⁸ do Ministério da Agricultura. Em 1932, iniciou a publicação de *Esbozo de la historia de los primeros diez años de la revolución agraria de México*, cujo quinto e último tomo apareceu em 1936. Entre 1938 e 1940, Andrés Molina Enríquez foi designado pelo governo do Estado do México como magistrado no Tribunal dessa entidade da federação. Em 1º de agosto de 1940, veio a falecer na cidade de Toluca. ESCHRIQUI, Jorge Vieira Pinto. **REVISTA DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – UFJF V.4 N° 8 JUL. / DEZ. 2018.**

³⁴³ MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. **Los grandes problemas nacionales**. [1909] México: Secretaría de Cultura, Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2016. p.18

e em favor do zapatismo. A importância do livro de Molina Enríquez se manteve nos anos seguintes como obra de referência para os intelectuais que pensaram o processo revolucionário.³⁴⁴

Se o impacto de *Los grandes problemas nacionales* esteve sobretudo em sua análise da propriedade rural no México, seu argumento geral criticava a incapacidade de formulação de um Estado capaz de incorporar os distintos grupos da sociedade promovendo, assim, a harmonia social a partir da contenção dos interesses individuais dos grupos mais poderosos – o que quase sempre equivalia a dizer “*hacendados*”. Apenas um Estado forte e centralizado seria capaz de promover o bem-comum e a unidade nacional, harmonizando os distintos impulsos das individualidades, dos grupos particulares. Em outros termos, a *orden* almejada pelo grupo dos *científicos* não seria obtida, para Molina Enríquez, enquanto a sociedade mexicana não combatesse suas profundas desigualdades no campo. De acordo com ele:

La última palabra relativa al problema de la propiedad: Posible es que todo lo que llevamos dicho acerca del problema de la propiedad, sea un castillo de sueños; si es así, no somos los únicos en haberlo levantado. El ilustre Ocampo, el sociólogo de la Reforma, como lo llama el señor licenciado Sierra (Juárez, su obra y su tiempo), trató de edificarlo en la realidad, al consumir con la nacionalización, la desamortización de la mitad de la gran propiedad del país. “Ocampo habría querido -dice el señor licenciado Sierra- que la nacionalización hubiese producido en México los mismos efectos que en Francia: la creación, o por lo menos la consumación, del movimiento que llevó la riqueza rural francesa a una clase numerosa de pequeños propietarios: esta dislocación de la propiedad territorial fue la magna obra social de la Revolución; ella formó una clase burguesa adicta a las ideas nuevas, porque con ella estaban vinculados sus intereses”. **A lo que nosotros agregamos que la Revolución en Francia no sólo desamortizó los bienes de clero, sino también los de la nobleza. Una obra parecida quisiéramos nosotros en la zona de los cereales, y es necesario hacerla y se hará, o por los medios pacíficos que indicamos, o por una revolución que más o menos tarde tendrá que venir; esa obra contribuirá mucho a la salvación de la nacionalidad, como en otra parte veremos.**³⁴⁵ (Grifos meus)

³⁴⁴ COCKCROFT, James. **Obra citada** p.73

³⁴⁵ MOLINA ENRIQUEZ, Andrés. **Obra citada**. p.136

Em uma perspectiva do positivismo com muitas marcas da leitura da obra de Spencer, o livro de Molina Enriquez recorre o passado mexicano diferenciando os tipos de indígenas, de *criollos*, de mestiços, replicando as lógicas do darwinismo social em voga, mas enfatiza as condições de trabalho da maior parte da população rural mexicana. Se os grandes problemas nacionais apontados por ele são diversos, todos confluem para a questão das *haciendas* mexicanas, pois “*La producción agrícola es la base fundamental de la existencia de todas las sociedades humanas que se desarrollan.*”³⁴⁶ As grandes propriedades estavam nas mãos dos “*criollos señores*” ou “*criollos nuevos*” e representavam um traço colonial no que deveria ser o México moderno. Ao contrário do que defendiam os apologistas da oligarquia porfirista, as *haciendas* não traziam riqueza e, pelo contrário, empobreciam a terra, faziam uso irracional da água, prejudicavam os *pueblos* próximos e a economia mexicana como um todo.³⁴⁷ O domínio dos grandes *hacendados* criava um espaço de poder privado e privilegiado que não favorecia a formulação de uma unidade nacional: “*Dentro de los límites territoriales de una hacienda, el propietario ejerce la dominación absoluta de un señor feudal*”³⁴⁸. Seu poder tornava-se, assim, mais do que despreocupado com o bem-comum: era ilimitado e fora do alcance da lei. Segundo Molina Enriquez, o *hacendado* “*Manda, grita, pega, castiga, encarcela, viola mujeres y hasta mata*”.³⁴⁹ O texto, aos poucos, assume tom de denúncia contra os poderes coloniais dos grandes fazendeiros.³⁵⁰

³⁴⁶ Idem. Ibidem.

³⁴⁷ Idem. p.153

³⁴⁸ Idem. p.135

³⁴⁹ Idem. Ibidem.

³⁵⁰ Como vemos em um trecho exemplar desse tom: “Hemos tenido oportunidad de instruir el proceso del administrador de una hacienda cercana a esta capital, por haber secuestrado y dado tormento a un pobre hombre acusado de haber robado unos bueyes; el citado administrador tuvo al supuesto reo preso algunos días en la hacienda, y luego lo mandó colgar de los dedos pulgares de las manos. Hemos tenido oportunidad también de saber que el encargado de una gran hacienda en el Estado de México, ha cometido en el espacio de unos treinta años, todas las violencias posibles contra los habitantes de las rancherías y pueblos circunvecinos, en una ranchería cercana, apenas hay mujer libre o casada que él no haya poseído de grado o por fuerza; varias veces los vecinos indignados lo han acusado ante la autoridad, y ésta siempre se ha inclinado ante él: lo han querido matar y entonces los castigados han sido ellos”. Idem. p.135-136

É, no trecho final, contudo, que temos a aparição do verbete *revolução* pela primeira vez na obra. Diferentemente dos sentidos normalmente atribuídos ao termo naquela cultura política, como uma luta pelo poder, a revolução é utilizada como sinônima de um processo de transformação nas relações de propriedade da terra. Como adverte Molina Enríquez, os revolucionários franceses não tomaram apenas as terras da Igreja, mas também aquelas pertencentes a sua nobreza. Juárez e a Reforma realizaram, portanto, apenas uma das tarefas necessárias para o desenvolvimento do progresso econômico mexicano: faltava ainda acabar com a nobreza *criolla* mexicana. Essa ideia aparecerá durante a revolução exatamente nesses termos no zapatista Plano de Milpa Alta.

Quitar al enemigo los medios de dañar, fue la sabia política de los reformadores del 57, cuando despojaron al clero de sus inmensos caudales, que sólo le servían para fraguar conspiraciones y mantener al país en perpetuo desorden con aquellos levantamientos militares que tan grande parecido tienen con el último cuartelazo, fruto, también, del acuerdo entre militares y reaccionarios.

Y en cuanto a la obra reconstructora de la revolución, o sea, la de crear un núcleo de intereses que sirvan de soporte a la nueva obra, esa fue la tarea de la revolución francesa, no igualada hasta hoy en fecundos resultados, puesto que ella repartió entre millares de humildes campesinos las vastas heredades de los nobles y de los clérigos, hasta conseguir que la multitud de los favorecidos se adhirió con tal vigor a la obra revolucionaria que ni Napoleón, con todo y su genio, ni los Borbón, con su aristocrática intransigencia, lograron nunca desarraigarla del cuerpo y del alma de la nación francesa.³⁵¹

Nessa perspectiva, a marcha histórica era inequívoca e, por meio de soluções pacíficas ou revolucionárias, a transformação das relações de poder no campo aconteceriam. Como resultado, “*esa obra contribuirá mucho a la salvación de la nacionalidad*”.³⁵² A ideia de revolução reproduzia, por um lado, o sentido negativo de violência a ser evitada – Molina Enriquez indica, afinal, o caminho pacífico – com argumentos semelhantes aos de Justo Sierra sobre o desenvolvimento *normal* das sociedades e, por outro, um sentido de transformação social mais profunda e necessária.

³⁵¹ Disponível em: <https://emiliano-zapata.scjn.gob.mx/sites/default/files/objetivos/2019-08/15.%20OPTIM%20Plan%20de%20Milpa%20Alta.pdf>. Acesso: 24 abr. 2019.

³⁵² MOLINA ENRIQUEZ, Andrés. **Los grandes problemas nacionales**. Obra citada. p.197

A *hacienda* parece pertencer ao passado e não há qualquer evidência *positiva* de sua eficiência para o progresso do país, na comparação com “*las naciones adelantadas*”. Após comparar a desproporção entre o que era considerada uma grande propriedade na Europa e no México, Molina Enriquez contrasta a riqueza das pequenas propiedades cuidadas pelos *pueblos* “livres” com a pobreza das *haciendas* e dos *pueblos* dependentes das grandes propiedades rurais:

Y quien ve de cerca alguno de los expresados pueblecillos, se asombra de lo que ve. Quien quiera puede tomar el ferrocarril de Toluca, y ver cerca del túnel de Dos Ríos, en el pequeño pueblo que se llama Huixquilucan, la enorme cantidad de parcelas de cultivo que, perfectamente cuidadas, suben hasta las cimas de las montañas de Las Cruces, en que dicho pueblo se encuentra. **¿No les habrá ocurrido a todos quienes han visto ese pueblo y otros como él, que si las grandes planicies de las haciendas estuviesen cultivadas así, otros serían los destinos nacionales?**³⁵³

Em outro trecho semelhante, temos a sintetização do problema e de sua solução:

Una vez hecha la división de las grandes propiedades, según, lo indicamos en el problema de la propiedad, ningún esfuerzo por parte de los poderes públicos será necesario para elevar la producción de temporal a su máximo, puesto que para los pequeños agricultores, tan ávidos de tierras, teniendo éstas, tendrán todo lo que han de menester para ensanchar favorablemente las condiciones de cultivo que vienen manteniendo su existencia desde hace cuatro siglos; y hechas las reformas que indicamos en el problema del crédito territorial, para elevar la producción de riego a su máximo, no será necesario, por parte de dichos poderes, más que el gasto de créditos a que ya nos referimos con extensión en otro lugar. Para los agricultores, el crédito que los poderes públicos les ofrezcan, será bastante estímulo. Porque es indudable que dividida la propiedad, la competencia de producción llegará a ser muy grande y las seguridades que el riego proporciona siempre serán lo suficientemente deseadas para que sean a cualquier precio adquiridas, y en tales condiciones, el estímulo expresado producirá resultados sorprendentes.³⁵⁴

Partindo de uma linguagem semelhante àquela utilizada por autores como Sierra a respeito do organismo social, Molina Enriquez identifica na propriedade da terra – e não nos problemas da educação, como a maioria dos positivistas mexicanos – os riscos

³⁵³ Idem. p.132-133

³⁵⁴ Idem. p.151

para a *orden* e para o *progreso* do país. Em resumo, a partir de um ideário semelhante e de uma linguagem política comum aos autores do positivismo, temos aqui um exemplar de intelectual antiporfirista que se valeu dos instrumentos da cultura política hegemônica para questionar as premissas que sustentavam os poderes locais naquele regime. Assim como Sierra ou Limantour, Molina Enríquez buscava um estado centralizado capaz de impor *orden* e *progreso*: a discordância fundamental estava nos problemas a serem resolvidos para a construção de uma ordem capaz de garantir a harmonia social.

Suas considerações não passariam despercebidas, tornando-se ponto de partida para outros militantes da oposição, como Luís Cabrera, que mais tarde escreveria, sob o comando de Carranza – e com a declarada influência de Molina Enriquez – a primeira legislação revolucionária sobre a reforma agrária no México. Antes dos sucessos do Exército Constitucionalista em 1915, porém, o autor de *Los grandes problemas nacionales* aproximou-se do convívio de figuras como Francisco I. Madero e os irmãos Vázquez Gómez, a quem tentava influenciar na direção da inclusão da reforma agrária como pauta revolucionária.

Diante do refluxo das pautas sociais nos discursos de Madero após os primeiros meses da Revolução, Molina Enriquez rompeu com o governo provisório em 1911, lançando seu próprio plano revolucionário, o Plano de Texcoco. Seu texto pedia o fim da presidência interina de Francisco León de la Barra e decretava que:

se forme un Consejo especial por tres de las siguientes personas: Lic. don Emilio Vázquez Gómez, Ing. don Manuel Bonilla, **general don Pascual Orozco, general don Emiliano Zapata**, general don Camerino Mendoza, **general don Rafael Tapia**, y señor don Paulino Martínez; las tres primeras personas de las mencionadas antes, que formen el Consejo susodicho, asumirán el Gobierno de la Nación, hasta que sea posible volver al orden constitucional³⁵⁵

³⁵⁵ MOLINA ENRÍQUES, André. Plan de Texcoco. 1911. Disponível em: <https://www.memoriapoliticademexico.org/Textos/6Revolucion/1911PLT.html> Acesso: 13 ago. 2019

A proposta não foi bem-sucedida nos termos em que se propunha, mas, segundo seu autor, em um texto escrito algumas décadas depois, o plano atingiu os objetivos pretendidos: “*No nos equivocamos al presuponer que la fórmula más eficaz de propaganda de los postulados reformistas era la de un Plan Revolucionario*”³⁵⁶. Assim, enquanto o levante custou-lhe ser enviado à prisão, suas propostas de reforma agrária circulariam entre os grupos rebeldes. De acordo com o próprio Molina Enriquez, “*a Zapata, por diferentes conductos, le envió todos los que le fue posible, uno de los cuales precisamente cayó en manos de la policía. Pero los ejemplares que circularon y el extracto que publicó ‘El Imparcial’ le dieron publicidad suficiente al asunto*”³⁵⁷

O esforço para publicar um plano que se sabia inviável como peça de propaganda e, mais do que isso, com destino especial para os zapatistas mostra uma relação de respeito ambivalente: ao mesmo tempo em que Molina Enriquez considerava suas propostas especialmente relevantes para os revolucionários de Morelos, admitia que estes eram os interlocutores capazes de levarem a cabo a transformação social que ele almejava. Em sua obra sobre a Revolução Mexicana, escrita nos anos 1920, ele afirmou a respeito:

Nosotros no hemos pretendido jamás que inventamos la pólvora. No iniciamos las reformas agrarias, que estaban iniciadas desde Morelos; tampoco iniciamos las reformas del trabajo que había comenzado ya con la ley del Estado de Nuevo León, que promulgó el general Bernardo Reyes como Gobernador de dicho Estado; **pero fuimos los primeros en llamar la atención pública hacia la necesidad de tales reformas, en artículos y en libros que reavivaron el estado de conciencia que debía darles ambiente [...], y fuimos, sobre todo, los primeros en entrar, de imponer con el Plan de Texcoco la acción positiva de la ejecución de las mismas reformas,** señalando los lineamientos que convirtieron la contrarrevolución que había intentado el maderismo en una revolución social y que ésta ha seguido desde entonces hasta ahora.³⁵⁸

³⁵⁶ MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. Esbozo de la historia de los primeros diez años de la Revolución Agraria de México (de 1910 a 1920) in: ENRÍQUEZ, Álvaro Molina. **Antología de Andrés Molina Enríquez**. Toluca de Lerdo: Compromiso. p.243

³⁵⁷ Idem. Ibidem.

³⁵⁸ MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés Esbozo de la historia de los primeros diez años de la Revolución Agraria de México (de 1910 a 1920). **Obra citada**. p.241

Assim, se Molina Enriquez admitiu que o início das divisões das *haciendas* se deu com os revolucionários zapatistas, também atribuiu aos seus escritos o poder de reavivar uma consciência social a respeito da importância da reforma agrária. Independentemente dos louros com os quais ele próprio se parabeniza na passagem, é inegável o fato que, nos anos seguintes à sua saída da prisão ele se tornou um nome central para o entendimento da reforma agrária no México. Sua atividade política e obra de divulgação, em diálogos como o que desenvolveu com Luís Cabrera e com os zapatistas, permitem pensar na circulação e no impacto de suas ideias para diferentes grupos. Mais do que importante do ponto de vista da militância, suas ideias encontraram ressonância no poder: atribui-se a ele a redação de trechos e a concepção geral do artigo 27 da Constituição de 1917. Nas décadas de 1920 e 1930, até sua morte no último ano do mandato de Lázaro Cárdenas, em 1940, Molina Enriquez atuou como referência em diferentes comissões e secretarias que trataram das políticas agraristas no país.

A atuação política e seu papel como precursor da questão agrária fizeram com que Molina Enriquez entrasse para a posteridade como um intelectual da Revolução – e de fato, o foi. Mais do que um homem que atuou nas lutas revolucionárias, sua obra foi importante para a construção de um sentido mais amplo e agrarista para o termo *revolução*, que deixava de ser entendida apenas como uma transformação dos poderes políticos.

A posteridade, no entanto, parece esquecer o cabedal articulado pelo escritor ao produzir sua obra. Seu livro menos lembrado é certamente *Clasificación de las ciencias fundamentales*, no qual produziu uma extensa obra de classificação das diferentes ciências de acordo com uma leitura claramente positivista.³⁵⁹ O que acredito que tenha ressaltado ao longo das últimas páginas e nos importa pensar para a tese que proponho é

³⁵⁹ Presente em ENRÍQUEZ, Álvaro Molina. Antología de Andrés Molina Enríquez. Obra citada.

o fato de que a reflexão realizada por Molina Enriquez não partiu da ruptura com o positivismo dominante. Procedimentos como a mudança nos significados da *revolução* não foram operados por uma negação da filosofia comteana hegemônica durante o Porfiriato: pelo contrário, o autor de *Los grandes problemas nacionales* mobilizou um arcabouço de leituras da tradição positivista para propor transformações sociais capazes de, finalmente, trazerem *orden e progreso* para a nação mexicana.

Argumento semelhante pode ser defendido a respeito de nomes como Luís Cabrera, associado a Carranza e ao grupo constitucionalista, e, em menor grau, a Antonio Díaz Soto y Gama, que participou dos esforços do PLM antes de se somar às forças do zapatismo.

Cabrera foi entendido como o mais importante intelectual do carrancismo, a corrente vitoriosa do conflito armado do período da guerra civil entre 1914 e 1915, e principal grupo responsável pelo processo de elaboração da Constituição de 1917. Em 1916, às vésperas da constituinte, o conselheiro de Don Venustiano denunciava a inoperância da Constituição de 1857, elaborada a partir de inspiração nas constituições dos EUA e da França e que, por isso, era incongruente com as condições da realidade mexicana, o que explicava o desrespeito de seguidos governos pelas leis fundamentais do país.³⁶⁰ Reproduzia, assim, argumentação idêntica àquela apresentada pelos *científicos* que criticavam a suposta utopia dos liberais de 1857.

Se o diálogo com o pensamento dos *científicos* não era reconhecido, Cabrera admitia que havia tomado de empréstimo as ideias de outro positivista, Molina Enríquez, quando produziu a primeira legislação agrária realizada pelos revolucionários carrancistas entre 1914 e 1915. Em sua obra *Balance de la Revolución*, o intelectual afirmou ter partido das ideias do autor de *Los grandes problemas nacionales*, mas

³⁶⁰ MEYER, Eugenia. **Obra citada.** p.50

"Dándoles una aplicación personal y pensaba que la solución de los ejidos y su reconstitución podía hacerse por medios más efectivos y más radicales que los procedimientos de evolución jurídica que aconsejaba Molina Enríquez."³⁶¹ O decreto de

6 de janeiro de 1915 afirmava em seus artigos segundo e terceiro:

2o. El Primer Jefe de la Revolución [Carranza] y Encargado del Poder Ejecutivo expedirá y pondrá en vigor, durante la lucha, todas las leyes, disposiciones y medidas encaminadas a dar satisfacción a las necesidades económicas, sociales y políticas del país, efectuando las reformas que la opinión pública exige como indispensables **para establecer un régimen que garantice la igualdad de los mexicanos entre sí; leyes agrarias que favorezcan la formación de la pequeña propiedad, disolviendo los latifundios y restituyendo a los pueblos las tierras de que fueron injustamente privados; leyes fiscales encaminadas a obtener un sistema equitativo de impuestos a la propiedad raíz; legislación para mejorar la condición del peón rural, del obrero, del minero y, en general, de las clases proletarias;** establecimiento de la libertad municipal como institución constitucional; [...] disposiciones que garanticen el estricto cumplimiento de las Leyes de Reforma; revisión de los Códigos Civil, Penal y de Comercio; reformas del procedimiento judicial, con el propósito de hacer expedita y efectiva la administración de justicia; revisión de las leyes relativas a la explotación de minas, petróleo, aguas, bosques y demás recursos naturales del país, para destruir los monopolios creados por el antiguo régimen y evitar que se formen otros en lo futuro; reformas políticas que garanticen la verdadera aplicación de la Constitución de la República, y, en general, todas las demás leyes que se estimen necesarias para asegurar a todos los habitantes del país la efectividad y el pleno goce de sus derechos, y la igualdad ante la ley.

3o. Para poder continuar la lucha y para poder llevar a cabo la obra de reformas a que se refiere el artículo anterior, el Jefe de la Revolución queda expresamente autorizado para convocar y organizar el Ejército Constitucionalista y dirigir las operaciones de la campaña; para nombrar a los gobernadores y comandantes militares de los Estados y removerlos libremente; para hacer las expropiaciones por causa de utilidad pública, que sean necesarias para el reparto de tierras, fundación de pueblos y demás servicios públicos; [...] ³⁶² (Grifos meus)

A proposta de divisão de terras foi realizada em termos vagos e é praticamente consensual na historiografia que sua presença no texto da lei foi também um aceno dos carrancistas para os revolucionários da *División del Norte*, de Villa, e, sobretudo, para o *Exército de Libertación del Sur*, de Morelos.³⁶³ Independentemente das intenções, porém,

³⁶¹ MEYER, Eugenia. **Obra citada**. p38

³⁶² Decreto disponível em: <http://www.ordenjuridico.gob.mx/Constitucion/CH11.pdf>. Acesso: 12 out. 2019.

³⁶³ O aceno parece ter sido bem-sucedido. No Congresso Constituinte de Querétaro, o congressista sonorenses Juan de Diós Bojórquez afirmava: "**En mi concepto, el decreto de 6 de enero de 1915 fue uno de los que trajeron el mayor contingente al seno de la revolución, precisamente porque era una consecuencia, era la respuesta a esa interrogación eterna de los pueblos, de los pueblos que han**

a escolha dos interlocutores e a relevância do tema no decreto consolidaram o consenso entre os grupos em disputa de que a Revolução *necessariamente* passava por transformar a situação dos *pueblos* e *ejidos* diante do poder dos *hacendados*. O decreto de Cabrera e a convenção de Aguascalientes tornaram-se precedentes fundamentais para os debates constitucionais a respeito da reforma agrária e para o artigo 27 da Constituição de 1917. Na convenção, realizada sobretudo pelos partidários do Exército Constitucionalista em meio aos conflitos entre os diferentes grupos revolucionários, os carrancistas tentaram consolidar seu projeto vitorioso e a solidez de seu partido incorporando na nova constituição os princípios de reforma social, com a apropriação de certo sentido agrarista da luta zapatista.³⁶⁴

Deste modo, ao longo dos debates de 1916 e 1917, as críticas de matiz positivista ao idealismo e ao individualismo dos liberais da Reforma seriam incorporadas ao texto da nova constituição, ressignificadas sob a égide da simbologia revolucionária que apagava, assim, as permanências entre os princípios centrais daquelas culturas políticas. Se qualquer associação aos *científicos*, cada vez mais impopulares, era evitada a todo custo desde a última década, sobretudo após a derrota do “usurpador” Huerta, buscava-se negar qualquer associação nominal ao Antigo Regime, suas ideias e seus intelectuais. O novo México construído por constitucionalistas, mas também por zapatistas e villistas, acreditava debater diretamente com os heróis da independência e da Reforma, sem

querido sus ejidos; pero en la cuestión agraria no hay que ver simplemente por la restitución de los ejidos a los pueblos; tenemos, como dice el proyecto, que crear, que fomentar la pequeña propiedad, y la mejor manera de fomentarla será dando facultades a las legislaturas de los estados para que puedan verificar la reglamentación de los títulos de muchos grandes terratenientes e implantar por todos los medios posibles la mejor ley para la fundación de colonias agrícolas, porque si creemos simplemente la pequeña propiedad no habremos obtenido el objeto; necesitamos llevar a los agricultores la idea de la Asociación, necesitamos llevarles enseñanza para fomentar entre ellos el ahorro, hacer que entre los pequeños agricultores se formen asociaciones y lleguen a constituirse verdaderas sociedades cooperativas agrícolas”. DIARIO DE LOS DEBATES DEL CONGRESO CONSTITUYENTE. Disponível em: http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/ref/cpeum/DD_Constituyente.pdf Acesso: 27 set. 2019.

³⁶⁴ A mesma ideia está presente nas obras de WOMACK, John Jr. **Zapata y la Revolución Mexicana**, KNIGHT, Alan. **La revolución mexicana** e AGUILAR CAMÌN, Héctor **À sombra da Revolução Mexicana**. Obras citadas.

qualquer diálogo com o ideário do Porfiriato. Curiosamente, o período em que foram gestados os debates a respeito de uma nova constituição adequada à realidade mexicana e da situação agrária tornava-se um hiato, um desvio na marcha histórica mexicana.

A promulgação da Constituição de 1917 é contemporânea da *Revolução de Fevereiro* na distante Rússia. Sobretudo após os acontecimentos de outubro e “dos dez dias que abalaram o mundo”, o verbete *revolução*, assim como os princípios coletivistas, passaram a ser repensados mundialmente sob o prisma de uma linguagem política muito distinta daquela em que se articulavam os revolucionários mexicanos. A partir do início do *breve século XX*, o vocabulário das lutas sociais passava a ser ressignificado pelo léxico dos leitores de Marx e Lênin e, deste modo, “ser revolucionário”, em diferentes partes do globo, tornou-se, nas décadas seguintes, sinônimo da adoção da ideologia marxista. A consolidação dos sentidos de *revolução* e *socialismo* são dois dos maiores exemplos do sucesso da linguagem política marxista ao longo do século XX.

Foi nesse cenário que diferentes lideranças mexicanas passaram a enfrentar a ingrata tarefa de diferenciar o ideário da Revolução de 1910 daquela realizada pelos bolcheviques. Nesse contexto, no início da década de 1920, sob o chamado do Secretário de Governo, general Plutarco Elías Calles, e da presidência do general Álvaro Obregón, Molina Enríquez, um dos autores do artigo 27 da constituição, resumiu em um discurso que se tornaria um livreto oficial, o “verdadeiro” ideário articulado nas reformas propostas pelo novo código de 1917. Nessa apologia oficial da Revolução Mexicana, o escritor afirmava que “*El Artículo 27 de la Constitución de Querétaro no quiso imponer determinado sistema de propiedad, ni cambió en manera alguna el sistema establecido desde la época colonial*”³⁶⁵. Dessa maneira, defendia o artigo e a constituição diante de seus acusadores: “*El cargo de haber pretendido establecer un sistema radicalmente*

³⁶⁵ MOLINA ENRÍQUEZ, *El espíritu de la Constitución de Querétaro*. **Antología de Andrés Molina Enríquez**. Obra citada. p.256

comunista, en nada se funda”³⁶⁶. Os *ejidos* eram anteriores aos soviets e a Constituição de 1917 era o resultado da *evolución* – conceito repetido em dez oportunidades nas cerca de nove páginas – da nação mexicana, cujos novos princípios buscavam equilibrar a sociedade e evitar os conflitos de interesses de sua população. As ideias emanadas da Revolução e concretizadas nas leis de 1917 foram sintetizadas por Molina Enríquez no tópico chamado *El espíritu de la Constitución de Querétaro*:

Aunque en lo substancial poco es lo que la Constitución de 1917 ha modificado la de 1857, hay algo que es completamente diferente en las dos, y es su espíritu; ambas son casi una misma ley, pero de la una a la otra ha tenido lugar un cambio muy importante, y es el del principio dominante que las preside; en una el principio dominante es el de que el individuo debe ser antes y más que la sociedad, en la otra el principio dominante es el de que la sociedad debe ser antes y más que el individuo. [...]

En el momento en que fue elaborada la Constitución de 1857, la teoría científica de la evolución no había llegado a formularse de un modo preciso: el concepto de las sociedades como organismos vivientes no había sido formado, y la verdadera naturaleza de las sociedades no había podido conocerse. Se creía, por entonces, que el derecho de propiedad privada individual formado originalmente por la ocupación, o por la invención, o por la creación, y transmitido a través de generaciones sucesivas, era lo que formaba las sociedades humanas; hasta la vida humana misma se creía que dependía de ese derecho, y se creía que la negación de este último destruía por su base la sociedad y que las alteraciones que en él pudiera hacerse, la perjudicaban. Se daba por consiguiente al derecho de propiedad un origen individual que era antes y que tenía que estar por encima de la sociedad, y por consiguiente de toda ley que presidiera a su organización, es decir, hasta de la misma ley constitucional. **Con la inviolabilidad dogmática de la propiedad** se pretendía evitar que los individuos hicieran desaparecer a la sociedad y que la sociedad hiciera desaparecer a los individuos.³⁶⁷ (Grifos meus)

O “espírito” da Constituição de 1917 não era, portanto, resultado de uma ideologia comunista. Mais do que isso, ela não era resultado de ideologia alguma, mas consequência do conhecimento da *verdadera naturaleza das sociedades*, primeiro passo da etapa positiva da história mexicana. Enquanto os constituintes de 1857, no que parece equivaler à etapa metafísica da evolução social, estavam presos aos “dogmas” dos direitos individuais e da propriedade, o progresso até a revelação (spenceriana) do conhecimento da sociedade como um “*organismo viviente*” deu origem a uma constituição plenamente adequada à

³⁶⁶ Idem. Ibidem.

³⁶⁷ Idem. p.272

realidade mexicana, tal como almejavam os *científicos* de duas décadas antes. A reforma agrária e as demais reformas sociais, explicavam-se, então, pelo princípio de que “*la sociedad debe ser antes y más que el individuo*”. Parte do conteúdo podia ser novo, mas os princípios elementares e a linguagem política na qual a novidade se articulou era exatamente aquela pensada por Sierra, Bulnes e Rabasa em suas críticas às utopias dos liberais jacobinos.

Dessa maneira, embora a pressão de grupos como o dos revolucionários de Morelos tenha sido fundamental para o debate sobre a questão agrária e sua institucionalização na Constituição, isso não significou a preponderância da perspectiva zapatista na legislação que se consolidou. De acordo com Womack Jr, durante as negociações com zapatistas e villistas, Carranza mostrava-se inflexível a respeito dos pontos estabelecidos no Plano de Guadalupe. Mesmo após ter declarado que a reforma agrária era inevitável, o *Primer Jefe* teria dito aos representantes enviados pelo zapatista Genovevo de La O: “*Esto de repartir tierras es descabellado*”.³⁶⁸ Enquanto zapatistas buscavam a autonomia dos *pueblos* e a consolidação da divisão da terra a partir das lideranças e tradições locais, a premissa da ideia oficial dos constitucionalistas “*era que la reforma tuviese una fuente oficial, que literalmente emanase de una oficina metropolitana*.”³⁶⁹ Se a reforma era inevitável, o que Carranza propunha era um estado centralizado que impusesse os limites da mudança, pois, para ele, os zapatistas não eram mais que “*forajidos del campo, peones advenedizos que nada sabían de cómo gobernar*”.³⁷⁰

³⁶⁸ WOMACK, John Jr. Obra citada. p.186.

³⁶⁹ Em oposição, entre os Zapatistas: “se llevará a cabo esa repartición de tierras de conformidad con la costumbre y usos de cada pueblo... es decir, que si determinado pueblo pretende el sistema comunal así se llevará a cabo, y si otro pueblo desea el fraccionamiento de la tierra para reconocer su pequeña propiedad, así se hará”. *Apud* Gildardo Magaña, **Emiliano Zapata y el agrarismo en México**, vol. IV, 2ª ed., 1951, p. 314. WOMACK, John Jr. **Obra citada**. p210

³⁷⁰ WOMACK, John Jr. Obra citada. p.186

Apesar da crença de Molina Enríquez de que sua visão do agrarismo ressoava as ações dos zapatistas, é mais provável pensar, a partir do exposto, que as semelhanças terminavam na crença compartilhada da necessidade de se dividir as terras. No congresso constituinte, o deputado José Rivera falava da “*mano criminal*” e “*barbárie de los zapatistas*” enquanto Palavicini afirmava que o “*zapatismo es hijo de la escuela rudimentaria; el fracaso de la escuela clerical*”. As ações e os planos de autonomia dos *pueblos* e dos estados na luta levada a cabo pelo *Exército Libertador del Sur* tornar-se-iam um incômodo com o qual carrancistas estavam cada vez menos dispostos a negociar, em nome da nova ordem. Durante a convenção constituinte, um agente enviado pelo *Primer Jefe* dizia em mensagem para o presidente: “*Hoy tenemos que contemporizar con éstos todavía, pero luego será otra cosa; [...] Zapata, que es un salvaje, habrá que eliminarlo.*”³⁷¹ As tradições de luta mobilizadas pelos zapatistas, apesar de ancestrais, eram disruptivas da ordem que se mantinha em uma lógica autoritária pensada no interior da cultura política do positivismo mexicano.³⁷² Assim, dois anos após a promulgação da Constituição, Zapata foi assassinado em uma emboscada e, no ano seguinte, os zapatistas apoiariam Calles e Obregón na derrubada do governo de Carranza.

Entre rupturas e permanências, com a derrota de lideranças rurais, como os zapatistas, e a articulação do ideário positivista de cooperação entre as classes que se estabelecia, a *revolução* ganharia novos significados, passando a assumir um devir de diferentes etapas históricas com as quais seria identificada dali em diante.

³⁷¹ Disponível em: http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/ref/cpeum/DD_Constituyente.pdf Acesso: 12 set. 2019.

³⁷² John Womack Jr. viu, na ação dos zapatistas e em seus princípios coletivistas, uma forma de populismo rural. Alícia Hernandez Cháves enxergou na luta pela autonomia dos *pueblos* e do Estado exemplos das práticas liberais democráticas arraigadas na cultura política mexicana. As tradições de luta e os princípios mobilizados nas assembleias dos *pueblos* de Morelos, para além das formas eloquentemente articuladas por intelectuais como Antonio Díaz Soto y Gama, parecem resistir às definições baseadas nos princípios políticos de uma ciência política tradicional. Essa resistência às definições será recuperada na conclusão desta tese.

Capítulo III – A última Revolução do México

¡Qué interesante será para el futuro mexicano un análisis del paisaje espiritual de estos últimos años! Una investigación que catalogue y valore las encontradas doctrinas aceptadas, que encuentre y siga, entre los movimientos aparentes y las manifestaciones superficiales, la verdadera e inexpressada razón que impulso el pensamiento y la vida en esta época!

Manuel Gómez Morín, em seu folheto 1915, publicado em 1926.

A parte final deste trabalho pensa as permanências e rupturas da cultura política porfirista e da linguagem positivista a partir de dois tópicos principais: aquilo que se convencionou chamar de “política cultural” da Revolução Mexicana e a constituição de um “Estado revolucionário”, ideia presente nos debates de 1917, mas sobretudo no processo de institucionalização da Revolução, iniciado por Calles e consolidado com Cárdenas.

Curiosamente, enquanto os estudos regionais das últimas décadas deram ao processo revolucionário aspectos de uma colcha de retalhos composta pelos diferentes microcosmos daquele momento – como se existissem na verdade “várias revoluções”, como afirmou Falcón Veja – os historiadores seguiram narrando *uma* política cultural da Revolução. Se poucos autores das últimas décadas se atreveram a abordar a antiga questão “¿*Qué es la revolución?*”, cujas tentativas de respostas surgiram ainda durante as lutas revolucionárias e seguiram com presença marcante no debate da historiografia até os anos 1980, a resposta para o que foi a sua política cultural não parece ter sido tema de maiores controvérsias nesse mesmo período.³⁷³

³⁷³ Mesmo as obras fundamentais de Mary Kay Vaughan, que se debruçaram sobre as práticas e a agência das comunidades rurais sobre os projetos educacionais, parecem vez ou outra assumir a premissa implícita de um certo consenso sobre o suposto projeto cultural dos diferentes governos revolucionários.

Isso se deve, em grande parte, à simbologia relacionada à formulação da Secretaria de Educação Pública (SEP) e seu peso na criação de projetos capazes de construir imagens (literalmente, no caso dos artistas muralistas) do movimento revolucionário para além dos discursos políticos. Nesse cenário, os estudos a respeito da educação e da política cultural revolucionária deram-se, muitas vezes, ao redor da figura do *ateneísta* e revolucionário José Vasconcelos, que se tornou personagem emblemático da cultura revolucionária mexicana ao ocupar o cargo de reitor na Universidade Nacional e, sobretudo, o de Secretário de Educação do general Álvaro Obregón na primeira metade da década de 1920.

A despeito da evidente importância das políticas e ideias de Vasconcelos, seus discursos e escritos, quase sempre marcados por uma vaidosa narrativa autobiográfica, colaboraram para a construção de uma perspectiva “vasconcelista” das políticas culturais/educacionais da Revolução. O título honroso de Vasconcelos para a posteridade, “*maestro de la juventud de América*”, sintetizou a narrativa: o Secretário de Educação foi encarado, ao mesmo tempo, como o continuador da obra do “*maestro de América*”, Justo Sierra, e o inaugurador de uma nova era na cultura e educação mexicana. Essa abordagem contribuiu para o descolamento da obra de Don Justo de seu cenário original – seu gabinete *científico* como Secretário da ditadura de Díaz – assim como ocultou as ideias e debates sobre cultura e educação *entre* as hegemonias de Sierra e Vasconcelos.

Vasconcelos também teve um papel menor em outro cenário sobre o qual a tese se debruça neste trecho final: o autor de *Raza Cósmica* candidatou-se, no final da década, à Presidência da República após a morte de Obregón e durante o processo em que o general Plutarco Elías Calles, “*jefe máximo de la revolución*” naquele momento, anunciou a passagem da era de *caudillos* para a era de instituições, com a criação do Partido Nacional Revolucionário. Segundo o Chefe Máximo, a Revolução tornou-se um

partido para conter as disputas revolucionárias e realizar sua tarefa mais difícil: cumprir as promessas realizadas nos campos de batalha. “*La Revolución continua*” e, assim, enquanto o partido oficial seguisse no poder, a marcha da história seria ditada pelas demandas da própria Revolução.

Quase que ironicamente, a partir de 1928 e do surgimento do Partido Nacional Revolucionário, iniciava-se o chamado *Maximato*, período em que a sombra da figura do *caudillo* Calles sobrepunha-se a dos diferentes presidentes até o ano de 1935, em que o gal. Lázaro Cárdenas del Río – ex-combatente do exército constitucionalista, ex-governador de Michoacán e até então presidente do PNR – assumiu a presidência. O conflito entre *el jefe Máximo* e Cárdenas foi, em vários sentidos, um processo que levou à fase mais radical das políticas inspiradas pela Revolução de 1910, com a proteção do direito à greve, a aceleração da reforma agrária e a nacionalização das empresas petrolíferas. Para além das importantes políticas sociais – que transformaram as condições materiais da vida de milhões de trabalhadores rurais e urbanos em diversas regiões do país –, a tese aborda as permanências nas lógicas e simbologias utilizadas pelo discurso político dos governos revolucionários em sua institucionalização, sobretudo a partir dos discursos e manifestos do presidente e do partido oficial, mas também de opositores “de dentro” das fileiras revolucionárias, como Luís Cabrera e Antonio Díaz Soto y Gama.

I) *Entre* Justo Sierra e Vasconcelos

Na obra *México: la grande rebelión (1905-1924)*, Ramón Eduardo Ruiz valeu-se de uma variedade enorme de exemplos da economia e política mexicana para demonstrar sua tese de que o que teria tomado lugar no país, entre o Porfiriato e a consolidação do gal. Plutarco Elías Calles, teria sido apenas uma rebelião de grandes proporções, sem

medidas propriamente revolucionárias. Em um dos raros exemplos de continuidade entre porfirismo e governos surgidos da “grande rebelião” em que o autor abandona o eixo político-econômico, Ruiz menciona o fato de que os artistas associados à Revolução responsáveis pela estética do muralismo sob a SEP de Vasconcelos, como Diego Rivera, tiveram seus estudos financiados na Europa pela ditadura de Don Porfírio.³⁷⁴ O argumento, situado no limiar entre a liberdade de interpretação das fontes e a má-fé, parece exigir que o México genuinamente transformado nascesse de uma manifestação pura da novidade, de outra sociedade alhures e não de seu próprio passado. A Revolução, feito o Cristo, deveria nascer de mãe virgem.

O lembrete sobre os estudos de Rivera, contudo, remete a um tema importante para a intelectualidade porfirista que se manteve nos anos da Revolução: a formulação de uma identidade nacional e sua relação com a produção artística capaz de expressar uma suposta verdadeira mexicanidade. Nesse sentido, a Secretária de Educação Pública do governo revolucionário é tão herdeira da *Secretaría de Instrucción Pública e Bellas Artes* quanto Vasconcelos foi de Justo Sierra.

Antes de se tornar o símbolo do projeto educacional revolucionário, José Vasconcelos foi parte de um grupo de jovens intelectuais do que ficou conhecido como a *Geração do Ateneo*, do qual também fizeram parte o dominicano Pedro Henríquez Ureña, Antonio Caso e Alfonso Reyes, filho do general Bernardo Reyes. Apesar de interpretações revisionistas como a de Ruiz, os jovens do *Ateneo*, estudantes críticos do sistema educacional herdado de Gabino Barreda e da política porfirista, entraram para a história como autores da síntese do questionamento das bases filosóficas positivistas do Antigo Regime mexicano. Símbolo do grupo, sua proposta de “restauração da filosofia”

³⁷⁴ RUIZ, Ramón Eduardo. **Obra citada.**

era uma crítica ao positivismo dominante, representada também pela leitura enfática que estes jovens produziram dos filósofos gregos.³⁷⁵

Em 1906 – mesmo ano da publicação do Manifesto do PLM e da Greve de Cananea – os escritores Alfonso Cravioto, Antonio Caso e Pedro Henríquez Ureña criaram um periódico e um espaço de debates para leituras ecléticas e juvenis: *Savia Moderna*, revista de curta duração, e a *Sociedad de Conferencias*, o espaço que mais tarde viria a tornar-se o *Ateneo de la Juventud*. O ambiente concebido por Jesús T. Acevedo e Caso, foi dirigido diretamente por este último e Henríquez Ureña, com encontros que se organizavam em um salão da Escola Nacional Preparatória.

Cumprindo a proposta em seu nome, a *Sociedad de Conferencias* organizou uma série de eventos públicos em que se discutiram temas diversos relacionados à cultura, às artes e à política. Além disso, a partir da proposta de Caso e Henríquez Ureña de reunir a elite intelectual da juventude mexicana, organizou-se um programa de “estudos informais para atualizar os conhecimentos filosóficos, históricos e literários de seus membros”.³⁷⁶ Com temas que trataram de Nietzsche à música moderna, a experiência bem-sucedida permitiu que Antonio Caso, com o apoio de seu mentor Justo Sierra, ampliasse a proposta agora rebatizada de *Ateneo de la Juventud* em 1909. Entre seus membros fundadores estavam ainda os já citados escritores e jornalistas Alfonso Reyes, os maderistas Jesús Urueta, Isidro Fabela e José Vasconcelos e, mais tarde, também se associariam ao grupo nomes como o do jornalista Luís Cabrera, o engenheiro Alberto J. Pani e o pintor Diego Rivera.³⁷⁷

³⁷⁵ MYERS, Jorge. Gênese “ateneísta” da história cultural latino-americana **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 1. Segundo o autor, essa inspiração “se manifestava nas leituras e nas alcunhas que os membros dessa geração se aplicavam a si mesmos – Vasconcelos seria “Ulisses”, Henríquez Ureña, “Sócrates” ou “El Dorio”, Alfonso Reyes, “Euforión”, entre muitos outros. p.24

³⁷⁶ Idem. p.25

³⁷⁷ Idem. p.26

Em comum, além da juventude (José Vasconcelos, um dos mais velhos, tinha 24 anos), estes escritores tinham uma perspectiva positiva do idealismo, com um retorno à metafísica e algumas referências fundamentais como *Ariel*, de José Enrique Rodó. O *arielismo* substituiu uma perspectiva mais spenceriana das raças na América Latina e acompanhou diversos escritos do grupo, tanto na essencialização da latino-americanidade quanto numa perspectiva anti-imperialista – sobretudo nos escritos de Henríquez Ureña. Essas bases permitiram a valorização da ideia de *cultura* e uma busca pela formulação do nacional em uma estética própria, em termos mais críticos do classicismo dominante no Porfiriato. Aos poucos, com o sucesso da Revolução e da proeminência conquistada pelos antigos estudantes do *Ateneo* na política e na academia mexicana nos anos seguintes, os conceitos de *cultura* e *mexicanidade* tornar-se-iam adições fundamentais à linguagem política durante a consolidação do Estado pós-revolução em que se articulava uma nova simbologia política. Mais tarde, como veremos, a concepção essencializada que entrelaçou *Revolução* e *mexicanidade*, em uma matriz claramente *ateneísta*, constituiu-se retroativamente na historiografia como chave para o entendimento da história do país e do processo revolucionário.

Autores e protagonistas de uma narrativa sobre as origens do México moderno, os escritores do *Ateneo* tornaram-se senhores de um bem-sucedido relato sobre as raízes de um mundo novo. O escritor Juan Hernandez Luna em seu prólogo a *El Ateneo de La Juventud*, definiu a formação do grupo como “*el primer centro libre de cultura que nace entre el ocaso de la ditadura porfirista y el amanecer de la revolución del 20 de noviembre. Tiene, por tanto, fisonomía propia: es el asilo de una nueva era de pensamiento en México*”³⁷⁸. Em que pese a teleologia da narrativa do literato, essa é a imagem com a qual o grupo de jovens intelectuais é usualmente celebrada. De uma

³⁷⁸ HERNANDEZ LUNA, J. Prólogo. **El Ateneo de La Juventud**. México: UNAM. 1984. p.12

perspectiva mais propriamente acadêmica, Alfonso Garcia Morales definiu o grupo como fundadores da “*cultura mexicana contemporánea*”.³⁷⁹

O *Ateneo de la Juventud*, contudo, tanto em suas origens quanto no projeto consolidado com José Vasconcelos como *Ateneo de México*, em 1912, não se constituiu em um espaço atentatório para os valores dos apoiadores do Porfiriato e de sua intelectualidade.³⁸⁰ O positivismo ortodoxo, combatido por Vasconcelos e companhia, tinha como único veículo expressivo as publicações de Horácio Barreda e Agustín Aragón na *Revista Positiva*, cujos argumentos também eram criticados pelos intelectuais porfiristas (e professores dos ateneístas) como Justo Sierra e Porfirio Parra. De acordo com Jorge Myers, diferentemente das vanguardas revolucionárias dedicadas a uma obra de ruptura com o *establishment* cultural, os jovens do *Ateneo* construíram seu espaço – ainda que periférico – na cultura da capital mexicana a partir de uma relação estreita com seus antigos professores e intelectuais da ditadura, como Justo Sierra.³⁸¹ Myers definiu o grupo como um conjunto de discípulos “estudiosos que, sem romper com seus superiores” buscou “consolidar as condições de possibilidade para uma futura trajetória exitosa”.³⁸²

James Cockcroft e Carlos Monsiváis concordam em apontar o fato de que parte da relação crítica que esses jovens desenvolveram com o porfirismo dava-se pelo monopólio que o grupo dos *científicos* possuía dos poucos espaços intelectuais e acadêmicos disponíveis naquela sociedade. O cenário e a pequena porcentagem de

³⁷⁹ MORALES, Alfonso Garcia. **El Ateneo de México – 1906-1914 – Orígenes de la cultura mexicana contemporánea**. SEVILLA: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla.

³⁸⁰ Apesar da imagem de um espaço de debates políticos (ou mesmo revolucionários), a dinâmica do grupo talvez tenha sido mais voltada para o estudo das artes e da filosofia em termos de erudição clássica do que os seus membros mais ilustres admitiram. O último secretário do *Ateneo*, Alejandro Quijano, tratou as tensões e os pedidos de desligamento de alguns participantes do grupo, em uma carta endereçada a revista *Letras de México* em 5 de outubro de 1937. Segundo ele, La renuncia de García Naranjo fue, según dice el escrito que tengo en mi poder, “por no estar conforme con la conducta seguida por el Ateneo de la Juventud para con el ilustre huésped de la República, Señor Don Manuel Ugarte”. Fernández Mac Gregor renunció por haberse tratado asuntos políticos en una de las sesiones del Ateneo. Así andaban las cosas en 1910”. Grifos meus. El verdadero Ateneo. **El ateneo de la juventud**. Obra citada. p.25.

³⁸¹ MYERS, Jorge. **Obra citada**. p.15

³⁸² Idem. *Ibidem*.

leitores, limitavam os postos de trabalho nos jornais e revistas. Os cargos de direção e docência das instituições de ensino, como a Escola Nacional Preparatória, eram comandados por nomes mais diretamente associados aos *científicos* e, além disso, a postura do *establishment* positivista, em geral, crítica da ideia de universidade até as vésperas da Revolução, diminuía o campo de trabalho dessa restrita intelectualidade. Desta maneira, críticos e ansiosos por um futuro mais próximo das órbitas do poder, os jovens estudantes da capital, pertencentes “a uma camada social desesperada não diante do panorama de injustiça e miséria” mas da “eternidade declarada do regime de Díaz”³⁸³, desenvolveram uma relação ambivalente de crítica cordial com a intelectualidade porfirista e do positivismo reinante.

À pluralidade de temas e fontes filosóficas destes autores correspondeu também uma postura heterogênea diante da filosofia positivista, assim como do próprio Porfiriato. Antonio Caso, fundador e primeiro diretor do *Ateneo*, era discípulo predileto de Sierra, participou do *Club Reelectionista* em apoio a Porfirio Díaz em 1910 e foi diretor do periódico *La reelección*. Segundo a historiadora Susana Quintanilla, o jovem Caso, apesar dos desconfortos com a situação da ditadura, defendia a impossibilidade de se implantar a democracia no México daquele momento que ainda levaria um longo caminho pela república e “algum dia, quando os mexicanos pudessem ser comparados com os cidadãos de Atenas, então poderiam realizar-se os sonhos que todos almejavam”.³⁸⁴ Enquanto o argumento central e a lógica do fundador do *Ateneo* reproduziam exatamente aquele posicionamento reiterado por Sierra e pelos demais *científicos*, a referência quase obrigatória à Antiga Grécia pode ser vista como característica típica do grupo ateneísta.³⁸⁵

³⁸³ MONSIVÁIS, Carlos., “Notas sobre la cultura mexicana en el siglo XX”. **Historia general de México**. México, El Colegio de México, vol. 2 citado por MYERS, Jorge. Obra citada. p.23

³⁸⁴ HERNÁNDEZ PRADO, José. Três décadas após o Ateneu da Juventude: José Vasconcelos, Antonio Caso e a democracia liberal. **Tempo social**. São Paulo. Vol. 28, Nº3, 2016.

³⁸⁵ A este respeito, Alfonso Reyes, em **Pasado inmediato y otros ensayos** afirmou: “La afición a Grecia era común, si no a todo el grupo, a sus directores. Poco después, alentados por el éxito, proyectábamos un

Repetia-se o argumento da *orden* a partir de novas leituras, portanto. A postura conciliadora tanto de Caso quanto de seu mestre, Don Justo, permitiu que o jovem se tornasse primeiro secretário da recém-criada Universidade Nacional em 1910.³⁸⁶

De maneira completamente oposta a Caso, José Vasconcelos foi secretário do Partido Nacional Antirreelecionista, atuou no periódico *El antirreeleccionista* e fez parte do processo revolucionário convocado por Francisco I. Madero – o que também influenciou para a sua posição de diretor do *Ateneo* após o triunfo da Revolução. A dissolução do *Ateneo* no ano de 1913 deu-se em meio ao aumento da violência das lutas revolucionárias e a fuga de Vasconcelos para o exílio, quando recrudesceu a perseguição de Huerta contra aqueles que se alinharam ao chamado revolucionário do governador de Coahuila, Don Venustiano Carranza. Nesse cenário, enquanto Vasconcelos tornou-se diplomata de Carranza, buscando condenação internacional ao golpe de Huerta – e o também ateneísta Martín Luis Guzmán somava-se às fileiras do villismo³⁸⁷ – Antonio Caso era considerado para o cargo de reitor da Universidade Nacional pelo governo autoritário do antigo general de Díaz.³⁸⁸

ciclo de conferencias sobre temas helénicos. Fue entonces, cuando en el taller de Acevedo, sucedió cierta memorable lectura de El banquete de Platón en que cada uno llevaba un personaje del diálogo, lectura cuyo recuerdo es para nosotros todo un símbolo. El proyecto de estas conferencias no pasó de proyecto, pero la preparación tuvo influencia cierta en la tendencia humanista del grupo”. Alfonso Reyes, **Pasado inmediato y otras ensayos**, p. 50

³⁸⁶ GARCADIÉGO, Javier. De Justo Sierra a Vasconcelos. **Obra citada**. p.778

³⁸⁷ Hernández Luna reitera a leitura dos jovens do Ateneo como apoiadores incondicionais da Revolução também na luta armada, citando os três membros do grupo que atuaram diretamente no movimento revolucionários: Pero la actitud de los ateneístas frente a la dictadura de Porfirio Díaz fue más allá. No se limitó a hacer la crítica del dictador y de su régimen, sino que algunos de ellos se convirtieron en soldados y empuñaron el fusil para derrocar al régimen dictatorial. Vasconcelos, apenas sonaron los primeros disparos, se alistó en las filas del maderismo. Martín Luis Guzmán, años después, se incorporó en la División del Norte, al lado de Villa. Y a Ricardo Gómez Róbelo, disfrazado de guerrillero, lo encontraban en los acampamentos, traduciendo a Elizabeth Barreto Browning. HERNÁNDEZ LUNA, J. Prólogo. El Ateneo de La Juventud. México: UNAM. 1984. p.18-19.

³⁸⁸ De acordo com Garcadiégo, a ditadura considerou para o cargo os nomes de Caso, Emiliano Rabasa além do escolhido Ezequiel Chávez. Para o historiador, “por tener los tres, características tan distintas resulta obligado dudar de que las autoridades tuvieran un proyecto coherente y definitivo sobre la educación superior que el país requería.” De Justo Sierra a Vasconcelos. **Obra citada**. p.33

O fim do governo Madero em fevereiro de 1913, resultado direto do golpe de Huerta, mas também de uma série de levantes locais, deu origem à união das facções revolucionárias que, em julho de 1914, derrubaram o “usurpador” – como Don Victoriano era chamado pelas diferentes lideranças rebeldes. Neste ano, Carranza, *Primer Jefe de la Revolución*, nomeou Vasconcelos diretor da Escola Nacional Preparatória. Nos meses seguintes, com a entrada dos exércitos revolucionários na Cidade do México, villistas, zapatistas e constitucionalistas – estes últimos, liderados pelo gal. de Carranza, Álvaro Obregón – deram início às tensas tentativas de negociação da constituição dos novos poderes políticos do país.

Em outubro de 1914 realizou-se, então, a Convenção de Aguascalientes, que elegeu o carrancista gal. Eulálio Gutierrez como presidente interino do país. O brevíssimo governo provisório, que, em menos de três meses, daria lugar à sangrenta guerra entre as diferentes facções, escolheu José Vasconcelos como *Secretário de Instrucción Pública y Bellas Artes*, que também marcou o retorno das atividades da ENP e da Universidade Nacional com um grupo importante de estudantes inspirados pelo *Ateneo de México*. Em conflito com o carrancismo vitorioso ao final de 1915, Vasconcelos buscou o exílio uma vez mais, até retornar ao país e ao governo por seu apoio ao Plano de Água Prieta (1920), que derrubou Carranza e, após a presidência interina do gal. Adolfo de La Huerta (1920) deu origem à hegemonia dos *caudillos* sonorenses, com Obregón (presidente entre 1920-1924) e o gal. Plutarco Elías Calles (1924-1928).

Apesar das diferenças ideológicas, tanto Caso quanto Vasconcelos ocupariam, nos anos seguintes entre as idas e vindas da Revolução, os cargos de diretor da Escola Nacional Preparatória e de reitor da Universidade Nacional. Se é o autor de *Raza Cósmica* aquele normalmente lembrado por sua postura política e atuação que ajudaria dar forma a instituição, Caso também foi, anos depois, um dos importantes apoiadores do esforço

em direção a independência dos poderes políticos que resultou na reformulação da Universidade Nacional como um espaço *autônomo*.

A despeito das discordâncias ideológicas, ambos os fundadores do *Ateneo* participaram em caminhos não tão distintos da reconstrução das instituições de ensino do país a partir da Revolução. Papel semelhante caberia, anos depois, aos membros de uma segunda geração de estudantes, marcadamente inspirados pelo grupo do *Ateneo*, conhecida como a “Geração de 1915”, composta por nomes como Vicente Lombardo Toledano, a principal liderança sindical do México nos anos 1930, Manuel Gómez Morín, que mais tarde fundaria o oposicionista *Partido de la Acción Nacional*, e Daniel Cosío Villegas, historiador fundamental do século XX mexicano, fundador da Escola de Economia da UNAM, do *Colégio de México* e da editora Fondo de Cultura Económica.

Do ponto de vista da postura filosófica, o embate mais famoso entre os membros do grupo em seus primeiros anos se deu entre seus dois fundadores, Caso e Henríquez Ureña. Em uma série de conferências realizadas em 1909, o dominicano condenou a postura de seu colega mexicano em relação ao positivismo: “*las tres conferencias de Antonio Caso sobre Comte y sus precursores significaron poco, por su falta de novedad y de crítica*” dizia. Apesar das críticas, Henríquez Ureña terminou sua conferência afirmando que:

Entre los muros de la Preparatoria, **la vieja escuela positivista**, volvió a oírse la voz de la metafísica que reclama sus derechos inalienables. Si con esta reaparición alcanzara ella algún reflujó sobre la juventud mexicana que aspira pensar, ése sería mejor fruto de la labor de Caso.³⁸⁹ (Grifos meus)

O pêndulo entre ruptura e permanência, presente no título da tese, tem lugar certo na reflexão do dominicano. Entre todos os autores da primeira geração do *Ateneo*, Henríquez Ureña é o mais combativo em relação às ideias dominantes da cultura política

³⁸⁹ HENRÍQUEZ UREÑA, “El positivismo independiente”. Disponível em: http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/sites/fondo2000/vol2/25/htm/sec_11.html Acesso: 07 set. 2019

do Porfiriato com as quais tomou contato direto ao chegar no México, em 1906, como jornalista de *El Imparcial*, periódico apoiado pelo regime. O filósofo Gabriel Vargas Lozano destaca que a formação do futuro *ateneísta*, ainda na República Dominicana, foi profundamente marcada pelo debate a respeito do imperialismo³⁹⁰ e, adiciono, menos moldada pela linguagem política dos positivistas mexicanos. Em seu discurso crítico do colega Caso, a ENP era associada ao passado e o positivismo o oposto da aspiração à reflexão.

A postura de Vasconcelos, em um primeiro momento, não foi tão distinta da apresentada por Henríquez Ureña. Na conferência “*Don Gabino Barreda y las ideas contemporáneas*”, realizada em 1910, o futuro Secretário de Educação produziu uma avaliação agri-doce do legado de Barreda. Se por um lado, Don Gabino foi visto como o professor e filósofo que combateu os fanatismos, “*que supo pensar su tiempo*”, por outro, para Vasconcelos, o legado de um mestre deveria levar justamente a sua superação, pois “*la humanidad vuelve a sentir, periódicamente, la necesidad de preguntar otra vez, de escuchar por sí misma, de interpretar por su cuenta, todas las manifestaciones, todas las revelaciones, de la vida renovada, de la vida enriquecida por el pasado*”³⁹¹.

O idealismo e a valorização da metafísica não são as únicas fontes da crítica de Vasconcelos aos positivistas: para ele, trata-se também de atualizar as antigas doutrinas

³⁹⁰ VARGAS LOZANO, Gabriel. “El Ateneo de La Juventud y la Revolución Mexicana”. **Literatura Mexicana**. Vol. XXI. 2010

³⁹¹ Na primeira parte de sua conferencia, Vasconcelos explicitou sua avaliação da obra de Gabino Barreda. Segundo ele: “Por eso, durante mucho tiempo aún, habré que volver a don Gabino Barreda y recordar que él implantó entre nosotros los fundamentos de un sistema de pensar distinto del que había prevalecido en los siglos de dominación española y de catolicismo. Relacionándolas con el pensamiento libre de Europa, puso generaciones enteras en aptitud, no sólo para ser asimiladoras de la cultura europea, sino para que sobre el asiento firme que proporciona una educación de disciplina sólida, desarrollasen las propias virtualidades especulativas y morales. Si su enseñanza puede merecer la acusación de incompleta en el sentido superior, la bondad de su método fructificó a pesar de algunos excesos disculpables en el discípulo convencido que impone las doctrinas de maestros un poco limitados.” VASCONCELOS, José. “Don Gabino Barreda y las ideas contemporáneas”, en **Conferencias del Ateneo de la Juventud**, prólogo, notas y recopilación de apéndices de Juan Hernández Luna, seguido de Anejo documental / de Fernando Curiel Defosse, 3ª ed. rev. y aum., México, UNAM, Coordinación de Humanidades, Programa Editorial, 2000, pp. 95-110

a partir das informações trazidas pela ciência contemporânea. Ao final de sua conferência, afirmava:

Con la prudencia que las normas anteriormente estudiadas aconsejan, hemos procurado recibir las nuevas ideas. **El positivismo de Comte y de Spencer nunca pudo contener nuestras aspiraciones; hoy que, por estar en desacuerdo con los datos de la ciencia misma, se halla sin vitalidad y sin razón**, parece que nos libertamos de un peso en la conciencia y que la vida se ha ampliado. El anhelo renovador que nos llena ha comenzado ya a vaciar su indeterminada potencia en los espacios sin confín, donde todo aparece como posible. ¡El mundo que una filosofía bien intencionada, pero estrecha, quiso cerrar, está abierto, pensadores! Dispuestos estamos para acoger toda grande novedad; mas habituémonos a ser severos, en nombre de la seriedad del ideal.³⁹² (Grifos meus)

Temos, neste caso, diferentemente de tudo o que foi abordado nos capítulos anteriores, um ataque direto não aos homens do positivismo, mas ao pensamento dos discípulos de Comte e a sua predominância na intelectualidade mexicana. O ex-aluno da Escola Nacional Preparatória reitera – em uma visão pouco incomum entre os estudantes, acredito – a lembrança de estar aprisionado pelos limites impostos pela instituição, naquele momento dirigida pelo *científico* Manuel Flores. As diferentes matrizes filosóficas, para além da obra dos positivistas, são assim mobilizadas para fundamentar os desejos e a *potência*, em uma marca nietzscheana, da nova geração. Contudo, diferentemente do que a narrativa teleológica de Vasconcelos sugeriria nos anos seguintes, esse grupo, ainda marginal em 1910, não era uma mônada dos estudantes mexicanos da capital às vésperas da Revolução e tampouco constituía um grupo com grande poder de mobilização.

Em 1910, estudantes universitários mexicanos compunham, em todo o país, um universo de mais ou menos mil jovens das elites e classes médias de suas principais cidades. Não é difícil imaginar, portanto, que a maior parte deste alunado era composta

³⁹² Idem. p.110

de membros de famílias muito próximas da administração e das esferas de poder do Porfiriato – o caso de Alfonso Reyes, filho do popular general de Díaz, talvez seja o mais conhecido. De acordo com Javier Garciadiego, dentro deste reduzido grupo, “*la mayoría de los estudiantes universitarios capitalinos no suscribió la rebelión contra Porfirio Díaz*” pois apesar de desejarem mudanças, pediam por evoluções “*ni radicales ni violentas*”³⁹³. A despeito de suas manifestações em nome do nacionalismo e da busca por maior autonomia e participação na universidade, grande parte destes estudantes simpatizava com o porfirismo ou com o moderado *reyismo*, encarnado no apoio ao general Bernardo Reyes.³⁹⁴ Também entre os universitários, *Revolução* era um termo a ser evitado.³⁹⁵

A Revolução que se iniciava em Chihuahua, porém, não pediu permissão aos estudantes da capital. Com o triunfo do movimento maderista, a Universidade Nacional teve como reitor o professor de direito e criador do *Partido Evolucionista* Jorge Vera Estañol. Crítico de Madero e do processo revolucionário, Estañol deu lugar, em poucos meses, ao *reyista* (e depois maderista) Francisco Vásquez Gómez, que declarou guerra aos *científicos* e seus planos na Universidade. O ataque gerou, por sua vez, a renúncia do *ateneísta* Antonio Caso da subchefia da instituição e colocou o moderado, ex-*reyista* (e ateneísta tardio), Luís Cabrera, à frente da escola de direito. A escolha foi criticada pelos grupos estudantis, que também questionavam a falta de nacionalismo de Madero e seus apoiadores, como José Vasconcelos, diante da relação amigável que o governo e seu

³⁹³ GARCIADIEGO, Javier. De Justo Sierra a Vasconcelos. **Obra citada** p.780

³⁹⁴ Idem. p.781

³⁹⁵ De acordo com Garciadiego: “Los universitarios no sólo no apoyaron la lucha maderista sino que la menospreciaron. Actuaban como si nada hubiera sucedido en el país entre finales de 1910 y mediados de 1911; como si Sierra hubiera de estar siempre para protegerla; como si no pudiera ser víctima de revanchismos, al ser considerada una institución porfiriana. Nunca se imaginaron que los cambios sobrevendrían de manera forzada, e impedirían que Sierra dejara como sucesor a su principal colaborador, Ezequiel Chávez, responsable del proyecto fundacional de la Universidad Nacional, lo que garantizaba una enorme dosis de continuidad. GARCIADIEGO, Javier. De Justo Sierra a Vasconcelos. p.782

secretário buscavam estabelecer com os Estados Unidos em meio à conturbada relação diplomática do processo revolucionário.³⁹⁶

Cabrera, que tampouco era entusiasta da ideia de revolução e partia de premissas muito semelhantes àsquelas do positivista Molina Enríquez sobre a necessidade de uma *evolución* para a harmonia social, enfrentou a resistência de um espaço universitário majoritariamente hostil ao maderismo, apesar da combatividade de alguns grupos de estudantes. Exemplar das posições de parte considerável dos universitários é o fato de que, quando anunciada a renúncia de Díaz, em 1911, foi celebrada uma homenagem a sua figura com o pedido de sua permanência no país, na qual um grande grupo do alunado comprometeu-se com a defesa política e até mesmo física do ditador.³⁹⁷

Em um cenário de greves e manifestações estudantis, criava-se, por iniciativa dos universitários, a “*Escuela libre de Derecho*” em que atuaram os professores associados aos *científicos*, ou simplesmente mais próximos do positivismo, que estavam sob o ataque do governo revolucionário, entre eles: Antonio Caso, Francisco León de la Barra (porfirista e ex-presidente interino), o *científico* Emilio Rabasa e Jorge Vera Estañol. As rivalidades políticas seguiriam até o início de 1913, quando, após o golpe de Huerta, a maior parte do corpo docente e estudantil passou a apoiar o novo governo e os experientes professores *científicos* foram reconduzidos aos seus lugares.³⁹⁸ Em 1913, o reitor nomeado era Ezequiel A. Chávez, antigo *científico* membro do gabinete de Justo Sierra

³⁹⁶ Idem. p.789

³⁹⁷ Idem. p.791

³⁹⁸ De acordo com Javier Garciadiego: “¿Cuál fue el resultado de la alianza entre Huerta y la Universidad Nacional? En términos generales las labores en educación superior fueron más que aceptables. Sobre todo porque ésta comenzó a volverse más práctica y menos teórica. La gran paradoja consistió en que, si por un lado, se dio una recuperación de los educadores porfiristas, por el otro, se dio un golpe demoledor a la educación porfiriana. Es incuestionable que fue con Nemesio García Naranjo como ministro de Instrucción Pública cuando el positivismo comenzó a ser desplazado por el pragmatismo.⁷⁴ Obviamente, los beneficios en la educación superior también se obtuvieron gracias a la tranquilidad militar de que gozó la ciudad de México hasta la caída de Huerta, y por las sensatas designaciones que se hicieron en las dependencias universitarias”. GARCIADIEGO, Javier. De Justo Sierra a Vasconcelos. Obra citada. p.797

na antiga *Secretaría de Instrucción Pública* de Díaz e principal responsável pela redação do projeto final para a Universidade Nacional.

Com esse breve histórico do *Ateneo* e do ambiente da Universidade Nacional até a derrocada do huertismo, o que acredito questionar é a narrativa comumente reiterada sobre os universitários mexicanos dos anos da Revolução, entendidos como um grupo de jovens intelectuais revolucionários e cansados da ortodoxia do positivismo de seus mestres. Essa postura, quando existiu, foi mediada em suas origens, pelo próprio Sierra, símbolo maior da educação porfirista e mais marcada pela negociação com os antigos professores e sua filosofia, do que pela tentativa de uma ruptura abrupta com o passado – com raras exceções, como a do dominicano Henríquez Ureña. Enquanto isso, figuras como o jovem Antonio Caso permaneciam em destaque, articulando explicita e conscientemente o positivismo de seus mestres.

Esse contexto, é verdade, mudaria nos anos seguintes, com a radicalização da luta revolucionária contra o gal. Victoriano Huerta. No entanto, mais uma vez, o fator de radicalização foi trazido sobretudo pela luta de exércitos revolucionários externos ao ambiente dos debates dos intelectuais citadinos. Zapatistas e Villistas transformaram a revolução, a alteração abrupta da ordem, em realidade incontornável para o debate político. A *evolução*, clamada por Vera Estañol, deixava assim de ser uma opção e, como lembrou Cabrera, desejada, ou não, “*La revolucion es la revolucion*”: dado consumado da realidade mexicana. Portanto, a respeito do entendimento de *Ateneístas* e universitários como pioneiros da ruptura com os *científicos*, o que acredito que tenha tomado lugar, com a consolidação do processo revolucionário, foi uma leitura teleológica de um passado recente em que Vasconcelos e companhia deram a si e ao *Ateneo* o papel de precursores intelectuais do movimento iniciado em 1910, ideia desde então reproduzida pela

historiografia, que enfatizou os elementos descontínuos em meio a um cenário inicialmente marcado majoritariamente pelas permanências.³⁹⁹

II) *A invenção da ruptura*

Na maioria dos casos, as releituras que os intelectuais do *Ateneo* produziram dos próprios passados entrelaçados à Revolução foram escritas após alguns anos já adentrados em suas vidas políticas, sobretudo em meio a situações em que a mobilização da participação no movimento revolucionário garantiria legitimidade em embates do presente. Este é o caso do folheto *1915* de Manuel Gómez Morín, escrito em 1926⁴⁰⁰ – que acabou por nomear retroativamente e para a posteridade a sua geração de pensadores – e do ensaio *El sentido humanista de la Revolución Mexicana*, publicado por Vicente Lombardo Toledano em 1930.⁴⁰¹

Situação distinta foi a de Vasconcelos que, poucos dias após a queda de Don Porfírio, já elaborava a relação entre a grandeza de seu grupo e do momento histórico

³⁹⁹ O trabalho realizado por Romilda Costa Motta em sua dissertação de mestrado *José Vasconcelos: as Memórias de um “profeta rejeitado”* traz uma importante reflexão sobre a tentativa de construção de uma memória autobiográfica nos escritos do ateneísta. Esse intento, porém, seria atravessado pelas posições extremadas e desventuras políticas de Vasconcelos. De acordo com Motta: “Ao longo das décadas seguintes à importante atuação como Ministro da Educação e à derrota, na disputa presidencial, em 1929, a imagem de Vasconcelos passou por um “estado de dessacralização”, impondo, durante muito tempo, um “respeito sombrio” quando seu nome era mencionado nas rodas de conversas de políticos e de intelectuais. O desconforto causado em parte dos políticos, antigos correligionários, com o conteúdo publicado em suas Memórias, pode ser considerado um motivo inicial. Entretanto é necessário destacar que, nas décadas posteriores a 1930, Vasconcelos direcionou-se, paulatinamente, para um despenhadeiro ideológico, encaminhando suas opiniões a um estado de petrificação que o tomou um símbolo da direita no México. Incitou a reação armada, posicionou-se ao lado de regimes fascistas europeus, defendendo o anti-semitismo e o anti-indigenismo.” Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Universidade de São Paulo. 2010. p.11.

⁴⁰⁰ GÓMEZ MORÍN, Manuel. 1915. **Responsabilidad de todos**. México: Biblioteca del Pensamiento Legislativo y Político Mexicano. 2014. [1926] Ao longo do ensaio, Gómez Morín propôs como tarefa primordial da política mexicana daquele momento a busca pela definição de uma doutrina capaz de dar à sociedade mexicana “un campo común de acción y de pensamiento”.

⁴⁰¹ Disponível em: <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/b95cd5f5-63e6-46f0-a85b-a64d594dc53d/el-sentido-humanista-de-la-revolucion-mexicana> Acesso: 14 dez. 2019

mexicano. Em evento em homenagem “*a los ateneístas revolucionários*”, três semanas após a renúncia de Díaz, afirmava que:

...tuvimos que reunimos solos, y como rompiendo un lazo demasiado opresor, cortamos nuestras relaciones con lo que empezamos a mirar como el pasado, y comenzamos a procurar beber en las fuentes abundantes del saber de los pueblos completos [...]

Florece una generación que tiene derecho a llamarse nueva, no sólo por sus años, sino más legítimamente porque **está inspirada en estética distinta de la de sus antecesores inmediatos**, en credo ideal que la crítica a su tiempo calificará con acierto, pero que no es ni romántico ni modernista ni mucho menos positivista o realista, sino una manera de misticismo fundado en la belleza, una tendencia a buscar claridades inefables y significaciones eternas. No es fe platónica en la inmortalidad de las ideas, sino algo muy distinto, noción de la afinidad y el ritmo de una eterna y divina sustancia.⁴⁰²

Com uma narrativa que variava entre o épico e o etéreo, Vasconcelos construía, três semanas após a renúncia de Díaz, uma imagem de si e dos *ateneístas* que apoiaram Madero, articulando retratos de ação resoluta e de princípios quase místicos. Assim, os jovens intelectuais teriam rompido corajosamente com o passado ao mesmo tempo em que parecem jamais ter pertencido a ele.⁴⁰³ Não cabem em qualquer definição pretérita ou presente, “*credo ideal que la crítica a su tiempo calificará con acierto*” nascem da “*tendencia a buscar claridades*” e, do Antigo Regime, não levaram nem mesmo o pó. Carlota Joaquina, que não era brasileira, pôde abandonar o passado e qualquer resquício

⁴⁰² José Vasconcelos, “La juventud intelectual mexicana y el actual momento histórico de nuestro país”, **Revista de Revistas**, junio 25, 1911. Discurso pronunciado el 17 de junio de 1911 en el banquete ofrecido en honor de los ateneístas revolucionarios. A precocidade da associação entre o *Ateneo* e a Revolução não fez com que a ideia envelhecesse no pensamento do *Ulisses Criollo*. Em 1946, em um ensaio chamado *El secreto del Ateneo*, Vasconcelos reafirmava o papel transformador de sua geração: “**cada uno a su manera, colaboró para transformar el ambiente espiritual de la época**; cada uno provocó inquietudes, provocó actividades de carácter social, en una palabra, dejó huella en su ambiente”. Disponível em: <https://inehrm.gob.mx/es/inehrm/JoseVasc_ElAteneo>. Acesso: 10 dez. 2019.

⁴⁰³ A percepção da ruptura e da crítica aos antigos mestres se manteria em *Ulises Criollo*, nos anos 1930. De acordo com a história autobiográfica de Vasconcelos: “Justo Sierra era el poeta, el literato vulgarizador de la teoría positivista en el arte y en la vida. Su obra de Ministro de Educación todavía no comenzaba, pero ya era conocido como el maestro más culto, más elocuente de la época. Tan elocuente que en su clase de Historia, cada año, Arrancaba aplausos disertando con entusiasmo sobre las libertades de Atenas. En cambio, jamás abrió los labios para comentar el derrumbe de las libertades mexicanas. Después de sus discursos helenizantes, el pobre se iba a la Corte, a firmar sentencias como Magistrado del porfirismo”. VASCONCELOS, José. **Ulises Criollo** – La Vida del Autor Escrita por él Mismo. México: Ediciones Botas. p.197

de poeira no Atlântico sem muita dificuldade. O exercício realizado por Vasconcelos que, como Justo Sierra, era mexicano, necessitaria de maior elaboração.

A percepção de uma nova era nascida da essência pioneira, revelada e compartilhada pelo processo revolucionário e sua jovem intelectualidade, colaborou para a formulação da ideia de que a Revolução de 1910, diferentemente das demais, foi uma torção radical da história, um “*capítulo nuevo que cancelaba definitivamente el viejo*”.⁴⁰⁴ Embora a força dos acontecimentos que tomaram lugar a partir de 1913 tenha contribuído para a perspectiva de uma nova era da história mexicana, gera alguma estranheza a presença de uma noção de ruptura tão abrupta com o passado na fala de Vasconcelos em junho de 1911, no início do governo interino do porfirista Francisco León de la Barra e da moderada revolução planejada em San Luís Potosí.

Para além das afinidades políticas, podemos considerar a hipótese de que a busca pela construção de um espaço próprio para os *ateneístas* em sua filiação aos novos poderes instituídos também tenha sido um fator relevante na construção da narrativa revolucionária. Fato é que, daí em diante, os escritos do grupo e de seus simpatizantes na geração seguinte foram marcados por autores que costuraram os destinos daquela juventude aos da nação mexicana. Assim, o suposto ineditismo da reflexão destes escritores também representava, para eles, a novidade do espírito nacional, cujo passado estava materializado na decrepitude do antigo ditador. Ao justificar o lema da Universidade Nacional no projeto que apresentou ao Congresso em 1920, Vasconcelos afirmaria que com “*Por mi raza hablará el espíritu*,” pretendia “*significar que despertábamos de una larga noche de opresión*.”⁴⁰⁵ A nova cultura, de essência humanista e espiritual, cuja decodificação estava nas mãos do intelectual era, portanto, o avesso do México porfirista que teria negado a verdadeira natureza do ser mexicano.

⁴⁰⁴ VILLEGAS, Abelardo. “Prologo”. *Evolución Política del pueblo mexicano*. Obra citada. p.19

⁴⁰⁵ Disponível em: https://www.dgcs.unam.mx/boletin/bdboletin/2019_135.html Acesso: 12 jan. 2020.

Outrora discípulo de Vasconcelos, Lombardo Toledano, o intelectual da Geração de 1915, afirmou em seu ensaio de 1930 – portanto, nos primeiros anos do governo do PNR – que *"la Revolución, en cierto sentido, es un descubrimiento de México por los mexicanos. Al Ateneo se le debe también en parte el haber iniciado esta **reconquista**"*.⁴⁰⁶ Nessa concepção, a Revolução rompia com um passado imediato, o porfirismo entendido como a negação do verdadeiro México, e reatava o fio condutor de outros grandiosos momentos da construção da nacionalidade mexicana: a Independência e a Reforma, eventos que concentraram às lutas e as promessas para o devir do país. Para Toledano, diferentemente do que se passou com os outros movimentos, os revolucionários de 1910 enfrentavam, nos anos que antecederam sua luta, o dilema da *"falta de precursores"* para a massa de trabalhadores *"atormetados e incultos"*. Segundo ele, porém, alguns homens foram capazes de lançar luz à realidade, apontando, *em todos os aspectos*, os equívocos do regime social do Porfiriato. Segundo o intelectual socialista:

Su palabra, **la única**, guió, apesar de todo, a quienes tuvieron la capacidad de comprenderla y sigue alentando como fuerza oculta por no haberse difundido bastante todavía la inconformidad evidente del pueblo, que no ha recibido aún los beneficios que de la Revolución esperaba. [...]

La generación de 1910, a cuyo frente se destacó un grupo brillante de jóvenes autodidactas, eco sincero de la inquietud general en que vivía México hacía años se murió frente a esta teoría social. Por la primera vez, después de largo y lastimoso mutismo de la clase intelectual de México, ante nuestros más graves problemas morales, refutó públicamente la base ideológica de la dictadura. [...] Pensó con razón que era preciso acercar otra vez el espíritu a las fuentes puras de la filosofía y de las humanidades, y que era menester generalizar estas ideas no sólo entre la clase ilustrada sino también entre el pueblo. **Fundó, para lograr su propósito, el Ateneo de la Juventud** – institución gloriosa no estudiada suficientemente aún entre nosotros – y la Universidad Popular Mexicana, el primer centro libre de cultura

⁴⁰⁶ TOLEDANO, Vicente Lombardo. **El sentido humanista de la Revolución Mexicana**. México: Universidad de México. 1930. p.102. O enaltecimento que Toledano produz destes intelectuais é também, lembremos, a valorização da geração com a qual os intelectuais de 1915 tiveram contato desde a sala de aula. Outro trecho do ensaio dá o tom da importância afetiva dos escritores do Ateneo para Toledano: "Los que cursábamos el primer año de la Preparatoria en 1910. Y que por diversas circunstancias no nos dábamos aún cuenta exacta de las quejas amargas de las masas, al llegar a la cátedra del maestro Caso oímos la revelación de nuestro pasado histórico y adquirimos la noción clara de nuestro deber de hombres y la confianza en la consecución de los designios del espíritu. Este beneficio enorme--dígolo por míno podemos pagarlo con nada en la vida. Aprendimos a amar a los hombres filosóficamente, que es la manera de amarlos para .siempre, a pesar de algunos de los hombres, y por eso nos sumamos sin condiciones a la causa del proletariado". Idem. p.104

de nuestro país y la primera casa de divulgación de las ideas centrales de la vida, después de medio siglo de rebeldías espirituales ignoradas y de aceptación fervorosa o callada del positivismo imperante.⁴⁰⁷

O ex-aluno da ENP e então Diretor da Escola Nacional de Artes reafirmava a ideia de que a geração do *Ateneo* não guardava qualquer relação com o seu passado: eram, simultaneamente, “*autodidactas*” e a expressão sincera dos anseios da nação. Os problemas enfrentados pelo país desde então, ou, em outros termos, a incompletude das realizações da Revolução, teriam sido responsabilidade daqueles que não tiveram a capacidade de entender as palavras dos *ateneístas*, que supostamente seguiriam “*como fuerza oculta*” da nação.⁴⁰⁸ Desta maneira, Lombardo Toledano ajudava a consolidar a perspectiva de que o diminuto grupo do *Ateneo* – reitero, em 1909 eram 26 jovens com idade entre 20 e 25 anos – foi responsável pela demolição das estruturas ideológicas do regime porfirista. “*Los hombres de México que con su palabra cierran la historia del siglo XIX en nuestro país*”⁴⁰⁹, concluía. Para além da evidente autopromoção em sua filiação ao *Ateneo*, a ideia de que a verdadeira revolução nascia com aqueles jovens ou, mais precisamente, a noção de que aquela intelectualidade foi responsável por iluminar o caminho de trabalhadores sofridos e revoltados também serviu como arma no embate contra Calles, que, a partir de 1928, tornou-se o *Jefe Máximo* da Revolução, nos inícios do *Maximato*.

De todo modo, independentemente dos interesses em questão, a narrativa que constituiu uma suposta essência revolucionária, parte central de uma cultura política que

⁴⁰⁷ LOMBARDO TOLEDANO, Vicente. **El sentido humanista de la Revolución**. p.96 e 97

⁴⁰⁸ A geração de Lombardo Toledano não só foi inspirada pelos intelectuais do *Ateneo*, mas trabalhou diretamente na SEP de Vasconcelos dos anos 1920, ocupando em seguida importantes espaços políticos e acadêmicos. Assim, duas décadas após o discurso de Vasconcelos sobre os *ateneístas* revolucionários que nasceram sob à efígie da novidade: Lombardo Toledano estava prestes a assumir a direção da Escola Nacional Preparatória, Gómez Morín tornava-se reitor da Universidade Nacional em 1930, enquanto Cosío Villegas era o Secretário geral da instituição e, em 1933, fundaria e dirigia a Escola Nacional de Economia da UNAM assim como o editorial Fondo de Cultura Económica no ano seguinte.

⁴⁰⁹ “*Autodidactas*”, esse é um dos adjetivos mais recorrentes e simbólicos nas obras que abordam os jovens intelectuais do *Ateneo*.

se (re)construía a partir de temas caros a Vasconcelos e seus discípulos – como a busca da verdadeira mexicanidade –, contribuiu para a construção da imagem de completa ruptura entre os anos da Revolução e o Antigo Regime. Tal narrativa, iniciada pelo jovem secretário do Partido Antirreeleccionista ainda em 1910, consolidou-se com a escrita autobiográfica de seu grupo e da geração seguinte e tornou-se tema recorrente da historiografia.

Assim, em 1950, em seu *Labirinto da Solidão*, Octávio Paz afirmava que “*Por la Revolución el pueblo mexicano se adentra en sí mismo, en su pasado y en su sustancia, para extraer de su intimidad, de su entraña, su filiación*”⁴¹⁰. A revolução vista por Paz irrompe na história como uma *verdadeira revelação do ser mexicano*. Na mesma década, Leopoldo Zea, que na juventude atuou na campanha vasconcelista, reproduziria perspectiva semelhante sobre as relações entre a Revolução e o “ser” mexicano.⁴¹¹ Curiosamente, outro jovem da campanha de Vasconcelos, Adolfo Lopez Máteos, na década seguinte e já na condição de presidente da república, escreveu no prólogo da obra encomendada a Edmundo O’Gorman, *México: 50 años de Revolución*:

En el terreno de la cultura, [la Revolución] ha creado nuevas formas que responden y expresan nuestra peculiar naturaleza y antecedentes históricos, y cuyo contenido coincide con los más altos ideales del hombre. Su más grande conquista, sin embargo, consiste en haber estimulado en el mexicano su actividad constructiva y fortalecido en él su optimismo y su dignidad de vivir.⁴¹²

A concepção *ateneísta* da Revolução, entendida como revelação da essência nacional, o salto para uma nova era, como sistematizaria a SEP de Vasconcelos, tornou-se, portanto, ideia central da cultura política da primeira metade do século XX.

⁴¹⁰ PAZ, Octávio. **Obra citada.** p.61-62

⁴¹¹ Leopoldo Zea, *Conciencia y posibilidad del mexicano*, México, Porrúa, 1952, ver HURTADO, Guillermo. *Historia y ontología en México: 50 años de revolución*. Estudios de historia moderna y contemporánea de México. México ene./jun. 2010

⁴¹² HURTADO, Guillermo. **Obra citada.**

Tanto na narrativa oficialista do Partido Nacional Revolucionário – pensado por Calles como a instituição capaz de reunir e guiar as diferentes tendências nascidas dos campos de batalha – quanto na intelectualidade herdeira do *Ateneo*, a Revolução constituiu-se como mito e origem de toda legitimidade no passado recente: ser entendido como seu verdadeiro porta-voz era ter em mãos a chave para o futuro do país. Por extensão, enfim, todo adversário tornava-se “reacionário” ou “conservador”, mantendo assim os verbetes da linguagem política com os quais um dia o jovem general Díaz combateu o “Partido Católico” (Conservador) durante o século XIX mexicano.

A simbologia, contudo, renovava-se e o movimento de 1910, após tantas outras revoluções, tornou-se “a” Revolução, adicionada aos mitos fundadores da pátria. Após décadas de críticas dos liberais *jacobinos*, era agora o herói da Guerra da Reforma, outrora triunfante sobre as tropas conservadoras, associado fatalmente ao conservadorismo e às forças clericais do retrocesso. Construía-se, assim, novos elementos simbólicos para uma cultura política recriada a partir de duas noções primordiais: a) os homens da política estavam divididos entre agentes imbuídos do espírito revolucionário, marcado pelo nacionalismo e pelo binômio *revolução/progreso*, de um lado, contra as forças do porfirismo, “reacionários” e “vendepatrias”, de outro; b) um fosso intransponível separava no passado as duas etapas da história mexicana, percepção incontornável até o fim do cardenismo, mas que seguiu hegemônica ao menos até os anos 1950.⁴¹³

⁴¹³ Daniel Cosío Villegas anunciaria o que via como o fim do projeto revolucionário na política mexicana em 1946, em seu ensaio “La crisis de México” publicado inicialmente nos Cuadernos Americanos. A reação da imprensa ao seu texto, publicado em *Excelsior* meses depois, mostra a hegemonia do mito político da Revolução naquele momento. Segundo Enrique Krauze, em sua apresentação a obra de Don Daniel: “En la prensa oficiosa, igual que en la de oposición de izquierda y derecha, la condena a la condena que Cosío Villegas hacía de la Revolución fue casi unánime. No, la Revolución no esta muerta, escribía alguno, sino que periclita. La Revolución no esta muerta, agregaba otro, porque late aún en el corazón del pueblo, aunque no en el de los políticos corruptos. La Revolución no esta muerta, declaraba una voz oficial, puesto que permite la libre opinión de los heterodoxos”. Disponível em: <http://aleph.academica.mx/jspui/bitstream/56789/5978/1/DOCT2065116_ARTICULO_11.PDF>. Acesso: 10 dez. 2019.

Finalmente, é preciso retornar à construção engendrada por Vasconcelos e companhia em seus momentos inaugurais. Apesar da imagem consolidada nos anos seguintes, os jovens *ateneístas* da década de 1910, demonstraram, em algumas ocasiões, certa clareza de suas raízes no Antigo Regime. Um momento icônico no qual os jovens intelectuais precisaram lidar com as suas raízes no passado foi a cerimônia pública do funeral de Justo Sierra, em 1912. O cortejo fúnebre do antigo professor organizado pelo governo Madero, foi objeto de homenagens de diferentes instituições e estampou as capas dos jornais do país:⁴¹⁴



⁴¹⁴ Nas páginas de El Diario: “En profundo silencio y con el sol a plomo el cortejo avanzó por las calles, donde los niños formaban una valla y arrojaban crisantemos y margaritas. Por la inmensa aglomeración, las diversas delegaciones “apenas pudieron reunirse para formar núcleos”. Había representantes de los tres poderes, las secretarías de estado, instituciones como la Sociedad de Geografía y Estadística, el Ateneo de la Juventud, el Casino Español, escuelas primarias, la Escuela Nacional de Agricultura, la Preparatoria, la Escuela de Altos Estudios (iba ahí Alfonso Reyes), el Conservatorio Nacional (estaba Julián Carrillo), la Academia de Jurisprudencia (que incluía a Francisco León de la Barra y Rodolfo Reyes), varios hospitales, la Escuela Nacional de Bellas Artes y de todos los periódicos.” *El Diario*, 09 out. 1912. p.1

⁴¹⁵ El pais, diario católico 09 – 10 1912. El diario 9 de junho de 1912.

Entre os discursos realizados na homenagem, aquele que ganhou maior destaque na imprensa foi o do *ateneísta* Jesús Urueta⁴¹⁶. Diferentes relatos, como o de Vasconcelos⁴¹⁷, descrevem o discurso entrecortado pelas lágrimas de Urueta e dos demais espectadores, como Francisco I. Madero. Na cerimônia e nas palavras do orador, a continuidade entre o professor e os jovens intelectuais era inquestionável:

Que las manos piadosas de los discípulos recojan los pensamientos del filósofo y las bellezas del poeta y los divulguen con su amor y con su arte, continuando la santa, la redentora obra de la educación nacional, como Platón y Senefonte recogieron y divulgaron las divinas palabras de Sócrates, que, andando los siglos, hicieron florecer de virtudes el corazón de Jesús. Al Ateneo de la juventud le corresponde una buena parte de esta obra, la mejor quizá por bella y por fecunda, la que se hace con la inspiradora embriaguez del entusiasmo, cuando Platón es todavía joven y se pasea bajo los laureles de la Academia sonriendo a la villa y coronado de violetas.

Pero el tesoro espiritual del maestro, tan grande y tan rico para nuestra inteligencia, es en estos instantes muy pequeño y muy pobre para nuestro corazón. Nos consolará, no nos consuela, no nos consuela. Lo vemos a través de las lágrimas. Lo admiraremos mañana, hoy no podemos. Quién ⁴¹⁸

⁴¹⁶ A seu respeito Alfonso Reyes afirmou em *Nosotros*: Urueta ha educado con aladas palabras el gusto estético del pueblo, haciéndolo amar las cosas bellas y la Grecia francesa. Su influencia en la prosa mexicana sólo ha reconocido por límites la imposibilidad de seguirlo al mar armonioso en que navega. *Nosotros*, revista de arte y educación, núm. 9, marzo de 1914, pp. 620-625.

⁴¹⁷ Em *Ulises criollo*, em uma das poucas referências a Sierra, Vasconcelos relembra a cerimônia sem a mesma devoção de Urueta para com o antigo professor: “Dijo el discurso oficial Urueta. Recordando su protección comparable a la de aquel elefante de la India que vigila a los niños cuando juegan y los recoge con la trompa en el instante en que trasponiendo los linderos del jardín podrían ser presa de las fieras que vagan en torno. Urueta lloraba al terminar su discurso; el auditorio se conmovió profundamente y Madero secó en público sus lágrimas. Nada le debía a don Justo, pero rubricaba el esfuerzo del patriota que persistió en su tarea no obstante el medio impuro que hubo de tolerar. La gente se sorprendía de ver al Presidente llorando y no pocos siervos murmuraron. [...] Un buen número de personas, sin embargo, comprendió la trascendental diferencia de las dos maneras de llanto, y en patriótico voto asoció los nombres de Justo Sierra y Madero. VASCONCELOS, José. *Ulises Criollo - La Vida del Autor Escrita por él Mismo*. México: Ediciones Botas. 1935. P.506-508. Em outro trecho, Vasconcelos tenta redimir o anticlerical Sierra em uma espécie de conversão tardia ao catolicismo: En lo privado, sabíamos todos que en cierta visita de Lourdes, la visión sobrenatural había tocado el corazón del poeta y esto contribuyó a que todo México: el catolicismo, la ciencia y el anhelo de libertad, conjugaran su impulso aquel día de duelo con esplendores de patriótica esperanza”. *Idem. ibidem.*

⁴¹⁸El país, diario católico 09 – 10 1912

Em 1916, durante seu autoexílio nascido da oposição a Carranza, Vasconcelos realizou uma conferência na Universidade de San Marcos em Lima intitulada *El movimiento intelectual contemporáneo de México*. Ao longo de sua fala, centrada na importância do *Ateneo* para as transformações operadas no país, além de destacar a importância dos principais escritores do grupo, o *Maestro de la Juventud de América* tratou de homenagear a Don Justo Sierra, a quem, segundo ele:

debe aquella generación la conciencia definitiva de su propio momento [...] A los entusiasmos comtistas opuso la fina ironía y la elevación de su pensamiento. Al público ilustrado siempre repitió en sus memorables discursos que la ciencia está muy lejos de ser lo indiscutible, pues sus mismos principios son materia constante de debate, y aun suponiéndola fija y perfecta, ella no es otra cosa que la disciplina y el conocimiento de lo relativo y nada dice, ni pretende decir, sobre los objetos en sí mismos. **Los sistemas y las hipótesis científicas, como las filosóficas, declara, son organismos vivos, que, como todo lo que vive, cambia y necesita la refacción perenne de la muerte.**

Este hombre extraordinario, que del romanticismo jacobino y todavía más lejos, de la fe tradicional pudo pasar a la comprensión clara de todos los problemas de la ciencia y reformar su mentalidad entera conforme a estas nuevas convicciones; que dedicó toda su energía al magisterio y después a la educación general como ministro de Estado y organizador de la cultura moderna en México, tuvo todavía flexibilidad de espíritu bastante para adivinar los nuevos derroteros del pensamiento. En su discurso inaugural de la nueva Universidad, pronunciado en el año del Centenario de la independencia mexicana, reconoce y acoge el nuevo idealismo francés, y también la nueva crítica, la crítica de la ciencia emprendida por los mismos sabios, por los autores de esa ciencia con el propósito de asignar al empirismo su justo lugar entre los recursos admirables del ingenio humano, pero después de calificarlo tan categóricamente como todo lo que procede de la unión miserable y misteriosa de un hombre y una mujer.⁴¹⁹

Vasconcelos concilia o spencerianismo do mestre com a proposta de um conhecimento em constante mudança. Se o autor varia em tons um pouco ambíguos⁴²⁰

⁴¹⁹ José Vasconcelos. “El movimiento intelectual contemporáneo de México”. Conferencia leída en la Universidad de San Marcos de Lima, Perú, el día 26 de julio de 1916. Tomada del periódico Baja California, Lima, julio, 1916.

⁴²⁰ Em *Ulises Criollo* a ambiguidade se resolvía. O antigo Mestre era plenamente superado pelo jovem Vasconcelos, segundo suas lembranças nos anos 1930: “Precisamente la mejor lección que debíamos a Justo Sierra, años antes de que Bernard Shaw la diera, expresaba : Leed a Homero y Esquilo, a Platón, Virgilio, Dante, Shakespeare, Goethe y, después, volved a leer a Homero, Virgilio, Dante, Shakespeare.....No dedicar mucho tiempo a segundones más o menos ilustres; enderezar el rumbo con la vista en las cumbres. Y he allí quien se pasaba la vida entre libros y no atinaba a distinguir los jalones, las luminarias de la ciencia. ¡Los anteojos de aquel lejano primo de mi madre servían unos ojos miopes del

entre o que seria o papel do pensamento de Sierra como causador da mudança nos caminhos da intelectualidade mexicana e em que medida sua capacidade esteve mais em aceitar as novas posturas de seus discípulos, os ateneístas Antonio Caso e Alfonso Reyes tinham uma postura claramente elogiosa a respeito do mestre. De acordo com Hernández Luna, Reyes considerava que foi Sierra quem fez sua geração suspeitar da educação que receberam.⁴²¹ Em um ensaio realizado na década de 1940, o *ateneísta* retomava suas memórias: “A veces, abríamos la Historia de Justo Sierra y nos asombrábamos de leer, entre líneas, atisbos y sugerencias audaces, audacísimos para aquellos tiempos, y más en la pluma de un ministro.”⁴²²

Para além de Sierra, tanto Caso quanto Reyes reconheceram o papel de outros professores e membros da velha ENP na formação da geração do *Ateneo*. Reyes viu nas figuras de Enrique González Martínez e Luis Urbina irmãos mais velhos. Caso, por sua vez, a respeito dos *científicos* Porfirio Parra e Pablo Macedo, afirmou sobre os professores dos jovens ateneístas nos inícios da *Sociedad de Conferencias*:

Don Porfirio Parra presidió, con nobleza, mis conferencias de la Preparatoria sobre la evolución del positivismo, y aplaudió con entusiasmo el primer curso libre de Metafísica que dicté en la extinta Facultad de Altos Estudios. Don Pablo Macedo, uno de los próceres más relevantes y cultos del porfirismo, costeó la edición de la serie inaugural de conferencias que dio el Ateneo de la Juventud, fundado en el centenario de México por Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes, José Vasconcelos y yo mismo, que tuve a honra ser su primer presidente.⁴²³

Tal como na metáfora orgânica spenceriana, os autores do *Ateneo* narram, em muitos dos relatos sobre as origens da *Sociedad de Conferencias*, um processo de

espíritu! Para él, la Lógica era la máxima ciencia. Y a mí me interesaba, apenas, por los frutos que pudiera darme un audaz raciocinio. VASCONCELOS, José. *Ulises Criollo...* Obra citada.

⁴²¹ HERNÁNDEZ LUNA, **Obra citada**. p6

⁴²² Alfonso Reyes, **Pasado inmediato y otros ensayos**, México, Fondo de Cultura Económica, 1941. 5 Ibid., 46-47.

⁴²³ MAC GREGOR, G Fernández. EL ATENEO DE LA JUVENTUD. Disponível em: <http://www.humanistas.org.mx/AteneoJuventud.pdf>

evolução natural do conhecimento em que, apesar da influência de importantes professores, o autoritarismo do Porfiriato e o método do positivismo ortodoxo constituíam entraves que só poderiam ser resolvidos pela ruptura. Esse desenlace, porém, não estava apenas nas mãos dos jovens intelectuais.

III) *La reconstrucción de México*: A educação e a instituição da nova ordem

O caminho entre a *Secretaría de Instrucción Pública* de Sierra e a SEP de Vasconcelos costuma criar um salto entre dois marcos. De um lado, nos acostumamos a ver o projeto porfirista e, de outro, seu oposto, o projeto cultural revolucionário, fazendo a história desenvolver-se, nos termos de Benjamin em um “*tempo homogêneo e vazio*” e não no “*tempo saturado de ‘agoras’*”⁴²⁴. Assim, o Secretário de Educação de Obregón, especialmente a partir da historiografia dos anos 1980 que o recuperou como o símbolo máximo da política cultural da Revolução⁴²⁵, tornou-se o marco divisor para a reflexão

⁴²⁴ BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. Obra citada. A respeito dessa perspectiva hegemônica da historiografia, que destaca a originalidade e novidade da perspectiva vasconcelista, podemos abordar, por exemplo, a abordagem de Carlos Monsiváis. O escritor mexicano afirmou que “en lo cultural la Revolución Mexicana (en este caso, el aparato estatal) fuera del periodo de Vasconcelos en la Secretaría de Educación Pública y del proyecto cardenista, ha carecido de pretensiones teóricas y ha oscilado en sus intervenciones prácticas, sin que en ello advierta contradicción: de las amplitudes y estrecheces de un nacionalismo cultural al frecuente oportunismo de una actitud ecléctica, del afán monolítico a la conciliación. Por lo general -y esto resulta más notorio si se anota cierta excepcionalidad del cardenismo- al sistema político le ha interesado modular y acomodar cualquier ambición doctrinaria. Esto, traducido en la ausencia de una política cultural rigurosa y coherente, no ha amenguado la decisión autocelebratoria, pero sí ha omitido un hecho central de los países dependientes: el predominio de los aspectos coloniales de su cultura, la penetración ideológica del proceso de dominación imperial, la adopción masiva, irracional y mimética de los procesos metropolitanos”. MONSIVÁIS, Carlos. “Notas sobre la cultura en el siglo XX”. : COSIO VILLEGAS, Daniel (coord.). **História general de México**. Vol II. México: El Colegio de México. 1994. p.1378

⁴²⁵ De acordo com o estudo de Romilda Costa Martins, “Os acontecimentos ligados ao Movimento Estudantil, em 1968, no México, iniciaram a ‘ressurreição’ de textos dedicados à educação e cultura pelo ‘Maestro de la juventud’, fazendo referência à política exemplar levada a cabo pelo então Ministro Vasconcelos, no governo Obregón (1920 – 1924). Porém não há dúvida de que a empresa de reabilitação do interesse, pela figura de José Vasconcelos por parte da historiografia só ocorreu quando a UNAM, em 1982, decidiu prestar-lhe homenagens por ocasião do centenário de seu nascimento”. MARTINS, Romilda Costa. p.11.

sobre cultura e educação na formação do Estado revolucionário. Apesar da longa carreira intelectual e política de Vasconcelos, são os primeiros anos da década de 1920 aqueles mais lembrados de sua biografia, sobretudo pelos autores de história da educação. O cofundador do *Ateneo* é lembrado nos dicionários históricos⁴²⁶, antes de qualquer outra coisa, como o revolucionário e intelectual responsável pela criação da SEP, dos *maestros rurales* e por abrir os prédios público à arte muralista. Uma memória vitoriosa.

O estudo de Claude Fell, *José Vasconcelos – Los años del águila*⁴²⁷, parte da definição que o próprio filósofo mexicano deu àquela etapa de sua vida, entre 1920 e 1924, para se debruçar longamente sobre esse importante período da política mexicana em uma análise que, apesar de detalhada, evita longos recuos e diálogos prévios do intelectual oaxaqueño. Naqueles anos, com a derrocada do carrancismo, Vasconcelos foi indicado à reitoria da Universidade Nacional – em um momento em que a *Secretaría de Instrucción Pública* havia sido abolida pela Constituição de 1917 – e, em seguida, apresentou o bem-sucedido projeto para a criação da Secretaría de Educación Pública, onde permaneceria até 1924. A criação de uma instituição que permaneceu como parte fundamental do sistema político-educacional mexicano, somada às importantes propostas da pasta, como os projetos culturais artísticos nacionalistas, a expansão da alfabetização com a educação rural, assim como o carisma do “*Maestro de la juventud*”, consolidaram aquele momento como um ponto de viragem na história mexicana do século XX.

⁴²⁶ O artigo “José Vasconcelos” da *Encyclopædia Britannica* inicia o texto propriamente biográfico - após a cronologia das obras – com o seguinte resumo: “A lawyer, Vasconcelos campaigned for the revolutionary presidential candidates Madero and Villa. After serving as rector of the National University of Mexico, he was appointed by President Álvaro Obregón as minister of public education (1921–24), during which time he initiated major reforms in the school system, especially expanding the rural school program. He was a staunch supporter of the muralist movement in Mexican art, and under his direction leading artists were commissioned to fill the walls of public buildings with didactic murals.”. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Jose-Vasconcelos>>. Acesso: 01 fev. 2020.

⁴²⁷ FELL, Claude. **José Vasconcelos: los años del águila**, 1920-1925: educación, cultura e iberoamericanismo en el México postrevolucionario. México: UNAM. 1990.

A ideia de início de uma nova era com a Secretaria de Vasconcelos tem como precedente político a derrota do carrancismo, a partir do Plano de Água Prieta, convocado pelos generais sonorenses Adolfo de la Huerta (presidente provisório) e Plutarco Elías Calles, sob os auspícios de Álvaro Obregón, presidente eleito em 1921. O breve período do autor de *Raza Cósmica* à frente da antiga *Secretaría de Instrucción Pública*, durante a Convenção de Aguascalientes (últimos meses de 1914 e início de 1915), precedeu o conflito dos exércitos revolucionários, cada um com seu indicado a pasta até a vitória de Carranza e seu indicado, Félix Palavicini. Vasconcelos, em conflito com o carrancismo, exilou-se e se tornou uma figura criticada pelos jornais do grupo constitucionalista, como *El Pueblo*, dirigido por seu ex-colega de *Ateneo*, Isidro Fabela⁴²⁸. Um editorial publicado em 17 de junho de 1915 afirmava:

Para el grupo que hoy representa la Revolución, no han sido muy desfavorables, al contrario, las defecciones (que así puede llamarse); de los hombres que so hacían pasar por genuinos revolucionarios, como José Vasconcelos, Valentín Gama, Agustín Aragón⁴²⁹

A lista de *El Pueblo* associava, em uma mesma crítica, Vasconcelos e Agustín Aragón, o maior nome do positivismo ortodoxo e um dos críticos do projeto de universidade de Justo Sierra durante o Porfiriato. O retorno de Vasconcelos à condição de intelectual da Revolução só poderia acontecer quando o grupo hegemônico carrancista, que guardava o poder fundamental de nomear os “verdadeiros” revolucionários, deixasse a presidência. Foi o que aconteceu a partir das reviravoltas geradas pelo golpe engendrado pelo grupo obregonista.

⁴²⁸ Quando Isidro Fabela passou a assumir as missões diplomáticas de Carranza, Félix Palavicini se tornou o novo diretor do jornal.

⁴²⁹ *El Pueblo*. México: 17 de junho de 1915

O discurso de Vasconcelos ao tomar posse como reitor da Universidade Nacional em 1920 marcava também a consolidação da ideia de que naquele momento iniciava-se um período novo na história da Revolução. Segundo o intelectual, sua aceitação ao cargo veio do sentimento de que “*este nuevo gobierno en que la Revolución cristaliza como en su última esperanza, tiene delante de sí una obra vasta y patriótica en la que es deber ineludible colaborar*”.⁴³⁰ Nas palavras dele, o movimento passava de uma fase destrutiva, não apenas pela ação dos exércitos revolucionários, mas também porque a “*más estupenda de las ignorancias ha pasado por aquí asolando y destruyendo, corrompiendo y deformando*.”⁴³¹ Neste ponto, o novo reitor se referia à dissolução da *Secretaría de Instrucción Pública* em 1917, que, segundo o autor de *Ulisses Criollo*, “*sería criminal si la ley que lo creó no fuese simplemente estúpida*”.⁴³² Por isso, seu discurso de posse marcou também a exposição do projeto de secretaria federal de ensino; assumindo seu papel “*designado por la Revolución para que aconsejase en materia de educación pública*”, o novo reitor explicitava seu dever:

por encima de todas las leyes humanas está el deber de la voz como lo proclama la conciencia, y ese deber me obliga a declarar que no es posible obtener ningún resultado provechoso en la obra de educación del pueblo, si no transformamos radicalmente la ley que hoy rige la educación pública, si no constituimos un Ministerio Federal de Educación Pública.⁴³³ [...]

No discurso inaugural de Vasconcelos, como acontecia desde a vitória de Carranza, a Revolução, entrelaçada com o discurso da nação, ganhava vida própria, escolhia seus servidores e ditava um futuro. A Revolução correspondia, ao mesmo tempo, à verdadeira nação revelada e à marcha histórica do progresso do país. Seu plano de uma educação integral deveria passar, portanto, por uma nova abordagem da cultura mexicana,

⁴³⁰ VASCONCELOS, José. **Discurso de toma de posesión como rector de la Universidad nacional.** Disponível em: <http://biblat.unam.mx/hevila/Revistahistoriadelaeeducacionlatinoamericana/2005/vol7/8.pdf> Acesso: 13 jan. 2020.

⁴³¹ Idem. Ibidem.

⁴³² Idem. Ibidem.

⁴³³ Idem. Ibidem.

pois, segundo ele, as instituições da cultura se encontravam naquele momento “*en el periodo simiesco de sola imitación sin objeto, puesto que sin consultar nuestras necesidades, los malos gobiernos las organizan como piezas de un muestrario para que el extranjero se engañe mirándolas y no para que sirvan*”.⁴³⁴ A nova era vasconcelista corresponderia também à formulação de uma ideia de “verdadeira” cultura mexicana.

Um enfoque centrado apenas nos fundamentais “*años del Águia*” de Vasconcelos, porém, corre o risco de reproduzir a memória teleológica com a qual o autor presenteou-se em sua escrita autobiográfica. O autor de *Ulisses Criollo* tendeu a pensar sua geração e, sobretudo, a si, como o resultado de um salto histórico, de um despertar originado pela relação direta com os clássicos. Portanto, uma leitura que não reestabeleça antecedentes ou questione os diálogos possivelmente omitidos pelos discursos e pela escrita narcísica do então Secretário de Obregón pode deparar-se com mais uma armadilha do discurso dos revolucionários. Nessa narrativa, que certamente agradaria a Vasconcelos, o perigo está, por um lado, em atenuar a importância de debates e legislações educacionais anteriores à década de 1920 e, por outro, em ignorar a série de derrotas políticas marcantes do intelectual após 1924, que também representaram mudanças relevantes nos rumos da SEP. Com essas questões em mente, proponho que retrocedamos ao “período destrutivo” daquele passado então recente e rejeitado por Vasconcelos.

Diferentemente do que ocorre nas narrativas celebratórias ou da memória popular, a historiografia das últimas décadas, é evidente, foi capaz de historicizar a figura de Vasconcelos, retratando os dilemas e impasses de sua trajetória⁴³⁵. Mais do que questionar os diálogos prévios ou o desenrolar do projeto vasconcelista, desde a década de 1980 desenvolveu-se um grande debate que questiona o controle que o Estado mexicano dos anos 1920 e 1930 de fato teve sobre a implementação das propostas que apresentou. Nos

⁴³⁴ Idem. Ibidem.

⁴³⁵ Especialmente por seu posicionamento de apoio à Alemanha nos anos 1930

estudos que se debruçaram sobre essa questão, contrastam-se as ideias de pequenos grupos de intelectuais da capital com as amplas limitações de projetos como o *maestro rural* e as *Casas del Pueblo* a partir das diferentes dinâmicas e práticas locais. Em um resumo mais simplista, essas pesquisas buscaram cotejar os projetos *nacionais* de uma elite intelectual revolucionária com as aspirações regionais que, em última instância, a partir de uma relação conflituosa entre estes dois polos, estabeleceu as configurações “reais” da educação em cada caso. Mais do que a simples dualidade de um conflito entre um projeto estatal que se deparava com um histórico de lutas locais, estudos como aqueles realizados por Mary Kay Vaughan e Elsie Rockwell⁴³⁶ auxiliam a problematizar o pioneirismo, a autoria ou a centralidade de nomes como o de Vasconcelos para os projetos educacionais que se estabeleceram da década de 1920 em diante.

A obra de Vaughan, *Cultural Politics in Revolution – Teachers, Peasants and Schools in Mexico*⁴³⁷ é exemplar dos trabalhos que buscaram entender como projetos nacionais foram articulados localmente a partir das lógicas de cada comunidade, partindo das políticas culturais⁴³⁸ adotadas pelo Estado revolucionário. Com foco em duas regiões nos estados de Puebla e Sonora, a historiadora viu as escolas rurais como a arena de intensas – e frequentemente violentas – negociações em torno do poder, da cultura, do conhecimento e dos direitos que se reconfiguravam.⁴³⁹ A Revolução da década anterior teria propiciado uma vigorosa mobilização das comunidades rurais em torno de um fraco Estado revolucionário⁴⁴⁰, constatação que auxilia Vaughan em sua conclusão de que a revolução nas escolas e cultura mexicana deu-se, não *nos* projetos da SEP mas em uma

⁴³⁶ ROCKWELL, Elsie. **Hacer escuela, hacer Estado: la educación posrevolucionaria vista desde Tlaxcala.** El Colégio de Michoacán. 2007

⁴³⁷ VAUGHAN, Mary Kay. **Cultural Politics in Revolution – Teachers, Peasants and Schools in Mexico, 1930-1940.** The University of Arizona Press. 1997.

⁴³⁸ A versão da obra em inglês conta com a sutileza da distinção entre “policys” and “politics”, ambos traduzidos como *política* na versão publicada em espanhol.

⁴³⁹ VAUGHAN, Mary Kay. **Cultural Politics in Revolution.** Obra citada. p.7

⁴⁴⁰ A semelhança com as afirmações de Alan Knight em “Juggernaut or Jalopy” não são mera coincidência, na medida em que os autores possuem um diálogo intenso.

complexa relação entre Estado e “sociedade” *ao redor* dos planos do governo. Como resultado, tanto as políticas centrais quanto as comunidades rurais transformavam-se.

Do ponto de vista da formulação desses projetos, de acordo com a historiadora, as políticas culturais estabelecidas a partir de 1921 inspiravam-se em diferentes elementos de projetos desenvolvidos em diversos países como os EUA e a União Soviética.⁴⁴¹ Nesse caso, a comprovação de sua hipótese equivale ao questionamento das reiteradas respostas de Vasconcelos diante da questão que lhe foi formulada em mais de uma ocasião ao longo da década de 1920 pela imprensa e pelos congressistas. Além disso, considerando os diálogos internos às fronteiras mexicanas, a historiadora aponta a importância de personagens como o gal. revolucionário e governador de Yucatán, Salvador Alvarado (1880-1924) como um precursor do ideário que seria mais tarde mobilizado pela SEP.

Acredito que a observação de Vaughan valha uma atenção mais detida do ponto de vista da articulação da linguagem política e das referências ao universo daquela cultura política que se consolidava. Normalmente lembrado como um revolucionário de ideias à esquerda, próximo de Felipe Carrillo Puerto e um dos inspiradores do projeto de escola socialista que mais tarde seria implementado no sexênio de Cárdenas, o gal. Alvarado foi um personagem central da vitória constitucionalista e da política mexicana entre os anos de 1914 e 1924. Apoiador do movimento revolucionário desde seu início, foi leitor e divulgador da obra de Ricardo Flores Magón em Sonora e, mais tarde, um dos responsáveis pela vitória das tropas carrancistas no sul do país.

Em seu breve governo (1915-1917), Alvarado promoveu os movimentos progressistas locais e, em especial, tomou parte na discussão sobre a educação e a cultura mexicanas, auxiliando a realização do Congresso Pedagógico de Yucatán, assim como o Primeiro Congresso Feminista de Yucatán (o primeiro do país e segundo do continente),

⁴⁴¹ VAUGHAN, Mary Kay. **Cultural Politics in Revolution**. Obra citada. p.15

liderado pela emblemática figura de Elvia Carrillo Puerto.⁴⁴² Liderança política *sui generis* entre os generais revolucionários, Alvarado, leitor dos principais debates pedagógicos e culturais de seu tempo, implantou as políticas que possuíam destaque na imprensa da capital, reverberando nas discussões constituintes de 1916 e 1917. O autor Diego Valadés corroborou a impressão de pioneirismo deixada pelo general: “*a partir de ese momento [1915] Yucatán presenciaría uno de los ejemplos más notables de la imaginación en el poder*”, disse em artigo a respeito do governo de Alvarado nos anos 1960.⁴⁴³

Com o sucesso no governo do estado e na condição de importante chefe militar, Alvarado passou a postular-se como candidato à substituição de Carranza para o ano de 1920, com a criação de seu jornal *Heraldo de México* e a consolidação do Partido Socialista Obrero, fundado por ele em 1916. Essa situação foi fonte de agravamento de seus conflitos com Don Venustiano e o gal. Obregón, e lhe valeu breve prisão e exílio. Foi nesse cenário de disputas que o ex-governador de Yucatán escreveu, em três tomos, à obra *La reconstrucción de México – un mensaje a los pueblos de América*.⁴⁴⁴ Em um chamado semelhante ao realizado pelo antropólogo Manuel Gamio em *Forjando Patria* três anos antes⁴⁴⁵, Alvarado advertia que sua monumental obra “*no es doctrinaria, sino*

⁴⁴² O estudo de Gloria Luz Alejandre Ramírez e Eduardo Torres Alonso, *El Primer Congreso Feminista de Yucatán 1916* traz um breve histórico do evento e de suas protagonistas. De acordo com os autores: “Hablar del Congreso Feminista nos remite a Elvia Carrillo Puerto y, a su vez, nos lleva a algunos hombres emblemáticos que en el empeño de Elvia por darle a las mujeres el merecido lugar, también se involucran y definen para la historia y para la legislación mexicana los derroteros de significativos procesos de inclusión social y jurídica para las mujeres en Yucatán, y con gran impacto para el resto del país. Por ello es obligado retomar el trabajo de Felipe Carrillo Puerto como dirigente del Partido Socialista del Sureste y, sin duda su labor como gobernador del estado, así como a Salvador Alvarado, impulsor del icónico Congreso de 1916. De manera singular, siendo gobernador Salvador Alvarado se emitió la Convocatoria para el Primer Congreso Feminista de Yucatán el 28 de octubre de 1915, que tuvo verificativo del 13 al 16 de enero de 1916 en el Teatro Peón Contreras de la ciudad de Mérida. Con esta propuesta se logró la movilización de un amplio número de mujeres en el estado en pos de su liberación. Esto se sumó a una serie de acciones que el propio Alvarado ya había promovido a favor del sector femenino”. ALEJANDRE RAMÍREZ, Gloria Luz. TORRES ALONSO, Eduardo. *El Primer Congreso Feminista de Yucatán 1916*. El camino a la legislación del sufragio y reconocimiento de ciudadanía a las mujeres. Construcción y tropiezos. **Estudios políticos** (México) no.39 México sep./dic. 2016

⁴⁴³ VALADÉS, Diego. **Justo Sierra y la fundación de la universidad**. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Jurídicas. 2014

⁴⁴⁴ ALVARADO, Salvador. **La reconstrucción de México** - Un mensaje a los pueblos de América. 3 vol México: Balesca. 1919.

⁴⁴⁵ Objeto de análise do próximo tópico do capítulo.

de alarma y sugestión. Mi propósito es señalar los males, advertir los peligros y lanzar a mis conciudadanos el grito de alerta”⁴⁴⁶. Escrito em um ano eleitoral, talvez o livro possa também ser lido como propaganda de suas realizações no governo yucateco e indicação de um plano político para a federação.

A obra propôs diagnósticos e soluções para a recriação da nação mexicana após a Revolução a partir de alguns eixos, com o destaque, no segundo tomo, para a reforma da educação. Seus argumentos mobilizaram autores socialistas europeus (sem referências aos socialistas ditos *científicos*, para efeitos de desambiguação), mas também se basearam em teóricos da pedagogia da ação como John Dewey e Maria Montessori.⁴⁴⁷ Nesses pilares o general-autor assentou propostas que, se não eram de todo inovadoras para aquele debate, tampouco faziam parte da cultura política hegemônica durante o carrancismo.

Alvarado, porém, não pertencia apenas ao mundo novo que desejava construir. Ao longo de sua obra, o general congregou sua postura socialista fabiana e as leituras dos grandes pedagogos da época com uma tradição local e inspiração explícita de Justo Sierra e Gregório Torres Quinteiro, chefe do departamento de educação primária da pasta de Don Justo durante as últimas décadas do Porfiriato.

Para o autor de *La reconstrucción de México*, a única grande transformação positiva na educação do país aconteceu durante o Porfiriato, a partir de eventos como os congressos pedagógicos iniciados na administração de Baranda como *Secretário de Instrucción Pública* e continuados por Don Justo.⁴⁴⁸ “*Así llegamos a los albores de la*

⁴⁴⁶ ALVARADO, Salvador. **La reconstrucción de México**. Obra citada. p.123

⁴⁴⁷ Ver: ROCKWELL, Elsie. **Hacer escuela, hacer Estado** e VAUGHAN, Mary Kay. **Cultural Politics in Revolution**. Obras citadas.

⁴⁴⁸ Segundo Alvarado: “El caos más espantoso reinaba en pasadas décadas en cuestión de sistemas y métodos de enseñanza. Vino el famoso Congreso Pedagógico de 1889-90, cuya influencia indiscutible en la educación nacional se tradujo en numerosas leyes y prolijos reglamentos que, con ligeras variantes, se propusieron modelar lá nueva escuela mexicana. Y en efecto, ésta fué surgiendo poco a poco, presentándose con arreglo a formas más sistemáticas, pero al mismo tiempo más formulistas. Los maestros se afanaron por penetrarse del nuevo espíritu y sobre todo de la nueva rutina. En muchas escuelas del país aparecieron

revolución”, afirmou Alvarado, “¿Y después? ¿Qué hemos hecho nosotros los revolucionarios por mejorar la escuela mexicana? ¡Nada!”.⁴⁴⁹

Em termos de políticas educacionais, o “radical” Alvarado inverteu o sentido da ruptura que o discurso revolucionário criou para o Antigo Regime: para ele, as propostas dos destacados intelectuais da antiga secretaria porfirista representavam o progresso, estancado pela Revolução de 1910.⁴⁵⁰ O elogio às ideias de Baranda, Sierra e Quinteiro não são, portanto, apenas referências à erudição dos escritos destes intelectuais. Diferentemente do relato por vezes carinhoso dos *ateneístas* em relação à memória de seus mestres, o que temos aqui é um revolucionário que apontou como caminho para as demandas educacionais do país a inspiração nos últimos agentes da educação porfirista.

Em uma passagem do segundo tomo, Alvarado recupera a memória de Don Justo como referência comum para a sua proposta de educação obrigatória vinculada ao combate à fome:

No ha muchos años, en la época de don Justo Sierra, habiéndose reconocido la misma "horrible verdad" [a fome das crianças] en la ciudad de México, se estableció un servicio regular de *lunches* escolares, dándose a los niños escasamente alimentados un plato de sopa, pan, leche, etc.

Muchos niños, en efecto, van a la escuela sin desayunarse. Muchos se duermen de "hambre" en los pupitres. Esta es la infracción más trágica del viejo apotegma: *mens sana in corpore sano*.

¿Qué ideación normal puede haber en un cerebro debilitado? ¿Qué desarrollo corporal y fuerte puede haber en un cuerpo igualmente debilitado? ¿Cómo puede jugar un cuerpo sin fuerzas?

materias nuevas: el canto, la gimnasia, los ejercicios militares, las lecciones de cosas. ¡Hubo media hora de recreo diariamente! El Silabario de S. Miguel para enseñar a leer por deletreo, fué dejando el lugar a los métodos fonéticos. El uso del texto fué constreñido e hicieron su aparición las lecciones orales. [...] Aquel Congreso, dijimos, ejerció positiva influencia en la organización y dirección de las escuelas. Y hubo textos de pedagogía que se pusieron en boga en nuestras escuelas normales y que fueron también consultados por los maestros en ejercicio. ALVARADO, Salvador. **Obra citada**. p.127-128

⁴⁴⁹ *Idem*, p.127

⁴⁵⁰ Isso não equivale, de modo algum, a afirmar que Alvarado era um entusiasta do positivismo ortodoxo na educação. Gabino Barreda, a filosofia positivista comteana e o currículo da antiga ENP são duramente criticados ao longo de seu texto. Curiosamente, porém, autores filiados à outras leituras do positivismo, como Sierra e o francês Le Bon, são utilizados como importantes referências de seu pensamento. Essa constatação se torna mais interessante quando consideramos o fato de que o general demonstrou perceber as permanências da antiga filosofia positivista nos congressos pedagógicos que ele apontou como momentos de progresso. **Obra citada**. p.139

La instrucción obligatoria no puede limitarse a dar gratuitamente enseñanza y libros. No basta que suministre el alimento intelectual. Su complemento lógico está forzosamente en el alimento físico.⁴⁵¹

Em mais de uma passagem de sua obra, Justo Sierra havia relacionado o problema educacional, assim como a questão indígena, à alimentação precária da população mexicana. “*El problema social para la raza indígena es un problema de nutrición y educación*”⁴⁵², afirmou Don Justo em *México: su evolución social. O científico* foi então invocado pelo general socialista não apenas como escritor, mas como intelectual que propunha soluções concretas para uma preocupação social compartilhada, uma referência para a reconstrução do país. Talvez seja possível questionar se, assim como Ricardo Flores Magón, que admitiu em privado manter a denominação *liberal* como ferramenta diante do jogo político anterior à Revolução, Alvarado não tenha mobilizado o nome da figura praticamente unânime de Sierra como instrumento capaz de conciliar suas propostas mais radicais às ideias hegemônicas daquela cultura política. Independentemente dos usos intencionais ou não do nome do *Maestro de América*, o texto do general possui uma série de marcas que expõem a genealogia de um debate político do porfirismo desdobrado nos primeiros anos da Revolução.

Exemplar desta permanência na cultura política é a relação entre a consolidação da nação e as políticas educacionais. A ideia de que a educação deveria “formar almas” ou formar a “alma da nação” era uma obsessão do discurso político revolucionário que se desdobrou, em grande medida, do debate sobre a identidade nacional e dos ideólogos da *pátria mestiza* do Porfiriato. Assim, o projeto de “redenção” e unificação da nação a partir

⁴⁵¹ Idem. Ibidem.

⁴⁵² Apesar de sua defesa da educação indígena, a obra também parte do pressuposto da inferioridade racial do indígena que, dentro das lógicas da ideologia da mestiçagem, poderia ser resolvida com o incentivo à migração europeia. SIERRA, Justo. **Obra citada.** p.296

da educação, que já havia ganhado seus contornos elementares nas últimas décadas do século XIX, passou de hegemônico a absoluto na cultura política da Revolução.

A questão se colocava para o gal. Alvarado ainda em 1920, segundo ele, pelo olhar das nações estrangeiras, seria legítimo questionar e concluir: *¿Forman los mexicanos un pueblo? – Y muchos opinan que somos una horda. ¿Es creíble que con esta falta de espíritu social, cívico y nacional, podamos tener derecho a aspirar a que la ciudad libre, sin preparación alguna tome a su cargo nuestra educación*”.⁴⁵³ O argumento do general não repete apenas a consensual “regeneração” da pátria pela educação. Trata-se aqui de apresentar seu questionamento das decisões do governo que, a partir da Constituição de 1917, dissolveu a *Secretaria de Instrucción Pública*, a partir das lógicas federalistas representadas pelo princípio do “*municipio libre*”.⁴⁵⁴ A reconstrução do país só poderia então se dar a partir de princípios de unidade: “*La educación de un pueblo, de una raza, de una nación, no es asunto local*”.⁴⁵⁵

Com a preocupação da unidade nacional, discutia-se, quase sempre, a situação do indígena no México. Formar a alma nacional dependia de uma homogeneização na qual os diferentes povos nativos se transformavam em um entrave para governos e intelectualidade. A este respeito, Alvarado afirmou em dois trechos de *La reconstrucción de México*:

I) He allí la base fundamental del amor a la Patria: cuando cada indio o blanco esté educado, y en la defensa de esa bella abstracción llamada PATRIA,

⁴⁵³ Idem.

⁴⁵⁴ Articulando uma defesa do federalismo com o desejo de construção de uma pátria unida, Alvarado busca os EUA como exemplo de país que conciliou autonomias locais com um projeto educacional centralizado. Em sua crítica à dissolução da antiga secretaria mexicana afirmou: “El servicio de la educación pública es de tal naturaleza, que interesa a todos; afecta de tal manera los intereses comunes, que sin lugar a duda, es uno de los primeros que deben ser socializados en manos del Estado, imponiendo a los municipios únicamente su cooperación. Así lo reclama la necesidad de crear un alma nacional. Cuando proclamamos, pues, la unificación de la enseñanza pública para ponerla bajo el régimen del Estado, no hablamos en nombre de un cascado y carcomido retroceso sino enarbolando la bandera de la unidad nacional. [...] Empeñarse en dividir, es querer aplicar la disgregación en la solución de los grandes problemas nacionales”. ALVARADO, Salvador. **Obra citada**. p.149

⁴⁵⁵ Idem. p.150

vaya envuelta la defensa de lo que es suyo, de su bienestar, de su felicidad, entonces tendremos verdaderos patriotas en toda la amplitud del vocablo.⁴⁵⁶

II) El indio, por sí solo, constituye uno de nuestros más hondos problemas. Necesitamos transformarlo en eficiente elemento social.

Va en ello nuestro futuro, todo nuestro destino como nación.

Para ello no tenemos más que un medio evidente: la educación.

No creemos en la omnipotencia de la educación; pero tampoco podemos renunciar a ella. Nos desarmaríamos. Cruzarnos de brazos sería un crimen. Al contrario, es necesario obrar, y obrar pronto.

Pero al hablar del indio, no nos concretamos únicamente a la educación escolar. Su redención no está en enseñarle a leer, escribir y contar, etc. Está en algo más: está en el trabajo. En el trabajo inteligente. En el trabajo intenso. Está, sobre todo, en mejorarle su vida, física, intelectual y moralmente. Está en curarlo del mal de la embriaguez⁴⁵⁷

Na obra de Sierra e de seus colaboradores, por sua vez, encontramos a seguinte análise:

Nos falta producir un cambio completo en la mentalidad del indígena por medio de la escuela educativa. Esta, desde el punto de vista mexicano, es la obra suprema que se presenta a un tiempo con caracteres de urgente e ingente. Obra magna y rápida, porque o ella, o la muerte.

Convertir al terrígena en un valor social (y sólo por nuestra apatía no lo es), convertirlo en el principal colono de una tierra intensivamente cultivada; identificar su espíritu y el nuestro por medio de la unidad de idioma, de aspiraciones, de amores y de odios, de criterio mental y de criterio moral; encender ante él el ideal divino de una patria para todos, de una patria grande y feliz; crear, en suma, el alma nacional, ésta es la meta asignada al esfuerzo del porvenir, ése es el programa de la educación nacional. Todo cuanto conspire a realizarlo, y sólo eso, es lo patriótico; todo obstáculo que tienda a retardarlo o desvirtuarlo, es casi una infidencia, es una obra mala, es el enemigo.

El enemigo es íntimo; es la probabilidad de pasar del idioma indígena al idioma extranjero en nuestras fronteras, obstruyendo el paso a la lengua nacional; es la superstición que sólo la escuela laica, con un espíritu humano y científico, puede combatir con éxito; es la irreligiosidad cívica de los impíos que, abusando del sentimiento religioso inextirpable en los mexicanos, persisten en oponer a los principios, que son la base de nuestra vida moderna, los que han sido la base religiosa de nuestro ser moral; es el escepticismo de que, al dudar de que lleguemos a ser aptos para la libertad, nos condenan a muerte.

Y así queda definido el deber; educar, quiere decir fortificar; la libertad, médula de leones, sólo ha sido, individual y colectivamente, el patriotismo de los fuertes; los débiles jamás han sido libres.⁴⁵⁸

A nação mexicana unificada por professores patriotas, ideia articulada por uma linguagem política que reproduzia aspectos de uma liturgia da nacionalidade, foi a base

⁴⁵⁶ Idem.

⁴⁵⁷ Idem.

⁴⁵⁸ SIERRA, Justo. *Evolución del Pueblo mexicano*. Obra citada.

das diferentes discussões sobre educação e, em uma correlação não surpreendente, dos discursos sobre a manutenção da nova ordem estabelecida. Essa articulação, parte inerente de toda política educacional, destacou-se a cada embate pela hegemonia do governo revolucionário.⁴⁵⁹

Na mesma semana em que Porfírio Díaz renunciaria, em maio de 1911, preparava-se o decreto da lei de “*instrucción rudimentaria*”, resultado das resoluções dos congressos pedagógicos da década anterior, assim como da atuação do subsecretário Gregorio Torres Quinteiro e da pressão política do último ano eleitoral. O decreto afirmava:

Art. 1. Se autoriza al Ejecutivo de la Unión para establecer en toda la República, Escuelas de Instrucción Rudimentaria, independientes de las Escuelas Primarias existentes, o que en lo sucesivo se funden.

Art. 2. Las escuelas de instrucción rudimentaria tendrán por objeto enseñar principalmente a los individuos de la raza indígena a hablar, leer y escribir el castellano, y a ejecutar las operaciones fundamentales y más usuales de la aritmética.⁴⁶⁰

O último secretário de instrução pública de Díaz, Vera Estañol, positivista e crítico da Revolução, nos primeiros anos de governo interino, reiterou a importância da proposta. Para ele, o decreto resolveria “*el problema nacional de desarrollo intelectual de la inmensa población indígena condenada al ostracismo político por ignorar la lengua oficial y por falta de homogeneidad en sus hábitos con el resto del país*”⁴⁶¹. A fala do ministro condensava, assim, o projeto de unidade nacional a partir da “redenção do indígena”, em uma síntese da postura que congregava diferentes preconceitos

⁴⁵⁹ ROCKWELL, Elsie. **Obra citada**. p.59

⁴⁶⁰ PANI, Alberto J. **La instrucción rudimentaria en la República**. 1912. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/5/2289/24.pdf>>

⁴⁶¹ LOYO, Engracia, La educación de los indígenas. Polémica en torno de la ley de escuelas de instrucción rudimentaria (1911–1917), en Margarita Moreno–Bonett y María del Refugio González (coords.), **La génesis de los derechos humanos en México**. México, UNAM. 2006. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/5/2289/24.pdf>>

paternalistas e generalizantes contra as populações nativas ao mesmo tempo em que se negava uma visão fatalista da condição intelectual e social dos nativos.

Com a eleição de Madero, contudo, o decreto passou a sofrer a oposição do novo *Secretário de Instrucción Pública*, o engenheiro – e membro do *Ateneo* – Alberto J. Pani, processo que seria mais tarde destacado pelo general Alvarado como um dos exemplos da involução da educação a partir da Revolução. Pani associou a lei à uma medida desesperada do “*agonizante gobierno porfiriano*” e apontou uma série de problemas para a sua implementação. De acordo com o secretário revolucionário:

La labor escolar en todos los casos de ruptura del equilibrio entre el nivel mental y el económico del pueblo crearía un estado permanente de descontento, preparación admirable del campo donde **vendrían después a espigar fructuosamente los demagogos sin conciencia predicando por ejemplo los socialismos agrarios del tipo orozquista y zapatista, esto es el despojo violento de los terratenientes [...]**

... proyectar luz en las conciencias mediante enseñanzas abstractas para iluminar sólo miserias pero dejando oscuros los caminos que conducen al mejoramiento económico, **es pues una cruel ironía para el pueblo y una amenaza para nuestro régimen social.**⁴⁶²

Pani temia, portanto, que a antiga proposta, vinda dos Congressos Pedagógicos e da Secretaria de Sierra – que tinha como objetivo a consolidação da nação a partir da soberania do executivo nacional – abalasse a *ordem* política, que se buscava instituir, assim como a ordem econômica, que se almejava defender. Os temores de que as propostas pedagógicas poderiam abalar a ordem não foram exclusividade do Secretário.

⁴⁶² PANI, Alberto J. **Obra citada.** A ideia de que a educação “rudimentaria” estava na base do zapatismo foi compartilhada pelo *Secretário de Instrucción Pública* de Carranza, Félix Palavicini nos debates constituintes de 1916. Segundo ele: “Un individuo que sólo sabe leer y escribir es peor, mucho peor, en la sociedad, que un analfabeto. El zapatismo, señores diputados, surgió principalmente por el aprendizaje de la lectura y escritura sin otra cosa más. El zapatismo es hijo de la escuela rudimentaria; el fracaso de la escuela clerical simplificada fue principalmente originado por la enseñanza del silabario de San Miguel. El error precisamente del cura en la escuela fue limitar su enseñanza a la lectura y escritura, porque todo aquel alumno preparado en la escuela laica oficial, con los cuatro años de enseñanza elemental, lleva una preparación suficiente para competir con los alumnos de la escuela clerical, en todo lo que se refiere a la lucha por la vida; mientras que el cura no se preocupó sino de ganar la conciencia de los alumnos”. **Diario de los debates del Congreso Constituyente 1916-1917.** — México, Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, Secretaría de Cultura, 2016. 3 volúmenes. — (Biblioteca Constitucional inehrm). p.401

A historiadora Elsie Rockwell traz o relato da diretora escolar, Isabel Gracia, que já durante o huertismo (1914), considerava a educação como uma ferramenta *contra* a revolução, combatendo, pois o “*enemigo ignorancia*” que era a “*causa de conmociones civiles y tal vez internacionales*”.⁴⁶³ A manutenção da ordem era, portanto, de ambos os lados, a questão prioritária: o debate que se colocava era sobre o papel da educação para atingi-la, alcançando a harmonia social. De acordo com Eugenia Loyo, nesse período “*las diversas y encontradas opiniones sobre la educación que debería impartirse al pueblo, y en particular a los indígenas, mostró una sociedad dividida en la que predominaban fuertes resabios de positivismo*”.⁴⁶⁴

O tema das “*escuelas rudimentárias*” não se encerrou e, em um primeiro momento, personagens como Torres Quintero lideraram a oposição ao Secretário de Madero, Alberto J. Pani.⁴⁶⁵ Assim, apesar da alegação de restrições orçamentárias que inviabilizavam a realização de um projeto efetivo de ensino obrigatório no campo, o debate seguiu presente nas discussões sobre as políticas educacionais de intelectuais e congressistas dos governos revolucionários.⁴⁶⁶ Capitaneado pelos congressos pedagógicos nacionais – outra criação que se consolidou ainda no Antigo Regime que continuaria a se repetir (1912, 1915), o tema da relação entre a unidade nacional e a

⁴⁶³ ROCKWELL, Elsie. **Obra citada.**

⁴⁶⁴ LOYO, Engracia. **Obra citada.** s/p

⁴⁶⁵ De acordo com Engracia Loyo, Torres Quintero defendia a generalização da educação pública, ainda que precária, com o argumento de que somente a minoria dos habitantes de Morelos era alfabetizada. Segundo o principal responsável pelo projeto de *escuelas rudimentárias* “Sin embargo se ha dicho que allá hasta las piedras de la calle son zapatistas: No sería preferible decir que allí el zapatismo más bien se debe a la falta de escuelas? Aunque no sería tampoco legítimo decirlo, porque en estados que tienen la proporción mayor de analfabetos como Guanajuato no ha florecido el zapatismo. La causa debe de estar en otra parte, su origen es social, más que educativo. Que la sociedad debe defenderse de ese peligro negándole al pueblo la luz de la enseñanza? Los ricos no han querido que los pobres se ilustren, los poderosos han rehilado a los débiles el conocimiento del derecho (...) todo para defender su poder o su prestigio (...) Pero los principios de igualdad, fraternidad y libertad, proclamados por los reivindicadores de los derechos humanos han iluminado la conciencia universal y ahora nadie osaría rehusar al pueblo la luz de la enseñanza aun cuando esa luz produjese en su cerebro fulguraciones de centella en contra de los que atentan contra su libertad y su dicha. Todos tenemos derecho a la felicidad.” **Obra citada.** P.366

⁴⁶⁶ De acordo com Loyo, “Las diversas y encontradas opiniones sobre la educación que debería impartirse al pueblo, y en particular a los indígenas, mostró una sociedad dividida en la que predominaban fuertes resabios de positivismo”. Idem. *Ibidem.*

educação indígena amplificava a urgência do problema da instituição de uma nova ordem. Não por coincidência, este problema compôs o cerne das célebres obras que manifestavam a necessidade de (re)criar o México, como *Forjando Patria* (1916) e *La reconstrucción de México* (1920).

Durante os anos da Convenção de Aguascalientes e da posterior hegemonia carrancista, o dilema da educação e da “formação da alma” mexicana também fez parte da disputa entre os grupos revolucionários. A partir do fim de 1914, as grandes lideranças da Revolução passaram a proclamar suas próprias medidas de governo, ainda que não existisse, com a guerra civil e o fim da presidência provisória, um poder executivo amplamente reconhecido como legítimo. Nesse momento, a frequência com que a qual as propostas de políticas educacionais ganharam destaque nos escritos de zapatistas e constitucionalistas é reveladora de sua importância dentro das simbologias em disputa e na narrativa de um país para o futuro. Em um cenário de sucessivas vitórias dos constitucionalistas contra as tropas de Zapata em Puebla, os acampamentos zapatistas de Morelos divulgaram, em nome do que autodeclararam o “*Consejo Ejecutivo de los Estados Unidos Mexicanos*” a “*Ley zapatista sobre generalización de la enseñanza*” de Novembro de 1915. O documento, assinado por Otilio Montaña, reiterando a relação entre expansão da educação e “*la raza indígena*”, afirmava:

Uno de los problemas que con más urgencia, con carácter imperativo y de resolución inmediata, habla a la Revolución, es el problema educacional. Afortunadamente ya no es necesario demostrar, porque se ha convertido en axioma, que la base de la vida y engrandecimiento de los pueblos es la Enseñanza. [...] Pero antes hemos hecho poco, por no decir nada se ha hecho por ilustrar á las masas, **particularmente a esa raza indígena** que constituye un considerable tanto por ciento del pueblo mexicano.

No es raro para el filósofo ver que actualmente constituye una verdadera rémora para el progreso, esa raza que fue por mil títulos noble y fuerte y que ahora se atrofia. ¿Cómo esperar en consecuencia, que las masas indígenas vayan al paso de la civilización de la época? Lo extraño es, que no hayan degenerado hasta parecer de otra especie. [...] ⁴⁶⁷

⁴⁶⁷ ESPEJEL, Laura OLIVEIRA, Alicia. RUEDA, Salvador **Emiliano Zapata. Antología.** Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana (INEHRM), México, 1988. p. 303

O decreto zapatista articulava os termos de um longo debate sobre a degeneração/regeneração do indígena em uma conclusão semelhante àquela do ideário “indianista” comum à época, que via a possibilidade de transformação do indígena tendo como exemplo o passado asteca. Em suas medidas, a lei divulgada pela Revolução do Sul propunha a centralização dos esforços educativos em uma instituição federal:

En la actualidad la enseñanza está encargada a las autoridades de cada Estado y cosa extraña, el poder central solo se ocupa de esa misma enseñanza en el Distrito y Territorios Federales. ¿Cuál ha sido la consecuencia de esta forma viciosa de organización general de la enseñanza, organización que podríamos llamar LOCAL? [...]

...quizá por la política de opresión que la Revolución ha cometido, quizá por disponer de menores recursos, la escuela se arrastra en la miseria, es insuficiente e inadecuada, y no se diga que hay excepciones, dado que estas justifican la regla, las mejores escuelas por lo que respecta a lo material y a lo técnico, se encuentran en la capital de la República.

[...]

Art. 2o. La enseñanza será gratuita, obligatoria y laica, y a ella proveerá el Gobierno General por medio del Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes, quien procurará que los maestros sean bien remunerados, respetados y libres.

Art. 3o. El Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes, procederá a la fundación de "Escuelas Nacionales" en toda la extensión del territorio mexicano, prefiriendo siempre los pequeños poblados, a donde no hubiere llegado la acción educativa de los Estados o Municipios;⁴⁶⁸

O documento zapatista recupera um longo histórico nacional em seus argumentos sempre assertivos, mas apresenta certa dúvida ao tentar justificar porque, apesar da Revolução, a educação não havia melhorado – percepção mais tarde compartilhada por Vasconcelos e pelo general Alvarado em 1920. O diagnóstico é seguido da conclusão de que a solução mais urgente para o país naquele momento está em escolas nacionais, obrigatórias, gratuitas e laicas. As ideias de Montañó/Zapata articulavam-se, assim, em uma linguagem muito semelhante àquelas de Torres Quintero e Justo Sierra antes, e Manuel Gamio, Salvador Alvarado e José Vasconcelos depois dos anos críticos da Revolução.

⁴⁶⁸ Idem. p.304.

A lei zapatista, porém, não teria efeitos práticos imediatos. Com a guerra civil e desde a queda de Huerta, a universidade, assim como outras instituições da capital, tornou-se progressiva e majoritariamente apoiadora do grupo Constitucionalista: as exceções do corpo docente davam-se mais com apoiadores do huertismo do que com apoiadores das demais forças revolucionárias. Com a vitória dos exércitos constitucionalistas ao final de 1915 e o apoio de importantes nomes ligados à instituição, selava-se a relação com o *Primer Jefe*, Don Venustiano Carranza. Meses depois, a *Escuela de Jurisprudencia* teve papel preponderante na preparação da Carta Magna de 1917, e Manuel Rojas, chefe do Departamento de Belas Artes da universidade, tornou-se presidente do Congresso Constituinte. Em resposta, Carranza afirmou à comunidade universitária que buscava a criação de um governo “*ordenado, moderno y civilizado*”, dependente da formação de novos profissionais para a reconstrução do país.⁴⁶⁹

Foi nesse cenário que ganharam destaque nomes como José Navidad Macías – presidente da Comissão Legislativa de Carranza, nomeado reitor da Universidade Nacional e deputado constituinte – assim como o de Félix Palavicini, Secretário de Instrução Pública (1915-16), deputado constituinte e conselheiro do *Primer Jefe*. Este último foi um dos principais homens de Don Venustiano e é considerado o primeiro congressista revolucionário a propor a realização de uma nova Constituição dentro das fileiras do carrancismo.

O engenheiro e destacado jornalista, Palavicini – que transitou entre o porfirismo e o maderismo em mais de uma oportunidade – tornou-se o escolhido pelo novo governo como Secretário de Instrução Pública. O intelectual dos Constitucionalistas foi o responsável por organizar o *Congreso Pedagógico* de 1915, realizado em Veracruz

⁴⁶⁹ GARCIADIEGO, Javier. De Justo Sierra a Vasconcelos. Disponível em: <<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/2458/2818>>. Data de acesso: 16 feb. 2020.

(capital provisória de Carranza) durante as disputas entre os grupos revolucionários. Tal como no exemplo da lei zapatista sobre a educação, a organização de um evento pedagógico em meio à guerra civil destaca o poder simbólico deste congresso e das propostas educativas para aquela cultura política. Palavicini, que mais tarde também fundou o jornal *El Universal*, em 1916, era um exemplar da postura moderada dos grupos associados ao carrancismo. O apoio do intelectual aos Constitucionalistas deu-se ainda antes da Convenção de Aguascalientes e reforçou o posicionamento de grandes nomes da Universidade Nacional que hostilizaram o zapatista Otilio Montaña, nomeado Secretário de Instrução Pública durante os últimos momentos do governo provisório.

O papel de Palavicini como delegado dos constitucionalistas também se deu nas páginas do principal veículo do carrancismo, o periódico *El Pueblo*. O jornal amplificou as propagandas políticas do grupo constitucionalista, divulgando as iniciativas do *Primer Jefe* e de seus secretários – como Luis Cabrera e Palavicini – no que foi, ao menos até abril de 1915, um governo “nacional” que existia apenas na região de Veracruz ou nas páginas de *El Pueblo*, nos manifestos e nas cartas diplomáticas de Carranza.⁴⁷⁰

Diante da divisão das facções revolucionárias no fim de 1914, o periódico também instrumentalizou o ataque contra zapatistas e villistas na imprensa, descritos ora como uma massa de indígenas manipulada por lideranças de má-fé, retrógradas ou tirânicas, ora como os radicais incapazes de impor um governo baseado na lei e nas instituições.⁴⁷¹

⁴⁷⁰ O decreto de Luis Cabrera, de 6 de janeiro de 1915, que tratava da reforma agrária, foi divulgado na capa de *El Pueblo*. Naquele momento, Zapatistas e Villistas ainda estavam em convenção nacional.

⁴⁷¹ Se no início da Convenção de Aguascalientes o periódico apenas criticava tendências autoritárias de seus rivais, sobretudo dos villistas, as edições do início de 1915 passaram a definir todos os demais grupos como “reacionários”. O tom e as palavras-chave repetiam os editoriais de *El Imparcial*, jornal oficial do Porfiriato, contra Madero meia década antes, apontando para os riscos de manutenção da ordem em caso de vitória dos rivais. Dessa vez, porém, os ataques não partiam de um científico ou de um ditador, mas do jornalista chefe responsável por *El Pueblo* e Secretário de Relações Exteriores de Carranza, o ateneísta Isidro Fabela – a quem Emiliano Zapata lançou ataques diretos em um manifesto redigido em Milpa Alta em 1914.

Em meio ao conflito aberto entre *constitucionalistas*, de um lado, e villistas e zapatistas, de outro, ao longo do ano de 1915, em que tomaria lugar a sangrenta batalha de Celaya, a maior da Revolução e que, inesperadamente, selaria a vitória das forças de Carranza e Obregón – *El Pueblo* se ocupou não apenas de narrar os sucessos do gal. Obregón, ou as conquistas diplomáticas de Fabela, mas produziu uma série de artigos e editoriais em que a educação foi apresentada como a principal bandeira da Revolução Constitucionalista:

México, miércoles 27 de febrero de 1915. EL PUEBLO

Política **SECCION EDITORIAL**

La Educación y el Gobierno Constitucionalista

LA educación del pueblo como principio social y elemento de regeneración, ha sido debidamente comprendida por nuestro Gobierno, que pone sus miras en ella y le da toda su predilección, como lo prueba la actividad que se ha dejado sentir en las escuelas, desde que el constitucionalismo triunfante dirige los destinos de nuestra patria.

Tiempo hubo en que se creyó que la educación era un acto de caridad demandado por la religión cristiana; esta idea se modificó cuando se tuvieron conceptos más claros del derecho del individuo y del Estado, y entonces se fundamentó la educación del pueblo en la conveniencia pública o razón de Estado. Estudios más avanzados en este respecto, hicieron comprender que el PRIMER DEBER del Gobierno democrático, la base misma de toda República está en hacer la felicidad del mayor número de los gobernados por medio de la educación popular. Este derecho que las instituciones republicanas confieren al humilde y desvalido ciudadano, es, y debe ser, el primer derecho, el único sustancial en que descansen esas instituciones.

En nuestro país, jamás se hizo tangible este derecho; nuestro actual Gobierno penetrado profundamente de esta verdad, lo ha puesto en práctica, y sólo la mala fe y la ignorancia, podrán negar que la actual organización que se da a la educación del pueblo no tiene estas nobles y elevadas miras.

La educación popular en el régimen porfirista, adoleció de grandes y profundos errores: estuvo viciada desde los principios que le servían de base hasta los procedimientos con que se realizaba. Había que renovarla toda ella para alcanzar finalidad que el Gobierno se propone, sintetizada en este principio: La Educación Popular, no sólo preserva y perfecciona las sociedades, sino que las salva y rescata de sus más serios conflictos.

Inglaterra debe su prosperidad a la admirable organización de la educación popular. Alemania, y especialmente la Prusia, quedaron en un deplorable estado después de la paz de 1806; pero sus mandatarios comprendieron que la salvación de aquel pueblo estaba en la educación popular de sus nacionales, y sin demora organizaron el gran sistema de escuelas que hoy tienen. Guillermo I declaró que la escuela popular había resucitado la nacionalidad alemana.

Estados Unidos se ha preocupado grandemente por la educación popular, porque ha tenido profunda fe en la conveniencia y utilidad social de ella: "Todo lo que ha habido de grande y patriótico en la gigante guerra civil de Estados Unidos de América, dice un eminente publicista, ha nacido de las masas iluminadas por la educación popular, admirablemente organizada, que se ha impartido en aquel pueblo."

No sólo anhela nuestro Gobierno el desarrollo sistemático y perfecto de la educación popular en nuestro país, sino que está convencido de que sin la educación del pueblo, jamás podrá organizarse y hacerse permanente un buen sistema político.

Sin la seguridad y protección ofrecida al individuo por un buen Gobierno, no podrá tener éxito la educación popular; sin la debida preparación de una sociedad, por medio de una buena educación, las mejores instituciones políticas decaerán o se hundirán en la nada; o quizá, en vez de producir beneficios a la comunidad se convertirá en ruinas y en desgracias nacionales. La íntima alianza entre la educación y la grandeza de las naciones, la muestra la historia en todas sus páginas.

Sabe muy bien nuestro Gobierno que la educación ejerce una gran influencia en la multiplicación y perfección del trabajo, y trata de realizarla para crear con ella nuestra riqueza nacional. Mann Comber y otros muchos escritores, han demostrado que la educación no sólo reforma la moral y multiplica el poder intelectual, sino también, que es el más fecundo creador de la riqueza material. Por tanto, ella tiene derecho, no sólo para ser incluida en el gran inventario de los recursos de una nación, sino aun para ser colocada a la cabeza de él. No sólo es el más honroso y propio, sino el más seguro de los medios de acumular riquezas.

El pauperismo, como clase social, es sólo un accidente en nuestra Patria, aunque existe ya un germen de él en el seno de nuestra joven sociedad.

Para esta negra y temible enfermedad que debilita los pueblos y acarrea el vicio y la miseria, y pone en peligro las instituciones sociales y políticas, no hay más que un remedio eficaz: la educación popular. No se quiere decir que la educación mate por completo la miseria y el pauperismo, éstos existirán siempre como una fatal enfermedad social; pero si se afirma que con ella se preservará en gran parte ese cáncer fatal y se evitarán muchos de sus estragos.

Las ventajas de la educación popular, son, pues, innegables, e innegable es también que nuestro Gobierno las tiene bien comprendidas y estudiadas, por lo que se apresura a ponerlas en práctica, dedicándoles especial atención.

No esperemos que las instituciones democráticas sean firme sostén de nuestra nacionalidad, si no ponemos de nuestra parte cuanto somos y valemos para ayudar al Gobierno en su obra grandiosa de renovar la escuela. Comprendamos que todas las virtudes de un buen ciudadano, que son el resorte de todo buen Gobierno, radican en la educación popular. Dadle a un pueblo escuelas, colegios, academias, donde se le imparta completa y libre educación; dadle esto, y nada más, y él sabrá sacar de ese elemento educativo, la libertad, el derecho, la moralidad, la riqueza y todo lo que constituye la grandeza de un pueblo.

Quando se comprenda que la obra del señor Carranza radica en la educación popular, entonces la nación reconocida le llamará con justicia: "EL PADRE DE LA PATRIA."

**EL ESPÍRITU DE LA REVOLUCIÓN EXIJE EL DESPLAZAMIENTO
DE LAS IDEAS RUINES E INTERESES BASTARDOS DEL PASADO**

ES una ley perfectamente demostrada que todas las partes de un organismo viviente deben desarrollarse de una manera armónica; porque, de lo contrario, unas adquieren preponderancia con perjuicio de las otras y con detrimento del equilibrio que constituye la vida, el cual se siente amenazado entonces con perturbaciones constantes que retardan su progreso y que puedan fácilmente orillarlos a la muerte.

Esta ley natural, fatal como todas las de su clase, porque no se pueden violar impunemente, rige a todos los cuerpos sociales, que también son organismos vivos que nacen, crecen y mueren sujetos a relaciones que, una vez establecidas, producen, sin que nada y nadie pueda evitarlo, el efecto que natural y necesariamente les corresponde. La ignorancia permanente de la gran masa de una nación la hará siempre inepta para el progreso social, como la pereza, su apatía y falta de estímulos de adelanto y perfeccionamiento la llevarán, quierase o no, por la pendiente por la que se rueda al precipicio. El pueblo que conoce mejor la naturaleza es el que sabe vivir mejor con ella y el que mejor la utiliza en la satisfacción de sus necesidades y placeres. No basta vivir, es preciso vivir bien: una vida miserable, enferma, raquítica, impotente para rechazar el mal y disminuir el dolor, tanto como en el momento puede ser posible, es una vida mutilada, claudicante, que no podrá resistir ningún embate serio ni dentro ni de fuera, frágil barquilla que cualquier ola arrastra para encallarla en las arenas de la playa o destruirla azotándola contra el arrecife.

473

Em ambos os artigos, encontramos a ideia de que a principal obra da Revolução passará por consolidar um projeto educacional. Em ambos, apresenta-se a ideia de que o passado, a educação porfirista, era um dos grandes problemas da nação. Os dois textos também concordam na crença de que a educação será a ferramenta para a melhoria das condições materiais dos “pobres” mexicanos. Os indígenas, nesse momento, são entendidos como sinônimos de pobres, sua redenção passa pela melhoria das condições sociais que deverão ser trazidas pelo genuíno governo da Revolução.

No editorial, a conquista de uma nova visão sobre a educação fará parte de um esperado regime democrático. Já no artigo do reitor da Universidade Nacional sob o governo de Carranza, José N. Macías, mais do que se preocupar com políticas educacionais concretas, trata-se do abandono do passado rumo ao verdadeiro progresso mexicano. A linguagem articulada para a sua visão de futuro, no entanto, parece saída de um discurso dos membros do Partido Científico: a sociedade é entendida como um

⁴⁷³ MACÍAS, José N. *El Pueblo*, México. 23 de maio de 1915

organismo, a história entendida como progresso e a finalidade do sistema político será a construção da harmonia e da ordem.

É ao fim desse longo histórico, após a consolidação dos constitucionalistas e às vésperas da ruína da hegemonia carrancista e da SEP de Vasconcelos, que encontraremos o general Salvador Alvarado e sua obra. Abordando a questão da unidade nacional e da educação, atento ao desenvolvimento do vocabulário planejado pelos discursos políticos, ele afirmaria, no ano da queda de Carranza:

Nos creemos dispensados desde luego de preconizar la educación del indio con rimbombantes parrafadas. Han abusado tanto de este tópico los politicastos, que no queremos ni por un momento parecidos a ellos.

El que quiere conquistar aplausos o popularidad, basta con que hable de "la redención del indio", ya sea para acreditar una plataforma política, para embaucar a sencillos gobernantes o para batir el *record* de progresista en un congreso pedagógico.

Ya estamos cansados de tanta logorrea retórica en favor del indio. **Y sin embargo, el indio está allí, estorbando el progreso de la patria. Pero él también es parte de la patria.**

No podemos hacerlo a un lado.[...] Tampoco podemos fundar la República sobre un cimiento o capa de esclavos. El indio, por sí solo, constituye uno de nuestros más hondos problemas. Necesitamos transformarlo en eficiente elemento social. Va en ello nuestro futuro, todo nuestro destino como nación. Para ello no tenemos más que un medio evidente: la educación.

A reiteração das palavras de ordem e dos efeitos de determinadas fórmulas daquela linguagem política eram, ao que parece, perceptíveis para alguns dos personagens dessa história. Ademais, o general Alvarado, autor que no trecho acima nos expõe a trama do discurso da “redenção do indígena”, é também o prisioneiro da narrativa que buscava criticar. Ao que parece, ele compreendeu os problemas daquela vaga ideia de redenção, organizada em uma expressão incapaz de abordar as especificidades da situação ou de mobilizar políticas reais de atuação sobre o “problema indígena”. Entretanto, com as ferramentas que tinha à mão, com a linguagem que encontrou para expor sua insatisfação, o general, apesar de crítico do cenário que observava, apenas conseguia ou podia vê-lo como desvios de princípios já postos e verdadeiros. Tal como articulou o jovem Ricardo Flores Magón contra a ditadura de Don Porfírio em sua busca das “verdadeiras” *ordem* e

progreso, Alvarado mantém os termos engendrados pelo problema que busca resolver também na solução que propõe. Seria possível pensar em uma mudança real na relação do Estado com a população indígena a partir das noções de “redenção”, “progreso”, “regeneração” ou “problema indígena”?⁴⁷⁴ O general buscava construir um mundo novo com o vocabulário daquele outro que havia herdado.

Reiterando ou deslocando os temas daquela linguagem política, a proposta do ex-governador de Yucatán era, a partir dos enganos produzidos pelo carrancismo, a criação de uma instituição federal, com os recursos capazes de formar professores e agentes culturais com a “religião do dever”⁴⁷⁵, assim como cumprir o dever nacional de “*educar al indio*”⁴⁷⁶. Não apenas nas propostas, mas também nas referências religiosas ao papel dos professores, é possível encontrar múltiplos pontos de convergência com a proposta que daria origem à SEP de Vasconcelos em 1921.

Isso não significa dizer que Alvarado foi o único ou o grande precursor direto das ideias que, mais tarde, naquele mesmo ano, Vasconcelos apresentaria ao Congresso e

⁴⁷⁴ O linguista Roland Barthes, afirmou nos anos 1960 que “o poder é o parasita de um organismo transsocial, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem — ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua. [...] A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva: ordo quer dizer, ao mesmo tempo, repartição e cominação. Jákovson mostrou que um idioma se define menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga a dizer”. BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix. 1977. P.11-12. Sua reflexão, apesar de voltada para questões distintas da noção (menos precisa, talvez) de linguagem política, pode servir como base para pensar as questões apresentadas.

⁴⁷⁵ VAUGHAN, Mary Kay. *Obra citada*. p.27 A respeito da necessidade de centralização e da formação dos professores, Alvarado detalhou o que via como obstáculos: “no tenemos maestros ni para las escuelas secundarias ni para las escuelas profesionales. Y si de tal cosa hemos carecido, ¿en dónde han estado los hombres que se sienten capacitados para organizar pedagógicamente los establecimientos respectivos? Lo repetimos; todo lo hemos hecho empíricamente. Jamás nos hemos propuesto importar expertos en los diversos grados de la educación pública o formarlos en el extranjero. Todo lo hemos querido esperar de los libros. La pedagogía teórica ha entrado en México por las aduanas en forma de tomos más o menos bien empastados, que traen las doctrinas más en boga, según las noticias o los intereses de los libreros o traductores. ¿De dónde han venido esos libros? De España, pocos, porque nunca hemos creído que de allá pueda venir nada bueno y casi nos hemos divorciado de nuestros ancestros de ultramar”. ALVARADO, Salvador. *Obra citada*.

⁴⁷⁶ Idem. *Ibidem*.

resultariam na criação da SEP⁴⁷⁷. Contudo, a quantidade de pontos convergentes, tanto no simbolismo que se evoca quanto na linguagem que se articula, indicam uma ideia hegemônica naquela cultura política. O Antigo Regime foi a fonte abundante do ideário que se consolidou com a Revolução, nascedouro dos grandes temas e termos com os quais a nação mexicana foi pensada nas primeiras décadas do século XX.⁴⁷⁸

IV) *La familia mestiza*

O sucesso momentâneo da Secretaria de Educação Pública, assim como dos *ateneístas* e da importância da definição de uma *cultura* nacional⁴⁷⁹, porém, não significaram o abandono da ideia de *raça* na reflexão produzida pelos escritores daquele

⁴⁷⁷ Considerando a análise da linguagem política chama a atenção a presença quase constante da mística católica nas referências de Vasconcelos, de onde, talvez, ele tenha conseguido mobilizar elementos que pareciam novos em sua articulação com o liberalismo mexicano.

⁴⁷⁸ Se o real impacto da obra de Alvarado para intelectuais e figuras políticas da época é discutível, no texto é possível encontrar passagens em que o general se refere diretamente a busca de um diálogo com os responsáveis pelas políticas educacionais do país. É possível, é claro, que a referência seja apenas um elemento discursivo que produz o apelo eleitoral em uma espécie de clamor pela ação das autoridades. Em todo caso, as afinidades das proposições saltam aos olhos e, como disse, permitem pensar nas apropriações que Vasconcelos, Alvarado e outros intelectuais realizaram diante daquele momento de impasses. Segundo o general, em sua obra: “Qué enorme suma de fuerzas perdidas, de ensayos agotantes, de sufrimientos ante el fracaso, representa esa falta de preparación de nuestro factor HOMBRE. Quizás se crea que exageramos. Semejante creencia podrá corresponder a los enamorados del pasado y a todos los retardatarios que se oponen siempre a las transformaciones de la sociedad y de sus institutos. **Pero presumimos que aún abrigarán esta creencia muchos de los que hemos visto figurar recientemente como directores o leaders de la educación pública en México. A éstos más bien nos dirigimos, para estimularlos a que abran los ojos y vean que todo nuestro decantado progreso educacional, anterior a la revolución, durante la revolución y posterior a ella,** se reduce a un desconocimiento completo de las potencias educativas del pueblo mexicano y del encauzamiento que debe darse a la escuela nacional”. (Grifos meus). ALVARADO, Salvador. *Obra citada*. p.122 Além do apelo aos “*leaders*”, o trecho apresenta uma leitura que articula uma percepção mais humanista da educação – o “fator homem” é o centro das preocupações – com uma concepção marcada pelas palavras de ordem da *evolução* e do *progreso*.

⁴⁷⁹ Obviamente que não se tratou de um debate exclusivamente mexicano: diferentes vanguardas latino-americanas e europeias consolidaram a ideia de que um dos projetos da modernidade era o entendimento da nacionalidade, em matrizes que propunham tanto o resgate de uma suposta identidade abandonada no passado, quanto pensavam em uma formulação identitária a ser construída no futuro. Tema recorrente da historiografia, os diferentes modernismos e fascismos das décadas de 1920 e 1930 expuseram de maneira exemplar a importância da identidade nacional – assim como dos intelectuais responsáveis por sua formulação – que definiam nos jogos e projetos políticos que se consolidavam no mundo atlântico do início do século.

grupo ou dos seus discípulos da geração posterior. A reflexão sobre o *mestizo*, a raça latina, indígena e suas características inatas seguiram constituindo parte dos escritos desses autores nas décadas seguintes.⁴⁸⁰ O grande símbolo dessa perspectiva é o ensaio de Vasconcelos, *Raza Cósmica. Misión de la raza ibero-americana* [1925]. O livreto foi escrito após as seguidas derrotas políticas de seu autor – seu desligamento da SEP, sua derrota na campanha ao governo do Estado de Oaxaca – e tornou-se célebre ao articular os verbetes *raça* e *mestiçagem*, centrais da linguagem política do Porfiriato e da Revolução, com uma mística profética e otimista. Segundo ele:

Ninguna raza vuelve; cada una plantea su misión, la cumple y se va. Esta verdad rige lo mismo en los tiempos bíblicos que en los nuestros, todos los historiadores antiguos la han formulado. **Los días de los blancos puros, los vencedores de hoy, están tan contados como lo estuvieron los de sus antecesores.** Al cumplir su destino de mecanizar el mundo, ellos mismos han puesto, sin saberlo, las bases de un período nuevo, el periodo de la fusión y la mezcla de todos los pueblos. El indio no tiene otra puerta hacia el porvenir que la puerta de la cultura moderna, ni otro camino que el camino ya desbrozado de la civilización latina. También el blanco tendrá que deponer su orgullo, y buscará progreso y redención posterior en el alma de sus hermanos de las otras castas, y se confundirá y se perfeccionará en cada una de las variedades superiores de la especie, en cada una de las modalidades que tornan múltiple la revelación y más poderoso el genio.[...]

De aquí que los tropiezos adversos no nos inclinen a claudicar; vagamente diferencias encontramos el camino; si no más imitamos, perdemos; si descubrimos, si creamos, triunfaremos. **La ventaja de nuestra tradición es que posee mayor facilidad de simpatía con los extraños.** Esto implica que nuestra civilización, con todos sus defectos, puede ser la elegida para asimilar y convertir a un nuevo tipo a todos los hombres. En ella se prepara de esta suerte la trama, el múltiple y rico plasma de la Humanidad futura.⁴⁸¹

⁴⁸⁰ Mesmo no caso de Lombardo Toledano que abraçaria o socialismo marxista nos anos 1930.

⁴⁸¹ VASCONCELOS, José. **La Raza Cósmica**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948. Para além do retorno da metafísica na filosofia mexicana, assim como da importância da filosofia alemã do XIX e do *geist* Hegeliano, talvez seja relevante considerar o elogio do cristianismo como elemento cultural redentor das diferentes raças, que passou a compor a obra de Vasconcelos explicitamente apenas a partir dos anos 1930 em sua denúncia do suposto bolchevismo do governo Cárdenas, assim como do “imperialismo ocidental” que o levaria a se posicionar a favor do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Em um prólogo da obra escrito em 1948, Vasconcelos busca resumir e justificar a pertinência de sua obra naquele momento, em meio ao ressentimento com os caminhos do México e do mundo no pós-Guerra. Ainda articulando as ideias de raça e cultura, o escritor afirmou: “En todo caso, la conclusión más optimista que se puede derivar de los hechos observados es que aun los mestizajes más contradictorios pueden resolverse benéficamente siempre que el factor espiritual contribuya a levantarlos. En efecto, la decadencia de los pueblos asiáticos es atribuible a su aislamiento, pero también, y sin duda, en primer término, al hecho de que no han sido cristianizados. Una religión como la cristiana hizo avanzar a los indios americanos, en pocas centurias, desde el canibalismo hasta la relativa civilización.” VASCONCELOS, José. **La Raza Cósmica**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948. p.4

O otimismo messiânico dos escritos de Vasconcelos não é, necessariamente, uma característica de todos os escritores nascidos do *Ateneo*, mas se articula diretamente com o pano de fundo comum das diferentes leituras realizadas por aqueles jovens que, quase duas décadas antes, buscavam questionar o que viram como uma rotina enfadonha do método positivista. Na síntese de seu método o escritor afirmou que “*Sólo un salto del espíritu, nutrido de datos, podrá darnos una visión que nos levante por encima de la microideología del especialista*”⁴⁸². Assim, o ex-secretário de educação, adicionava sua perspectiva a um antigo debate político mexicano: a raça não era um fenômeno a ser entendido em uma fria perspectiva biológica, mas carregava atributos transcendentais, um *espíritu*. Além disso, mais do que o futuro da nação, aqueles *mestizos* dariam origem a “*la quinta era del mundo, la era de la universalidad y el sentimiento cósmico.*”⁴⁸³

Se o tom profético e místico era novo, o debate e a hegemonia de uma visão otimista sobre o futuro do *mestizo* era parte de uma longa tradição. A novidade vasconcelista esteve em executar um *lance* sobre a linguagem política hegemônica ao expandir o entendimento da noção de raça, pois o elogio da mestiçagem – a “*mestizofilia*”, como foi chamada⁴⁸⁴ – foi um elemento central das projeções do futuro mexicano no debate intelectual do Porfiriato.

⁴⁸² VASCONCELOS, José. **Obra citada.**

⁴⁸³ Idem.

⁴⁸⁴ Além dos estudos mencionados, a historiadora Evelyne Sanchez discutiu os limites do que chamou de “*mestizofilia*”, destacando a obra de autores como o *científico* Francisco Bulnes, marcada por uma lógica racista mais pessimista quando comparada com a de seus pares. Segundo Sanchez: “La importancia dada, y con razón, a la mestizofilia y con ella a una cronología que privilegiaba el estudio del Porfiriato y de la Revolución ha orientado las conclusiones acerca de la naturaleza del racismo mexicano y por lo tanto también las ha limitado. La mestizofilia parece referirse a un racismo llamado optimista heredado de Darwin y de Spencer, mientras que las teorías de Gobineau y Le Bon parecen como si no hubieran tenido casi ningún efecto en los intelectuales mexicanos. En consecuencia, pensadores como Francisco Bulnes se presentan como excepciones casi incomprensibles. Además, la evolución del racismo mexicano que hubiera sido primero “optimista” y luego “pesimista” en relación a ciertos grupos como los chinos y luego los judíos parece ser una simple copia del pensamiento racial llegado de Europa, sin una lógica propia interna: México como muchos otros países tomó medidas antisemitas a partir por lo menos de los años 1920. SANCHEZ, Evelyne. Nacionalismo y racismo en el México decimonónico. Nuevos enfoques, nuevos resultados. **Nuevo Mundo Mundos nuevos**, 2007, <http://nuevomundo.revues.org/document3528.html>. <hal-00947405

Fartamente estudada, a concepção do mestiço mexicano como símbolo ou redentor da nação constituía, àquela época, parte de uma reflexão mais ampla sobre identidade nacional que ocorria para além das fronteiras mexicanas. Muito antes de Ernest Renan perguntar-se *O que é uma nação?*, na célebre conferência de 1882⁴⁸⁵, políticos e intelectuais hispano-americanos lidaram forçosamente com a mesma questão a partir dos processos de independência, com a criação de novas legitimidades políticas e a constituição de identidades nacionais. Nesses processos, as fundamentais noções de “nação” e “povo” foram atravessadas pela ideia de *raça*, que mesmo antes de ser entendida nos termos do darwinismo social, já impunha determinadas projeções para o futuro nacional.⁴⁸⁶ Se além disso considerarmos o cenário dos diálogos atlânticos, o palco europeu deste debate, apesar de suas diferenças, também assistiu à reconfiguração das lógicas do Estado Nacional, com a Revolução Francesa, as Guerras Napoleônicas, o crescimento do nacionalismo em movimentos como o *Risorgimento* e o romantismo alemão e, na segunda metade do século, aos processos de unificação da italiano e alemão.

⁴⁸⁵ RENAN, Ernst. **O que é uma nação?** Conferência realizada na Sorbonne. Paris, 11 de março de 1882. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>

⁴⁸⁶ Ver GUERRA, François. A ideia de *raça*, obviamente, ainda não contava com os aspectos que lhe seriam conferidos mais tarde pelo darwinismo social da segunda metade do século. O mesmo vale para a ideia de “povo”, termo que já existia nos séculos XVII e XVIII, mas sem a noção que lhe seria atribuída no século XIX. A respeito destes conceitos na obra de François Xavier Guerra e outros historiadores que se debruçaram sobre os processos de independência na América, Bernardo Ricupero afirmou: “A análise de Guerra sobre a identidade nacional é um dos pontos mais inovadores de sua investigação. Pode-se considerar que, junto com outros historiadores, como o argentino José Carlos Chiramonte, dá um novo alento à interpretação modernista das nações hispano-americanas, indicando o quão recente é a existência dessa entidade na região. Em comum, ressaltam sobretudo a importância da Independência na formação do que vieram a ser as diferentes nações da América hispânica. [...] Guerra nota que ‘povo’, por sua vez, seria um termo especialmente polissêmico. No Antigo Regime se falava em ‘povos’, pueblos, no plural, correspondendo a comunidades, como reinos, províncias, cidades principais, etc. O conceito moderno de ‘povo’, entendido no singular, como o único titular da soberania, seria bastante abstrato. A mudança no vocabulário, em que palavras adquiriam novos significados, seria mesmo um sinal de que a vitória política dos revolucionários teria sido precedida por uma vitória ideológica. No caso da América hispânica, a impossibilidade de se recorrer à legitimidade histórica da monarquia teria feito, como vimos, que a soberania popular equivalhesse à única fonte de legitimidade possível. O historiador franco-espanhol destaca que a questão seria, em grande parte, como definir ‘povo’. A identificação, em tese, do povo com o conjunto dos cidadãos possibilitaria limitar o número dos que o constituiriam”. RICUPERO, Bernardo. O que há de novo na nova história política de François-Xavier Guerra? **Almanack** no.11 Guarulhos Sept./Dec. 2015 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320151114>>. Acesso: 05 jan. 2020.

A discussão que se consolidou no século XX, portanto, já estava bem estabelecida em ambos os lados do Atlântico nas últimas décadas do século anterior. No período em que Benedict Anderson considerou como aquele do surgimento das ideologias nacionalistas da modernidade, as bases para a construção de "comunidades imaginadas" – narrativas capazes de produzir uma identidade comum à coletividade e à nação por meio de um passado e um futuro compartilhado – a intelectualidade mexicana do Porfiriato consolidou uma narrativa da identidade nacional ao redor da figura do *mestizo*. Federico Navarrete denominou essa construção de “*ideologia de la mestizaje*”. De acordo com o historiador, no caso mexicano, “*el Estado impuso a la identidad nacional mestiza como la única válida por sobre y en contra de las muy variadas identidades particulares que existían en el país*”⁴⁸⁷ em um processo que teve início no Antigo Regime, mas seria reforçado com a Revolução.⁴⁸⁸

O ambiente letrado do Porfiriato, além de contar com um longo histórico de debates sobre as diferentes raças que compunham aquela nação – tal como no restante da América – produziu suas próprias leituras de escritores como Renan⁴⁸⁹ e dos racistas

⁴⁸⁷ NAVARRETE, F. **Las relaciones interétnicas en México**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004. p.93

⁴⁸⁸ Nesse sentido, discordo da leitura realizada pelo historiador Antônio Carlos Amador Gil que baseou sua análise da mestiçagem em uma chave positiva com o pressuposto de que “no início do século XX, imperava uma série de doutrinas raciais e deterministas que consideravam as ‘raças’ misturadas como inferiores a seus componentes originais. Cabe destacar que, ao contrário dos teóricos raciais e deterministas que consideravam as misturas como processos degenerativos, a identidade nacional valorizada após a Revolução mexicana defendia a positividade da mescla, visto que a mistura geraria algo muito melhor do que os indígenas, que demograficamente eram um elemento que não poderia ser negligenciado”. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 18, n. 34, p. 339-359, dez. 2011

⁴⁸⁹ A obra de Renan foi pensada, usualmente, em um diálogo vago com a filosofia de Comte, a despeito de suas concepções de ciência, progresso, rejeição da metafísica e “religião da ciência”. Annie Petit abordou as aproximações e distanciamentos entre os autores em um artigo chamado *Le prétendu positivisme d'Ernest Renan*. Segundo a autora, em um levantamento da bibliografia: « Pour D.G. Charlton comme d'ailleurs pour bien d'autres avant lui et pour beaucoup plus d'autres encore après lui, Renan est à rattacher, en général grossomodo, à la « pensée positiviste ». D.G. Charlton montre bien cependant la complexité des rapports, et il le fait essentiellement en analysant, d'une part, d'importants aspects de la théorie de la connaissance de Renan – rejet de la métaphysique et du « surnaturel », conceptions de la « science » et de la « philosophie », de la philologie et de ses méthodes – et d'autre part, un ensemble d'attitudes et de conceptions relevant de ce que Renan appelle sa « religion de la science ». Ces analyses, intéressantes dans leurs nuances, laissent cependant la notion de « pensée positiviste » trop floue, d'autant que les propos de Renan lui donne des contours encore plus indécis. PETIT, Annie. *Le prétendu positivisme d'Ernest Renan. Dans Revue d'Histoire des Sciences Humaines* 2003/1. N°8. p.73-101

Joseph Arthur de Gobineau e Gustave Le Bon, autores de reflexões incontornáveis para a intelectualidade da virada do século. Em que pese a noção recorrente de um predomínio do darwinismo social nos escritos da intelectualidade porfirista, ideia reafirmada nos escritos dos “*ateneístas revolucionários*”⁴⁹⁰, o que se consolidou nas últimas décadas do Porfiriato foi uma leitura geralmente crítica da concepção de eugenia e uma valorização do *mestizo* como o verdadeiro símbolo da nacionalidade mexicana.

Justo Sierra, em *Apuntes para un libro* [1885] mencionou as teses de Le Bon a respeito do *mestizo* para questioná-las contundentemente logo em seguida. Segundo o autor francês, a mestiçagem era um fator de degeneração social e que, no caso hispano-americano, teria dado origem a “*poblaciones bastardas, sin energía, sin porvenir, y completamente incapaces de contribuir con el más débil contingente al progreso de la civilización*”⁴⁹¹. Em uma resposta que sintetizou a relação entre nacionalismo, mestiçagem, defesa da ordem do Porfiriato e o diálogo com o cenário europeu, Sierra escreveu:

Si se estudiase nuestra historia, se vería que su explicación no consiste sólo en el carácter de las mayorías mestizas, sino en nuestra educación colonial. Si se estudiase nuestra historia se vería que la Independencia y la Reforma no son más que actos de inmensa energía de la “raza bastarda” de México. El hombre más enérgico que haya aparecido en nuestros breves y trágicos anales, es José María Morelos, el gran mestizo.

La familia mestiza, llamada a absorber en su seno a los elementos que la engendraron, a pesar de errores y vicios que su juventud y su falta de educación explican de sobra, ha constituido el factor dinámico en nuestra historia; ella, revolucionando unas veces y organizando otras, ha movido o comenzado a mover las riquezas estancadas en nuestro suelo; ha quebrantado el poder de castas privilegiadas, como el clero, que se obstinaba en impedir la constitución de nuestra nacionalidad sobre la base de las ideas nuevas, hoy comunes a la sociedad civilizada; ha cambiado en parte, por medio de la desamortización, el ser económico de nuestro país. Ella ha opuesto una barrera a las intenciones de aclimatar en México gobiernos monárquicos: ella ha facilitado por medio de la paz el advenimiento del capital extranjero y las colosales mejoras del orden material que en estos últimos tiempos se han

⁴⁹⁰ Vasconcelos, no amargurado prólogo de 1948, dizia sobre a antiga intelectualidade: “Y se da el caso de que aún darwinistas distinguidos viejos sostenedores del espencerianismo, que desdeñaban a las razas de color y a las mestizas, militan hoy en asociaciones internacionales que, como la Unesco, proclaman la necesidad de abolir toda discriminación racial y de educar a todos los hombres en la igualdad”. VASCONCELOS, José. **Obra citada.**

⁴⁹¹ SIERRA, Justo. **Apuntes...**

realizado; ella, propagando las escuelas y la enseñanza obligatoria, fecunda los gérmenes de nuestro progreso intelectual; ella ha fundado en la ley, y a vuelta de una generación habrá fundado en los hechos, la libertad política. Por ella, la nacionalidad mexicana *fara da se*, como dijo de su patria recién nacida a la unificación, el gran estadista italiano.⁴⁹²

A imensa energia de Morelos, em um primeiro momento, e a paz e o progresso trazidos pelo governo de Don Porfirio, em um segundo, eram os exemplos vivos da promissora história *mestiza* mexicana. Na obra de Sierra, tal como poderíamos dizer do ensaio de Vasconcelos décadas depois, o *mestizo* faz parte de uma perspectiva de *progreso* da história. Mais do que verdadeiro exemplo da nacionalidade, este grupo era superior em energia e ação aos *criollos* que “*han constituido una clase pasiva*”. Os *mestizos* eram a chave para o futuro enquanto os *criollos*, associados à Igreja e ao Partido Conservador, representavam o passado. A mestiçagem era parte de uma marcha histórica irrefreável cujos primeiros episódios ainda se desenrolavam: a experiência *mestiza/mexicana* ainda era jovem; tanto para Don Justo quanto para Vasconcelos, a verdadeira história do povo *mestizo* estava inscrita mais no futuro do que na memória da nação.⁴⁹³

Por fim, se para Le Bon a raça inferior da mistura “bastarda” hispano-americana estava no sangue indígena, para Sierra “*El problema social para la raza indígena es un*

⁴⁹² No trecho anterior Justo Sierra se remete diretamente a Le Bon: “Gustavo Le Bon, autor de libros, uno bastante hiperbólico”. O *científico* segue demonstrando, a partir de uma defesa do Porfiriato, como o México e seu desenvolvimento nas últimas décadas negavam o argumento do autor francês. “¿puede alguno que no nos haya estudiado [...] negar que esta República nuestra haya andado con pasos de gigante, en relación con su edad y los obstáculos acumulados en su camino, la senda del progreso material e intelectual? Hace veinte años había 8.600 escuelas primarias; hoy pueden calcularse 13.000, en datos bajos. Hace veinte años había 280 kilómetros de ferrocarriles, y hoy 8.000 kilómetros, y más de 31.000 de telégrafos. Doce años de paz han sido la causa determinante de este estado social. Ciertamente, no hemos logrado aclimatar aquí la libertad política por completo, aunque gozamos de gran libertad social, por el contrario de los norteamericanos: pero ¿lo habían logrado hasta hace veinte años los franceses? ¿La conciliación de la libertad y el orden, no es el gran problema político de nuestro tiempo? ¿no es el problema por excelencia del mundo latino, enamorado de igualdad y oscilando, en sus periódicas crisis, entre la dictadura y la anarquía?” . p.299

⁴⁹³ Além disso, em ambos encontramos a repetição da noção, hegemônica à época, de que o sangue latino tenderia a anarquia e, mais tarde, ao “cesarismo”. Em Sierra essa característica serviu para justificar a necessidade de uma ordem racional e inquebrantável enquanto em Vasconcelos legitimou a defesa de um governo constituído por intelectuais de classe média capazes de expressar o espírito nacional.

problema de nutrición y educación”⁴⁹⁴. Os vícios dos outrora grandiosos povos nativos teriam se originado nos séculos de exploração e de um processo de colonização capitaneado moralmente pela Igreja. A educação, solução para a situação em termos semelhantes para o secretário de Don Porfírio e para o do gal. Obregón, expunha um projeto de país semelhante e uma noção de raça atravessada por possibilidades de transformação pela cultura e pela escola.

A concepção *mestizófila* foi o cerne do ideário que o *científico* Sierra mobilizou oficial e apoteoticamente nas comemorações do centenário da independência promovidas pelo Porfiriato em 1910, como demonstrou a tese de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes⁴⁹⁵. O evento, como é consenso na historiografia da Revolução Mexicana, é considerado uma das motivações para as mobilizações que se deram a partir do final daquele ano. Os debates suscitados ao redor do evento promovido por Don Porfírio, que celebrava uma ideia de passado mas também projetava um futuro para o país, forneceram elementos sobre os quais se assentou o ideário revolucionário em seus inícios.

Como dito inicialmente, o caminho para pensarmos as permanências está mais *entre* Sierra e Vasconcelos do que no salto de um a outro. A cultura política mexicana que se reconfigurava contou com mais alguns autores essenciais que trabalharam sobre a linguagem política do nacional e articularam os verbetes *raça* e *mestiçagem*. Antes de o responsável pela SEP consolidar seu projeto, André Molina Enríquez e Manuel Gamio produziram leituras fundamentais no cenário entre o Porfiriato e a Revolução.

Autor dos escritos que em 1909 comporiam o livro *Los grandes problemas nacionales*, o positivista e revolucionário Molina Enríquez, é, como vimos, o intelectual normalmente invocado como antecedente dos debates em torno da questão agrária que levariam ao artigo 27 da Constituição de 1917. Antes do clássico, porém, o escritor se

⁴⁹⁴ SIERRA, Justo. **Apuntes para un libro**

⁴⁹⁵ FERNANDES, Luiz Oliveira. **Obra citada.**

destacou ao vencer o concurso organizado pelo governo para os festejos do centenário de Benito Juárez em 1905, com o lançamento da obra *Juárez y la Reforma*. O bem-sucedido livreto foi, em partes, uma resposta à obra do *científico* Francisco Bulnes (*El verdadero Juárez*)⁴⁹⁶ que, segundo Molina Enríquez, em alguns trechos, foi “*escrito para empequeñecer a Juárez*”⁴⁹⁷. Em argumentos que mais tarde seriam retomados em *Los grandes problemas nacionales*, o autor produziu uma breve história do país na qual os *mestizos* corresponderam à energia motora responsável por combater as forças conservadoras do clero e dos “*criollos blancos*” e, assim, permitiram a consolidação da pátria.

A concretização do poder dos *mestizos*, segundo ele, teria se dado com a derrubada do ditador Santa Anna com o liberal Plano de Ayutla (1854), que, para o autor, é o divisor de águas da história do país. De acordo com Molina Enríquez, nesse momento temos “*la elaboración del elemento mestizo sobre todos los demás elementos étnicos del país*”, grupo que ele define a seguir como “*El elemento mestizo, o sea el partido liberal, al que tenemos el honor de pertenecer*”.⁴⁹⁸ Aqui, como com Sierra, o *mestizo* foi identificado

⁴⁹⁶ A obra também foi objeto de ataques nas páginas dos jornais “jacobinos” como *Regeneración* e *El Hijo del ahuiote* por semanas após seu lançamento.

⁴⁹⁷ MOLINA ENRÍQUEZ, **Obra citada**, p.102

⁴⁹⁸ MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. Juárez. p.95 Evelyne Sanchez considerou que a historiografia do século XIX, ao ressaltar a mestizofilia, e as respostas dos intelectuais mexicanos ao pensamento racista de Gobineau e Le Bon, perdeu as nuances do impacto das lógicas racistas pessimistas diante do indígena e sobretudo do *mestizo*. Em favor do argumento da autora, a tipologia racial criada por Molina Enríquez para este grupo, apesar das nuances, não era exatamente elogiosa. Se é verdade que mais tarde na obra ele opera uma identificação entre *mestizos*, liberais e pátria, em um trecho inicial de *Los grandes problemas nacionales* o autor afirmou: “En particular, el tipo de *mestizo* era y es tipo de raza inferior: le ha faltado el pulimento del bienestar largo tiempo sostenido; pero es inconfundible también. El *mestizo* es plebeyo: se apellida Pérez, Hernández, Flores, etc. De color moreno, que en las mujeres se dice color apiñonado, es más moreno que el europeo meridional, aunque menos que el indígena puro, y en las costas es pinto; su cabello es en lo general negro y rebelde, su barba negra y escasa, su cuerpo tosco y robusto, su continente serio y grave, y su conjunto a la vez, fuerte y dulce. El *mestizo*, que siempre ha sido pobre, es vulgar, rudo, desconfiado, inquieto e impetuoso; pero terco, fiel, generoso y sufrido. Nada puede identificarlo mejor que la palabra con que fue bautizado por la ‘gente decente’, ‘chinaco’, derivación de chinacatl, o sea para no traducir literariamente esta última palabra, desarrapado. En sus gustos muestra inclinación a los placeres sensuales; cuando gasta no es elegante como los *criollos* señores, ni lujoso como los *criollos* que más adelante llamaremos *criollos* nuevos, sino simplemente derrochador.” SANCHEZ, Evelyne. Nacionalismo y racismo en el México decimonónico. Obra citada. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document3528.html>.

com a nação e com a energia revolucionária que combateu o conservadorismo do passado colonial. O autor de *Los grandes problemas nacionales*, entretanto, foi mais longe em sua associação e transformou os *mestizos* em sinônimos do Partido Liberal. Se em muitas oportunidades vimos projetos que associaram um partido oficial como expressão de governo, Estado e Nação, Molina Enríquez explicita que o fio condutor da legitimidade daquele partido liberal estava na raça *mestiza*.

A afinidade com o pensamento de Don Justo não foi acidental. Em *Juárez y la Reforma*, Molina Enríquez afirmou:

Como las cualidades anteriores se encontraban en mayor o menor grado por **múltiples razones de origen de sangre y de identidad de educación**, en todos los mestizos, el grupo social de éstos, se veía representado por Juárez y Juárez se sentía representado por todos y cada uno de los mestizos. Esa doble representación llegaba hasta el punto de que Juárez se confundía con los mestizos y los mestizos se confundían con Juárez. El partido liberal era lo mismo que Juárez: Juárez era lo mismo que el partido liberal. Y si Juárez representaba de un modo completo a los mestizos, como grupo social, representaba todavía mejor, las aspiraciones, los ideales, los sueños de ese grupo. Quería como él, hacerse dueño del territorio de la República, fundar en la raza que tenía por suya, la nacionalidad que entrevió Morelos, hacer florecer la civilización propia a que aspiró Ocampo: fundar, real y verdaderamente, la patria con que los mestizos que se creían dueños de América, **como dice Sierra (Historia general, manual escolar)**: “venían soñando desde la dominación española; fundar en suma, la patria mexicana, libre, independiente y respetable. Por eso Juárez es tan grande ante la historia. Por eso para nosotros los mestizos, es casi un dios”.⁴⁹⁹

A citação do manual escolar do *científico*, material utilizado nos planos de educação preparatória daquele momento, é uma evidência mais concreta não apenas do impacto da interpretação de Sierra na análise de Molina Enríquez, mas, também, um lembrete da presença do autor nas fileiras da Escola Nacional Preparatória. A leitura obrigatória de Don Justo é um traço marcante para toda uma geração de intelectuais que, mais tarde, defenderia os limites de uma transformação ordenada da realidade política

⁴⁹⁹ MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. *Juarez...* p.103

assim como a busca pela revelação do “verdadeiro” elemento nacional, representado em uma identidade *mestiza*.⁵⁰⁰

Como Sierra, ou os *ateneístas* depois dele, o autor de *Juárez y la Reforma*, cruza a noção de raça, “*origen de sangre*” com “*identidad de educación*”. Por isso, para ele, o zapoteco Juárez pode se entender *mestizo* mesmo sendo indígena: a identidade *mestiza* está assentada em múltiplas origens e todas elas confluem para o progresso representado pelo partido liberal.⁵⁰¹ O livro de Francisco Bulnes, o *científico* que mais corroborou com as leituras de Gobineau e Le Bon, afirmava que: “*El temperamento de Juárez fue el propio*

⁵⁰⁰ Um leitor pode questionar sobre o papel central ocupado pela obra de Sierra para os desdobramentos e permanências de um processo tão amplo no argumento da tese. O prof. Dr. José Alves de Freitas Neto lançou-me anos atrás a questão “*e se não houvesse Sierra?*” também projetando a resposta “você pode dizer, ‘mas houve’”. Tenho clareza de que ao tomar o recorte que enfatizou a obra de Don Justo estou também silenciando outros diálogos com importantes intelectuais do Porfiriato, como Riva Palacios, Porfirio Parra, Francisco Bulnes e Emilio Rabasa. Este último, inclusive, o mais heterodoxo dos liberais-positivistas do porfiriismo, foi escolhido por Charles A. Hale como fio condutor para pensar a sobrevivência da ideologia do Antigo Regime nos anos revolucionários. Para os objetivos dessa tese, a tentativa de reconstruir as redes e diálogos dos *científicos* e seus antecedentes significaria voltar ainda mais no século XIX e, aos poucos, esse fio que reconstrói os elementos da cultura política precisaria ser seguido para cada geração no passado. A decisão por Sierra, é claro, tampouco é completamente arbitrária. Em um estudo que afirma partir de fontes relativas a um debate político sobretudo na capital mexicana, o Secretário de Instrucción Pública de Porfiriato, criador da Universidade Nacional e principal referência mexicana da maioria dos intelectuais parece-me ser o melhor exemplar – uma espécie de vórtice – da linguagem política hegemônica na passagem entre o Antigo Regime e a Revolução.

⁵⁰¹ Considerando o fato de que a obra foi escrita para um concurso oficial, é possível questionar o peso desse cenário para entender as cores com as quais o autor pintou o partido liberal. No entanto, poucos anos depois, argumentos muito semelhantes seriam elaborados por Molina Enríquez em *Los grandes problemas nacionales*, obra publicada originalmente no periódico *El tiempo* sem qualquer influência direta de normas governamentais. Na obra de 1909 o escritor afirmava que: “Todos los grupos mestizos tenían un mismo ideal: desprenderse de los demás elementos de raza y sobreponerse a ellos. En conjunto, los mestizos, como todos los productos híbridos, reflejaban los defectos y vicios de las razas primitivas, por lo que eran repugnados por ellas, y ellos a su vez, y por la misma razón, sentían aversión por las características dominantes de las razas primitivas. Tenía que ser así: los criollos a la sazón representantes de la sangre española, veían en los mestizos los vicios y defectos de la raza indígena; los indígenas, los vicios y defectos de la raza española. Ellos, es decir, los mestizos, por su parte, repugnaban de los criollos, el catolicismo español que en ellos no se había formado como en los españoles, al calor de la reconquista y de la revolución religiosa, su sentimiento de autoridad y sus tradiciones aristocráticas, y de los indígenas su abyección de raza servil y su catolicismo semiidolátrico. Y como para los mismos mestizos, la religión, la autoridad y las tradiciones de los criollos, y el servilismo, y la semiidolatría de los indígenas, eran formas de opresión opuestas a la expansión de su propia raza, dieron a su deseo de libertarse de ellas, la forma de un deseo de libertad que los llevó después a llamarse liberales. La resultante, pues, del carácter de esos liberales, era una mezcla de furor antirreligioso, igualitario, vengador e iconoclasta, incesante y progresivamente alentado por todos los apetitos no satisfechos durante siglos, desde el hambre de pan hasta la sed de instrucción, y formidablemente sostenido por la energía indígena de su sangre, energía detenida por la conquista española en pleno desarrollo y acumulada en estado latente durante la época colonial.” MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. **Los grandes problemas nacionales**. Por passagens como essa, parece mais provável assumir que este era o ideário sincero do autor, em um diálogo, que como estamos vendo, foi fundamental a época e permite entender por que sua obra foi considerada precursora da Revolução.

del indio, caracterizado por su calma de obelisco, por esa reserva que la esclavitud fomenta hasta el estado comatoso, en las razas fríamente resignadas".⁵⁰² A solução de Molina Enríquez foi, em partes, negar o *status* indígena do líder da Guerra da Reforma: Juárez era um indígena *mestizado* e, portanto, capaz de representar as verdadeiras aspirações nacionais/liberais. A partir de uma identidade liberal comum, *mestizos* teriam ideais e sonhos coletivos, traduzidos e concretizados com Juárez, realizando as promessas de Morelos, entendido como o pai da pátria, "*el grán mestizo*" de Sierra.

Para Molina Enríquez, assim como para Sierra antes dele e Vasconcelos depois, a pátria *mestiza* era mais um projeto do que uma realidade. O quinto capítulo de *Los grandes problemas nacionales*, que se dedicava ao estudo do "*problema político*" da nação, identifica como nó central da vida política mexicana a sua falta de unidade. Após constatar que "*se puede afirmar, que en nuestro país la unidad de ideal no existe*"⁵⁰³, o autor apontou os elementos da heterogeneidade social, cultural e material do país, consideradas o principal entrave para o progresso político mexicano. Assim, a ausência de unidade mexicana constata-se em todos os eixos que estruturam as nações, de acordo com a resposta de Renan e o debate oitocentista, pois faltava ao México "*la unidad de origen, la unidad de religión, la unidad de tipo, la unidad de costumbres, la unidad de lengua, la unidad de desarrollo evolutivo, [...] la unidad de deseos, de propósitos a aspiraciones que determinan en conjunto la unidad del ideal*".⁵⁰⁴

A harmonia social, fim de toda proposta de reforma daquele positivista, só poderia ser conquistada com um sistema político em que os *mestizos* compusessem a força dominante.⁵⁰⁵ No sistema ideal pensado pelo "precursor intelectual da Revolução", a

⁵⁰² BULNES, Francisco. **Juárez y su tiempo** apud MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. **Los grandes problemas nacionales**. p.102

⁵⁰³ MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. **Los grandes problemas nacionales**. p.161

⁵⁰⁴ Idem. Ibidem.

⁵⁰⁵ Idem. p.166

solução para o os conflitos de origem étnica, passava tanto pela exigência de um poder centralizado que, naquele momento, levava a nação a “*aceptar y a exigir como única forma estable de gobierno, la forma dictatorial*”, quanto pela necessidade de governantes “*con educación de carácter*”.⁵⁰⁶

Se todos os elementos mencionados até aqui podem ser encontrados na obra de Sierra – que, curiosamente, possui menos referências diretas ao darwinismo social⁵⁰⁷ – o clássico de Molina Enríquez, difere do *científico* especialmente no caráter de urgência e de convocação política de seus escritos. Seja abordando a questão agrária, seja refletindo sobre o tema da unidade étnica nacional, o autor convoca o leitor a participar das soluções que propõe. Talvez seja possível considerar esse elemento, a reiteração da necessidade da ação, como um dos deslocamentos produzidos pela obra dos intelectuais associados à Revolução, como Molina Enríquez. Se o ideário da *mestizagem* e a linguagem política articulada são praticamente idênticos, eles passam a ser articulado em nome de um sentido de urgência para a definição dos rumos da nação. Enquanto nos escritos dos *científicos* a história parece já definida pelo lento caminho da paz, da ordem e do progresso, há nos autores “revolucionários” um sentido de crise e de um futuro incerto. A conclusão de “*O problema político*” é exemplar:

Tiempo es ya de que salgamos de las oscilaciones de la vacilación, y de que busquemos nuestro camino de Damasco, procurando multiplicar nuestro número, a crecer nuestro bienestar, adquirir conciencia de nuestro ser colectivo, definir nuestro espíritu social, y formular nuestros propósitos de conducta con precisión, formando la noción de patria que nos sirva en el interior para logra la coordinación integral de todos nuestros esfuerzos, y en lo exterior para mantener la seguridad plena de la existencia común. Tiempo es ya de que formemos una nación propiamente dicha, la nación mexicana, y de que hagamos a esa nación, soberana absoluta de sus destinos, y dueña y señora de su porvenir.⁵⁰⁸

⁵⁰⁶ Idem. Ibidem.

⁵⁰⁷ Ao abordar eventuais conflitos com os EUA e a importância da unidade nacional para a sobrevivência do México como país, Molina Enríquez afirmou “*De raza a raza, triunfará la más selecta por su selección individual, o la de más fuerza de ideal patrio: desde ambos puntos de vista, será la nuestra superior.*” P.164.

⁵⁰⁸ MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. **Los grandes problemas nacionales**. p.166

O tempo chegou: além da aceleração do tempo há aqui um sentido de acerto de contas com o passado. Apesar de conter os elementos necessários, o “verdadeiro” México ainda não se realizou. Além disso, sua construção é planejada em termos ambivalentes: a criação da nação ocorrerá como obra política, mas também como “revelação” do ser social. Assim, ao mesmo tempo em que a convocação dá o tom do artifício político – “*hagamos a esa nación*” – apresenta-se a busca pela essência nacional, pela “*consciencia de nuestro ser colectivo*” em uma referência à revelação divina que transformaria Saulo no apóstolo Paulo. Essa ambivalência, a nação como essência revelada e como construção política, como “*espírito*” e como projeto, parece ter sido um dos elementos que se consolidaria na linguagem política do Estado Revolucionário, presente na obra de autores fundamentais como o antropólogo Manuel Gamio e o *ateneísta* Vasconcelos.

Além do sucesso de sua obra, a biografia de Molina Enríquez, como vimos, ajuda a pensar nas interlocuções e no impacto de seu texto. A vitória no concurso do centenário de Juárez rendeu a Molina Enríquez a oportunidade de ingressar no *Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografía* em 1907, onde outro ex-aluno da Escola Nacional Preparatoria, o jovem Manuel Gâmio, fazia aulas de arqueologia. Como afirmou Guillermo Castillo Ramírez, o contato entre ambos, apesar de não documentado, é provável não apenas pelas proporções diminutas da instituição, mas pelo impacto da obra de Molina Enríquez na segunda metade da primeira década do século.⁵⁰⁹ Além disso, ambos tinham uma relação de proximidade com Pastor Rouaix, colega de escola de Gamio e posteriormente importante congressista carrancista de 1916, co-autor, juntamente com Molina Enríquez, do artigo 27 da Constituição de 1917.⁵¹⁰

⁵⁰⁹ RAMÍREZ, Guillermo Castillo. Integración, mestizaje y nacionalismo en el México revolucionario. Forjando Patria de Manuel Gamio: la diversidad subordinada al afán de unidad. **Revista mexicana de ciencias políticas y sociales**. vol.59 no.221 México may./ago. 2014

⁵¹⁰ Idem. Ibidem.

Antes da Revolução, em uma história similar à de alguns dos jovens *ateneístas* e muito antes de se tornar “o pai da antropologia mexicana”, Gamio teve uma vaga negada para seguir com seus trabalhos no Museu Nacional em 1909, em detrimento dos interesses de pesquisadores apadrinhados por *científicos*.⁵¹¹ Assim, nos anos seguintes, como aluno do antropólogo Franz Boas, o pesquisador seguiu seus estudos em Nova York realizando seu mestrado na Universidade de Columbia durante os primeiros eventos da Revolução entre 1910 e 1911. Ao voltar ao México, seguiu seu trabalho de pesquisa, agora como membro da recém-criada *Escuela Internacional de Arqueología y Etnología Americana*. A instituição contava com o apoio de diferentes países e universidades, o que permitiu o intercâmbio de pesquisadores de diferentes matizes teóricas, como Boas, e renovou as possibilidades de diálogo para a academia mexicana.⁵¹²

A *Escuela Internacional*, no entanto, não sobreviveu aos anos da luta armada mexicana e encerrou suas atividades em 1915. Foi diante do cenário da guerra civil e de um país que se encontrava em reconstrução que Gamio articulou os diferentes elementos teóricos de sua formação para escrever um célebre livro em tom de manifesto: *Forjando Patria – Pro-nacionalismo* (1916). Adotando um elemento que mais tarde seria compartilhado nos escritos de Vasconcelos, o prólogo da obra é dedicado a um apelo popular, crítico de uma elite intelectual que foi incapaz de enxergar verdadeiramente seu povo. Sua obra, segundo o autor, não estava presa aos academicismos científicos, pois não foi feita para “*las castas intelectuales*”, suas páginas estão “*hechas de la carne y del alma del pueblo*”.⁵¹³

⁵¹¹ As informações biográficas a seguir pertencem ao prefácio escrito por Fernando Armstrong-Fumero na tradução da obra de Gamio para o inglês. **Forjando patria : pro-nacionalismo**; translated and with an introduction by Fernando Armstrong-Fumero. Boulder: University Press of Colorado. 2010.

⁵¹² Armstrong-Fumero destaca a Escuela Internacional como um elemento que potencializou a crítica ao positivismo dominante e influenciou a intelectualidade revolucionária: “In a time when Mexican philosophers and artists were seeking alternatives to the hegemonic positivism of the Porfiriato, the instructors at this institution offered novel theoretical currents that would influence some of the most important post-revolutionary scholars”. **Obra citada**. p.21.

⁵¹³ GAMIO, Manuel. **Forjando Patria – Pro-nacionalismo**. México: Porrúa. 1916. p.vii-viii.

Apesar da extensão da obra (são mais de 300 páginas), seu caráter de manifesto se expressa o tempo todo, reiterando o chamado presente no título. Seu diagnóstico inicial é de que o problema histórico mexicano está relacionado às falhas tentativas de copiar o fracassado modelo de origem latina europeu e ignorar as raças indígenas, material com o qual se construiria a nação mexicana. É nesse sentido que a metáfora da forja da pátria ganha cores vívidas, segundo ele era missão de todos os revolucionários “*empuñar el mazo y ceñir el mandil del forjador para hacer que surja del yunque [bigorna] milagroso la nueva patria hecha de hierro y de bronce confundidos. Ahí está el hierro. . . . Ahí está el bronce ¡Batid hermanos!*”.⁵¹⁴

A obra afirma a igualdade de potencial entre indígenas e brancos europeus, em uma defesa dos grupos nativos contra diferentes preconceitos. Atribui-se em partes essa característica ao diálogo com o relativismo cultural enfatizado pela obra de Boas. O orientador de Gamio denunciava as lógicas do preconceito presente nas associações mecânicas de raça, língua e cultura que as ciências humanas e as lideranças políticas realizavam até ali. Diferentemente da ideia presente na obra de alguns *científicos* que, como Bulnes, viam nos indígenas a aversão à mudança, Gamio era um entusiasta defensor da possibilidade de transformação da condição das *razas* nativas. Nesse sentido, a obra do antropólogo foi vista por muitos historiadores como um questionamento da abordagem positivista/evolucionista realizada pela antiga intelectualidade porfirista e, assim, constituiu o início de uma nova abordagem ou ideologia a respeito da classificação de indígenas e *mestizos* no México.

Não se trata aqui de negar os diálogos do antropólogo com o relativismo cultural de seu orientador nem as características inovadoras de sua obra que, questionando a homogeneização da categoria *indígena*, serviu de base para importantes políticas públicas

⁵¹⁴ GAMIO, Manuel. **Obra citada.** p.12

indigenistas nos anos seguintes. Entretanto, a quantidade de convergências entre *Forjando pátria* e o debate que se desenvolvia nos escritos de Sierra e Molina Enriquez parecem indicar também o peso fundamental das permanências do debate dos positivistas na obra de Gamio.

A despeito da posição de Bulnes e da influência de Boas, a crença de que os indígenas poderiam ser transformados por "*condiciones externas*", em um entendimento de raça atravessado por fatores culturais, não era uma novidade no debate intelectual mexicano das décadas anteriores.⁵¹⁵ Recorrendo às origens da história nacional, Gamio repetia a linha do tempo que estruturava o gênero das obras histórico-políticas entre o Porfiriato e a Revolução. Sierra, Molina Enríquez, Gamio e Vasconcelos começam suas narrativas abordando grupos indígenas anteriores à hegemonia asteca, para então passar à grandeza do império de Montezuma e Cuauhtemoc e, enfim, chegar à Conquista que impôs um estado de submissão prolongado, fator que explicaria a suposta passividade indígena, senso comum naquela cultura política.⁵¹⁶ Após perguntar-se, como Renan, quais os elementos necessários para uma nação, em respostas semelhantes àsquelas apresentadas pelo francês, o antropólogo mexicano encontrará no *mestizo*, mais uma vez, a força para a unidade e para a construção do futuro da nação.

No primeiro capítulo da obra, o Gamio descreve uma situação em um restaurante na distante Yucatán, em que um diálogo com a garçonete local – que considerava cervejas da Cidade do México “importadas” – lhe dá as bases para entender o isolamento das

⁵¹⁵ JAIME, Irving Reynoso. Manuel Gamio y las bases de la política indigenista en México **Andamios** vol.10 no.22 México may./ago. 2013

⁵¹⁶ Na obra de Gamio, os problemas e as soluções para a situação do indígena repetem as noções herdadas do debate hegemônico do século XIX. A redenção do indígena passa pela alimentação, pela educação e pelo combate ao fanatismo: “Si el peso abrumador de los antecedentes históricos desaparece, que desaparecerá cuando el indio no recuerde ya los tres siglos de vejaciones coloniales y los cien años de vejaciones «independentistas» que gravitan sobre él; si deja de considerarse, como hoy lo hace, zoológicamente inferior al blanco; si mejoran su alimentación, su indumentaria, su educación y sus esparcimientos, el indio abrazará la cultura contemporánea al igual que el individuo de cualquier otra”. GAMIO, Manuel. **Obra citada.**

diferentes nações existentes no fragmentado México do Porfiriato. O antropólogo relata sua surpresa ao descobrir-se estrangeiro em seu próprio país e, diante da força da resposta e do patriotismo local, conclui:

En lo que es territorio yucateco, **la raza indígena conquistada y la española invasora, han llegado a mezclarse más armónica y profusamente que en ninguna otra región de la República.** Se nos dirá que también existen indios e individuos de sangre original europea; sin embargo, una mayoría social que autoriza la generalización, es de raza mezclada y tan esto es así, que aun cuando un yucateco no exprese el lugar de su procedencia, con sólo contemplarlo y oír su voz se deduce ésta. [...]. **Pues bien, esta homogeneidad racial, esta unificación del tipo físico, esta avanzada y feliz fusión de razas, constituye la primera y más sólida base de nacionalismo.**⁵¹⁷

A ideia de uma fusão racial harmônica em um processo que levaria à homogeneidade e, portanto, serviria de base para o nacionalismo é a força motriz dos argumentos do livro de Gamio. Como vimos, porém, a mesma noção ocupava um lugar central na obra do positivista Molina Enríquez, seu ex-colega de Museu Nacional. Para a realização do projeto de ambos, assim como planejava Sierra, a *regeneração* do indígena só poderia se dar a partir de um estado centralizado com um projeto educacional que partisse de uma intelectualidade *mestiza*. Em uníssono com Molina Enríquez e Sierra, o antropólogo afirmava que este grupo social era

*la enemiga tradicional de la clase de sangre pura o extranjera, la autora y directora de los motines y revoluciones, la que mejor ha comprendido los lamentos muy justos de la clase indígena y aprovechado sus poderosas energías latentes, las cuales uso siempre como palanca para contener las opresiones del Poder.*⁵¹⁸

Ao pensar uma intelectualidade *mestiza*, os autores dialogam diretamente com o discurso do nacionalismo. Se o *mestizo* era o símbolo da identidade nacional, o intelectual *mestizo* era o único capaz de representar os anseios da pátria. Por isso o antropólogo pode

⁵¹⁷ GAMIO, Manuel. **Obra citada.**

⁵¹⁸ Idem. p.172-173

se dar o direito de iniciar o seu livro com a advertência que nos informa que suas páginas foram feitas do sangue e da “*alma del pueblo*” e reforça, assim, sua convocação para o papel nacionalista a ser assumido por essa “classe média” letrada.⁵¹⁹ Vale ainda destacar no trecho anterior a construção da reveladora experiência com o “verdadeiro povo”, que, acredito, carrega um não-dito importante daquele debate intelectual: em uma relação dialética, os *científicos* são considerados como uma elite apartada do país e de sua população, autores de teorias vazias e fórmulas estéreis como disseram os *ateneístas*. A escolha de Gamio por definir seus opositores como “*casta intelectual*”, parece ser simbólica da reiteração de uma perspectiva comum sobre a antiga elite intelectual do Antigo Regime. O método dos *científicos*, apesar de articular as ferramentas corretas, estava distante demais da realidade para enxergá-la corretamente.

Tratava-se de um processo ambivalente. Se a metáfora escolhida para o título indicava um processo de criação de algo novo, ao longo do livro a *forja da pátria* também parece passar pela capacidade de encontrar o país real: era necessária uma espécie de revelação do popular e sobretudo do indígena aos olhos dos intelectuais cidadãos.⁵²⁰ A narrativa de experiências populares, situações em que os intelectuais revolucionários se viram diante dos trabalhadores rurais e urbanos – um “México real” – era um tópico recorrente nas obras daquele momento.

Nesse sentido, parece uma hipótese viável considerar que um dos deslocamentos da linguagem política empreendido entre os intelectuais porfiristas e revolucionários tenha consistido na elaboração, pelos últimos, de uma *história de origem* de bases populares. Dela, nascia o apelo popular e concreto da reflexão intelectual. A partir dela,

⁵¹⁹ Apesar de reconhecer o papel histórico dos *mestizos*, Gamio afirma que “*Desgraciadamente, esta producción se hace de acuerdo con orientaciones poco nacionalistas*”. Obra citada. p.173.

⁵²⁰ Gamio afirma em outro trecho, como uma convocação aos revolucionários: “Entonces podrá formarse una constitución general de grandes lineamientos y leyes particulares adecuadas a las características étnico-sociales y económicas de nuestras agrupaciones y a las condiciones geográficas de las regiones que respectivamente habitan”. Obra citada. p.174

o conhecimento acadêmico se transformava, tornava-se mais verdadeiro em contato com o país real ignorado pela antiga “*casta intelectual*” ou, nos dizeres de Vasconcelos, despertava “*de una larga noche*”. Mais do que o apelo da noção de cultura popular para esses intelectuais, tópico sempre presente nos debates sobre a SEP, trata-se aqui de considerar como a experiência de uma essência mexicana, tão buscada pelos *ateneístas*, pode ter se transformado em um elemento discursivo fundamental daquela linguagem política ou, no limite, de um determinado gênero de obras e manifestos intelectuais. Diante das legitimidades que se instauravam com o novo tempo da Revolução, o relato da experiência popular pode ter permitido o alinhamento das interpretações acadêmicas aos grupos revolucionários, diante da crítica ao academicismo que tomaria o México das décadas de 1910 e 1920.

A simpatia de Gamio ao carrancismo, sua amizade com o deputado Pastor Rouaix (Secretário de Agricultura e Fomento de Don Venustiano em 1917) e o impacto de sua obra deram ao antropólogo apoio político para a formação do Departamento de Antropologia⁵²¹, sob a mesma pasta de Roauix. O departamento nascido com a meta de realizar estudos sobre as populações indígenas do país explicitava em seu estatuto inaugural o objetivo de: “*Preparación del acercamiento racial, de la fusión cultural, de la unificación lingüística y del equilibrio económico de dichas agrupaciones, las que sólo así formarán una nacionalidad coherente y definida y una verdadera patria*”.⁵²²

Sua obra, assim como as posições político-acadêmicas conquistadas, faria de Gamio a referência pioneira dos temas relacionados ao indigenismo no imaginário político do Estado pós-revolução e ideólogo oficial da mestiçagem nos anos seguintes. Exemplar do sucesso do antropólogo em adentrar nos espaços da cultura política

⁵²¹ De acordo com a historiadora Regina Crespo, este foi o primeiro departamento de antropologia da América Latina. Ver: O projeto educativo de José Vasconcelos no México pós-revolucionário: nacionalismo e modernidade. *Intellèctus*, Ano XV, n. 2, 2016. p.133

⁵²² REYNOSO JAIME, Irving. **Obra citada**. (Gamio, 1922: X-XI).

hegemônica foi a declaração do gal. Álvaro Obregón, então candidato à presidência, de que *Forjando patria* era "*un estudio profundamente científico del verdadero origen de nuestros grandes males*"⁵²³ No mesmo ano, Gamio fundava a primeira revista de antropologia do país, *Ethos*, dedicada ao "*estudio y a la mejoría de la raza indígena de México*"⁵²⁴

A participação do antropólogo no debate intelectual e nas políticas públicas das décadas seguintes permitem, em alguma medida, traçar as permanências e consolidação da construção que Navarrete denominou *ideologia da mestiçagem* e Sanchez classificou como *mestizofilia*. Segundo Guillermo Castillo Ramírez, em um paralelismo com a figura icônica de Sierra para o Porfiriato, a postura integracionista de Gamio como antropólogo e especialmente como agente político representou, em certa medida, a perspectiva do Estado revolucionário forte e centralizador, capaz de apaziguar as diversidades socioculturais do país.

Se a formulação do *mestizo* como símbolo nacional foi uma ideia fluida da linguagem política porfirista, apenas o Estado do pós-revolução constituiu as ferramentas capazes de levar a cabo a transformação do ideário da mestiçagem em um projeto político solidificado. Por caminhos diferentes e sem um trabalho conjunto⁵²⁵, tanto o Departamento de Antropologia de Gamio quanto a SEP de Vasconcelos, dois dos maiores símbolos da política cultural da Revolução, foram as instituições responsáveis por cristalizar uma identidade nacional *mestiza* criada no Porfiriato.⁵²⁶

⁵²³ (González Gamio, 1987: 47). Apud JAIME, Irving Reynoso.

⁵²⁴ Idem. Ibidem.

⁵²⁵ Tanto Claude Fell quanto Regina Crespo apontam o fato. Segundo a historiadora: "O Departamento de Antropologia e a SEP jamais agiram de forma coordenada, apesar de que muitas vezes pareciam inspirar-se reciprocamente. Vasconcelos e Gamio nunca trabalharam juntos, o que não deixa de indicar não só a falta de organicidade do governo durante o período, como a existência de uma provável competição política e ideológica entre ambas esferas e seus dois coordenadores." CRESPO, Regina. **Obra citada.** p.134

⁵²⁶ O caminho proposto para este argumento sobre as permanências da identidade nacional mestiza entre o Antigo Regime e a Revolução encontrou tardiamente e por caminhos paralelos, um indício historiográfico de sua pertinência na obra do historiador mexicano, Federico Navarrete. De acordo com ele, "La construcción de la ideología del mestizaje es un proceso largo y complejo que va desde las discusiones

Considerações finais

Las revoluciones, a modo de un oleaje que arrastra desatentadamente, hacia desconocidas playas, el bajel sorprendido en alto mar frecuentemente lleva a los hombres frente por frente de horizontes no presentidos, y los hace desembarcar en estuarios que no concebieron.

Editorial de El Pueblo. 08 de julho de 1917 ⁵²⁷

A Revolução ordenada e o futuro revelado

Com o passar das lutas revolucionárias, nomear a Revolução e as suas verdadeiras ideias foi um ponto central da cultura política que se estabelecia na reconstrução do Estado mexicano. A negação do passado, do Antigo Regime porfirista, foi, obviamente, o ponto passivo da simbologia revolucionária. A definição da substância própria engendrada das lutas revolucionárias, porém, foi tanto um elemento de disputa política – que permitia a legitimação dos governos – quanto uma busca incessante dos intelectuais que tomaram parte do processo político. A ideia hegemônica de uma verdadeira ideologia da Revolução foi produzida e fortalecida por discursos oficiais, enquanto seus intelectuais mais próximos quase sempre reafirmaram a impossibilidade de uma classificação para o conjunto das transformações pelas quais o México passou nas primeiras décadas do século XX. Em outros termos, enquanto “a verdadeira Revolução” foi o mito a partir do qual se recriou a nação, sua substância pareceu insondável. Seu nome era poderoso, seu significado quando não ambíguo, incompreensível pelas armas da razão.

Antes do célebre pleonismo de Cabrera – *La Revolución es revolución* –, dias após o sucesso de Madero, um comunicado da Secretaria de Governo informava sobre

entre los liberales mestizos de mediados del siglo xix, pasando por las formulaciones de los pensadores porfiristas como Justo Sierra, hasta las definiciones de los ideólogos del régimen revolucionario, como Andrés Molina Enríquez y Manuel Gamio, para terminar con los pensadores que discutieron la mexicanidad a mediados del siglo xx, como Octavio Paz. **Obra citada.** p.89

⁵²⁷ Editorial de *El Pueblo*, de 08 de Julho de 1917.

“la depuración y liquidación de justas reclamaciones que se presenten al Gobierno con motivo de daños causados por *la última revolución*”⁵²⁸. O movimento de 1910 deveria ser, então, mais uma das revoluções que se desenvolveram ao longo do século XIX. Para o triunfante líder, a Revolução consistia na queda da ditadura, uma etapa concluída, com um “*un glorioso desenlace*”. Segundo ele, o povo já havia reconquistado sua soberania e os novos campos de batalha seriam apenas as urnas eleitorais e a “*arma más poderosa, el voto*”.⁵²⁹ Essa ideia de Revolução, porém, não satisfaz as expectativas daqueles que viram naquele momento, que se quis único, uma possibilidade de abertura dos caminhos da história mexicana e de resolução dos grandes problemas nacionais apontados nas décadas anteriores.

A expectativa de um novo mundo nascido de uma abrupta transformação, contrapôs-se às lógicas do lento e pacífico progresso prometido pelos *científicos* de Díaz. Nesse sentido, não estamos falando apenas das revolucionárias visões de futuro de nomes como Emiliano Zapata ou Ricardo Flores Magón. Um semestre após a posse de Madero, um confeitoiro de Zacatecas chamado Mariano Arrieta escreveu uma carta ao presidente com o tema: *Todos los empleados de la administración pasada están en sus puestos como si ni hubiera habido la revolución*. O senhor Arrieta dizia:

Señor con el respeto debido paso a manifestarle á Ud lo siguiente:
En el pueblo se bé un disgusto general y por lo que é hoido decir es como sigue,
1º Por que todos los empleados de la administración pasada estan en sus puestos como si ni ubiera abido la revolución para derrocar al Tirano y a toda la burocracia.

⁵²⁸ Comunicado de la Secretaría de Gobernación sobre la depuración y liquidación de justas reclamaciones que se presenten al Gobierno con motivo de daños causados por la última revolución. México, 16 de junio de 1911. Semanario Oficial del Gobierno del Estado de Morelos. XX. Número 24. Cuernavaca, Morelos, México, a 24 de junio de 1911. p. 8.

⁵²⁹ Manifiesto del señor Francisco I. Madero proponiendo se forme el Partido Constitucional Progresista. 9 de julio de 1911. Román Iglesias González (Introducción y recopilación). **Planes políticos, proclamas, manifiestos y otros documentos de la Independencia al México moderno, 1812-1940**. Universidad Nacional Autónoma de México. Instituto de Investigaciones Jurídicas. Serie C. Estudios Históricos, Núm. 74. Edición y formación en computadora al cuidado de Isidro Saucedo. México, 1998. p. 615-616

Y ojalá que estos se abinieran con el regimen actual, pero no es así, estos minan, hacen trabajos de zapa a la ora que se les presenta la ocasión.

[...] ¿no ¿que no querías Gobierno de Madero? pues ya lo tienes.

!Fijece Ud si esto no hace formar el descontento entre el pueblo! Creo que si.

2° Ay un mal estar por falta de trabajo. Se anunció en la prensa que se bá á tirar la vía ferrea de Zacatecas á Jerez y mas delante; y todo el pueblo manifestó mucho gusto mas cundo supo que las prezas se iban a hacer tambien; de modo es que el pueblo aguarda de sus pro hombres nuevos la salvación por que cren que Ud egererá mas la administración que las bayonetas.

Sin mas por ahora su atto S.S.

Mariano Arrieta

(Domicilio Calle Moctezuma No 46.)

(Profeción Confitero)⁵³⁰

Se o zapatismo se tornou o símbolo do desejo de uma revolução ampliada e agrária, isso se deu em uma rede de projetos e anseios que pressionariam os planos daquelas elites políticas para desvios da rota originalmente planejada. A percepção da injustiça e da miséria era articulada com as ferramentas disponíveis para cada grupo naquele momento: se os trabalhadores rurais de Morelos mobilizaram uma longa tradição de lutas por liberdade política e por terra – resumidas no princípio do reconhecimento da propriedade *ejidal* e da autonomia dos *pueblos* –, o intelectual positivista André Molina Enríquez organizou os princípios de Comte e Spencer para apontar as soluções para *os grandes problemas nacionais*. Essas histórias não correram em linhas paralelas. Suas ideias se entrecruzavam na trama política que passou pelas obras do escritor, mas também pelas ações dos zapatistas, seus manifestos políticos e planos revolucionários, assim como no desejo expresso pelo intelectual de ser um interlocutor da Revolução do Sul.

Em seu entrecruzamento, as distintas visões do futuro da Revolução nacional lidaram com a necessidade de comunicar uma simbologia, parcialmente compartilhada, bem como suas metas elaboradas por meio de uma linguagem compreensível para

⁵³⁰ Carta de Mariano Arrieta a Francisco I. Madero. Jerez, Zac. a 26 de Diciembre de 1911. María de los Angeles Suárez del Solar (recopilación e introducción). Francisco I. Madero. Antología. Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana. Archivo General de la Nación. Archivo de la Secretaría Particular del Presidente Francisco I. Madero. Loc.: caja 62, documento 1337. México, 1987. p. 34.

diferentes grupos. A linguagem política, diferentemente do discurso acadêmico, tem no interlocutor seu princípio fundante, o que equivale a dizer que seu fim está antes na comunicação realizada em um momento imediato e com receptores determinados, do que na construção de um *corpus* doutrinário e coerente aos olhos dos politólogos e historiadores do futuro.

Assim, ser *liberal*, no México do século XIX, parece ter se relacionado mais ao alinhamento aos princípios elementares da Reforma do que à crença nos filósofos normalmente associados ao liberalismo. Ser liberal era não pertencer ao Partido Conservador, tautologia que naquele momento seria bem compreendida: significava, *stricto sensu*, encampar o combate à influência do clero e apoiar um projeto nacionalista – em oposição aos “*vendepátrias*” da Igreja –, baseado também em uma noção vaga de desenvolvimento e de progresso do qual Mora era a maior referência. Em um sentido mais amplo, ser liberal significava estar do lado certo da história, daqueles que lutaram contra a invasão francesa, contra os déspotas do passado e, vencedores, guardavam para si a legitimidade do mito (re)criador da pátria em 1867. O “liberalismo conservador” dos *científicos*, portanto, não era necessariamente um paradoxo naquele cenário: apesar da crença no anticlericalismo e no progresso, comunicados pelo termo “liberal”, a preocupação prioritária com a ordem apresentava-se também em forma de crítica à suposta utopia dos ideais de um liberalismo jacobino.

Também em 1867, a filosofia positivista de Gabino Barreda, foi rapidamente acolhida pelo governo liberal, adotada por uma jovem e influente intelectualidade e deu origem a leituras compartilhadas por um grande número de outros jovens intelectuais nas décadas seguintes. A fórmula *lei, ordem e progresso* orientou não apenas o lema do governo, mas também a reforma do ensino e forneceu novas ferramentas tanto para a

legitimação do regime, com Sierra, Bulnes e companhia, como para a formulação da crítica daqueles que mais tarde fariam parte do processo revolucionário.

No último quartel do século XIX, os intelectuais e a elite política mexicana formulariam projetos de futuro a partir da busca pela definição dos principais elementos e problemas da nação. A chave mestra da *orden* levava à preocupação política de governantes e intelectuais com a “formação da alma” nacional: naquelas décadas, elaborou-se a noção de uma “*família mestiza*” e novos e duradouros contornos foram dados ao “problema indígena”.

No entanto, mais do que temas, o liberalismo positivista hegemônico no Porfiriato forneceu uma linguagem política, centrada ao redor de alguns conceitos elementares, palavras-mestras, pelas quais o desenvolvimento histórico e os sistemas políticos eram compreendidos. A busca por um progresso “neutro” ou “científico” – avessa aos interesses personalistas e que acredita negar as ideologias – foi identificada como o caminho a ser percorrido pela política nacional, tanto com Díaz quanto com os governos da Revolução. Neles, apesar das diferenças políticas, a Revolução se transformou na própria marcha para o progresso mexicano. Aos poucos, a lenta e ordenada evolução proposta por Díaz e por seu gabinete *científico* como a solução para a instabilidade das lutas do século XIX dava lugar ao processo de uma Revolução que se institucionalizaria com Calles, a partir do assassinato do *caudillo* Obregón. Ao abrir as sessões do Congresso, em 1928, o presidente anunciou a nova era do país:

Tengo la más firme convicción de que al señalar estos cambios precisos en los derroteros políticos del país no sólo no pongo en peligro, sino que afirmo, hago inmovibles, consagro, las conquistas de la Revolución. Efectivamente, la familia mexicana se ha lanzado ya, con toda decisión, por los nuevos rumbos, aunque estemos todavía en pleno período de lucha mental y política, para definir y para cristalizar en instituciones, en leyes y en actos constantes de gobierno, los postulados de la nueva ideología.

Más peligroso resulta para las conquistas revolucionarias la continuación de algunos métodos políticos seguidos hasta hoy (por la constante apelación a la violencia y a la fuerza, a la contienda en campos de lucha

fratricida, lo que en el mejor de los casos no trae sino el estancamiento o el atraso de **la evolución material y espiritual progresiva que vamos logrando**. [...]

Nos hallamos ya los revolucionarios suficientemente fuertes; tenemos ya conquistadas en la ley, en la conciencia pública, y en los intereses de las grandes mayorías, posiciones de combate por hoy indestructibles, para no temer a la Reacción; para invitarla a la lucha en el campo de las ideas, puesto que en **la lucha armada, la más fácil y sencilla de hacer**, hemos tenido triunfos completos, triunfos que, por lo demás, en ese terreno de la contienda armada, siempre han correspondido, en nuestra historia, a los grupos que representan tendencias liberales o **ideas de mejoramiento y de avance social**.⁵³¹ (Grifos meus)

A Revolução que se fazia governo, porém, não foi uma invenção de Calles⁵³². Já com a vitória dos Constitucionalistas em 1915, o movimento deixou de corresponder ao grupo que lhe dava origem – Revolução do Sul, Revolução Constitucionalista... – e passou a ser identificado com o próprio regime. Em 1915, as páginas de *El Pueblo* que, um ano antes exaltavam a revolução constitucionalista, descrevem a Revolução triunfante chefiada por Carranza sem qualquer denominação. Se em um primeiro momento essa lógica era hegemônica apenas nas páginas dos jornais da capital, que comemoraram a morte do “rebelde” Emiliano Zapata, com a consolidação de Calles e de um partido oficial, o poder de falar em nome da Revolução tornou-se também a ferramenta para reler as lógicas da ordem e do progresso.

La parte más difícil mencionada por Calles – ideia também formulada pelo liberal Mariano Otero no século XIX – era o estabelecimento da nova ordem, demanda da Revolução encarnada em governo com o *Jefe Máximo*. Era a Revolução, motor que movia a história a partir daquele momento, que demandava novas instituições, assim como a

⁵³¹ Los presidentes de México ante la Nación: informes, manifiestos y documentos de 1821 a 1966. Editado por la XLVI Legislatura de la Cámara de Diputados. 5 tomos. México, Cámara de Diputados, 1966. Tomo 3. Informes y respuestas desde el 1 de abril de 1912 hasta el 1 de septiembre de 1934. Disponível em: <http://lanic.utexas.edu/larrp/pm/sample2/mexican/history/index.html>

⁵³² Discurso nesse ponto, portanto da interpretação realizada em: PALACIOS, Guillermo. Calles y la idea oficial de la Revolución Mexicana. *Historia Mexicana*, [S.l.], p. 261-278, ene. 1973. Disponible en: <<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/2954/2461>>.

união da “família revolucionária”. O questionamento dos governos revolucionários era também, portanto, uma afronta à marcha evolutiva da história mexicana.

O governo do gal. Lázaro Cárdenas, em sua ruptura com o *Maximato*, aprofundou o ideário que encarnou a Revolução em governo, mobilizou o passado das lutas revolucionárias e concentrou os poderes políticos – outorgados pelo sacrifício dos mártires de um passado recente – na figura do presidente. Com a vitória do cardenismo, os sindicatos de trabalhadores urbanos e rurais seriam integrados à estrutura partidária do Partido da Revolução Mexicana, consolidando a institucionalização da “família revolucionária”. Em meio ao conflito com Calles, o discurso de Cárdenas foi exemplar da leitura que produziu da “revolução ordenada” que buscava:

Hemos dicho también, como es la realidad, que los trabajadores y campesinos no son inconsecuentes ni con la situación del gobierno ni con la a que ellos les afecta; que tienen conciencia de su responsabilidad y saben hasta dónde podemos ir; **saben asimismo que hay necesidad de esperar a que el propio régimen, a que la propia Revolución, formada por falanges de ellos mismos, pueda realizar integralmente el programa** que permita mejorar las condiciones económicas, culturales del pueblo mexicano.⁵³³ (Grifos meus)

Novamente, como nas lógicas do século XIX, a cultura política hegemônica dividiu os grupos entre aqueles associados ao passado e os verdadeiros guardiões do futuro. Com Cárdenas, porém, as reminiscências da linguagem positivista conjugam mais claramente os princípios de ordem com aqueles da cooperação entre as classes. A ideia de uma harmonia social, baseada nas lógicas do corporativismo defendido pelo positivista Molina Enríquez para a Constituição de 1917, era o outro lado dos ecos *científicos* na linguagem política que se consolidou com a Revolução institucionalizada. “*la sociedad debe ser antes y más que el individuo*”, afirmou Molina Enríquez. A afirmação, realizada nos anos 1920, dificilmente escaparia de ser pensada a partir dos resultados de uma

⁵³³ “Discurso del Presidente de la República a los trabajadores del país”. México, D.F., 22 de dezembro de 1935. Obra citada. pp.180-184.

influência fascista ou comunista por um historiador desavisado. Outros poderiam encontrar aqui alguma das infinitas definições de “populismo”. Tanto em um caso quanto no outro, a historicidade dos debates que levaram à construção do México revolucionário é deixada de lado.

Como afirmou Charles A. Hale, há aqui um paralelismo entre a institucionalização da Revolução e os advogados da política científica da União Liberal, que desejavam um partido de governo.⁵³⁴ Nos dois casos, reconciliavam-se grupos opostos a partir de mitos unificantes, a Reforma e a Revolução, “*portadores de paz y estabilidad*”⁵³⁵. A capacidade única de guiar o país ao futuro, teve como resultado, em ambos os casos, a construção de um sistema político em que as bases autoritárias para o poder executivo foram legitimadas como interesse nacional.

Esse processo, porém, como no período anterior, não se deu sem conflitos ou sem a pressão de diferentes grupos sociais, como os apelos do discurso de Cárdenas parecem demonstrar à contrapelo – afinal, em meio às grandes greves daquele ano, a afirmação de que os trabalhadores sabem esperar a ação do governo expressa antes um desejo do que uma realidade. A complexa negociação entre os projetos nacionais e os locais, como estudada por Mary Kay Vaughan, Elsie Rockwell e Susana Quintanilla, lembra-nos de que os resultados das diferentes políticas culturais e educacionais – que tinham por objetivo, novamente, a formação de uma alma mexicana – devem ser pensadas não a partir dos planos dos agentes de um Estado com poderes ilimitados, mas ao redor dos conflitos e da busca de consensos.

A legitimidade da nova ordem, além da força, dependia de uma comunicação bem-sucedida, de uma percepção de que os símbolos e os destinos políticos eram

⁵³⁴ HALE, Charles A. Los mitos políticos de la nación mexicana: el liberalismo y la Revolución. **Historia Mexicana**: México, XLVI: 4, 1996. p.883

⁵³⁵ Idem. Ibidem.

compartilhados. Com a conquista de determinados consensos, a hegemônica cultura política revolucionária transformava a “última revolução” do comunicado de 1910 na “última **R**evolução”, cuja sombra se estenderia ao longo do século XX.

A Revolução sem nome – intelectuais, desvios e imaginação política

Ao longo do trabalho denominei, em consonância com Pocock, *lances* ou *desvios* as mudanças que os personagens estudados realizaram sobre a linguagem política que tinham em mãos. Esse exercício, talvez até aqui elogioso da ressignificação como chave para pensarmos a imaginação na política, também destacou suas limitações. Sobretudo no caso dos personagens associados às posturas mais radicais, como Salvador Alvarado, foi marcante observar como os limites daquela linguagem tornaram-se, por consequência, os limites da transformação que se propunha.

O radicalismo do movimento, como nos lembram os zapatistas – assim como a historiografia nas obras de Womack e Alan Knight – esteve, muitas vezes, articulado a partir de antigas tradições locais. Enquanto isso, como vimos, a intelectualidade que dirigia o processo revolucionário em seus inícios era, em geral, refratária à ideia de revolução mesmo depois de 1910. Os defensores do progresso e da mudança evolutiva – como Cabrera, Palavicini, Pani e Caso, por exemplo – precisaram lidar com outras lógicas a partir da pressão daqueles que forçaram a sua inserção no cenário nacional. A Revolução que apresentava zapatistas e *soldaderas* era a irrupção da novidade, um *outro* incontornável como elemento político e uma ameaça à (nova) ordem.

Nos anos seguintes, não por acaso, essa intelectualidade cidadina passaria a se debruçar sobre a dificuldade de classificação do processo revolucionário. Alfonso Reyes,

como muitos outros, ainda em seus anos de *Ateneo*, defendeu a noção de que a Revolução se desenvolveu “*al margen de las ideas*”. De acordo com o escritor:

...la Revolución Mexicana brotó de un impulso mucho más que de una idea. No fue planeada. No es la aplicación de un cuadro de principios, sino un crecimiento natural. Los programas previos quedan ahogados en su torrente y nunca pudieron gobernarla. Se fue esclareciendo sola conforme andaba; y conforme andaba, iba descubriendo sus razones cada vez más profundas y extensas y definiendo sus metas cada vez más precisas. No fue preparada por enciclopedistas o filósofos, más o menos conscientes de las consecuencias de su doctrina, como la Revolución Francesa. No fue organizada por los dialécticos de la guerra social, como la Revolución Rusa, en torno a las mesas de 'La Rotonde', ese café de París que era encrucijada de las naciones. Ni siquiera había sido esbozada con la lucidez de nuestra Reforma liberal, ni como aquélla, traía su código defendido por una cohorte de plumas y de espadas. No: **imperaba en ella la circunstancia y no se columbraban los fines últimos.** Su gran empeño inmediato, derrocar a Porfirio Díaz, que parecía a los comienzos todo su propósito, sólo fue su breve prefacio. Aun las escaramuzas del Norte tuvieron más bien el valor de hechos demostrativos. Después, sus luchas de caudillos la enturbian, y la humareda de las disidencias personales tiene que disiparse un poco para que su trayectoria pueda reanudarse. Nació casi ciega y, como los niños, después fue despegando los párpados. La inteligencia la acompaña, no la produce: a veces tan sólo la padece, mientras llega el día en que la ilumine.⁵³⁶

Variações dessa interpretação se fazem presentes na obra de autores como Octávio Paz, Leopoldo Zea e toda uma geração de intelectuais que desenvolveu seus trabalhos em meio aos governos revolucionários. Essa dificuldade em nomear o movimento, argumento aqui⁵³⁷, além de corresponder às reviravoltas do processo iniciado em 1910, também se vincula ao olhar sobre as populações rurais de uma intelectualidade formada na cultura política do Porfiriato e que foi, em geral, incapaz de entender ou “encaixar” aquela nova realidade na linguagem política que estruturava sua visão de mundo. Replicada na historiografia, essa interpretação favoreceu as leituras do *populismo*, diante de uma ação supostamente passional e sem sentido das massas.

A conformação das explicações e das demandas às ferramentas fornecidas por uma linguagem política não foram, porém, exclusividade da intelectualidade urbana. A

⁵³⁶ Citado por Arnaldo Córdova em La filosofía de la Revolución Mexicana. **Cuadernos Políticos**, número 5, México D.F., Julio-septiembre de 1975, pp. 93-103

⁵³⁷ Em concordância com as conclusões de Córdova em “La filosofía de la Revolución Mexicana”. **Obra citada**

hegemonia de uma determinada simbologia disputada por vários grupos significou a constante referência a um mesmo ideário – seja a partir de manobras intencionais para a conquista da legitimidade ou não. Exemplar dessas disputas foi o “manifesto ao povo” de dezembro de 1917, em que Zapata e seu grupo formulavam a manutenção de sua oposição ao governo Carranza:

El instinto popular no se halla engañado, la intuición campesina tenía razón. **Carranza, hombre de antesalas, legítima hechura del pasado, imbuido de las enseñanzas de la corte porfirista, acostumbrado a ideas y prácticas de servilismo y de aristocracia**, entendiendo por política el arte de engañar y considerando como el mejor de todos los gobernantes el que con más seguridad sepa imponer su voluntad omnímoda; Carranza el anticuado, Carranza el vetusto, no estaba en condiciones de comprender los tiempos nuevos y las nuevas aspiraciones.

Imposible que él, formado sobre los moldes porfirianos, encarnase las ideas de una juventud deseosa de reformas; y más inconcebible todavía y más absurdo, que él llegara a ser el intérprete y el representante de esa fogosa generación que llena de confianza en sí misma, se levantó en 1910 y volvió a erguirse en 1913, sacudiendo yugos, rechazando preocupaciones, imponiendo principios, arrasando aquí desigualdades, derribando allá exclusivismos, y clamando por el advenimiento de una nueva era que diese justicia y libertad a los oprimidos, y enérgica y virilmente refrenase los abusos, las invasiones y las ansias de dominio de esa audaz oligarquía de acaudalados que protegiera Porfirio Díaz. [...]

A todos los mexicanos amantes del progreso de su país y de la redención, de los que tienen hambre y sed de justicia, los exhorta la revolución defensora del Plan de Ayala, a combinar sus esfuerzos, su propaganda, sus capacidades y sus energías de combate para emplearlas contra el funesto personaje que sin más apoyo que su capricho, es hoy por hoy el único estorbo para el triunfo de los ideales reformistas y para el restablecimiento de la paz nacional.⁵³⁸

O documento zapatista articula a mesma linguagem e simbologia operada pelo governo àquela altura, trocando apenas os nomes: na imprensa oficial, Zapata e Villa são os retrógrados, incapazes de renovações e de manutenção da ordem. Em seu trecho final, o manifesto cita ainda a célebre passagem de Sierra utilizada por Madero: “*A todos los mexicanos amantes del progreso de su país y de la redención, de los que tienen hambre*

⁵³⁸ Manifiesto al Pueblo, de Emiliano Zapata. Tlaltizapán, Morelos, Diciembre 27, 1917. Instituto Nacional de Estudios Políticos, A.C. (INEP) <http://www.inep.org/> Recopilado por Doralicia Carmona. Disponível em: http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1917_208/Manifiesto_al_Pueblo_de_Emiliano_Zapata_1044.shtml

y sed de justicia...” Disputa-se, assim, uma mesma simbologia com uma linguagem quase idêntica – em uma derrota para os camponeses de Morelos que se deu nos campos de batalha, mas também nos apelos que se desenvolveram de lado a lado.⁵³⁹

Lembro-me aqui, inevitavelmente, do trecho final do texto de Slavoj Žižek citado no início da tese. Conclamando a imaginação dos jovens que naquele momento manifestavam-se em Nova York contra as lógicas de Wall Street, o filósofo descreveu uma antiga piada da Guerra Fria:

Em uma velha piada da antiga República Democrática Alemã, um trabalhador alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que todas as suas correspondências serão lidas pelos censores, ele diz para os amigos: “Vamos combinar um código: se vocês receberem uma carta minha escrita com tinta azul, ela é verdadeira; se a tinta for vermelha, é falsa”. Depois de um mês, os amigos receberam a primeira carta, escrita em azul: “Tudo é uma maravilha por aqui: os estoques estão cheios, a comida é abundante, os apartamentos são amplos e aquecidos, os cinemas exibem filmes ocidentais, há mulheres lindas prontas para um romance – a única coisa que não temos é *tinta vermelha*.”⁵⁴⁰

A conclusão de Žižek assinala que é essa a nossa situação na conjuntura atual: “nós nos ‘sentimos livres’ porque somos desprovidos da linguagem para articular nossa falta de liberdade [*unfreedom*, no original].”⁵⁴¹ Para ele, a falta dessa linguagem nos condicionou a formular nossos problemas a partir de um vocabulário fornecido pelo próprio sistema que buscamos combater. O que nos falta é a tinta vermelha capaz de expressar as carências e opressões de uma sociedade que se crê livre. Como marxista, Žižek conclui que a solução para a sociedade capitalista atual passará pelo abandono dessa linguagem, sinônimo da falsa ideologia que mistifica a realidade a partir de dualidades como “democracia x liberdade”.

⁵³⁹ Neste caso, a associação das tropas dos trabalhadores urbanos da CROM ao carrancismo contra os zapatistas é emblemático.

⁵⁴⁰ ŽIŽEK, Slavoj. **A tinta vermelha**. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2011/10/11/a-tinta-vermelha-discurso-de-slavoj-zizek-aos-manifestantes-do-movimento-occupy-wall-street/>

⁵⁴¹ Idem. Ibidem.

Partindo de outra matriz, sem crer nas possibilidades de uma relação objetiva entre “as palavras e as coisas”, acredito que essa reflexão se torne ainda mais importante e, talvez, otimista. Se o campo do político é organizado a partir das palavras, que nesse caso também são entendidas como ações, a luta pela transformação das linguagens e culturas políticas corresponde também à tentativa de construção de uma sociedade verdadeiramente nova.

Finalmente, a questão que se coloca é a seguinte: podemos construir um mundo novo apenas a partir das ressignificações e desvios da linguagem política hegemônica do mundo que herdamos? Em termos mais atuais, poderemos pensar em outra política por dentro da chave da “eficiência administrativa” ou da “austeridade”? Puderam os revolucionários mexicanos em algum momento escapar às limitações dos simples desvios da lógica da ordem e do progresso?

Como afirmei antes, concentrando-me nas publicações aqui analisadas – apesar da variedade de fontes propostas – a maior parte das vozes do período revolucionário não podem ser ouvidas e, ainda com outros escopos e acervos, uma série de perguntas sobre como as populações dos *pueblos* articularam suas lutas talvez não possam jamais ser respondidas com firmeza. Me parece inevitável, porém, notar que, em meio a esse terreno de difícil sondagem, de todos os grupos e propostas revolucionárias, o zapatismo, a despeito de seus planos e mensagens muitas vezes marcados por uma linguagem repetitiva e semelhante àquela que encontramos nos demais grupos revolucionários, parece ter sido aquele que sobreviveu como símbolo nas rearticulações da cultura política mexicana e de um imaginário mais amplo. Zapata e seus soldados permaneceram como caso exemplar ou de inspiração, exercendo uma inesgotável atração aos olhares de intelectuais, militantes⁵⁴² e historiadores.

⁵⁴² Tenho clareza da distância entre o movimento zapatista e as releituras como aquela produzida pelo chamado neozapatismo e o Exército de Libertação Nacional (EZLN). A questão que coloco aqui é: por que,

Algum leitor poderia apontar, tal como o revolucionário Francisco J. Múgica em seus escritos, que o que importa aqui são “*Hechos, no palabras!*”, e seguramente a ação dos homens de Morelos com fuzis nas mãos, levando a cabo sua própria reforma agrária é parte fundamental da potência do zapatismo em nosso imaginário. Mas por que de todos os movimentos rurais revolucionários – de todos os “zapatismos”, como disse Alan Knight – aquele de Morelos pareceu triunfar na ação e no imaginário em vários momentos? Por que ele foi capaz de atrair intelectuais, como Molina Enríquez ou Soto y Gama, ao mesmo tempo em que mobilizava grandes contingentes dos *pueblos* ao sul da capital? Acredito ter demonstrado que o zapatismo soube, apesar de suas limitações, articular a linguagem política hegemônica (gestada nas últimas décadas do XIX), com o simbolismo revolucionário, demandas e tradições ancestrais, nem sempre perceptíveis nos textos dos planos revolucionários, mas marcadas por rituais decisórios e assembleias – que pontuam o trânsito entre a escrita e a oralidade - assim como lutas mais antigas pelo direito à terra.

Foi justamente olhando para o seu passado que, entre todos os grupos e intelectuais que lutaram e pensaram a Revolução, o zapatismo sobreviveu como símbolo maior de transformação social. As diferentes derrotas militares e políticas não foram capazes de diluir a pressão exercida pelos *pueblos* de Morelos em um plano nacional. O mundo antigo desses revolucionários dialogava com outras linguagens e simbologias. Se nem Carranza nem Zapata sobreviveram à virada da década de 1920, foram os soldados do Exército Libertador do Sul, que articulando suas tradições de cooperação locais,

após tantas décadas, os revolucionários de Chiapas buscavam inspiração e legitimidade em uma interpretação do zapatismo entre todos os grupos rebeldes do passado? Apesar da liberdade de leituras possíveis, o objeto deve impor algum limite para as reinterpretações possíveis. Considerando inclusive a distância geográfica entre Morelos e Chiapas, parece-me lícito considerar que o zapatismo manteve algum tipo de fascínio próprio ao simbolizar uma bandeira genuína e inconclusa no imaginário político revolucionário.

inexistentes nas formas da lei até 1917, seguiram movendo os rumos da imaginação política mexicana.

Referências

ÁLVAREZ SANCHÉZ, Adriana. **La Universidad Nacional de México y el Centenario de la Independencia**. XIV Encuentro de Latinoamericanistas Españoles: congreso internacional, Sep 2010, Santiago de Compostela, España. pp.350-364. fffhalshs-00529328f.

ALEJANDRE RAMÍREZ, Gloria Luz. TORRES ALONSO, Eduardo. El Primer Congreso Feminista de Yucatán 1916. El camino a la legislación del sufragio y reconocimiento de ciudadanía a las mujeres. Construcción y tropiezos. **Estudios políticos** (México) no.39 México sep./dic. 2016.

ALVARADO, Ma. De Lourdes. **Revista Iberoamericana de Educación Superior – RIES**. ‘Nacionalizar la ciencia y mexicanizar el saber’, la fundación de la Universidad Nacional de México en el marco del Centenario. Vol. II, nº 4. 2011.

_____. **La polémica em torno a la idea de universidad em el siglo xix**. México: UNAM. 2009.

ALVARADO, Salvador. **La reconstrucción de México - Un mensaje a los pueblos de América**. 3 vol México: Balesca. 1919.

Anos 90, Porto Alegre, v. 18, n. 34, p. 339-359, dez. 2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007

ARMSTRONG – FUMERO, Fernando. “Introduction” **Forjando patria : pro-nacionalismo**; translated and with an introduction by Fernando Armstrong-Fumero. Boulder: University Press of Colorado. 2010.

ARTEAGA CASTILLO, Belina (Org), **Bibliografía comentada de la historia de la educación normal en México: 1887-2010**. Secretaría de Educación Pública – Dirección General de Educación Superior para Profesionales de la Educación. Volumen II. 2011.

AYALA BLANCO, Fernando. Arte y poder. **Estudios políticos**. México: Núm.21. 2010. Disponível em < http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16162010000300004#notas>. Acesso: 10 jan. 2020.

BANTJES, Adrian. *As if Jesus walked on Earth: cardenismo, Sonora and the Mexican Revolution*. Wilmington, 1998.

BARBOSA, Fernanda Bastos, Dissertação de Mestrado defendida sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade federal de Ouro Preto. (fevereiro de 2014) Mariana – MG. **De herói a tirano: as interpretações do porfiriato entre os anos de 1902 e 1920**.

_____, Tese de Doutorado defendida sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade federal de Ouro Preto. Junho de 2018, Mariana – M.G. **VALOR DA PAZ Política e dissenso durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911)**.

_____; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX**. História da historiografia- Ouro Preto. Nº 7 – nov. /dez. 2011.

BARRERA FUENTES, Florencio. **História de la Revolución Mexicana – La etapa precursora**. México: Biblioteca del Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana. 1955.

BARREDA, Gabino. **Oración Cívica, Latinoamérica - Cuadernos de Cultura Latinoamericana 72.** COORDINACION DE HUMANIDADES CENTRO DE ESTUDIOS LATINOAMERICANOS/ Facultad de Filosofía y Letras UNION DE UNIVERSIDADES DE AMERICA LATINA. Disponible en: http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/3016/72_CCLat_1979_Barreda.pdf.

BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución mexicana – herramientas para la historia*, México – DF, FCE, 2004.

BASURTO, J. e CUEVAS, A. (Org.) **El fin del proyecto nacionalista revolucionario**. México: UNAM. 1992

BAZANT, Mílada. **História de la educación durante el Porfiriato**. México: Colégio de Mexico. 6ª reimpressão. 2006.

BECKER, Marjorie. *Setting the Virgin on Fire: Lázaro Cárdenas, Michoacán Peasants and the Redemption of the Mexican Revolution*, Berkeley, 1996.

BENJAMIN, Thomas. “The Leviathan on the Zocalo: Recent Historiography of the Postrevolutionary Mexican State”, **Latin American Research Review**, Vol. 20, N°3, 1985, pp.195-217

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito de história**. 1939.

BERTANOU, Clara Alicia Jalif. La memoria alegórica: lo visual y lo mágico en Rosamel del Valle La idea de integración hispanoamericana en pensadores decimonónicos. Pág. 149 N° 77 Primer Semestre de 2015

BETHELL, Leslie (org.) **História da América Latina**. De 1870 a 1930. Volume IV. EdUSP. 2009.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**, Lisboa, Europa-América, 1993.

BOJÓRQUEZ, Juan de Diós. **Congresso Constituinte de Querétaro**, 6 de enero de 1915.

BRADING, David. **Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana**. México, FCE, 1985.

BRODINO, Laura. **CIRCULACIONES POSITIVISTAS:** las contribuciones latinoamericanas en la revista positiva. México 1901-1914. de la “propaganda” positivista al latinoamericanismo. **Horizontes Sociológicos**, Revista de la Asociación Argentina de Sociología. 2015.

CABRERA, Luis. **A política y los intereses extranjeros**. Un artículo de Luis Cabrera. DocuMento. Relaciones 85, invierno de 2001, vol. XXII.

_____. *Un ensayo comunista en México*, México – DF, Pólis, 1937

CALLES, Plutarco. E. (org. MACÍAS, Carlos), **Pensamiento político y social – antología (1913 – 1936)**. México - DF, FCE,. 1992.

CAMÍN, H. A. e MEYER, L. *A sombra da Revolução Mexicana*, Edusp, 2000.

CAPELATO, Maria H. “**Populismo latino-americano em discussão**”. **O populismo e sua história**, Org. FERREIRA, Jorge. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001

CÁRDENAS, Lázaro. *Palabras y documentos públicos*. México, Siglo XXI, 1978. (3 volumes)

_____ **Ideario Político**. Editora Era, México, 1972.

Carta de Mariano Arrieta a Francisco I. Madero. Jerez, Zac. a 26 de Diciembre de 1911. María de los Angeles Suárez del Solar (recopilación e introducción). **Francisco I. Madero. Antología**. Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana. Archivo General de la Nación. Archivo de la Secretaría Particular del Presidente Francisco I. Madero. Loc.: caja 62, documento 1337. México, 1987

CASO, Antonio *Ramos y yo. Un ensayo de valoración personal*, México, Editorial Cultura, 1927.

CASTILLO RAMIREZ, Guillermo. Integración, mestizaje y nacionalismo en el México revolucionario: Forjando Patria de Manuel Gamio: la diversidad subordinada al afán de unidad. **Rev. mex. cienc. polít. soc**, México , v. 59, n. 221, p. 175-199, agosto 2014. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-19182014000200008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 17 feb. 2020.

CHÁVEZ, Alicia H. *La mecánica cardenista – Historia de la Revolución Mexicana Vol 16*. México – DF, El Colegio de México, 1979 e BENJAMIN, Thomas. “The Leviathan on the Zocalo: Recent Historiography of the Postrevolutionary Mexican State”, *Latin American Research Review*, Vol. 20, N°3, 1985.

CID, Carlos Betancourt. **JOSÉ VASCONCELOS Y EL ATENEO**
Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México. 2019.

COCKCROFT, James d. **Precursores Intelectuales de la Revolución Mexicana (1910-1913)**. Siglo veintiuno ediciones.1980.

COLE, Richard R. **Communication in Latin America: journalism, mass media and society**. Washington: Jaguar Books. 1996

COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva. **Os pensadores Auguste Comte** - Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo ; Catecismo positivista. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CONNAUGHTON, Brian. ILLADES, Carlos. PÉREZ TOLEDO, Sonia. **El Colegio de Michoacan**, 1999.

CÓRDOVA, Arnaldo. **La filosofía de la Revolución Mexicana**. Cuadernos Políticos, número 5, México D.F., Julio-septiembre de 1975,

_____. **La ideología de la revolución mexicana**. México, *Era*, 1972.

_____. **La política de las masas del cardenismo**. 1974.

COVARRUBIAS, José Díaz. **Dr. Gabino Barreda propagador del Positivismo em México**. México: Tipografia de Gonzalo A. Esteva. 1880.

CRESPO, Regina. O projeto educativo de José Vasconcelos no México pós-revolucionário nacionalismo e modernidade. **Intellèctus**. ISSN-e 1676-7640, Vol. 15, Nº. 2, 2016.

DÍAZ, Porfirio. Plan de la Noria. **Reforma y república restaurada**. México: Biblioteca del Congreso. p.616. Disponível em: http://www.diputados.gob.mx/sedia/biblio/virtual/bicentena/doc_hist_inde/04_refo_rep_rest.pdf

EL DIÁRIO, México: 09 out. 1912.

EL HIJO DEL AHUIZOTE, Tomo VII, Ano VII. México. 15 de maio de 1892.

_____, Tomo IX, Ano IX, número 452. México. 23 de dezembro de 1894.

_____, Tomo IX, Ano IX, número 433. México. 12 de agosto de 1894.

EL PUEBLO. Veracruz. 27 de fevereiro de 1915

_____, Veracruz. 23 de maio de 1915

_____. Veracruz: 11 de junho de 1915

_____, Veracruz: 17 de junho de 1915

EL SIGLO XIX, México: 1 jan. de 1891

_____, México: 8 out. 1891

_____. México: 8 de jan. de 1894.

ESCHRIQUI, Jorge Vieira Pinto. **REVISTA DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – UFJF V.4 N° 8 JUL. / DEZ. 2018.**

ESPEJEL, Laura, OLIVERA, Alicia y RUEDA, Salvador. **Emiliano Zapata**. Antología. Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana (INEHRM), México, 1988.

FABELA, Isidro. Author(s): Miguel A. Marín Source: **Foro Internacional**, Vol. 5, No. 2 (18) (Oct. - Dec., 1964).

_____. **Documentos históricos de la Revolución Mexicana – Revolución y Régimen Constitucionalista, El Plan de Guadalupe**. México, FCE, 1963.

_____. **Documentos históricos de la Revolución Mexicana – Revolución y Régimen Maderista**, México, FCE, 1964

FALCÓN VEGA, Romana. “El surgimiento del agrarismo cardenista – Una revisión de las tesis populistas”, **Historia Mexicana**, Vol. 27, N°3, 1978. pp. 333-386.

_____. “Las Revoluciones Mexicanas de 1910”, **Mexican studies / Estudios Mexicanos**, I, N°2, 1985.

_____. “El surgimiento del agrarismo cardenista – Una revisión de las tesis populistas”, **Historia Mexicana**, Vol. 27, N°3, 1978. pp. 333-386.

FELL, Claude. **José Vasconcelos los años del Águila - Educación, cultura y Iberoamericanismo en el México posrevolucionario**. Universidad Nacional Autónoma de México (1920-1925). 2009.

FERES JR, **João. De Cambridge para o mundo, historicamente:** revendo a contribuição metodológica de Quentin Skinner. Dados vol.48 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2005

FERNANDES, Luiz Oliveira. **Pátria Mestiza.** A invenção do passado nacional Mexicano (séculos XVIII e XIX). Jundiaí – S.P. Paco editorial. 2012.

FLORESCANO, Enrique; MONTFORT, Ricardo Perez (org.). **Historiadores de México em el siglo XX.** México, Fondo de Cultura Económica. 1995.

FONSECA, Maria Rchel Fróes da. **Ciência e educação na Escuela Nacional Preparatoria (México, 1867).** Professora e pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.- Janeiro/Abril 2014.

FUENTES, Carlos. **El espejo enterrado.** México: FCE. 1992

_____. **La muerte de Artemio Cruz.** [1962] Editora Planeta DeAgostini, 2003.

GAMIO, Manuel. **Forjando Patria – Pro-nacionalismo.** México: Porrúa. 1916.

GANTU. **Em prefácio aos *Apuntes*,** Universidad Nacional Autónoma de México, Dirección General de Publicaciones, 1986

GARCIADIEGO, Javier. De Justo Sierra a Vasconcelos. La Universidad Nacional durante la revolución mexicana. **Historia Mexicana**, [S.l.], p. 769-819, abr. 1997. Disponível em:

<<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/2458/2818>>. Data de acesso: 16 feb. 2020

_____. **Textos de la Revolución Mexicana**. Venezuela, Fundación Biblioteca Ayacucho. 2010.

GILBERT, Joseph M. e NUGENT, Daniel. (Org.) **Everyday forms of state domination – Revolution and negotiation of rule in modern Mexico**, Londres, Duke University, 1994.

GILDERHUS, Mark T. “Many Mexicos: Tradition and innovation in the recent Historiography”. *Latin American Research Review*, Vol. 22, Nº1, 1987. pp.204-213. p.205

GILLY, Adolfo. **La revolución interrumpida – México, 1910-1920: una guerra campesina por la tierra y el poder**, México, El Caballito. 1972.

GIL, Antonio Carlos Amador. Intelectuais e Indigenismo: o dilema da identidade nacional num país profundamente indígena. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011

GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do trabalhismo**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005

GOMES, Angela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil. **Culturas políticas: Ensaios de História Cultural, História Política e Ensino de História**. (Orgs). Rachel Soihet, Maria Fernanda Bicalho, Maria de Fatima S. Gouvêa. Rio de Janeiro, FAPERJ/Mauad, 2005

GOMÉZ MORÍN, Manuel. 1915. **Responsabilidad de todos**. México: Biblioteca del Pensamiento Legislativo y Político Mexicano. 2014

GOMÉZ MORÍN, Manuel. 1915. **Responsabilidad de todos**. México: Biblioteca del Pensamiento Legislativo y Político Mexicano. 2014. [1926]

GÓMEZ-ROBLEDÓ, Marina. Renace ‘El Hijo del Ahuizote’. El País Digital. México 18 ago. 2018. Disponible em: https://elpais.com/cultura/2015/08/18/actualidad/1439874819_185211.html. Acceso: 20 ago. 2019.

GONZALES, Luiz. “El liberalismo triunfante”. In: COSIO VILLEGAS, Daniel (coord.). **História general de México**. Vol II. México: El Colégio de México. 1994.

GUERRA, François-Xavier, *México: del Antiguo Régimen a la Revolución*, México, FCE, 1988.

_____. “Teoría y método en el análisis de la Revolución mexicana”, Revista Mexicana de Sociología, Año 51, N°2. pp.3-25. 1989.

GUERRERO, G; MAGÓN, Enrique Flores. **Carta – Cárcel Del Condado**, Los Ángeles California. 13 de junio de 1908. Disponible em: <http://archivomagon.net/obras-completas/correspondencia-1899-1922/c-1908/cor265/>

HALE, Charles A.. La tradición del derecho continental europeo y el constitucionalismo en el México del siglo XX: el legado de Emilio Rabasa. **Historia Mexicana**, [S.l.], jul. 1998. ISSN 2448-6531. Disponible em:

<<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/2403/1929>>. Data de acceso: 16 feb. 2020.

_____. HALE, Charles A. **La transformación del liberalismo en México a fines del siglo XIX**. México: FCE. 2002

_____. **Los mitos políticos de la nación Mexicana: El liberalismo y la Revolución**, University of Iowa. 1997.

HALL, Linda. “**The Mexican Revolution and its Aftermath: Perspectives from Regional Studies**”, *Mexican Studies / Estudios Mexicanos*, Vol. 3, N°2, 1987.

HAMBRE Y SED DE JUSTICIA, Instituto de Investigaciones Jurídicas - Universidad Nacional Autónoma de México Este libro forma parte del acervo de la Biblioteca Jurídica Virtual del Instituto de Investigaciones Jurídicas de la UNAM 1997. Disponible en: <https://goo.gl/vvhAaZ>.

HAMILTON, Nora. **The Limits of State Autonomy – Post-revolutionary Mexico**. Princeton, Princeton University Press, 1982.

HÉAU LAMBERT, Catherine e RAJCHENBERG, Enrique. “La leyenda negra y la leyenda rosa en la nueva historiografía de la Revolución Mexicana”, **Revista Mexicana de Sociología**, LIV, N°3, 1992.

HENRÍQUEZ UREÑA, “El positivismo independiente”. Disponible en: http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/sites/fondo2000/vol2/25/htm/sec_11.html Acceso: 07 set. 2019

HERNANDEZ LUNA, J. Prólogo. **El Ateneo de La Juventud**. México: UNAM. 1984

HERNÁNDEZ PRADO, José. Três décadas após o Ateneu da Juventude: José Vasconcelos, Antonio Caso e a democracia liberal. **Tempo social**. São Paulo. Vol. 28, Nº3, 2016

HURTADO, Guillermo. Historia y ontología en México: 50 años de revolución. **Estud. hist. mod. contemp. Mex**, México , n. 39, p. 117-134, jun. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S018526202010000100004&lng=es&nrm=iso>. acessado em 17 feb. 2020.

_____. Un antecedente de El Espectador: críticas a la Revolución mexicana en 1959. **Lit. mex**, México , v. 21, n. 2, p. 15-25, 2010 . Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S018825462010000200002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 17 feb. 2020.

HOBBSAWM, Eric. **História do Marxismo**. Paz e Terra, 1987.

IANNI, Octávio. **A formação do estado populista na América Latina**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

_____. **El estado capitalista en la época de Cárdenas**. México, Ediciones Era, 1977.

IGLESIAS, Roman Gonzalez (org). **Planes políticos, proclamas, manifiestos y otros documentos de la Independencia al México moderno, 1812-1940**. México: Universidad Nacional Autónoma de México. 1998.

IRVING REYNOSO, Jaime. Manuel Gamio y las bases de la política indigenista en México. **Andamios**, México , v. 10, n. 22, p. 333-355, agosto 2013 . Disponível em

<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S187000632013000200017&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 17 feb. 2020.

JAIME, Irving Reynoso. Manuel Gamio y las bases de la política indigenista en México **Andamios** vol.10 no.22 México may./ago. 2013.

JANE-DALE, Lloyd. **Visiones del Porfiriato**: Visiones de México. México: Universidad Iberoamericana. 2004

JULLIARD, Jacques. “A política”, **História: Novas Abordagens**. LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. (Org), Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995.

JUNIOR, Valdir Donizete dos Santos. **Tese de Doutorado defendida sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lígia Coelho Prado, na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas – Departamento de História Social. A trama das ideias: Intelectuais na América Latina (1898-1914)** 2013.

KNIGHT, Alan. “**Cardenismo**: Juggernaut or Jalopy?”. Mexican Center, Institute of Latin American Studies, University of Texas at Austin, 1990.

_____. **La Revolución Mexicana**. México, Fondo de Cultura Económica, ISBN: 978-6071604002, 2010.

_____ “Land and Society in Revolutionary Mexico: The Destruction of the Great Haciendas”, **Mexican Studies / Estudios Mexicanos**, Vol.7, Nº1, 1991, pp.73-104.

_____ “Popular Culture and the Revolutionary State in Mexico, 1910-1940”, **Hispanic American Historical Review**, Vol.74, Nº3. 1994, pp.393-444.

_____. “Populism and Neo-Populism in Latin-America, Especially Mexico”. **Journal of Latin American Studies**, Vol.30, N°2, 1998, pp.223-248.

_____. “Revisionism and Revolution: Mexico compared to England and France”. **Past and Present**, N°134, 1992, pp.159-199.

_____. “Subalterns, Signifiers, and Statistics: Perspectives on Mexican Historiography”, *Latin American Research Review*, Vol. 37, N°2, 2002.

_____. “The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or just a ‘Great Rebellion?’” **Bulletin of Latin American Research**. Vol. 4, N°2, 1985. pp.1-37.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise – Uma contribuição à patogênese do mundo burguês**, Rio de Janeiro, EDUERJ: Contraponto, 1999.

_____. *Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto: PUC – Rio, 2006.

KRAUZE, Enrique. **Lázaro Cárdenas - General missionero**. México, FCE, 1987.

_____. *Caudillos culturales en la Revolución Mexicana*, Siglo XXI, 1987.

La libertad, t12, n31, Morelia, 22 jul. 1904.

_____. t12, n 35, Morelia, 19 agosto de 1904.

LIRA, Andrés. **“Justo Sierra: La historia como entendimiento responsable”** *Historiadores de México en el siglo XX*, FCE, 1995.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp. 2002.

LOYO, Engracia, La educación de los indígenas. Polémica en torno de la ley de escuelas de instrucción rudimentaria (1911–1917), en Margarita Moreno–Bonett y María del Refugio González (coords.), **La génesis de los derechos humanos en México**. México, UNAM. 2006. Disponible en: <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/5/2289/24.pdf>

LOZANO, Gabriel Vargas. **Gabino Barreda (1818-1881)**. *Enciclopedia de la filosofía mexicana*. Siglo XX.

Manifiesto contra Porfirio Díaz, exhortando al pueblo a seguir la revolución, firmado por Santana Pérez y Filomeno Durán. Noviembre de 1893. Siglo XIX – 1890-1899. Disponible en: http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1893_192/Manifiesto_contra_Porfirio_D_az_exhortando_al_pueb_1777.shtml

Manifiesto de la Convención Nacional Liberal a favor de la reelección. Publicado em 23 de abril de 1892: Siglo XIX – 1890-1899. Disponible en: http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1892_193/Manifiesto_de_la_Convencion_Nacional_Liberal_a_fav_1779.shtml

MARIN, Silvia. **Prensa y poder político – la elección presidencial de 1940 en la prensa mexicana**. México – DF, Siglo XXI: UNAM, 2006.

MARX, Karl. **Dezeto Brumário de Luis Bonaparte**. [1852] Brasil, Boitempo, Tradutor: Nélío Schneider. 1ª edição, volume 1.

MATUTE, Álvaro, **El historicismo en México – história y antología**, UNAM, 2002

MENDONZA, Gerardo Q. **Revista bibliographica**. “El periódico El Pueblo y la propaganda política carrancista (octubre de 1914 - enero de 1915)” Unam Vol 2, num 2. 2019

MEYER, Eugenia. Luis Cabrera: Teórico y crítico de la revolución. México, Fondo de Cultura Económica. 1982.

_____. **Obras políticas Luis Cabrera**. Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. I. 1992.

MÉXICO, **Comunicado de la Secretaría de Gobernación sobre la depuración y liquidación de justas reclamaciones que se presenten al Gobierno con motivo de daños causados por la última revolución**. México, 16 de junio de 1911. Semanario Oficial del Gobierno del Estado de Morelos. XX. Número 24. Cuernavaca, Morelos, México, a 24 de junio de 1911. Disponible en: [http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1911_214/Comunicado de la Secretar a de Gobernaci n sobre la depuraci n y liquidaci n de justas reclamaciones que s e presenten al Gobierno con motivo de da os causados por la ltima revoluci n.shtml](http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1911_214/Comunicado_de_la_Secretar_a_de_Gobernaci_n_sobre_la_depuraci_n_y_liquidaci_n_de_justas_reclamaciones_que_s_e_presenten_al_Gobierno_con_motivo_de_da_os_causados_por_la_ltima_revoluci_n.shtml)

_____. **Constitución política de los Estados Unidos Mexicanos (1917)**. Disponible en: https://www.constitucion1917.gob.mx/work/models/Constitucion1917/Resource/251/1/images/30_PDF.pdf Acceso: 12 jun. 2019

_____. **Diario de los debates del Congreso Constituyente.** Disponible en: http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/ref/cpeum/DD_Constituyente.pdf Acceso: 27 set. 2019.

_____. Diario Oficial de la Federación. **LEY ORGÁNICA DE LA INSTRUCCIÓN PÚBLICA EN EL DISTRITO FEDERAL.** Publicada en el Diario Oficial de la Federación el día 2 de Diciembre de 1867.

_____. **Ley orgánica de la instrucción pública en el distrito federal.** Disponible en: https://www.sep.gob.mx/work/models/sep1/Resource/3f9a47cc-efd9-4724-83e4-0bb4884af388/ley_02121867.pdf. Acceso en: 02 jan. 2020

_____. **Memorias del congreso higiénico-pedagógico en la Ciudad de México el año de 1882.** México: Imprenta del gobierno. 1883.

MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. **Los grandes problemas nacionales.** [1909] México: Secretaría de Cultura, Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2016.

MOLINA ENRÍQUES, André. **Plan de Texcoco.** 1911. Disponible en: <https://www.memoriapoliticademexico.org/Textos/6Revolucion/1911PLT.html> Acceso: 13 ago. 2019

MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. **Esbozo de la historia de los primeros diez años de la Revolución Agraria de México** (de 1910 a 1920) in: ENRÍQUEZ, Álvaro Molina. Antología de Andrés Molina Enríquez. Toluca de Lerdo: Compromiso. 1968

MONSIVÁIS, Carlos. "Notas sobre la cultura en el siglo XX". : COSIO VILLEGAS, Daniel (coord.). **História general de México. Vol II.** México: El Colegio de México. 1994.

_____. "El muralismo: la reinención de México", *Fractal* n° 31, octubre-diciembre, 2003, año VIII, volumen VIII. 1976.

MORALES, Alfonso Garcia. **El Ateneo de México – 1906-1914 – Orígenes de la cultura mexicana contemporánea.** SEVILLA: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla.

MOTTA, Romilda Costa. **Dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, letras e ciências humanas.** José Vasconcelos: as Memórias de um “profeta rejeitado” 2010

Periódico oficial, ano VII, num. 294. Morelia, 15 de outubro de 1881. P.3 (apud PINEDA, Adriana. Las Afrentas a la prensa durante el Porfiriato en Michoacán. Visiones del Porfiriato: Visiones de México. México: Universidad Iberoamericana. 2004. P.70-90 p.72

Periódico oficial, ano VII, num. 294. Morelia, 15 de outubro de 1881. P.3 (apud PINEDA, Adriana. Las Afrentas a la prensa durante el Porfiriato en Michoacán. Visiones del Porfiriato: Visiones de México. México: Universidad Iberoamericana. 2004. P.70-90 p.72

Periódico oficial de Michoacán, año 9, num. 460. Morelia, 2 de jun. 1883.

MUÑOZ LABASTIDA, **Horacio**. **Estudio Histórico**. Reforma y República Restaurada II 1823-1877.

MYERS, Jorge. **Gênese "ateneísta" da história cultural latino-americana**. **Tempo Soc.**, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 9-54, June 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Feb. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000100002>.

NAVARRETE, F. **Las relaciones interétnicas en México**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

O Estado de São Paulo em 02 de março. “O Positivismo”. Pag 5, Col. 3. 1910

PALACIOS, Guillermo. **Calles y la idea oficial de la Revolución Mexicana**. Historia Mexicana, [S.l.], p. 261-278, ene. 1973. ISSN 2448-6531. Disponible en: <<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/2954/2461>>.

PALTÍ, Elías José. **El tiempo de la política – el siglo XIX reconsiderado**. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2007

_____. *La invención de una legitimidad: Razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX*, México, FCE, 2005.

PANI, Alberto J. **La instrucción rudimentaria en la República**. 1912. Disponível em: <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/5/2289/24.pdf>

PARTIDO NACIONAL REVOLUCIONÁRIO, **Plan Sexenal del PNR**, México, 1933.

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO MEXICANO, *¡Cárdenas habla!* La Impresora, México, 1940.

PAVANI, Rafael. **A Revolução Mexicana e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)**. Dissertação de Mestrado, Campinas, IFCH – UNICAMP, 2009.

_____. **Modelos e explicações na historiografia da Revolução Mexicana**. Campinas, IFCH, 2007 (mimeo).

PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão e Post-scriptum*. São Paulo – SP, Paz e terra, 1992.

PÉREZ MARTÍNEZ, Herón. “**Hacia una tópic del discurso político mexicano del siglo XIX**”, pp.351-415. *Construcción de la legitimidad política en México*.

PÉREZ VEJO, Tomás. La conspiración gachupina en El hijo del Ahuizote. **Historia Mexicana**, [S.l.], abr. 2005. ISSN 2448-6531. Disponível em: <<https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/1558/1376>>. Data de acceso: 16 feb. 2020

PEREZ-VERDIA, B. **Cárdenas apóstol vs Cárdenas estadista**, México – DF, 1939.

PETIT, Annie. Le prétendu positivisme d’Ernest Renan. **Dans Revue d’Histoire des Sciences Humaines** 2003/1. N°8.

PICKERING, Mary. **Auguste Comte: An Intellectual Biography**. Cambridge University Press. 2009.

PINEDA, Adriana. **Las Afrentas a la prensa durante el Porfiriato en Michoacán. Visiones del Porfiriato: Visiones de México.** México: Universidad Iberoamericana. 2004.

PLAN DE GUADALUPE. 26 de março de 1913. Disponível em: <http://www.memoriapoliticademexico.org/Textos/6Revolucion/1913PGP.html>

POCOCK, J.G.A. **Linguagens do ideário Político.** São Paulo, Edusp (2003)

PRADO, Maria Lígia. **América Latina no século XIX: tramas, telas e Textos.** EdUsp: Bauru. 1999

RABASA, Emilio. **La Constitución y la dictadura.** Estudio sobre a organización política en México. Cien de México, México. Producción: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes. 2015.

RAMÍREZ, Guillermo Castillo. Integración, mestizaje y nacionalismo en el México revolucionario. Forjando Patria de Manuel Gamio: la diversidad subordinada al afán de unidad. **Revista mexicana de ciencias políticas y sociales.** Vol.59 no.221 México may./ago. 2014.

_____. **Planes políticos y otros documentos.** FCE, México, 1972.

RAMÍREZ, Manuel González. **Fuentes para la historia de la Revolución Mexicana – Manifiestos Políticos,** México, FCE, 1957.

REGENERACIÓN, “Poca política y mucha administración”. 07 de dezembro de 1900.

_____ 31 de março de 1901.

_____ 07 de agosto de 1900.

_____ 31 agosto 1901

_____,19 de novembro 1904

‘El pueblo de México tiene hambre y sed de justicia’. Disponível em: <https://regeneracion.mx/el-pueblo-de-mexico-tiene-hambre-y-sed-de-justicia-amlo-en-altamirano/>.

RENAN, Ernst. **O que é uma nação?** Conferência realizada na Sorbonne. Paris, 11 de março de 1882. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>

REYES, Alfonso, **Pasado inmediato y otros ensayos**, México, Fondo de Cultura Económica, 1941.

REYES, Bernardo. Manifiesto del gral. Bernardo Reyes a los clubes reyesistas. **Manifestos Políticos [1892-1912]**. (Org.) RAMÍREZ, Manuel González. México: Fondo de Cultura Económica. 1957.

RICUPERO, Bernardo. O que há de novo na nova história política de François-Xavier Guerra? **Almanack** no.11 Guarulhos Sept./Dec. 2015 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320151114>>. Acesso: 05 jan. 2020.

ROCKWELL, Elsie. **Hacer escuela, hacer Estado:** la educación posrevolucionaria vista desde Tlaxcala. El Colegio de Michoacán. 2007.

RODRIGUEZ BALLÍN, Rebeca. **El congreso de instrucción pública de 1889.** *En Memoria del IX Congreso Nacional de Investigación Educativa*. [cd]. Consejo

Mexicano de investigación Educativa- Facultad de Educación de la Universidad Autónoma de Yucatán, México del 5 al 9 de Noviembre de 2007.

ROXBOROUGH, Ian. “Unity and diversity in Latin-American history”, **Journal of Latin American Studies**. Vol. 16, N°1, 1984, pp.1-26.

RUIZ, Ramón Eduardo. **México: La Gran Rebelión – 1905/1924**. México, Era, 1984.

SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete. **A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANCHEZ, Evelyne. Nacionalismo y racismo en el México decimonónico. Nuevos enfoques, nuevos resultados. **Nuevo Mundo Mundos nuevos**, 2007. Disponible en:

<http://nuevomundo.revues.org/document3528.html>.

SANI, Giacomo. “Cultura Política”. **Dicionário de Política**. (Org. BOBBIO, Norberto...) 11ª edição, Brasil, Editora UNB. 1983.

SENEFF, A. Rroth. **De pariente a pariente** – Sobre el libro Manuel Gamio. Una lucha sin final. México: Colegio de Michoacán, 1994.

SIERRA, Justo. **Apuntes para un libro** Mexico social y político [1885] México, D.F. DISECCION GENERAL DE PRENSA, MEMORIA, BIBLIOTECAS T PUBLICACIONES, 1960.

_____. “Emilio Castelar e o programa de *La Libertad*.” (1878). In: AGUILAR, José Antonio Rivera (organizador). **La espada y la pluma**. 2011.

_____. Evolución política del pueblo mexicano. Caracas: Biblioteca Ayacucho. 1977

_____. **Discurso inaugural de la Universidad Nacional**. Universidad Nacional Autónoma De México. 2004. Disponible em: <http://www.libros.unam.mx/digital/44.pdf>

_____. Discurso pronunciado por el lic. Don Justo Sierra en la sesión de clausura del segundo congreso nacional de instrucción reunido en México el año de 1900 instrucción primaria superior. **El laicismo en la historia de la educación en México. documentos históricos.** Disponible em: http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/laicismo/9.html

_____. **Discurso del maestro Justo Sierra (1910)**. 1910. Disponible em: http://publicaciones.anuies.mx/pdfs/revista/Revista31_S1A1ES.pdf.

_____. **Discurso de Justo Sierra sobre a inamovilidad judicial, pronunciado en la cámara de diputados**. Diciembre 12, 1893. Siglo XIX – 1890-1899. Disponible em: http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1893_192/Discurso_de_Justo_Sierra_sobre_inamovilidad_judici_87.shtml.

_____. **Discurso pronunciado por el señor Licenciado don Justo Sierra**. Secretario de Instrucción Pública y Bellas Artes, en la sesión inaugural del Primer Congreso Nacional de Educación Primaria, el 13 de septiembre de 1910

SILVA, Caio Pedrosa da, **Tese de doutorado defendida sob a orientação do Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto, no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas – Unicamp, Campinas – S.P. (2015). Mártires de Cristo Rey: Revolução e religião no México (1927-1960).**

SILVA HERZOG, Jesús. **De la história de México (1810-1938)** – Documentos fundamentales, ensayos y opiniones. México: Siglo Veintiuno. 1985.

_____; **Trayectoria ideológica de la Revolución Mexicana y otros ensayos (1910-1917).** México, Fondo de Cultura Económica. 1994.

SILVA, João Gabriel . A educação como missão e o “problema indígena”: a atuação de José Vasconcelos à frente da educação pública do México (1920-1924) **Ascenso Revista Eletrônica da ANPHLAC**, ISSN 1679-1061, Nº. 23, p. 82-118, Jul./Dez., 2017.

SILVA, Ricardo. **“Liberdade e lei no neo-republicanismo de Skinner e Pettit”**, Lua Nova: Revista de Cultura e Política, no.74, São Paulo, 2008.

_____. O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. **Dados**. Vol.53 no.2 Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582010000200002>. Acesso: 07 out. 2019.

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX).** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Letramento e mediações culturais em “pueblos” indígenas do Centro-Sul do México no século XIX.** História Revista. Goiânia, v.15, n.1. p97-118. jan./jun

SOUZA, Fabio. Regeneración: interconexões, propaganda libertária e discurso impresso (méxico, séculos xix e xx). Anais do XIII Encontro Regional de História – ANPUH MS. Realizado entre 8 e 11 de novembro de 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1478462117_ARQUIVO_Regeneracion.pdf Acesso: 13 dez. 2019.

TANNENBAUM, Frank. **Mexico, The struggle for Peace and Bread**, Nova York, Knopf, 1950.

TOWNSEND, William, **Lázaro Cárdenas, Mexican Democrat**. Ann Arbor, George Wahr, 1952.

TOLEDANO, Vicente Lombardo. El sentido humanista de la Revolución Mexicana. México: **Revista de la Universidad de México**. 1930.

_____. **Escritos autobiográficos**. Centro de estudios filosóficos, políticos y sociales Vicente Lombardo Toledano. México. 2014.

_____. **Tomo quinto. Los universitarios contemporáneos, 1925-2017**. Enciclopedia histórica y biográfica de la Universidad de Guadalajara.

UZUN, Julia Rany Campos. **Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Filosofía e Ciências Humanas – Unicamp, Campinas – S.P.** ¡A mis lectorcitos, la nación! A construção das memórias mexicanas através dos manuais escolares durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911), (2013)

VAL, José del (coordinador). **Las relaciones interétnicas en México**. COLECCIÓN LA PLURALIDAD CULTURAL EN MÉXICO N°3. COORDINACIÓN DE HUMANIDADES – Programa Universitario México Nación Multicultural.

VALADÉS, Diego. **JUSTO SIERRA Y LA FUNDACIÓN DE LA UNIVERSIDAD**. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Jurídicas. 2014

VALADÉS, José C. **El porfirismo**: historia de um 300égimen. México: FCE. 2015

VARGAS LOZANO, Gabriel. “El Ateneo de La Juventud y la Revolución Mexicana”. **Literatura Mexicana**. Vol. XXI. 2010

VASCONCELOS, José. “**Don Gabino Barreda y las ideas contemporáneas**”, en Conferencias del Ateneo de la Juventud, prólogo, notas y recopilación de apéndices de Juan Hernández Luna, seguido de Anejo documental / de Fernando Curiel Defosse, 3ª ed. Rev. Y aum., México, UNAM, Coordinación de Humanidades, Programa Editorial, 2000.

_____. **El Secreto del Ateneo**. [1909] Disponível em: <https://inehrm.gob.mx/es/inehrm/JoseVasc_ElAteneo>. Acesso: 10 dez. 2019.

_____. “La juventud intelectual mexicana y el actual momento histórico de nuestro país”, **Revista de Revistas**, junio 25, 1911. Disponível em: <https://inehrm.gob.mx/es/inehrm/JoseVasc_ElAteneo>. Acesso: 10 dez. 2019.

_____. **La Raza Cósmica**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948.

_____. “**El movimiento intelectual contemporáneo de México**”. Conferencia leída en la Universidad de San Marcos de Lima, Perú, el día 26 de julio de 1916. Tomada del periódico Baja California, Lima, julio, 1916.

_____. *Encyclopædia Britannica*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Jose-Vasconcelos>>. Acesso: 01 fev. 2020.

VAUGHAN, Mary Kay. **Cultural Politics in Revolution – Teachers, Peasants and Schools in Mexico, 1930-1940**. The University of Arizona Press. 1997.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4ª ed., Brasília: Editora UNB, 2008.

VILLEGAS, Daniel Cosío. **La crisis de México**. 1946. Disponível em: <http://aleph.academica.mx/jspui/bitstream/56789/5978/1/DOCT2065116_ARTICULO_11.PDF>. Acesso: 10 dez. 2019.

WOMACK, John Jr. **Zapata y la Revolución Mexicana**. México, Fondo de Cultura Económica. 2017.

ZAPATA, Emiliano. A Francisco Leon de la Barra. Cuatla, Morelos, 17 de agosto de 1911. **Emiliano Zapata – escritos y documentos. 1911-1918**. (Org. Ramón Martínez Escamilla). México: CEDEN. 1999

_____. Manifiesto al Pueblo, Tlaltizapán, Morelos, Diciembre 27, 1917. Instituto Nacional de Estudios Políticos, A.C. (INEP) <http://www.inep.org/> Recopilado por Doralicia Carmona. Disponível em: http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1917_208/Manifiesto_al_Pueblo_de_Emiliano_Zapata_1044.shtml

ZEA, Leopoldo, *Conciencia y posibilidad del mexicano*, México, Porrúa, 1952, ver HURTADO, Guillermo. Historia y ontología en México: 50 años de revolución. Estudios de historia moderna y contemporánea de México. México ene./jun. 2010.

_____. **El Positivismo en México**: nacimiento, apogeo y decadencia. México: Fondo de Cultura Económica. 1968

ZIZEK, Slavoj. **A tinta vermelha.** Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2011/10/11/a-tinta-vermelha-discurso-de-slavoj-zizek-aos-manifestantes-do-movimento-occupy-wall-street/>